

Rav Karaguilla

no papel 4

Torá: all in!

18 capítulos
de leitura
independentes.



COMUNICAÇÃO

EDUCAÇÃO

COMUNIDADE

AYIN HARA

EMPOLGAÇÃO

VALORES

SENTIMENTOS

TSEDAKÁ

INDIVIDUALIDADE

ALEGRIA

REZA

EMUNA

INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE

DECISION MAKING

FELICIDADE

GRATIDÃO

USO DO TEMPO

TECNOLOGIA

Rav Karaguilla

no papel 4



Rav Karaguilla no papel 4
Rabino Binyamin Karaguilla
Copyright © 2022 by R. Karaguilla
Direitos desta edição reservados ao Rabino Binyamin Karaguilla
Para contato com o autor: rkaraguilla@gmail.com
Este livro está disponível em PDF no site www.karaguilla.com.br

Transcrição e Adaptação:	Sra. Tally Cohen e Sra. Ita Liberman
Coordenação:	Rab. Karaguilla
Revisão:	Sra. Karen Schachnik
Projeto gráfico, editoração eletrônica:	Estúdio Zebra
Capa e Ilustrações:	Sr. Custódio Rosa - custodio@custodio.net

Permitida a reprodução desta obra, mediante autorização por escrito do Rabino Binyamin Karaguilla
2022
Printed in Brazil

Em memória de seu pai

Edmundo Safdié z"l

Doado por

Gabriel Rolando Safdié

Sumário

Introdução	7
Agradecimentos	9
VIVENDO BEM COM OS OUTROS	
Uma palavra que não pode faltar no seu vocabulário	15
As paredes têm ouvidos, e nós?	31
Einstein, a oitava maravilha do mundo e você	45
Ayin hará: existe mesmo?	61
Há uma força mais poderosa que a eletricidade, o vapor e a energia atômica	75
VIVENDO MELHOR CONSIGO MESMO	87
Educação: para onde caminhamos?	91
Cada um terá a visão da montanha que subir	107
Procurando uma segulá (garantia) para ficar rico?	125
40 Anos no deserto sem wi-fi	137
Qual é a única coisa que Hashem não tem?	149

YEHUDI EM DESENVOLVIMENTO	163
Falando em valores	167
Será que você consegue enxergar de olhos fechados?	181
Seja você mesmo	195
Você já ouviu falar na mais longa pesquisa da universidade de Harvard?	211
You have the power	225
VIVENDO BEM COM HASHEM	239
Fome zero: que tal?	243
Ora que melhora	259
Mega-sena da virada: o bilhete estava nas suas mãos e...	277

Introdução

Contam que uma vez um motorista no meio da estrada percebeu que seu carro estava fazendo um barulho estranho. Para sua sorte era algo de fácil reparo, seu pneu que havia furado. Parou no acostamento mais próximo, tirou sua *kipá* de estimação do porta-luvas, colocou na cabeça e, em poucos minutos, outro motorista o avistou e parou para lhe ajudar a trocar o pneu e seguir viagem.

O motorista com o pneu furado agradeceu o homem pelo auxílio e, antes de se despedirem, o motorista que o ajudou aproveitou para matar sua curiosidade:

– Qual sinagoga você frequenta?

– Não frequento nenhuma sinagoga, na verdade nem sou judeu.

– Ah! Mas por que então está com essa *kipá* na cabeça?

– Tenho um colega de trabalho que é judeu e uma vez perguntei para ele o que era este objeto que usam na cabeça. Ele me disse que se chamava *kipá* e que se eu a usasse em qualquer momento de apuro, veria resultado. E não é que funcionou mesmo?!

Bom humor sempre faz bem! Mas acho que existe uma mensagem maravilhosa neste episódio. Ser um *Yebudi* é um presente. Vestir uma *kipá* e poder cumprir a *Torá* é para poucos sortudos. No nosso dia a dia, às vezes nos acostumamos e esquecemos o privilégio que é

ser um *Yebudi*. Sei que temos muitas obrigações, e que nem sempre é fácil conseguir equilibrá-las com nosso trabalho e nossa vida, mas quando mostramos para nós mesmos que não vivemos e cumprimos as *Mitzvot* – mas sim que as *Mitzvot* são a nossa vida – tudo toma um novo rumo e um novo significado.

Que maravilha poder olhar para este mundo esplêndido onde vivemos, com suas diversas adversidades, no prisma da *Torá*, com o olhar de nossos sábios que nos dão o enfoque correto das mensagens que Hashem quer nos transmitir!

Espero neste livro conseguir transmitir a você, querido leitor, a beleza e a magnitude da nossa *Torá* de forma atual e agradável.

Agradecimentos

Agradeço às pessoas que me ajudaram na preparação deste livro: Sra. Ita Liberman pela escrita desta obra baseada nos meus *shiurim* semanais e Sra. Tally Cohen pela participação com a escrita de alguns capítulos. À Sra. Karen Schachnik pela revisão do material e ao Sr. Custódio Rosa pelas ilustrações talentosas. Ao Sr. Natan Rolnik pelo desenvolvimento do nosso aplicativo “Karaguilla”.

Um agradecimento especial ao meu querido amigo Michael Berenstein, incentivador deste projeto desde o seu início, pelo cuidado carinhoso semanal para que nossos *shiurim* em áudio e vídeo cheguem ao alcance de diversos *yehudim* ao redor do globo.

Aproveito para agradecer a Hashem pela inspiração de cada ideia que pude ter e ver nos últimos 4 anos que venho trabalhando neste livro. As pessoas maravilhosas que me rodeiam e com quem sempre aprendo: os profissionais qualificados no meu trabalho na escola Beit Yaacov, meus queridos alunos e a minha família por serem para mim um farol de inspiração e *berachá*.

Escrever um simples agradecimento à minha esposa pelo trabalho em encontrar cada um dos profissionais extremamente qualificados na produção desta obra e me encorajar a produzir mais um livro iria requerer um volume por si só! Pelo momento, estas linhas terão de ser o suficiente.

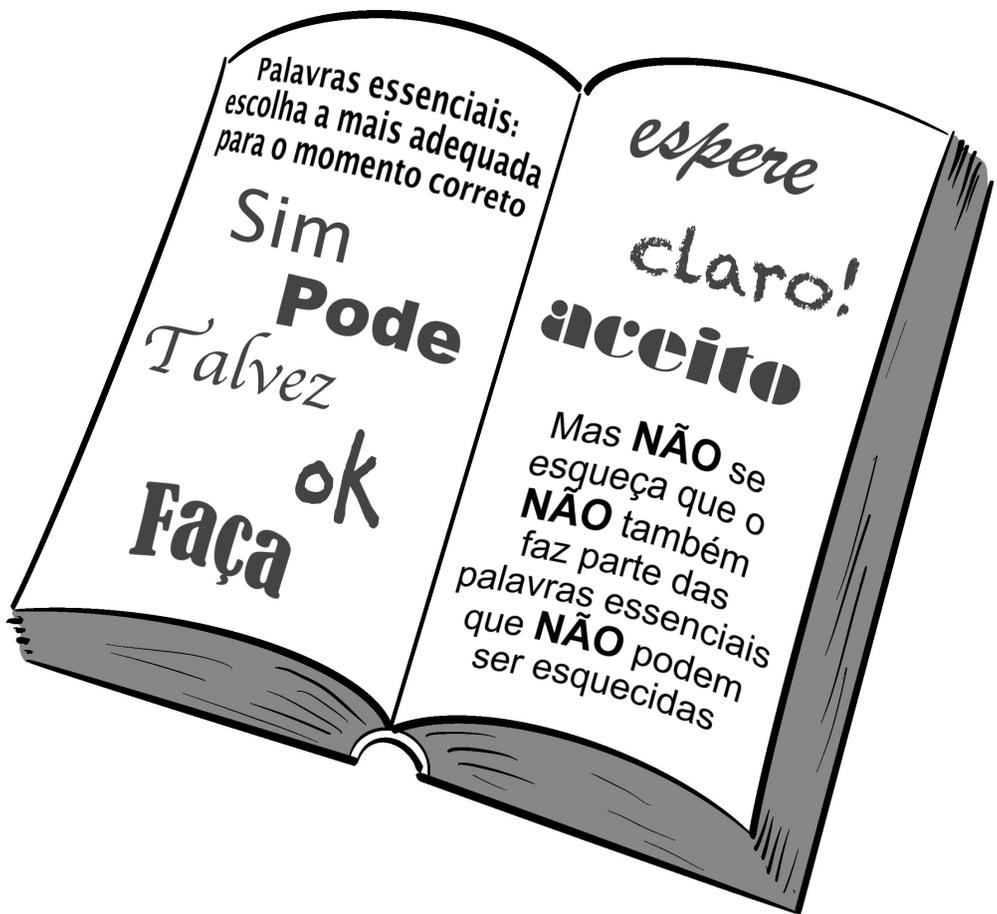
Carinhosamente,

R. Karaguilla

Abril 2022-Nissan 5782

**Vivendo bem
com os outros**

UMA PALAVRA QUE NÃO PODE FALTAR NO SEU VOCABULÁRIO



“
*No dia em que você
nasceu, Hashem
entendeu e decidiu que o
mundo não poderia mais
existir sem você.*
”

DIVISOR DE ÁGUAS

Tive o mérito de estudar na *yeshivá* nos Estados Unidos e quando meus colegas e eu nos deparávamos com um trecho difícil na *Guemará*, meu Rav costumava dizer: “*Let’s separate the men from the boys* (Vamos separar os homens dos meninos!)”. Ou seja, quem se aventurar e se esforçar para entender torna-se homem e os outros continuam crianças.

Todos queremos sobressair positivamente, ser acima da média – é até pejorativo o termo “mediocre” que, na verdade, significa mediano. Neste divisor de águas, todos queremos nos tornar homens. Vamos juntos descobrir o que pode nos elevar a sairmos da média.

O *Chumash* em *sefer Bamidbar parasbat Shelach Lecha* descreve o episódio sobre os famosos *meraglim* (espiões) quando estavam no deserto e foram enviados para espiar, averiguar como era a terra de Israel para saber como conquistá-la, antes de entrar com todo o povo.

É O CARA

A Torá narra que foram 12 homens, gigantes no potencial, pessoas realmente especiais – e confirmamos isso porque a Torá usa o termo *anashim* para se referir a eles, equivalente a falarmos esse é o homem, essa é a mulher.

Rashi fala em 12 pessoas de alto nível moral, religioso e social, cada um líder da sua tribo. Faziam parte da geração que recebeu a Torá e viram Hashem durante 40 anos no deserto, todos com avaliação seis estrelas nos vários contextos. O *Midrash* menciona que Moshê Rabenu os escolheu e pediu o consentimento de Hashem para cada um deles: “Hashem, posso escolher fulano para essa tribo?”. E assim, cada um dos 12 líderes foi aceito com um ok específico de Hashem.

MUITO SUSPEITO

Porém, havia algo um pouco estranho nesta missão de entrar e espionar a terra de Israel. Moshê chamou um deles, seu aluno Yoshua, e disse: “Seu nome que até então era Hoshea Ben Nun vai mudar para Yehoshua, vou adicionar agora duas letras para que você passe a ter no seu nome o nome de Hashem (letras י e ה).” Moshê Rabenu quis dar uma proteção extra para seu aluno, porque percebeu que poderia haver uma armadilha nesta tarefa.

Além disso, Calev, outro dos 12 espões, no caminho para verificar a terra de Israel, parou para fazer *tefilá* no lugar sagrado onde estavam os nossos antepassados. Por que Moshê ficou preocupado e mudou o nome do seu aluno para protegê-lo e Calev sentiu a necessidade de se precaver e foi fazer *tefilá*? Qual era o perigo, qual era o medo de pessoas tão qualificadas?

Isto não poderia ter acontecido! Eram pessoas chamadas de *anashim* pelo próprio Hashem, não eram anjos, mas homens com *midot* superiores – se compararmos então com as pessoas no deserto podemos multiplicar por milhares de vezes a mais para o lado positivo! É algo absurdo! Exemplificando, vamos imaginar uma seleção com 12 *gedolim* da geração atual e, de repente, descobrir que entre eles existe alguém com más intenções.

FORAM E VOLTARAM

Quando os *meraglim* partiram para sua missão, a Torá conta que “eles foram e depois voltaram...” para reportar ao povo o que viram na terra de Israel. Rashi revela que esta frase exprime que da mesma forma que eles voltaram com más intenções e apresentaram um relato negativo da terra de Israel, também já foram com propósitos desonestos, tentando talvez ocultar a verdade.

Como duvidar e acusar estas pessoas que Hashem próprio chamou de *anashim* (pessoas nobres)? Os *meraglim*, todos eles, eram indivíduos muito qualificados e eles sabiam que o relato que deveriam fazer para o povo era muito simples: que a terra era maravilhosa, era a terra que Hashem prometeu, lá o *Beit Hamikdash* seria construído, lá seria nossa sede. Não há dúvida nenhuma sobre o que eles deveriam contar, então o que aconteceu diferente?

Com certeza, além de Yehoshua e Calev, todos os outros dez também queriam transmitir que a terra de Israel era perfeita, que todo o povo se adaptaria muito bem, que bastava um pouco de coragem para entrar e dominar os outros povos e a terra seria conquistada porque Hashem havia prometido.

FOI MAL

Yehoshua e Calev, os dois bons espiões, após visitarem a terra de Israel descreveram o que viram, como mencionado na Torá: “A terra é maravilhosa, espetacular.” Logo em seguida, a Torá expõe a reação do povo na *parashá*: “Toda a nação queria apedrejá-los pois estavam bem no deserto, não queriam sair de lá, e protestaram: deve ser mentira!”.

Então, os outros dez chefes de tribos, os magníficos *anashim*, ao verem como Calev e Yehoshua foram rejeitados, entregaram ao povo o que este queria ouvir – o relato negativo – pois queriam ser aceitos.

Enquanto pessoas físicas agiram de um modo, e ao assumirem o papel de pessoas jurídicas a serviço da população, colocaram-se ao lado do

povo e preferiram ser aceitos mesmo que para isso fosse preciso alterar o relatório.

Este foi o motivo pelo qual Moshê Rabenu, percebendo o perigo, alterou o nome de Yehoshua e Calev – foi fazer tefilá. Com essa proteção extra, ambos conseguiram trabalhar suas *midot* para agirem corretamente e não caírem na cilada de fazer o que é errado para agradar os outros. Os demais não conseguiram.

Se mesmo *anashim* erraram, constatamos que ninguém está imune e devemos examinar o que fazemos pelos outros – não em prol dos outros, mas para agradá-los.

E AGORA?

Trazendo este episódio para o Século 21, os dez *meraglim*, para não serem ignorados e ficarem fora do grupo de WhatsApp, preferiram mentir e errar, enquanto Calev e Yehoshua falaram o que o grupo não queria ouvir e foram excluídos de imediato.

Com certeza, uma das maiores necessidades do ser humano é fazer parte de uma *kebilá* (comunidade), pertencer a um grupo de amigos. Todos, principalmente jovens e adolescentes, mas mesmo mais velhos e casados, precisam ter amigos. Todos querem ser acolhidos, é um sentimento saudável que Hashem colocou em cada um de nós. Esta necessidade é tão forte que até mesmo aqueles príncipes, líderes das tribos, abriram mão da verdade para não serem rejeitados.

QUANTOS LIKES VOCÊ TEVE?

Parece que esta necessidade de fazer parte de um grupo e ter amigos é mais urgente hoje do que em qualquer outro momento da história do mundo. *Likes* são as reações das pessoas que estão ao alcance do celular, que enviam um sinal positivo, palminhas – precisamos estar *in* com os outros em contato virtual.

Quantas visualizações você teve, quantos seguidores você tem? Antigamente, nos idos de 1800 e 1900, quem possuía seguidores eram os rebes na Europa, pessoas que tinham o que falar. Hoje qualquer um pode ter seguidores.

Todos querem ter amigos, é saudável e necessário, mas se ter amigos compromete nossos valores, como podemos resolver esse dilema? Conviver em sociedade é maravilhoso e nenhum *yebudi* consegue viver numa ilha, um precisa do outro: assim como rezar com *minian* é muito melhor que rezar só, sempre queremos comemorar as fases da vida como *Bar-Mitsvá*, casamento e *Brit-Milá* com a comunidade.

O fato é que os *yebudim* procuram o bairro judaico independentemente do país e quando chegam as férias, a pessoa vai viajar pensando em mudar um pouco e acaba indo justamente para onde tem mais *yebudim!*

EU DENTRO X EU FORA

Muitas vezes o nosso “eu” vai contra estar “*in*” (fazer parte, pertencer) com um grupo.

Vamos fazer um pequeno exercício? Escreva a palavra **eu** em um lado da folha e ***in*** do outro lado. Quantas vezes diminuímos o nosso eu, renunciamos a valores importantes para estar *in* com um grupo, cedemos em alguns aspectos para não discordar de outras pessoas e assim permitimos que o *in* ganhe espaço. Precisamos manter o nosso “eu” – é uma tarefa árdua – e para isso devemos deixar de ficar “*in*” com alguns grupos.

Precisamos ficar atentos e analisar o tamanho do nosso “eu” em relação ao nosso “*in*”, pois muitas vezes um é oposto ao outro.

LECH LECHÁ

Hashem queria criar um gigante, o primeiro, aquele que daria início a todo *benei* Israel: Avraham Avinu. Aos 75, anos ele foi procurar Hashem – que nunca antes havia aparecido ou falado com ele.

O primeiro teste de Hashem foi: *Lech Lechá*. Esta é a frase na Torá: “Saia do seu país, da sua comunidade, da casa de seu pai, para a terra que Eu lhe mostrarei.” Os comentaristas questionam que a ordem está errada: primeiro a pessoa sai da casa, depois do bairro e depois do país. Por que a Torá inverteu a ordem?

Argumentam nossos *chachamim*: Avraham teve muitas e más influências porque todos eram idólatras na sua época. (Idolatria é grave para um *yebudi* e mesmo para o não *yebudi*, é uma das sete *mitsvot* de ben Noach.)

Hashem sabia que o mais fácil para começar era deixar o país, então falou para Avraham se desligar de costumes nacionais que ele aprendera, aqueles que não eram mais compatíveis com sua nova vida. Em seguida, mandou sair do seu bairro, e por último, o mais penoso, sair de sua casa.

Hashem não foi na ordem do mapa e sim da dificuldade, pois apesar da sua grandeza, Avraham era um ser humano com sentimentos: esta é a razão da ordem inversa indo do mais fácil ao mais difícil. Ordenou que ele saísse para desvincular-se de hábitos, ideias e valores nocivos ao novo Avraham Avinu que surgia.

Rashi nos fornece a explicação: “*Lech*” significa “vá” e *Lechá*, “para você”. Talvez possamos explicar o Rashi da seguinte forma: vá para você, descubra o seu você.

Enquanto Avraham estivesse entre idólatras – no país, no bairro, em casa – aquela flor maravilhosa que poderia surgir chamada Avraham Avinu nunca iria florescer.

Para conhecer o seu *lechá*, o seu “eu”, é necessário antes *lech* (vá). Desvincule-se de práticas nocivas, afaste-se de tanta integração com a sociedade, cuidado com o erro dos espiões. Foi difícil para ele, é difícil para todos.

Todo *lech* traz um *lechá* para que nossa identidade possa se expressar. Só conseguimos ser nós mesmos quando não somos a sombra dos outros.

Rav Nachman de Breslav tem uma citação impactante: “No dia em que você nasceu, Hashem entendeu e decidiu que o mundo não poderia mais existir sem você.” Este conceito despertou um novo pensamento.

PRODUTO DESCARTÁVEL

Podemos dizer que nós somos descartáveis, e vamos entender isso como um elogio. Somos descartáveis no sentido que após viver 120 anos, nosso “eu” nunca mais existirá, não haverá substituição possível, cada um de nós é e será único. Do mais simples ao maior *tsadik*, ninguém substituirá nosso eu. Nenhum de nós é cópia – nem mesmo gêmeos, apesar de parecidos.

Somos únicos e, para nosso *lechá* florescer, precisamos em certas ocasiões nos lembrar de *lech* (sair): afastar-nos para não comprometer o correto, não abrir mão do certo para estar “in” com todo mundo. Às vezes é necessário ficar “out”: não é possível pertencer a todos os grupos, estar presente em todos os momentos, nem presencial, nem virtual, nem no WhatsApp, nem na sociedade.

Fomos criados para viver em comunidade, mas nunca sermos a sombra dos outros e desistir dos nossos princípios para agradar aos outros. Esse foi o erro dos *meraglim*. Essa foi a *midá* propulsora de Avraham Avinu, ele soube aumentar o seu “eu” e transformou o “in” (o pertencer) em um ponto minúsculo, quase inexistente no canto da página de seu teste.

Ninguém precisa ter dez mil *likes*, podemos viver sem o *like* dos demais, precisamos nos apreciar, termos amigos, ganhar nosso próprio *like*, de Hashem e de quem nos for importante, e acima de tudo, sermos fiéis às nossas convicções. Quão vulnerável nós somos e quanto precisamos pensar sobre isso para tentar melhorar cada vez mais!

INFLUENCIADOR

Como Avraham Avinu influenciou o mundo? Sendo ele mesmo. Se agisse diferente, se fizesse algo escondido para agradar aos idólatras, se renunciasse aos seus valores, ele não teria influenciado ninguém, nunca seria o Avraham Avinu invocado pelos *yebudim* pelos quatro cantos do mundo por seis mil anos da criação, nem seria repetida a frase “*Baruch ata Hashem... Elobê Avraham*” no começo de toda *Amidá* todos os dias do ano, três vezes por dia. Ele se absteve completamente de más condutas, isto o transformou, ele se revelou e virou a luz para o mundo, Avraham Avinu.

MAIS QUE SUSPEITO

Certa vez encontrei um senhor, professor particular, e no meio da conversa ele perguntou se podia fazer uma pergunta estranha:

– Por que os *yebudim* cheiram as axilas antes de comer?

– Desculpe, não conheço essa prática, isso não existe.

– Eu também sou judeu, embora não conheça muitos costumes. Acontece que dou aula particular para vários alunos *yebudim* e quando vou às suas casas me oferecem algo para comer, são muito respeitosos comigo, e notei que alguns de meus alunos abaixam a cabeça, cheiram as axilas e só depois começam a comer.

Pelo gesto que ele fez ao abaixar a cabeça, compreendi que aqueles seus alunos punham a mão na cabeça e, talvez envergonhados, escondiam a boca embaixo do braço enquanto falavam a *berachá* antes de comer...

É estranho. É real. É difícil sermos nós mesmos em todas as situações, pois exige esforço, dedicação e atenção. Isso pode ser comparado, por exemplo, ao esforço e comprometimento que alguém dedica à musculação na academia.

Vale pensar o quanto cedemos e renunciamos aos nossos princípios para satisfazer outras pessoas. Só assim podemos desenvolver o potencial máximo e nos tornarmos um farol, iluminando o redor.

Isso nos remete a uma história quente!

43° À SOMBRA

Este caso aconteceu em Israel no verão da década de 1920. Aquele verão teve dias tão quentes que o governo até se pronunciou aconselhando a população a se hidratar bastante porque o clima estava muito seco, a ponto de oferecer perigo de vida.

Havia um *maguid* em Jerusalém chamado Rav Nota Weis, que ia de sinagoga em sinagoga dando suas aulas, algo comum na época. Em to-

dos *shiurim* semanais que ele ministrava em Shaarei Chessed, bairro de Jerusalém, o *Beit Haknesset* ficava sempre cheio.

Ele era um orador maravilhoso, ótimo de ouvir, criativo, mas naquele dia em que fazia 43° ele chegou e não havia ninguém na sinagoga. Ele falou consigo mesmo: “Tenho o costume de dar um *shiur* aqui toda semana, me preparei, hoje não veio ninguém porque está muito calor, mas eu não vou desistir por isso.”

No horário previsto para começar, ele subiu ao púlpito e começou a falar com a mesma empolgação, com a mesma vibração e energia, até terminar no horário de sempre. Naquela vez ele literalmente falou com as paredes, mas estava satisfeito: “Fiz a minha parte!”.

Desceu do púlpito e já estava saindo da sinagoga quando ouviu uma voz vinda do lugar das mulheres no segundo andar:

– Rav, eu prometo fazer *teshuvá!*

Rav Nota Weis não sabia que havia alguém lá, até que um homem desceu:

– Prometo que vou fazer *teshuvá!*

– Eu nem sabia que você estava aqui.

– Eu também não sabia que viria para cá e nem sabia que ouviria um *shiur*. Estou aqui porque com este calorão eu não aguentava mais ficar na rua. Precisava me abrigar num lugar fresco, então como um bom *yebudi* entrei na sinagoga e subi, mas o seu *shiur* me impressionou muito, deixou uma marca e eu prometo fazer *teshuvá*.

Quando a pessoa decide ser ela mesma, sem vergonha de ser quem é de verdade, quando o *yebudi* deixa brilhar o diamante que tem dentro de si, quando se permite *lech* e sai, desabrocha seu *lechá* capaz de impactar até sem perceber.

A PALAVRA ESSENCIAL

Existe um trecho que aparece bem no começo de *Shacharit*, chamado *korbanot*, parte integrante da tefilá que falamos todos os dias: “O que o ser humano tem a mais do que qualquer animal? Não.”

O *Rosh yeshivá* de Baltimore nos explica sobre isso: “O que o homem tem a mais que o animal? Não é sabedoria, muitos animais são sábios.” Está escrito no sidur e é uma das palavras mais importantes que não podem faltar no nosso vocabulário: a palavra **não**. Em qualquer idioma saber falar não é essencial, não podemos falar sim para tudo. É o que separa homens de meninos, é o verdadeiro divisor de águas.

Será que sabemos falar não? A diferença entre nós e o animal é que somente nós podemos falar não. Certamente, temos a consciência de que este “não” é para nos prevenir contra valores inadequados e não para negar um favor que nos é pedido.

MORAL E IMORAL

Um psicólogo *yebudi* muito conhecido nos Estados Unidos, Dr. David Pelcowitz, deu uma palestra sobre os impactos morais causados pela exposição das pessoas na internet. É fato real que existem no conteúdo da internet temas maravilhosos e outros tenebrosos – e esta palestra visava conferir o impacto que a imoralidade escancarada da internet faz no casamento, na sociedade, nos indivíduos em geral.

O Dr. Pelcowitz comentou que gosta de iniciar suas palestras apresentando uma pesquisa com estatísticas sobre o antes e o depois para o público perceber a diferença. Repetindo as palavras dele, “cientificamente nós não temos pesquisa para comprovar como era e como é”.

Ora, sabemos que os Estados Unidos criam pesquisas em todas as áreas, mas esta foi impossível de ser realizada porque para ser efetiva, uma pesquisa deve apurar um grupo que não tem acesso a imoralidade e outro que tem acesso, verificar o comportamento do grupo 1, do grupo 2 e, então, analisar os dados. Porém, sobre o tema

imoralidade, os órgãos responsáveis em pesquisas não puderam fazer esta verificação, porque não encontraram um grupo de pessoas que pudesse garantir que não teve contato com imoralidade na internet para poder mensurar a diferença.

Quantas pessoas conseguem falar não para um teste deste?

CARTA DESABAFO

Esta é a carta verídica de uma jovem esposa, de família religiosa, que certamente a escreveu em um momento de reflexão. Não tem nome nem endereço, mas contém muita verdade.

“Quando terminei o terceiro colegial fui para outro país estudar em um seminário, uma escola religiosa para moças. É um seminário muito nobre e famoso, mas não era o que eu queria, não combinava comigo, mas é o que daria mais status para minha família, meus pais seriam honrados na comunidade e na sociedade, então eu fui.

Voltei após alguns anos para minha casa e já estava pronta para casar. Meus pais me apresentaram um rapaz brilhante – no olhar deles –, de família renomada, importante, mas que não combinava muito comigo, não era o que eu procurava, mas com este casamento meus pais seriam destacados na sociedade.

Ficamos noivos. O costume era que a família da noiva arcasse com as despesas do casamento. A família do noivo era de alto nível e minha família fez o máximo, um evento muito caro, exorbitante. Foi uma festa deslumbrante, com o melhor buffet, flores, filme, foto, tudo do mais requintado. Só que minha família não possuía esse dinheiro, usaram o que tinham e emprestaram o que não tinham – e eu também participei com algumas economias guardadas desde minha adolescência.

Resumindo, termino revelando que estudei onde eu não queria, casei-me com uma pessoa magnífica, mas que não era quem eu queria, fizemos uma festa belíssima muito mais cara do que nós podíamos pagar e não era o que eu queria nem o que nós precisávamos. Hoje eu moro em

outra cidade que não era a que eu queria, e fiz tudo isso para impressionar pessoas que estavam ao nosso redor. Hoje, nenhuma dessas pessoas faz diferença na minha vida porque eu moro em outro lugar, meu meio é outro. Vivi em função dos outros, mas os outros não estão mais aqui!”.

De que adianta ter muitos *likes* quando se perde o *like* pessoal, quando desaparece o *lechá* porque não tivemos coragem de *lech?*! Qual o propósito de fazer o que é bom para ser renomado na sociedade, ser reconhecido no Instagram, na sinagoga, no trabalho ou no prédio e abrir mão da grandeza de ser esta pessoa única que Hashem criou?

A história a seguir não é como outras que começam com o clássico “há muito tempo, em um lugar longe daqui...” Ao contrário, este fato verdadeiro se passou há poucos dias, no centro da cidade de São Paulo e foi o próprio protagonista do caso quem contou.

E FEZ-SE A LUZ

Um jovem de 24 anos terminou a faculdade e trabalha em uma empresa. Ele é pouco conhecedor da Torá, mas quer sempre aprender e crescer.

– Rabino, o senhor sabe que resolvi colocar *tefilin* todos os dias, não é?

– Sim, parabéns!

– Aconteceu uma coisa que eu preciso contar.

– Ótimo, estou ouvindo.

– Há três dias eu estava em uma reunião importante com o gerente e o diretor da empresa, e me lembrei que ainda não havia colocado o *tefilin*. Fiquei muito incomodado, pensei em sair da sala para colocar o *tefilin*, mas não tive essa força, e ao mesmo tempo, fiquei com a consciência pesada porque eu não queria abrir mão desta *mitsvá* que decidi cumprir.

– O que você fez? – eu estava ansioso para escutar a continuação da história.

– Coloquei a mão na cabeça, fechei os olhos alguns segundos e pedi para

Hashem me ajudar a resolver.

– O que aconteceu?

– O senhor não vai acreditar.

– Claro que vou, eu acredito em você.

– Rav, é verdade. Não passou um minuto e acabou a luz do prédio. O senhor sabe, o escritório fica em um bairro nobre de São Paulo, é muito raro a luz acabar, eu não acreditei!

– E então?

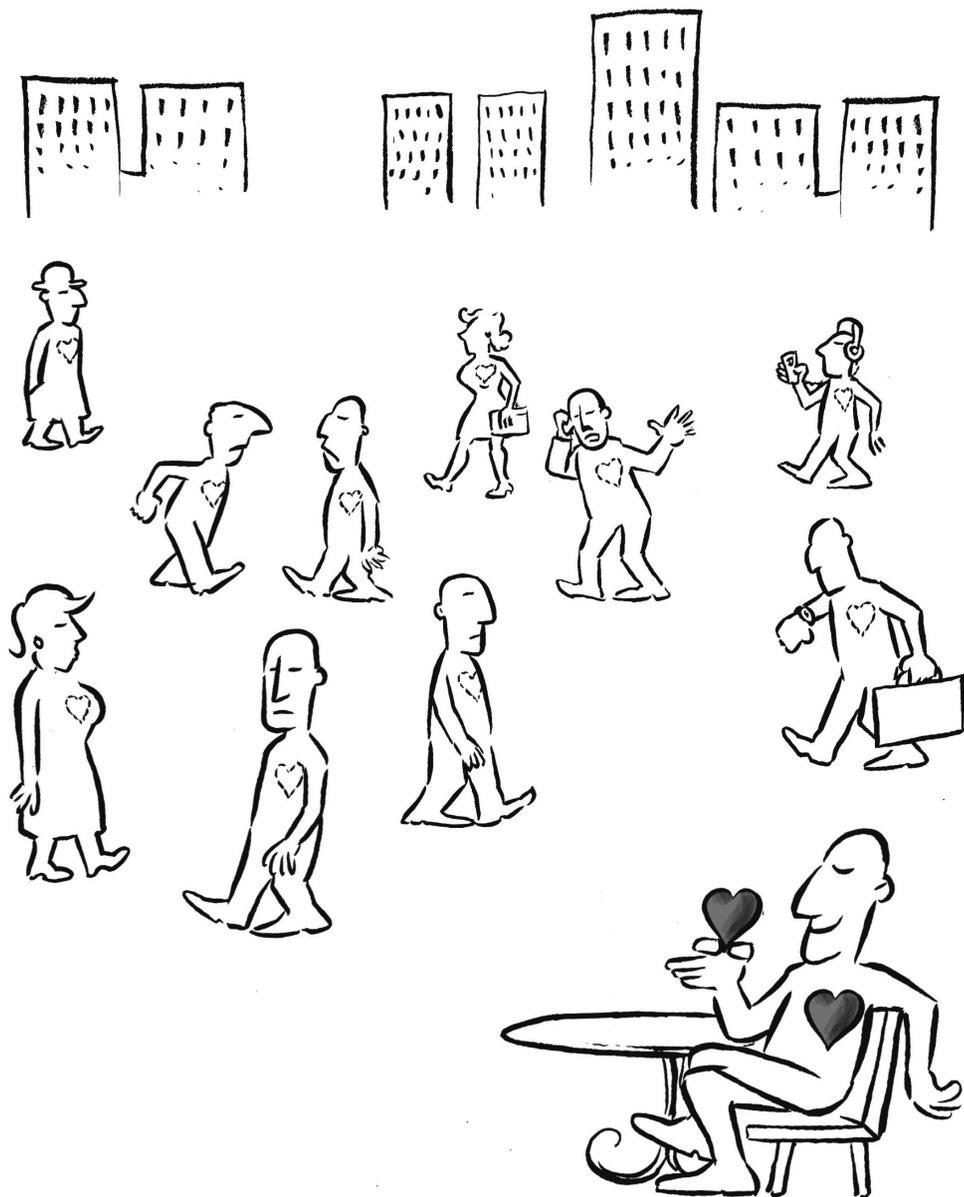
– A reunião foi cancelada até que a luz voltasse.

– O que você fez?

– Fui correndo para a minha sala, peguei meu *tefilin*, dei um beijo nele, consegui colocar antes do pôr do sol, fiz o Shemá, e quando tirei o *tefilin* a luz voltou e retornei para a sala de reunião.

Quando queremos de verdade preservar nossos valores, pedimos e Hashem nos ajuda. Que possamos, *B'H*, estar “*in*” com pessoas boas, com grupos magníficos e, se acaso nos depararmos com outro tipo de grupo, que saibamos, respeitosamente, falar a palavra essencial que deve fazer parte do nosso vocabulário, que nos diferencia dos animais: **não**.

AS PAREDES TÊM OUVIDOS, E NÓS?



“
*Tão importante quanto
falar bem é ser um bom
ouvinte. Não foi por acaso
que Hashem criou o ser
humano com uma boca e
dois ouvidos.*”

SONHOS

Todos sonham, porém poucos são os que se lembram de seus sonhos ao acordar e mais raros ainda são os que entendem seus significados. Sonhar, e não somente acordados, é o que nos motiva a seguir objetivos guardados no íntimo e a concretizar projetos individuais.

Um sonho bíblico que se tornou famoso foi o do Faraó no Egito. Vale salientar que “faraó” designa um posto, um título que todos os reis egípcios recebiam, e este faraó específico foi aquele em cujo mandato os *yehudim* foram escravos.

No *sefer Bereshit*, em *parashat Miketz*, conta o sonho do Faraó: “Vi sete vacas gordas, depois sete vacas magras e as magras engoliram as gordas. Sonhei novamente, onde brotavam de um mesmo pé sete espigas cheias, depois sete espigas miúdas e as miúdas devoravam as espigas grandes.”

O sonho é estranho, mas mais estranho ainda é o fato que intérpretes, sábios, magos e adivinhos foram chamados para decifrá-lo e ninguém conseguiu acalmar e satisfazer o Rei. Finalmente, num último recurso, um egípcio falou para o Faraó de um prisioneiro hebreu que no passado havia interpretado corretamente um sonho. Este prisioneiro era Yossef.

O Faraó manda trazê-lo à sua presença, então Yossef se banha e se arruma para aparecer diante do Rei. O Faraó conta seu sonho, Yossef escuta e diz humildemente: “Eu não entendo tanto de sonhos, mas passarei o que Hashem me contar.” E em seguida decodificou: “Sete vacas gordas significam que por sete anos haverá abundância e fartura, sete vacas magras indicam sete anos de escassez; as vacas magras engolindo as gordas querem dizer que haverá anos de fome para toda a região. As espigas revelam o mesmo e reforçam a interpretação.”

Yossef aconselha: “Hashem está mandando um sinal para o Faraó se preparar e cuidar economicamente do Egito. Junte o trigo farto dos bons anos e prepare o Egito para os anos de escassez.” Faraó ficou satisfeito com sua interpretação e, de prisioneiro Yossef foi nomeado ministro da fazenda do Egito, a pessoa mais poderosa em todo o império egípcio depois do Faraó.

TEMPO DAS VACAS GORDAS

Uma curiosidade: na língua portuguesa, existe a expressão “época das vacas gordas” que se refere à boa situação financeira de uma pessoa, instituição, ou até mesmo de um país. Em contraponto, “época das vacas magras” designa a fase de escassez. Não é citado elefante ou qualquer outro animal, a fartura é simbolicamente definida como uma vaca gorda. Assim consta na Torá e esta é a origem da expressão que chega até os nossos dias.

Retomando, por que os sábios egípcios falharam e Yossef ganhou a confiança do Rei? Qual foi o diferencial de Yossef e o que ele apresentou de tão excepcional para que o Faraó o julgasse sábio e visionário e lhe concedesse tão alta posição? Além disso, qual a importância desta passagem para nós hoje em dia? Afinal, o argumento de Yossef – “passarei o que Hashem me contar” – não seria suficiente para destacá-lo diante dos outros intérpretes consultados, uma vez que o Faraó não reconhecia Hashem.

OUVIR COM ATENÇÃO

A Torá introduz a conversa de Faraó com Yossef no verso (41:15) de *Beresbit* e nos revela:

וַיֹּאמֶר פַּרְעֹה אֶל-יֹסֵף הֲלוֹם חֲלָמַי וּפְתָר אֵין אִתּוֹ וְאֲנִי שָׁמַעְתִּי עֲלֶיךָ לֵאמֹר
תִּשְׁמַע הֲלוֹם לְפָתַר אֹתוֹ:

Disse o Faraó: Eu sonhei um sonho, e ninguém conseguiu interpretar; mas de ti ouvi dizer que ouves um sonho e o interpretas.

Aqui está a resposta, o diferencial que o Faraó viu em Yossef. Vários foram os que escutaram e já foram para a interpretação sem se importar em como o Faraó se sentia. Escutaram as palavras, mas nenhum deles entendeu ou ouviu de verdade. Escutar é dar atenção. Yossef ganhou o respeito do Faraó pela atenção dedicada. Com sua atenção especial ele demonstrou que não queria só ouvi-lo falar, pois antes escutou para entender o que o incomodava e só então desvendou o sonho.

O IMPASSE DE AVRAHAM AVINU

Avraham *Avinu* teve dois filhos: Ishmael, filho de Hagar, e Yitschac, filho de Sarah. Em certa época, Sarah e Avraham iniciam uma discussão por divergência de ideias. Sarah quer que Ishmael vá embora, pois sente que ele é uma má influência e não é boa companhia para Yitschac. Avraham se depara com um impasse, pois discorda e alega que Ishmael também é seu filho.

Sobre isso diz a Torá: “Tudo que Sarah falar para você, Avraham, escute o que ela fala.” Afinal, nos conta a Torá, Avraham *Avinu* manda Ishmael embora porque era a vontade de Sarah.

Hashem diz a Avraham: “Não basta escutar o barulho da voz dela, mas ouvir o que ela tenta passar, perceba o incômodo dela com o fato de Ishmael e Yitschac morarem juntos.” Saber escutar de verdade é uma arte, é ouvir com os ouvidos e com o coração. É tentar entender a mensagem que está sendo dita por quem está conversando conosco. Não basta apenas ouvir o barulho – as paredes têm ouvidos, mas não têm coração como nós temos...

ESCUATA ATIVA

Tão importante quanto falar bem é ser um bom ouvinte. Não foi por acaso que Hashem criou o ser humano com uma boca e dois ouvidos. Muitas vezes alguém nos traz um problema, precisa desabafar, e enquanto ainda está falando já pensamos em como resolver. Na maioria das vezes, o segredo não está na solução do problema, está em demonstrar que entendemos o que o perturba.

Saber escutar... É possível aprender a escutar? Quando alguém fala conosco precisamos responder com interesse e gentileza. Mas qual é a diferença entre ouvir e escutar ativamente?

Brevemente podemos destacar três técnicas práticas:

1. Não interromper quem está falando conosco, deixar que a pessoa conclua sua fala.
2. Não julgar. Quando um funcionário, filho, aluno, ou alguém que possa ser repreendido por algum motivo estiver falando, deixe-o terminar. Se no meio da sua fala for julgado – que está errado, mal feito –, perde-se a oportunidade dele se abrir e transmitir a mensagem completa.
3. Demonstrar que de fato está escutando e não pensando em outra coisa.

Como podemos demonstrar que estamos escutando ativamente? Repetindo de forma resumida o que acabamos de ouvir: “Você está me dizendo que...”. Ou fazendo um comentário como “deve ter sido difícil” ou “você deve ter ficado preocupado”; ou ainda, trazendo uma pergunta que o incentive a continuar, por exemplo: “Como se sentiu em tudo isso?”.

São pequenas atenções que demonstram que estamos escutando, entendendo o que a outra pessoa nos transmite. O grande ganho disso, além de cumprir a *mitzvá* de ajudar o próximo, é deixar no outro a maravilhosa sensação de ser compreendido.

HEBRAICO É PRECISO E PRECIOSO

O rei David, no Tehilim, muitas vezes usa uma linguagem de alegria, e entre elas, uma que repetimos algumas vezes por dia é o *ashrei*:

אֲשֵׁרֵי יוֹשְׁבֵי בֵיתָהּ עוֹד יְהַלְלוּהָ סֵלָה
(Tehilim 84;5)

Sortudo é o homem que senta na Sua casa.

A palavra *ashrei* significa “muito feliz” ou “satisfeito demais”. E com as mesmas letras de אֲשֵׁרֵי escreve-se *ishur*: validação, ser validado. Em hebraico, cada palavra tem uma razão de ser e, certamente, a razão de estar muito satisfeito – *ashrei* – é ter validação – *ishur*.

É um prazer conversar com quem escuta o próximo de verdade, que demonstra empatia, compreende e valida os sentimentos do outro. Espero que você, leitor, já tenha experimentado o prazer de conversar com uma pessoa que o faça sentir bem, validado, escutado de verdade, e compreendido. Isso faz toda a diferença e exemplos de como uma atitude aparentemente tão simples pode mudar a vida de uma pessoa não faltam.

ESCUTAR COM O CORAÇÃO

Shimon, aos 12 anos de idade, estudava na *yeshivá* de Volozhin e passava muita fome. Ele próprio contou, anos depois, o plano que bolou um certo dia para matar sua fome: “Amanhã eu vou acordar bem cedo, vou ficar na porta da padaria no comecinho do dia, antes do nascer do sol, quando o pão está sendo assado. Vou cheirar aquele aroma do pão e acho que isso vai me satisfazer um pouco.”

E foi o que fez. Ficou na porta da panificadora sentindo o cheiro dos pães assando com muita satisfação – aquele aroma era quase como comê-los realmente. De repente, Shimon escutou um grito: “*Ganev!* (ladrão).” Assustado, começou a correr. O menino desconsolado pensava: “não posso nem cheirar os pães, o dono da padaria acha que eu roubaria seus pães.”

No dia seguinte, ele estava caminhando na rua quando uma senhora perguntou: “Está tudo bem com você?”. O menino fez que sim com a cabeça. Então, a mulher se apresentou: “Meu marido é o dono da padaria e...” Sem ouvir mais nada, aquele mesmo menino que afirmou estar bem há dez segundos correu para fugir da senhora por medo que ela também o julgasse ser ladrão. “Volte aqui, só quero saber o que estava fazendo na padaria!”, ela gritou.

Shimon olhou para baixo e contou que foi lá cheirar os pães para matar a fome. A senhora escutou com carinho e coração, e acreditou nele. Levou o menino à padaria, onde seu marido também ouviu sua história e o convidou a voltar todos os dias, pois iria ajudá-lo. Futuramente, o pequeno Shimon ficou conhecido como Rav Shimon Shkop, que depois se tornou o *Rosh yeshivá* em Grodno e Telze.

Anos depois, ele continuava expressando gratidão pela senhora que mudou sua vida. Ela não lhe deu só ouvidos, deu seu coração, e seu marido, o dono da padaria, o alimentou e ajudou até que se tornasse o renomado Rav Shimon Shkop. Eles ouviram o menino com o coração, já que com ouvidos até as paredes ouvem. Devemos lembrar que temos o coração junto aos ouvidos.

ÉTICA DOS PAIS

A *Guemará* no tratado de *Taanit* (32a) nos diz: **איזהו חכם הרואה את הנולד** (Quem é o sábio? Aquele que prevê o futuro.) Não se trata de consultar cartomantes e videntes, recurso proibido pela Torá. Sábio é quem prevê o futuro, é quem pode ler as pistas que as pessoas fornecem pelas palavras ditas e perceber nos sinais emitidos o que está por vir.

Nosso tema é a comunicação (isso mesmo, saber escutar faz parte de uma boa comunicação!), isto é, aprender a lidar com as pessoas à nossa volta. E é justamente neste campo que qualquer um pode se tornar um sábio.

Quem é o sábio? É aquele que dá chance para o outro se abrir, desabafar e poder expressar o que está incomodando. Através das pistas, o sábio

pode ajudar a direcionar e mudar o futuro. Qualquer um pode se transformar em um sábio. Importar-se com o filho, a filha, e com todos é notar seu humor, perceber seus sentimentos, incentivá-los a falar e escutar com carinho. Como tudo é exemplo, aqui vai mais um ensinamento bem possível de ser seguido.

Quando percebo que um aluno parece aflito, falo: “Parece que você está preocupado.” Mesmo que ele responda que não está tão preocupado, continuo: “Então, conte-me por que você não está tão preocupado.” Então, ele fala, pois sente-se acolhido e validado. Escutar e reconhecer os sentimentos do outro, sem interromper nem julgar, pode mudar – se não o futuro –, o dia daquela pessoa.

BÊNÇÃO EFETIVA E BÊNÇÃO EM VÃO

Rav Yerucham de Mir fez uma observação importante a respeito da *berachá* que o pai dá aos filhos na sexta-feira à noite. Diz ele que existem bênçãos efetivas e bênçãos em vão. Qual a diferença entre elas?

Ele explica que quando Yaacov abençoou os filhos dele, o fez de acordo com cada um, respeitando suas individualidades, conforme suas capacidades e virtudes. Às vezes, quando um pai dá a *berachá* ao filho desejando que ele seja uma pessoa bem sucedida em algo que não demonstra talento ou vontade, está fazendo uma “*berachá* em vão”.

A *berachá* efetiva, por outro lado, é direcionada conforme as tendências do filho, para desejar que seja o que realmente é, e não o que gostaríamos que fosse. A bênção que um pai dá ao filho deve focar em suas virtudes e inclinações para o bem – que ele seja responsável, que Hashem o abençoe monetariamente no que ele sabe e gosta de fazer.

Não podemos canalizar em nossos filhos que aquele desejo frustrado da nossa infância se concretize através deles ou esperar que suas conquistas nos destaquem na comunidade. Para isso acontecer é necessário “ouvir” quais são as tendências dos nossos filhos.

AME AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO

Uma frase famosa da Torá na porção *Vaikra* – Ame ao próximo como a ti mesmo - aparece em inúmeros lugares, religiosos ou não, tornou-se até lema, difundida e repetida:

וְאָהַבְתָּ לְרֵעֶךָ כְּמוֹךָ
(*Vaikra* 19;18)

Conhecemos muito este primeiro trecho. É sempre sobre o próximo: gostar do outro, aceitar o outro, respeitar o outro. Mas onde fica o “como a ti mesmo” (כְּמוֹךָ)? Esta parte ficou esquecida.

Hoje, com toda a tecnologia disponível, o ser humano ultrapassou muitos limites. Podemos visitar lugares longínquos e pesquisar acervos em universidades e bibliotecas de qualquer país do mundo virtualmente em segundos. O homem chegou à lua, mas quantos de nós conseguimos chegar até aqui, dentro do nosso peito? Quem pode verdadeiramente dizer que se conhece? Com tantas distrações e demandas nos esquecemos de ficar a sós. Talvez seja mais fácil chegar à lua do que chegar ao seu íntimo.

Falamos muito sobre escutar o outro, mas precisamos também saber nos ouvir, nos conhecer melhor, e nos validar. Atualmente se fala muito em meditação – e na própria Torá há inúmeros exemplos dos que foram para os lugares mais afastados para meditar e se conhecer!

Se um amigo afirma que o outro está feliz, ele pode até negar por não reconhecer o sentimento. Assim como se alguém perguntar por que você está bravo, mesmo que esteja, você pode negar por nem ao menos perceber o sentimento caso não cultive o hábito de se observar.

Outro exemplo recorrente é a seguinte interação entre colegas: “Você falou muito bem, fez uma apresentação maravilhosa!” “Pare com isso, não fiz nada.” Nessa situação, é importante que você saiba validar seus próprios dons. Saiba escutar a si mesmo e desvendar as vantagens e desvantagens que identifica para que possa se aperfeiçoar ainda mais.

O CASO DO COHEN GADOL RESERVA

Essa é uma pequena passagem da *Guemará* – tratado de *Yomá* (12b). O posto mais grandioso que houve na história do primeiro templo era o de *Coben Gadol* (grande sacerdote). Este posto era exercido por homens sábios que executavam suas funções com total devoção.

Dada a importância do cargo, havia um reserva para substituí-lo caso fosse necessário. Quando o *Coben Gadol* voltava ao posto, o Cohen reserva se afastava. E então, qual era a posição dele? Ele não podia ser nada. Ele não podia voltar a ser um *Coben* normal, por existir uma regra segundo a qual quem alcançava uma promoção não poderia voltar ao cargo inferior. Porém também não era permitido que ele recebesse os privilégios e restrições inerentes ao cargo de *Coben Gadol*.

A *Guemará* explica que as regras existiam para que o *Coben Gadol* não ficasse com ciúmes. Porém é estranho imaginarmos o *Coben Gadol*, um homem daquele nível, capaz de sentir ciúmes. Ele, que no Yom Kipur parecia um anjo desempenhando suas atribuições, ficaria desconfortável se outro estivesse no seu lugar?

Diz Hashem: “Nada de estranho. Você não se conhece, ser humano! O *Coben Gadol*, apesar de extremamente refinado espiritualmente, é humano, também tem sentimentos e ficará incomodado.”

Todos têm sentimentos, muitos negam ou não estão em contato consigo mesmos. Então, o que podemos fazer para saber como estamos nos sentindo? Como melhorar isso? Devemos nos observar, passar mais tempo com nós mesmos, sem distrações. Até mesmo uma *midá* (qualidade positiva) não seremos capazes de entender se não soubermos que a possuímos.

Hashem quer que cada um conheça o maravilhoso tesouro de *midot* que possui e para isso é necessário se autoconhecer. Saber o que nos faz felizes, tristes, nervosos e calmos. Perceber o que nos satisfaz e também o que não nos satisfaz. Conhecer e reconhecer é o caminho para o **קְמוּתָהּ**.

APRENDENDO MAIS UMA

Outra curiosidade: como se fala ouvido em hebraico? *Ozen* (ouvido) e *oznaim* (ouvidos). E da mesma raiz vem a palavra *moznaim* (balança). Balança, que dá equilíbrio, e ouvidos são palavras irmãs!

Não é à toa que a labirintite está na região dos ouvidos e afeta o equilíbrio. Ouvirmos a nós mesmos e ao outro com atenção, interesse e gentileza gera equilíbrio para quem precisa ser escutado!

COMO ESTÁ VOCÊ?

Concluimos este tema com um episódio verdadeiro e uma mensagem poderosa. Esta história se passa no hotel Waldorf Astoria em Israel, onde aconteceu uma convenção para centenas de pessoas dirigentes de orfanatos.

Os palestrantes eram psicólogos experientes que falavam com os líderes destas instituições. O primeiro a se apresentar foi um senhor pós-graduado, muito capaz, que ocupava uma posição de destaque na área junto ao governo americano. Ele começou a apresentação da seguinte forma: “Quando eu tinha 12 anos de idade vi meu pai olhar para minha mãe, dar um tiro nela e depois dar um tiro em si próprio.”

A plateia toda ficou em silêncio, chocada. Ele prosseguiu: “Depois disso fui para um orfanato do governo, fiquei dois anos, não foi bom, fui enviado para outro e outro, até que me encontrei e segui a vida. Você devem estar se perguntando como fui capaz de chegar onde cheguei, como me tornei um profissional renomado justamente nesta área, após presenciar uma cena tão chocante. Foram três palavras que mudaram minha vida.”

Os presentes pegaram suas canetas para escrever as “três palavras mágicas”. O palestrante logo disse ao público para largar as canetas, pois não foram as palavras, mas sim como elas foram ditas. E prosseguiu dizendo: “Neste último orfanato para onde fui mandado, um dos chefes chegou perto de mim, colocou a mão no meu ombro e perguntou:

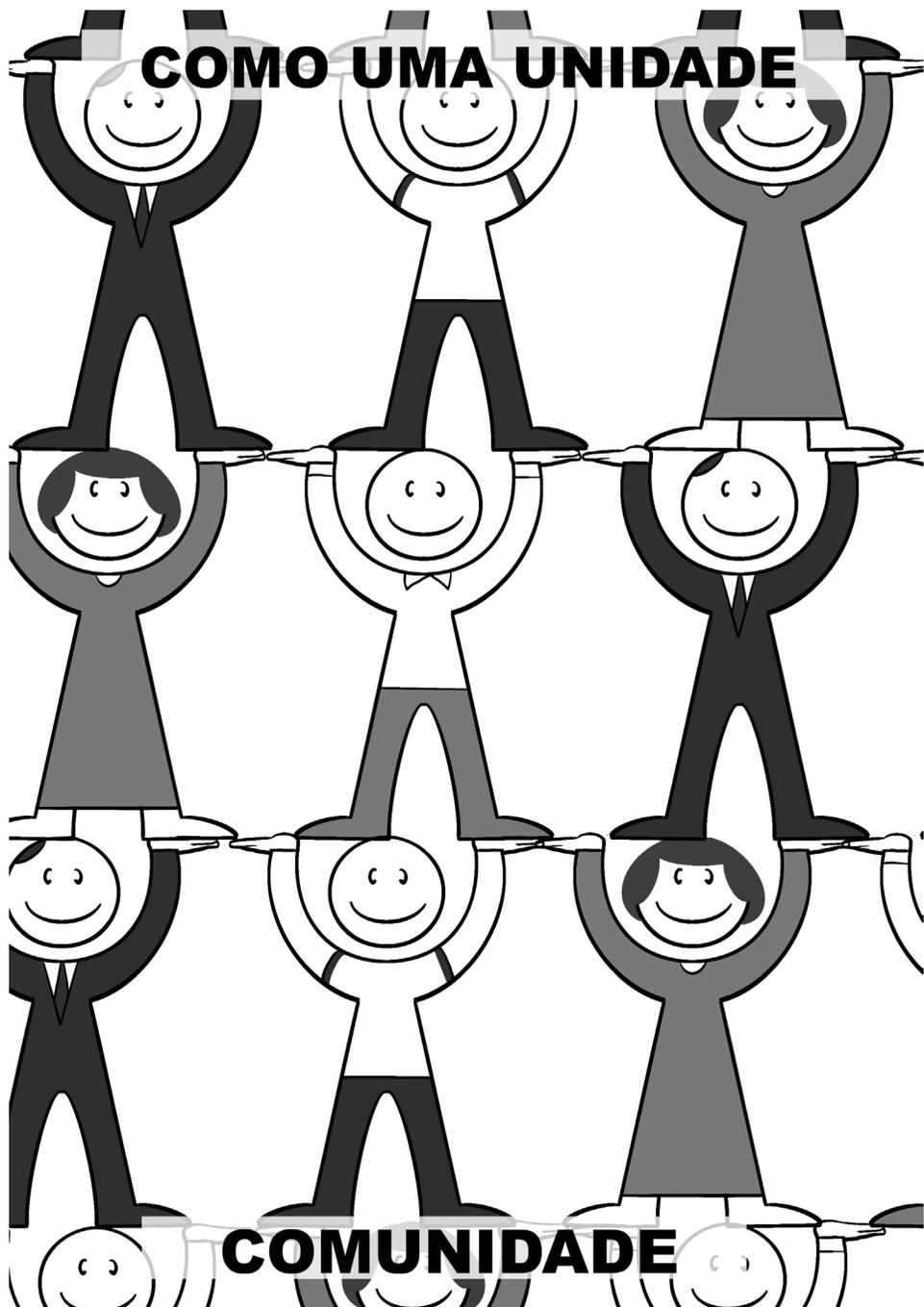
‘Como está você?’ O modo como ele falou, como colocou ênfase na palavra VOCÊ, me deu força. Ele foi a única pessoa na minha vida que se preocupou **comigo**. Eu finalmente me senti acolhido e pude me abrir. Então, o resto foi fácil – trabalhoso mas fácil – porque alguém me escutava, alguém me deu equilíbrio.”

Não é por acaso que a palavra *ashrei* (sortudo) vem de *ishur* (alguém me validou), como não é por acaso que a palavra *ozsnaim* (ouvido) vem de *moznaim* (equilíbrio). Tudo faz sentido!

Que cada um possa ser um ótimo ouvinte para o outro e para si mesmo. E que saiba se conhecer e se validar. Que tenhamos coisas maravilhosas para escutar dos outros e cada vez mais aperfeiçoamos o talento magno que as paredes não têm: escutar de verdade.

EINSTEIN, A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO E VOCÊ

COMO UMA UNIDADE



COMUNIDADE

“

*O mundo só existe pelo
mérito das pessoas que se
sentem responsáveis pela
comunidade.*

”

OUTRA TEORIA

Albert Einstein normalmente é lembrado como um dos cientistas mais influentes e admirados. Físico e matemático, Einstein ganhou o prêmio Nobel de Física em 1921 e sugeriu a adição de uma oitava maravilha do mundo. Sabemos que existem sete maravilhas do mundo, mas os exemplos que seguem iluminarão o percurso até desvendarmos esta teoria de Einstein.

ARIZAL

Houve um famoso Rav que nasceu em 1534 em Jerusalém, importante nome da nossa literatura, da Torá revelada e da não revelada – como é o caso da cabala e outras áreas místicas. Para ter acesso a este último tipo de conhecimento é necessário antes que a pessoa esteja mergulhada no *Talmud* e *Shulchan Aruch* e só depois, conforme orientação do seu Rav, é possível se aprofundar nestes estudos.

Mais conhecido pelo nome *Arizal*, Rabi Isaac Luria produziu muitas obras e muitos discípulos. Vale salientar que ele viveu apenas 38 anos – talvez se vivêssemos 380 anos não faríamos o que ele fez! Seus alunos

eram pessoas muito especiais e qualificadas não apenas no aspecto religioso, pois ninguém pode ser considerado *tsadik* se for excepcional em determinada área e desprezar as outras.

Um dos alunos de Arizal que mais se destacou foi Rav Chaim Vital. Este discípulo escreveu um livro chamado *Sbaare Kedushá*, onde levanta uma questão interessante sobre personagens que viveram no *Tanach* como Avraham *Avinu*, Sarah e Shemuel (filho de Chana). Avraham e Sarah tiveram o mérito de ser o pedestal do povo *yebudi*. Até hoje, quando se fala do começo do Judaísmo, da pedra fundamental de onde tudo se originou, lembramos de Avraham *Avinu* e Sarah. Eis a pergunta de Rav Chaim Vital:

MÉRITO DE AVRAHAM

Qual foi o mérito de Avraham *Avinu* para tornar-se o grande Avraham? Por que Hashem faz questão de colocar Seu santo nome junto ao dele dizendo “Eu sou o Deus de Avraham” e por que nós o invocamos três vezes ao dia na *Amidá*? O que ele possuía de tão especial para ganhar esse bônus? Ele se esforçou muito, porém mesmo com todo esforço humano reconhecemos que não dá para deslanchar no mundo da Torá sem ajuda de Hashem.

Chana, por sua vez, teve um filho, Shemuel, que, dizem os *chachamim*, possuía o mesmo nível de Moshê e Aharon. O que ela fez para merecer este descendente? A explicação de Rav Chaim Vital nos leva a refletir sobre nossas atuais obrigações e deveres como cidadãos e como *yebudim*. Com as 613 *mitsvot*, algumas ocupando bastante nosso tempo, nos envolvemos com coisas maravilhosas e às vezes, sem perceber, nos afastamos do ingrediente fundamental. Esse ingrediente essencial está contido no ensinamento a seguir.

UMA PERGUNTA INTELIGENTE

Uma vez eu estava descrevendo como era a vida dos *yebudim* no deserto – comiam do maná que caía do céu, bebiam do poço de Miriam, Hashem mandava comida e bebida, recebiam tudo do bom e do melhor assim como um Pai cuida do filho, com todo carinho –, quando uma jovem levanta a mão: “Rav, só tem um problema em tudo isso!”.

Pensei comigo mesmo que lá tinha tudo menos problema, a situação do povo no deserto era muito boa, tinham comida, bebida e roupa lavada, além de controle do clima com ar condicionado durante o dia e aquecedor à noite, afinal as nuvens proporcionavam a temperatura ideal – que problema poderia haver? “O problema,” continua a jovem, “é que se todos tinham tudo o que precisavam no deserto durante 40 anos, como eles faziam *chessed* (bondade) entre eles?”.

Nunca achei essa pergunta em nenhum livro, este foi um comentário digno de uma cabeça brilhante, formada pelos moldes de Hashem. Mas independente da resposta desta pergunta, que vai lhes deixar curiosos, vamos nos ater a observação maravilhosa desta jovem. Nas palavras do venerado *Rosh yeshivá* de Lakewood, Rav Aharon Kotler *z'l* :

“O mundo só existe pelo mérito das pessoas que se sentem responsáveis pela comunidade”.

Ele não se referia (somente) ao chefe da comunidade, ao presidente da federação, ao presidente da sinagoga, mas a **todo yebudi**, cada homem e mulher. Fazer *chessed* provém da necessidade de estar em contato com o que acontece ao nosso lado. Com tantas obrigações diárias – como rezar com *minian*, cuidar do *casbrut*, e tantas outras *halachot* – talvez deixemos escapar um elemento fundamental.

As *mitsvot* pessoais precisam ser realizadas porque é o que Hashem espera de nós, mas não podemos esquecer de um elemento fundamental: olhar para a comunidade a qual pertencemos. Não somos e nem moramos numa ilha. O mundo só existe porque as pessoas pensaram e pensam em quem vive ao seu redor.

CURIOSIDADE SOBRE MOSHÊ *RABENU*

Moshê *Rabenu* foi o maior dos homens, o maior dos líderes que o mundo teve em todos os sentidos. Em *sefer Shemot*, dois versículos seguidos e muito parecidos chamam a atenção. Nas palavras preciosas da Torá está escrito:

וַיִּגְדַּל הַיֶּלֶד
(Shemot 2;10)

“O menino (Moshê) cresceu”

וַיִּגְדַּל מֹשֶׁה וַיֵּצֵא אֶל-אֶחָיו
(Shemot 2;11)

“*Moshê cresceu e foi verificar como estavam seus irmãos*”

A afirmação “Moshê cresceu” é utilizada duas vezes. Mas por que a repetição? Qual a razão para nós no Século 21 aprendermos isso? Rav Aharon Kotler nos esclarece: “O primeiro *passuk* conta que o menino cresceu referindo-se ao crescimento físico, ele não era mais criança, transformou-se em um adolescente e posteriormente em adulto. O *passuk* seguinte fala que ele cresceu agora como ser humano e completa dizendo ‘porque ele foi olhar para a comunidade, para os irmãos que moravam ao seu lado no Egito.’”

GADOL

A definição da palavra *gadol* (grande) de acordo com a Torá é alguém que olha para os lados, que vê e se importa com o outro. As obrigações individuais certamente devem ser cumpridas por homens e mulheres e devemos nos lembrar que o crescimento pessoal ocorre ao exercitarmos a mente para entender, participar e ajudar na comunidade. Isso transformou o menino em Moshê *Rabenu*!

Quanto à indagação feita no começo do capítulo sobre qual foi o mérito de Avraham para se tornar Avraham *Avinu* e Shemuel ser um profeta do mesmo nível de Moshê e Aharon, Rav Chaim Vital no seu livro *Shaare*

Kedushá explica: “Quando os pais de Shemuel iam às peregrinações ao *Beit Hamikdash* durante os três *chagim* procuravam outras pessoas que também poderiam fazer esta *mitsvá*, preocupavam-se não só com as próprias necessidades, mas pensavam em seu vizinho: ‘Será que ele vai? Eu posso convencê-lo a ir? Será que ele precisa de alguma ajuda?’ Enfim, preocupavam-se com quem morava ao seu lado.”

Diz Rav Chaim Vital que esta forma de agir agradou o mundo celestial e Hashem lhes concedeu o grande profeta Shemuel como filho. Já Avraham conseguiu atingir todos os “bônus” espirituais, físicos e monetários porque se preocupou em trazer pessoas não para a Torá, pois ainda não existia, mas para o conhecimento de que existe só um D’us no mundo.

Finaliza Rav Chaim Vital em seu livro *Shaare Kedushá*: “Todos os líderes de todas as gerações só terão mérito, ou demérito, por uma única razão: o quanto se preocuparam, ou deixaram de se preocupar, com o próximo, com a comunidade”. Cada um de nós é um líder e se este é o motivo por Avraham ter se tornado Avraham *Avinu* e Shemuel ter se tornado o grande Shemuel, precisamos entender que seu vizinho deve fazer parte de seu eu.

Pode ser que um vizinho tenha *mezuzá* em sua porta, mas da porta para dentro não conheça nada da religião e esteja afastado do judaísmo. Assim como em nosso trabalho e no nosso dia a dia, provavelmente conhecemos alguém para quem somos a única referência. Esse indivíduo deve fazer parte da nossa “preocupação” ou *mitsvá* diária.

ASSIMILAÇÃO

Em convenções americanas religiosas sempre surge o tema da assimilação, assunto cada vez mais preocupante. Segundo pesquisas realizadas, entre 1900 e 1920 o índice de assimilação era de aproximadamente 2%. Em 1960, esse número cresceu para 5.9%, três vezes mais. Assim foi aumentando até chegar em 2020 com assimilação entre os judeus acima de 60%. Em alguns países chega a 70%.

Que mérito muitos de nós tivemos de estudar em escola judaica e fazermos parte de uma sinagoga! A grande maioria dos *yebudim* não teve o privilégio de estudar em escola judaica. A grande maioria não possui filiação a uma sinagoga para ir uma vez ao ano, sequer em Yom Kipur.

É simples fazer este cálculo, basta somar o número de cadeiras existentes em uma sinagoga, somar todas as sinagogas no Brasil e o resultado é que o número de cadeiras não perfaz 10% da população judaica do Brasil (e o mesmo raciocínio se aplica no mundo embora as porcentagens oscilem um pouco)!

É UM PRÊMIO PODER FREQUENTAR UMA SINAGOGA

Quantos aplausos e elogios merecem as pessoas que cuidam dessas entidades, aqueles homens e mulheres voluntários que trabalham para estas causas? Se não fossem eles que pensam na comunidade, o que seria de nós? Se não fossem os fundadores das escolas, os idealizadores das sinagogas, dos *micvaót*, açougues e de outras inúmeras instituições, o que seria da nossa comunidade?

Quem teve o privilégio de estudar em escola judaica – não importa se lembra das aulas de Torá, de quem foi David e Shaul e de quantas guerras eles participaram – guarda a riqueza de ter frequentado aquela escola e muitos conhecimentos que nunca se perdem. Sobre a importância de ajudar o outro, encontramos um episódio surpreendente no *Avot* de Rabi Natan (coletânea com dezenas de capítulos, mas não tão conhecida quanto o *Pirkei Avot*).

ASSOMBRO NO BEIT DIN

Há quase dois mil anos, um homem gentil e generoso que ajudava financeiramente muitas pessoas estava com Rabi Akiva em um barco. A embarcação afundou e aquele *chassid* sumiu em alto mar. Rabi Akiva conseguiu se salvar e regressou para sua cidade.

Aquele *chassid* era casado e, segundo a *halachá*, sua esposa era considerada *aguná*, isto é, continuava ligada ao marido e não podia se casar

novamente. Existem apenas duas formas para uma mulher casada poder se casar novamente: quando ela obtém o divórcio ou confirma que o marido faleceu. Rabi Akiva foi testemunhar no *Beit Din* que estava na mesma embarcação e viu aquele homem se afogando quando o barco afundou em alto mar, portanto o marido dela infelizmente não existia mais e ela poderia se casar com outra pessoa.

De repente, para assombro de todos os presentes, entra no *Beit Din* aquele *chassid* com vida.

Surpreso, Rabi Akiva exclama: “Eu vi você se afundando, depois de meses eu consegui chegar aqui e vim testemunhar para liberar sua esposa. Como você voltou?”.

O *chassid* calmamente afirmou: “A *Tsedaká* que dei durante muito tempo, foi isto que me salvou.” Rabi Akiva indagou como ele poderia ter certeza de que esse havia sido o motivo, e ele explicou: “Quando eu estava afundando, caindo cada vez mais fundo, eu ouvi os *malachim* (anjos) que cuidam do oceano falando entre eles: ‘Este homem não merece ir embora do mundo dessa forma porque ele deu tanta *Tsedaká* durante sua vida, se preocupou tanto com o próximo, que merece um milagre, alguma atitude especial!’. Foi assim que me levantei até a superfície, cheguei à terra firme e consegui voltar aqui.”

Este foi o milagre que permitiu aquele *chassid* retornar do fundo do mar. De conversa de anjos à lógica de Einstein, tudo explica o poder imenso da *Tsedaká* que agora vamos decifrar.

A OITAVA MARAVILHA

“Juros compostos são a oitava maravilha do mundo. Quem entende, ganha. Quem não entende, paga.” – Albert Einstein.

Substituindo juros compostos por *Tsedaká*, entenderemos a citação que parece complexa mas é clara e vai além do que ouvimos até hoje sobre *Tsedaká*. Contas simples para um enorme conceito.

Suponhamos que uma pessoa vale 100 unidades. Se investirmos em uma pessoa a uma taxa de 10% ao ano, o retorno deste investimento em

um ano será de 10 unidades dessa moeda imaginária. Se investirmos em 10 pessoas, sendo que cada uma vale 100 a 10%, agora temos 100 unidades – o investimento volta 10 vezes maior, porque investimos 10 vezes mais. *Tsedaká* composta não para de crescer, este é seu incrível poder.

Em uma sinagoga comparecem dez, cem, mil pessoas. Quando uma pessoa faz uma doação para ajudar na manutenção da sinagoga, pequenos atos vão se somando aos maiores: desde a lâmpada que nos ilumina, à água que nos refresca, ao *shiur* que assistimos. Afinal, quantas pessoas se beneficiaram com aquela doação?!

Em uma escola ou instituição onde 500 pessoas se beneficiam, 500 pessoas a 10% de juros são milhares de “pontos”! Quanto mais pessoas atingirmos maior será o retorno deste investimento.

EFEITO MULTIPLICADOR

Em *chessed*, em *Tsedaká*, na vida, não pense pequeno. Vale pensar grande, tamanho *extra large*. Pense no vizinho ou naquela pessoa no trabalho que não conhece nada e está distante do judaísmo. Comece com um cumprimento, um sorriso, empreste um livro (talvez uma cópia deste aqui!), ou até indique um *shiur* – pequenos atos podem mudar a vida de inúmeros indivíduos. Pois se um ato mudar a vida de um, muda logo a vida de 2, 4, de 8 e 16 pessoas já que aquele primeiro vai ter um filho, que terá um vizinho, que tem sua casa – e é tudo por seu mérito.

Quanto mais puder oferecer, melhor poderá influenciar o outro. De uma forma ou de outra, todos têm a capacidade, independente do nível, de influenciar o próximo. Um copo de água pode regar um número limitado de plantas, mas se o enchermos bastante e ele transbordar, o copo poderá regar um campo, uma cidade, ou um país. Nossos *gedolim* (líderes) não impactaram “somente” sua *yeshivá* e sua cidade, impactaram o mundo inteiro, como um copo cheio que transborda e se transforma numa fonte de sabedoria e inspiração.

Nós precisamos estudar a *Guemará*, *Mishná*, *Halachot de lashon hará*, *Mussar*, etc. e buscar aquilo com que mais nos identificamos na Torá.

Lembrando que Hashem sabe que pessoas com aptidões diferentes podem estudar aspectos diversos dentro da Torá. Não é egoísta quem se dedica e atinge um patamar mais elevado e está pronto para influenciar de forma mais qualificada pessoas ao seu redor.

O Chazon Ish em uma das suas cartas diz que uma pessoa que estuda Torá *Leshem Shamayim*, porque Hashem mandou está salvando vidas sem perceber, mesmo de longe, sem estar em contato com elas! Quando um *yebudi* está sentado no *colel* estudando Torá, produz uma energia vibrante para o mundo sagrado que faz com que um *yebudi* não se assimile em Paris, Nova Iorque, Brasil, Argentina ou Israel.

Quem faz algo em prol do outro, como doar para uma sinagoga, cuidar do *micvê*, do açougue, seja ajudar fisicamente ou com uma boa palavra, está realizando o que Hashem espera de cada um de nós. Cada um deve sentir-se e agir como sendo uma “instituição individual”, que dá direito a um “CNPJ judaico”.

BÔNUS PARA AQUELE QUE SE OCUPA COM O PÚBLICO

Você quer um escudo para ser protegido em *mitsvot* e *averot* ? Ajude os outros. Diz a *Mishná* em *Pirkei Avot* (18;5):

כָּל הַמְזִיחַ אֶת הַרְבִּיבִים, אֵין הִטָּא בָּא עַל יָדוֹ

“*Todo aquele que traz méritos aos outros não terá pecados consigo.*”

A *Guemará* nos ensina que se um professor ensinou 10, 20, 100 ou 1000 pessoas e estas têm o mérito de estar no *Gan Eden* no mundo vindouro, ele também estará no *Gan Eden*.

PREPARAR O SUBSTITUTO

Encontrei certa vez um líder comunitário e perguntei o que ele estava fazendo. Ao que ele me respondeu: “Rav, desde que fui eleito há três anos para este meu posto na comunidade eu só faço uma coisa: procuro outro para me substituir... Sei que vai demorar, pretendo ficar aqui por

dez anos, mas já estou procurando quem ficará no meu lugar. Não é fácil ser presidente de grandes instituições.”

Que imenso é o mérito do voluntário que se dedica e cuida de cada aspecto, cada necessidade do outro! Nas palavras de Rav Chaim Vital foi esta entrega e vontade de ajudar que fez Avraham tornar-se Avraham *Avinu* e os pais de Shemuel obterem a virtude de ter um filho equiparado a Moshê e Aharon.

ANDAR SORRINDO

Andar pelas ruas do bairro e cumprimentar com um sorriso funciona como um ímã que atrai e faz o próximo pensar “eu também quero sorrir”. Quem não quer ser feliz? Quantos livros sobre felicidade não são escritos e lidos no mundo?! Andar sorrindo nos faz ajudar os outros.

Falar Shabat Shalom e mostrar o que é um Shabat também faz transbordar, além de ser obrigação de todo *yebudi*. Desejar um Shabat Shalom caloroso provoca uma vibração em todo indivíduo porque até o menos praticante carrega uma chama que diz: “Eu também sou *yebudi*, Shabat Shalom!”.

Cada *yebudi* que puder ser regado com uma mensagem de Torá vai reverter para sua conta alguns juro compostos. Sejam banqueiros que sabem qual é a oitava maravilha do mundo e este será nosso mérito eterno.

CARRO VELHO

Em Ramot, bairro de Jerusalém, um aluno muito capaz estava abandonando a *yeshivá*. O diretor, bastante chateado, foi falar com ninguém mais ninguém menos que Rav Ovadia Yossef, z”l:

– Um aluno excepcional está indo embora, tentei convencê-lo a ficar de todas as maneiras, não sei mais o que fazer.

Rav Ovadia pergunta ao diretor da escola:

– Você está de carro?

– Vim falar sobre o menino e não sobre meu carro...

Rav Ovadia pega seu casaco e chapéu e diz:

– Estou pronto, vamos lá.

– Vamos aonde?

– Para a casa do menino.

– Desculpe, Rav. Meu carro é tão velho, não combina com o senhor entrar neste carro.

– Não tem problema.

Então entraram naquele carro velho e barulhento, e dirigiram-se à casa daquele menino sem mesmo avisar.

Bateram na porta, o pai atendeu. Era um senhor israelense vestindo uma camiseta sem manga num dia de calor. Surpreso ao ver Rav Ovadia em sua casa, rapidamente fecha a porta, veste uma camisa por cima, abre a porta novamente e pergunta:

– Como posso ajudar vocês?

– O diretor da escola só tem coisas maravilhosas para dizer sobre o seu filho e mesmo assim ele saiu da escola. O que aconteceu?

O pai, uma pessoa rígida, explicou seus argumentos.

Rav Ovadia pediu:

– Com licença, posso entrar?

– Claro, por favor.

Entraram. O famoso e nobre *tsadik* argumentou por alguns minutos até convencer este pai de que seria maravilhoso o filho continuar seus estudos por mais algum tempo, e o filho voltou para a *yeshivá*.

Não sabemos o restante da história, não podemos afirmar que este alu-

no se tornou um *talmid chacham*, mas sem dúvida não teria a mínima chance se não fosse Rav Ovadia – que não hesitou e independente dos compromissos, foi “salvar” aquele menino.

PERIGO DE VIDA

Se alguém cai na rua e se machuca, todos entendem que é necessário chamar uma ambulância. A espiritualidade do *yebudi*, ainda mais no Século 21, deve ser preservada com o mesmo cuidado.

Rav Ovadia percebeu o perigo de vida que o jovem corria e sem demora foi ajudá-lo. Pensar nos outros, olhar para fora: este é o ingrediente que não pode faltar e deve acompanhar todas as obrigações e *mitsvot* pessoais que já realizamos. Não podemos esquecer que cada um de nós precisa ter seu CNPJ judaico!

DE FILADÉLFIA A BALTIMORE

A cidade de Filadélfia abriga uma *yeshivá* muito importante onde Rav Elya Svei, um dos grandes *talmidê chacham* dos Estados Unidos, foi o *Rosh yeshivá*. Um de seus alunos se mudou para Baltimore, onde se casou e teve um filho. Certa vez, este aluno foi até a Filadélfia para consultar o Rav Elya sobre um problema de saúde da criança – ele queria ouvir sua opinião dentre duas opções médicas. O Rav pediu uns dias para pensar e o aluno voltou para sua casa.

Após uma semana, o aluno levou o filho ao médico para mais uma consulta. Ao chegar, o doutor falou:

- Seu *Rosh yeshivá* mandou lembranças para você.
- Você o conhece? – Estranhou, o médico nem era judeu!
- Não conhecia o Rav Elya.
- Ele ligou para perguntar alguma coisa?
- Não, ele não me ligou, ele veio ao meu consultório para entender melhor o caso do seu filho.

O homem pediu licença ao médico, saiu e ligou para o Rav Elya:

– Rav, o senhor veio de Filadélfia para Baltimore, três horas para vir e três horas para voltar, para saber sobre o meu filho? O senhor poderia ter telefonado. Desculpe por incomodar!

– Eu entendi que era uma situação delicada e, por telefone, não conseguiria ver a expressão facial do seu médico. Ficaria mais difícil entender as duas opções. Achei que seria necessário ir ao consultório e ver o semblante do médico, agora sim posso dar o meu parecer sobre como proceder com a opção A ou B.

Que com a ajuda de Hashem, nosso entorno faça parte da nossa vida. Não é mais eles e eu, mas sim meu novo eu. Que possamos colher muitos juro compostos e propagar o mérito de conhecer a Torá aos *yebudim* que não têm esse privilégio.

AYIN HARÁ: EXISTE MESMO?



“ *O DNA do mundo é a Torá.
Ela foi criada antes
do mundo.* **”**

AYIN HARÁ FEITOS E DEFEITOS

Constam na Torá *mitsvot*, inúmeras passagens, e histórias de muitos personagens. Sua riqueza consiste na certeza de que mesmo após muito estudo ainda é possível encontrar novas observações e aprender com elas.

A Torá conta todos os feitos e méritos, e – diferente de algumas outras religiões – não esconde o defeito dessas pessoas incríveis. Falar em defeito referindo-se a figuras como Moshê *Rabenu* e Avraham *Avinu* pode soar como desrespeito, mas o fato é que apresentaram em algum momento erros muito pequenos e a Torá nos conta para que possamos aprender deles.

ERRAR É HUMANO

Será que Avraham *Avinu*, o homem que trouxe de volta a luz ao mundo e redescobriu Hashem após 20 gerações, cometeu alguma falha? Hashem lhe deu o primeiro teste quando ordenou que saísse de casa (*Lech Lechá*): guiou seus passos, conduziu-o para outra terra, e Avraham obedeceu sem sequer saber, de acordo com alguns comentaristas, para onde estava indo.

Após muito caminhar, chegou a Canaã (hoje Israel), onde encontrou

fome e escassez. “Que estranho,” pensou Avraham. “Hashem me mandou sair de casa, me trouxe para outro lugar e onde teria fartura, riqueza, encontro fome? Não devo ficar aqui!”. Avraham *Avinu* sozinho decidiu ir para o Egito onde havia comida.

Diz Ramban (Nachmânides) que Avraham falhou porque deveria ter confiado em Hashem. Ele foi para Canaã porque Hashem mandou, mas deparou-se com a fome e foi embora. Ele deveria ter permanecido ali, pois Hashem tem o poder de ajudar em qualquer circunstância. Pelo fato de Avraham sair de Canaã sozinho, sem ordem de Hashem, e ir para o Egito, foi decretado que seus descendentes fossem morar no Egito. Acrescenta Ramban: “No lugar onde foi cometido o erro, Egito, lá o povo será castigado.” O resto da história conhecemos: os *yebudim* ficaram no Egito como escravos na mão do Faraó durante 210 anos!

A Torá nos ensina que homens de imenso potencial cometem erros e – justamente pelo fato de serem grandes personalidades – por menores que sejam suas falhas, elas trazem impactos gigantescos na continuidade da história da humanidade e do povo *yebudi*. Apesar de serem pessoas imensuráveis e que quanto mais estudamos mais é revelada a grandeza desses homens, a Torá não poupa tempo, linhas nem espaço para descrever suas falhas.

A finalidade destes comentários certamente não é fazer *lashon hará*, mas nos ensinar que mesmo sendo grandes são seres humanos. E como sabemos, errar é humano. Esses homens erraram pouco e acertaram demais, o que eles fizeram para crescer?

Moshê não nasceu Moshê *Rabenu* e Avraham não nasceu Avraham *Avinu*. Diz Ramban que Avraham quando pequeno participou e fez idolatria na casa de seu pai, ou seja, eles não nasceram como os conhecemos. Estes personagens conheciam suas qualidades e quais pontos precisavam ser desenvolvidos e, sobretudo, sabiam que eram passíveis de falhas.

CONHECE A TI MESMO

O que possibilita o crescimento é o autoconhecimento. O estudo de *Mussar* faz com que a pessoa conheça suas *midot* e se desenvolva em todos os aspectos: como cidadão e *yebudi*, como marido ou esposa, como filho e/ou pai, como empregado e/ou patrão.

Como alguém que frequentemente fica chateado sem nem mesmo perceber pode entender como é ruim ser mal humorado e como é bom ser feliz? Com tudo o que acontece em nosso dia-a-dia, é até natural que certas situações deixem alguém estressado. Reconhecer este estado é o primeiro passo para poder superar e se acalmar.

Os grandes personagens se auto conheciam, sabiam suas qualidades e defeitos, e sabiam como melhorar. Uma das *midot* pouco abordadas será examinada agora para cada um se conhecer melhor.

NÃO COBIÇARÁS

Cada um dos dez mandamentos traz uma *mitsvá*. Um deles que, segundo alguns comentaristas, talvez seja o mais difícil de ser cumprido, é o décimo mandamento – totalmente relacionado à *midá* que será analisada agora: inveja.

O DNA do mundo é a Torá. Ela foi criada antes do mundo, sendo a planta e a maquete de tudo que existe, mais especificamente no *sefer Bereshit*.

Lá se encontra a impactante mensagem que revela várias camadas desta *midá* tão humana.

Cain e Hevel são os dois primeiros filhos de Adam e Chava, os primeiros indivíduos que não eram filhos de Hashem diretamente. A famosa passagem nos conta que Cain trouxe um *corban* (oferenda) para Hashem e depois Hevel também trouxe um *corban*. Hashem recebeu a oferenda de Hevel e recusou a oferenda de Cain, que ficou muito chateado por seu *corban* não ter sido aceito. Dois versos adiante, Cain levantou e matou seu irmão.

O PRIMEIRO ASSASSINATO

Foi assim o primeiro assassinato do mundo, que escancarou a porta para muitos outros e banalizou o mal. Cain sabia que a vida é dada, mas como podia ser tirada? Ele teve dificuldade até entender que era possível matar – e assim o mundo aprendeu muito bem, infelizmente, que é fácil tirar a vida de outra pessoa. Mas por que isso aconteceu?

A ira de Cain não surgiu porque sua oferenda não foi aceita, pois se fosse só isso ele poderia ter trazido outro *corban* e reparado seu erro. É possível ter outras oportunidades! Porém, ele ficou muito bravo: “Não acredito! O meu *corban* não foi aceito, e o pior, o do meu irmão foi!”. Sua inveja o levou a matar o irmão.

VÁRIAS MENSAGENS

Este *passuk* traz uma pérola escondida e só depois de repetidas leituras atentas, onde cada palavra é precisa, podemos interpretar as várias mensagens. A primeira pessoa a inovar o conceito e oferecer um *corban* para Hashem foi Cain. Hevel gostou da ideia e fez o mesmo, também ofertou um *corban*. Acontece que o *corban* de Cain não foi aceito e o de Hevel foi aceito.

Diz a Torá em (Bereshit 4:4):

הֶבֶל הֵבִיא גַּם־הוּא מִבְּכֹרֹת צֹאנוֹ

“Hevel *também* trouxe uma oferenda.”

A palavra **também** desvenda que Hevel levou o *corban* por ciúmes do irmão: “Se meu irmão Cain levou, eu **também** quero levar.” Isso mostra que os dois irmãos tiveram ciúmes um do outro. Hevel teve ciúmes porque seu irmão tomou a iniciativa. Este é um ciúme “positivo”, que leva à ação: “Que ideia ótima, vou fazer o mesmo!”. Cain, com ciúmes, não porque o seu *corban* não foi aceito, mas porque o dele sim foi aceito, levantou e matou Hevel!

INVEJA TEM DOIS LADOS

Se alguém obtém sucesso em qualquer área e eu não, me sinto motivado a me esforçar até também ter sucesso. Todos podem conseguir – e mesmo se eu cair, posso me levantar novamente. Porém, se o sucesso alheio se transforma em motivo da minha raiva, isso só me fará mal, pois estou desobedecendo ao último dos dez mandamentos (“não cobiçarás”). Ciúme pode ser bom ou ruim dependendo da sua atitude: do jeito de Hevel foi positivo e do jeito de Cain foi horrível.

Ver alguém tomando uma boa iniciativa, seja nos negócios, na sinagoga, na comunidade, na família, ou na ginástica, e copiar esse ato é algo positivo: nós podemos aprender com os outros. Sentir raiva e não agir para se melhorar desperta a *midá* que entra nos ossos de cada ser humano: a inveja. Fácil falar, difícil fazer, mas maravilhoso o fato de termos a chance de sempre poder melhorar.

ATÉ OS 120

Vi um livro com um título interessante: “1000 Lugares Para Conhecer Antes de Morrer”. Seria ótimo conhecer muitos lugares bonitos, mas não deve ser por esta razão que Hashem pode nos conceder vida longa – e sim porque Ele sabe que demora muito tempo para trabalharmos as *midot*.

Podemos encontrar diversos tópicos na Torá, incluindo ciúmes, autocohecimento, educação de filhos... Um exemplo de ciúmes na Torá é a difícil trajetória de Yossef, com consequências muito fortes na história dos yehudi. Diz a *Guemará*, o *Talmud*, o cérebro de Hashem: por Yaakov ter dado um pouco mais de linho para Yossef, os irmãos ficaram com ciúmes de Yossef, e isso nos fez parar no Egito.

O PREÇO DO LINHO

Yaacov, pai das doze tribos, tinha suas razões para cometer o erro de privilegiar Yossef frente aos irmãos. Porém isso despertou tanto ciúmes em seus filhos que os levou a vender seu próprio irmão. A *Guemará* identifica o que causou tudo: os irmãos de Yossef eram líderes das 12 tribos, homens de nível altíssimo – porém quanto mais elevado, qualquer arranhão se sobressai e se torna mais aparente. Pessoas grandes também erram, mas sabem identificar com precisão qual *midá* foi a causa do equívoco. Precisamos conhecer as *midot* (o que nós sentimos) para então podermos crescer.

Atualmente, raro é o tempo que dedicamos ao autoconhecimento. Alguns minutos livres, o celular logo ocupa! Autoconhecimento exige um tempo de recolhimento e reflexão: observar-se e ficar um pouco consigo mesmo. Inveja existe, é uma *midá* que devemos identificar, aprender a distinguir os dois lados e superar.

Se alguém fez um curso e percebi que aprendeu muito, também vou querer fazer. Se alguém fez uma dieta, emagreceu e ficou muito bem, também quero fazer. Aprender com a experiência dos outros é bom, temos exemplos espetaculares ao nosso redor e, certamente, nós também somos ótimos exemplos aos outros.

SUCOT EM RADIN

Este episódio aconteceu há muito tempo em Radin, na consagrada *yeshivá* à qual o nome de Chafets Chaim, entre outros *tsadikim*, é imediatamente associado. Estava se aproximando a festa de Sucot e naquela época era bem difícil conseguir as *arbat haminim* (quatro espécies) – elementos fundamentais para as bênçãos durante a celebração da festividade.

Por sorte, chega a notícia de que conseguiram as quatro espécies para Sucot. Todos contentes, só se falava disso em Radin. Quando chega o primeiro dia de *Yom Tov*, até forma-se uma fila para pegar o *lulav* (folha da palmeira), *hadáss* (mirta), *etrog* (cidra) e *aravá* (salgueiro)!

Então chegou a hora do *Halel* na *tefilá*, quando é costume apenas uma pessoa segurar e balançar as quatro espécies. Nem titubearam, de imediato todos indicaram o sábio da cidade, Chafets Chaim, para fazer isto.

– Muito obrigado, disse ele, mas eu não quero.

– Por que, Rav?

– Obviamente, eu queria muito pegar os *arbat baminim* no *Halel*. É um bom costume, mas não posso. Estou certo que vou deixar outras pessoas com inveja e não posso cuidar de um *Minbag* às custas de uma *averá*!

O Chafets Chaim estava ciente que pegar os *arbat baminim* causaria inveja. Somos humanos, e é normal que certos atos ou bens demonstrados perante pessoas que não podem ter o mesmo possam gerar o sentimento de inveja.

TÃO IMPORTANTE QUANTO NÃO TER INVEJA É NÃO CAUSAR INVEJA

O Chafets Chaim sabia que ali haviam vários *tsadikim*, mas mesmo assim a *midá* de inveja precisou ser considerada. Todos nós sentimos ciúmes, é normal e é espetacular saber o que temos e o que precisamos melhorar.

O FAMOSO AYIN HARÁ

Um tema que chacoalha cabeças e desperta muita curiosidade é o *ayin hará* (olho mau), assunto que tem espaço na *Guemará* e na literatura judaica. Quem pensa que é apenas superstição se engana, porque a *Guemará* ensina no Tratado de *Baba Metzia* (107a): “Quando o campo do vizinho está produzindo trigo ou qualquer outra plantação, está se desenvolvendo farto, bonito, e chega a hora da colheita, é proibido olhar para a plantação dele.”

Por que eu não posso olhar a plantação do meu amigo? Diz Rashi: “Para não prejudicar seu amigo com *ayin hará*.” Como diz a *Guemará*: “Não olhe, porque ao olhar é normal a reação de admiração, que gera *ayin*

hará.” Através do meu olhar eu vou prejudicar essa pessoa. *Ayin hará* é uma das ramificações de inveja, e com este conhecimento, outro fato surpreendente encontra explicação.

AS TÁBUAS DA LEI

Por duas vezes Hashem produziu as tábuas da lei. As primeiras logo foram destruídas, não duraram nada, o povo nem as recebeu. Atribui-se a destruição em razão do pecado do bezerro de ouro, mas isso é apenas o que os olhos viram. A razão verdadeira – afirma o *Midrash* – é que elas foram exibidas em público no Monte Sinai: todos viram a fumaça, o fogo e ouviram os trovões no momento da entrega da mesma, e tudo que é visto por muita gente desperta *ayin hará*.

Na segunda vez, as tábuas foram entregues em silêncio, discretamente e duram até hoje em algum lugar que não sabemos, mas são eternas. Despertar a curiosidade dos outros traz *ayin hará*. As pessoas têm inveja. Os seres humanos, mesmo os mais refinados espiritualmente, possuem sentimentos.

UMA IDEIA ASSUSTADORA

O *Tossafot* em *Baba Metzia* nos revela algo impressionante: “De cada 100 pessoas que vão embora deste mundo, 99 falecem antes do tempo por *ayin hará* e só uma falece no tempo previsto porque era seu destino”.

Como assim? De repente alguém sente inveja e o outro é prejudicado? Não tem uma razão, causa e consequência? Qual é a lógica? Existem duas formas de abordar estas questões. O Chazon Ish, z”l, diz que o mau olhar, o poder do pensamento de um indivíduo, é tão forte que é capaz de afetar o próximo.

Nas palavras da *Guemará*, não podemos ficar olhando o campo do vizinho, o container do concorrente ser descarregado, o lucro do outro, porque o nosso pensamento gera uma repercussão física impactante na propriedade alheia. Isso é uma realidade na *halachá* também.

No *Shulchan Aruch* (código de leis) existem leis referentes à leitura da Torá, incluindo *halachot* de quem pode subir no *sefer* Torá. Por exemplo: dois irmãos não podem subir um após o outro, porque isto pode chamar a atenção dos outros, em ambos os casos com admiração, o que ocasionará *ayin hará*.

O Chafets Chaim comenta na sua obra *Mishna Berura*: “Mesmo que dois irmãos não se preocupem com isto, ainda assim não podem subir um após o outro na leitura da Torá, porque isto traz *ayin hará*.”

TZNIUT

Rav Dessler acrescenta no seu livro *Michtav Me'Eliyahu* outra explicação, diferente do Chazon Ish, de como o *ayin hará* funciona: “Aquele que tem *tzniut* (recato) o *ayin hará* não afeta”.

Atualmente é ainda mais difícil evitar a exposição. Com tanta mídia estimulando a exibição, parece até que a vida não pode ser privada. Se os outros não ficam sabendo, nem aconteceu. As pessoas devem entender que quanto mais exposição, maiores serão as consequências.

Diz Rav Dessler: “A inveja, os ciúmes na forma negativa, geram *ayin hará*.” Mas qual é minha culpa? Se eu expus algo, postei uma foto e muita gente viu, esta foi minha culpa. Objetos preciosos devem ser guardados no cofre, protegidos em casa com a família, para compartilharmos e celebrarmos as conquistas apenas com pessoas muito amadas. Os outros não precisam saber.

ANTÍDOTO CONTRA AYIN HARÁ

O símbolo de alguém que quer ser protegido do *ayin hará* é Yossef. A *Guemará* ensina uma frase que deve ser dita quando alguém está sendo afetado ou com medo: “Eu sou descendente de Yossef.” Afinal Yossef não fazia propaganda do que possuía.

Ayin hará significa literalmente “olho mau”. E quanto poder tem o olhar?! Outro símbolo de proteção é o peixe: ele habita na água, seus olhos não atingem e não são atingidos, portanto, não pode ser afetado.

DISCRIÇÃO

Expor a vida, os bens, os atos e fatos na vitrine não são para o *yebudi*, que deve se preservar e observar *tzniut* para sua proteção.

– Rabino, mas aqueles fios vermelhos não servem para proteger?

– Sim, os fios do *tsitsit!* Estes protegem, com certeza, e seus fios vermelhos são uma *segulá* para *parnassá* para o homem que vende os fios vermelhos!

Discrição é a palavra-chave. A Torá fala inclusive sobre a *tzniut* da mulher para não atingir o olhar de outro homem. Neste ponto pode surgir uma dúvida: quando se refere a uma *mitsvá*, como por exemplo *tzedaká*, mesmo assim existe *ayin hará*?

Se não devo falar que fulano ajudou, sicrano construiu e beltrano doou agora que aprendi sobre discrição, e não devo compartilhar para todos os meus contatos, também não devo mais dar *Tsedaká*, ter placa na sinagoga, na *yeshivá*, no *colel*, em nenhuma instituição? Boa pergunta. Como todas as outras, tem sua resposta nos nossos livros.

A *Guemará* no tratado *Eruvin* (64a), explica: “Se um homem fez um negócio muito bem sucedido de forma fácil, por exemplo, herdou muito dinheiro da esposa, do tio ou avô e as pessoas ficaram sabendo, o que ele deve fazer para preservar o dinheiro? Ocupar-se com uma *mitsvá*.” Ajudar uma instituição é uma *mitsvá* e, mesmo que outros saibam, Hashem fala: “Eu cuido disso.” Porém do resto nós precisamos cuidar.

A inveja tira a pessoa do mundo. Questiona Rabenu Yona: “Que tipo de pessoa não tem *ayin hará*? Quem está feliz com o que tem não se preocupa com o sucesso do outro.” Se Cain estivesse feliz consigo mesmo, não se incomodaria com o *corban* do seu irmão.

O mundo tem espaço para o sucesso de muitos, todos merecem um holofote. O fato de apontarem para o outro não tira o foco de mim, ambos podem brilhar. Todos têm *ayin hará*, é normal e instintivo. Mas quanto mais se aprende sobre estes conceitos, mais interiorizados ficam.

Quem está feliz com sua situação sem reclamar para Hashem aceita de forma tranquila a conquista alheia e compartilha dessa alegria. Depende apenas de quanto confiamos que Hashem controla nossas vidas. Cabe a cada um fazer sua parte e o resto vem Dele – e se vem Dele é bom. Encerramos o capítulo com um episódio verdadeiro ocorrido há poucos anos.

A MULTA

Doron morava em Beer Sheva, cidade em Israel um pouco distante de Yerushalaim, onde moravam seus pais. Eles já tinham certa idade e uma vez por mês Doron fazia o possível para visitá-los.

Certo mês, Doron estava sobrecarregado no trabalho, não conseguia uma folga, até que chegou o último dia do mês e ele resolveu: “Nunca falhei, não é hoje que eu vou falhar.” Cancelou todos os compromissos e apesar de estar super ocupado foi visitar os pais.

Yerushalaim tem lugares bem difíceis para estacionar, Doron deu várias voltas no quarteirão até encontrar uma vaga que talvez não fosse permitida. Achou que seria impossível o guarda de trânsito passar justo naquela hora, ainda mais porque ele não iria demorar muito.

Chegou na casa dos pais, conversou, deu uma atenção para o pai e para mãe que ficaram muito felizes. Quando ele voltou, viu no para-brisa do carro uma multa. Irritado, falou sozinho: “Cancelei meus compromissos para visitar meus pais, respeitá-los, cumprir uma *mitsvá* importante que fiz com carinho e justamente neste tempo o guarda de trânsito passou!”.

Doron tinha um conhecido muito próximo ao Rav Chaim Kanievsky e pediu a ele para contar ao Rav o que aconteceu: ele cumpriu a *mitsvá* de honrar os pais, sabe que tem recompensa e só ganhou uma multa! Ele queria saber porque isto aconteceu, se havia explicação.

Rav Kanievsky mandou o seguinte recado: “Fale para ele que essa multa foi boa!”. Doron ficou chateadíssimo, afinal como pode uma multa ser boa?! Pagou a multa, guardou o papel e não entendeu o recado.

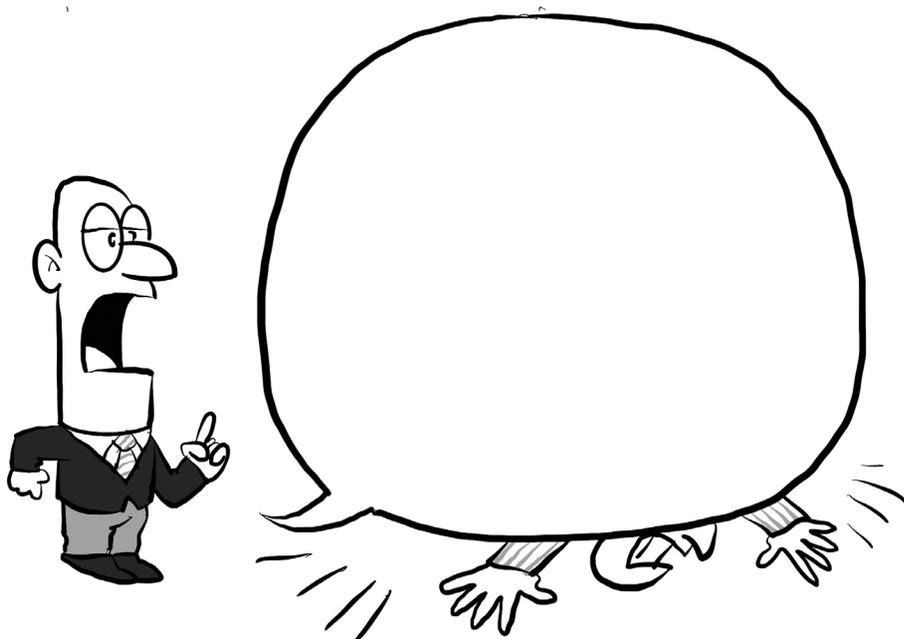
Poucas semanas depois, Doron recebeu uma intimação para se apresentar na corte porque um concorrente dele o acusou de roubar seu depósito. Doron argumentou: “Nunca teria feito isso com meu concorrente, só pode ser ciúmes, ele quer me prejudicar, eu não fiz nada!”.

Aquele concorrente afirmava ter algumas pistas que poderiam incriminá-lo, então Doron contratou um advogado para provar sua inocência. Foi então que ele se lembrou: “Recebi uma multa efetuada por um fiscal de trânsito, na mesma data que ele está me culpando por ter roubado o depósito. Aqui está a prova. Naquele dia eu não estava em Beer Sheva, estava em Yerushalayim visitando meus pais!”.

Doron pagou aquela multa, mas ganhou o caso e mais 50 mil *shekalim* por danos morais por falsa acusação. Às vezes parece que Hashem nos manda uma multa, mas ela nos salva de outros casos desagradáveis.

Que possamos reconhecer nossas *midot* e corrigir nossas falhas! Sobre educação, sobre não causar inveja, não privilegiar entre os filhos. *B’H* que cada um esteja feliz com sua parte, como diz Rabi Yona, e possa sorrir para a própria alegria e para alegria dos outros.

HÁ UMA FORÇA MAIS PODEROSA QUE A ELETRICIDADE, O VAPOR E A ENERGIA ATÔMICA



“

Para Ele, mais relevante que explicar como Ele fez o mundo é a atuação do ser humano, é deixar registrado o que nós fazemos para Ele.

”

CURIOSIDADE CIENTÍFICA

Entre as sete maravilhas, a primeira maravilha do mundo indiscutivelmente é a Torá. Portanto, nada melhor que ela para nos assessorar na abordagem de um tópico fascinante.

O universo tem 13.3 bilhões de anos-luz de largura, sendo que cada ano luz vale mais de nove milhões de quilômetros – apenas uma calculadora científica pode dar conta desta imensidão. Ainda assim, para este universo vasto e espaçoso que *Hashem* criou, Ele dedicou 31 versos na *parashat Bereshit* para nos contar sobre a criação e tudo o que existe nesse mundo.

Mais adiante, quando a Torá fala sobre o *Mishkan* (tabernáculo), a casa de *Hashem*, o *Beit Hamikdash* móvel, *Hashem* utiliza não dezenas mas centenas de versos. Então por que apenas 31 versos para explicar a construção de trilhões de quilômetros, mas centenas de versículos sobre o *Mishkan*, que embora seja importante é algo pequeno?

A resposta talvez seja porque o mundo foi construído por Hashem e, para Ele, mais relevante que explicar como Ele fez o mundo é a atuação do ser humano, é deixar registrado o que nós fazemos para Ele.

DEFININDO O SER-HUMANO

Como definir o ser humano aos olhos de *Hashem*? Qual a definição de uma pessoa? Na Torá está escrito que quando *Hashem* criou o ser humano, homem e mulher, Ele insuflou pelas narinas a *Neshamá*, um pedaço de *Hashem*.

Onkelos, um dos famosos comentaristas da Torá, nos reportou uma tradução do que nos foi dado no Monte Sinai, junto com a Torá em aramaico, que explica o seguinte: quando Ele insuflou nas nossas narinas uma parte d’Ele, que é a *Neshamá*, nos deu o poder da fala.

O PODER DA FALA

Nenhum dicionário do mundo vai traduzir ou definir o ser humano como “ser falante”, porém a Torá o descreve como *Nishmat Chaim* (vida), que Onkelos nos traduz como “o poder da fala”. Mas os animais também falam – ou melhor, se comunicam –, então por que o ser humano com o poder da fala é considerado o mais especial?

Nossos sábios contam em um *Midrash* que um dia, um vendedor ambulante passou por uma cidade gritando:

– Quem quer vida? Quem quer vida?

Obviamente, todos se interessaram. Começou a juntar gente, todas as pessoas descendo de suas casas para ver o que esse vendedor oferecia: seria uma vacina, algum antídoto especial?

Então o vendedor proferiu um verso do Tehilim:

– “Quem é o homem que quer vida? Aquele que cuida da sua boca.”

Isto é propaganda enganosa. O vendedor chega, repete um *passuk* que qualquer um consegue ler sozinho e a Torá ainda escreve um *Midrash* sobre isso? Acompanhem a seguir.

PARASHAT KORACH

Korach foi o homem que travou o maior duelo do mundo, pois teve a audácia de desafiar Moshê Rabenu. Ele reuniu várias pessoas que o apoiavam e foi falar com Moshê. Então questionou a autoridade do maior dos profetas, acusou-o de colocar pessoas da própria família no poder (nepotismo), discutiu com o homem que falou cara a cara com Hashem!

A situação exigiu a intervenção de Hashem porque a população estava de fato dividida. Korach era sábio e as pessoas que o seguiam eram muito elevadas, levantando dúvidas sobre quem é verdadeiro e quem está com razão.

Hora do pronunciamento. Como aparece na *Parashat Korach*, diz Hashem:

– Separem-se desta congregação de Korach (ou seja, quem está correto é Moshê) e eu vou destruir todos eles imediatamente.

O povo ficou assustado e retrucou com Hashem:

– O Senhor encontrou uma pessoa que pecou e vai destruir toda a congregação? Como assim, Hashem?

E neste impasse termina esse episódio na Torá.

Acontece que Korach estava agrupado com 250 pessoas de altíssimo nível espiritual, intelectual e de poder. Todos de fato pecaram. Rav Hirsch sugere o seguinte: Korach foi o líder dessa comunidade que o apoiava, era um ótimo orador e demagogo. Ele empregava com habilidade o poder da fala, de convencer os outros através de seus argumentos.

O erro foi de Korach porque usou seu poder para o lado negativo, fez sua congregação cair na teia, fazendo com que fosse quase impossível não ficarem grudados na armadilha. Korach, aquele *Isb* (expressão usada na Torá para se referir a um grande homem) conseguiu convencer 250 pessoas de um grau muito elevado a ir contra o maior dos profetas, aquele a quem nunca houve nem haverá outro igual, Moshê.

Quem tem o mérito dado por Hashem do poder da fala, possui um dom magnífico e pode convencer pessoas a irem para direita ou para esquerda, fazer o bem ou o mal, transformar o dia em noite e noite em dia e, no caso, até mesmo ir contra o maior dos profetas. Foi isso que o povo argumentou: um homem de fato pecou, Korach, e todos nós, seduzidos pelas suas palavras, seremos castigados?

Portanto, o que há de ímpar no ser humano de acordo com a definição da Torá é a fala, o poder de dialogar, convencer, afinal isso nenhum animal possui. O poder de se comunicar – não de fazer barulho – é o que Hashem nos deu quando criou o homem: a coroa da criação do mundo inteiro, daqueles trilhões de quilômetros de extensão, é ser único entre um trilhão de espécies. A fala pode ser um trator para arar campos, produzir frutos e pode ser uma arma para matar milhões e milhões de pessoas como ocorreu diversas vezes na história da humanidade e mais recentemente, infelizmente, na Segunda Guerra Mundial. A escolha é nossa, faz parte do nosso livre arbítrio.

FALAR DEVAGAR

Em 1963, um dos grandes homens da Torá nos Estados Unidos, Rav Yaacov Kaminetsky, viajou à União Soviética para visitar dois familiares sobreviventes da Segunda Guerra.

Muitos anos depois, a irmã do Rav Yaacov Kaminetsky foi para os Estados Unidos e se encontrou com o Rav que, naquela ocasião, estava com seu grande colega Rav Natan Sherman, um dos fundadores da famosa editora Artscroll.

Começaram a conversar e ela fez a seguinte observação:

– Desde quando meu irmão começou a falar de forma mais tranquila e devagar?

Rav Sherman estranhou o comentário dela e afirmou que ele sempre falou assim, com calma.

– Não, ele falava muito rápido, lembro-me bem!

Rav Kaminetsky pensou um pouco, reconheceu que a irmã tinha razão e explica:

– Eu mudei quando percebi que depois que se fala não tem como voltar atrás. Comecei a falar de forma mais tranquila para pensar antes da mensagem descer do cérebro para a boca.

Aquele grande sábio percebeu que a força da gravidade é rápida, faz descer a palavra instantaneamente e, uma vez pronunciada, não tem volta.

Mais uma passagem espetacular sobre o Rav Yaacov Kaminetsky. Havia em Nova York um jovem *yebudi* ávido por aprender Torá. Ele era motorista e aproveitava a chance de levar grandes rabinos que iam à cidade em seu carro aos eventos (casamentos, palestras, e encontros) para lhes fazer perguntas.

Certa vez, Rav Kaminetsky utilizou seu serviço e o motorista, como sempre fazia, ligou o gravador e começou a fazer perguntas e mais perguntas sobre a visão judaica e visão do mundo. De repente, a fita cassete terminou e o gravador fez um barulho. O jovem desculpou-se muito sem jeito:

– Desculpe Rav, eu costumo perguntar às pessoas que levo no meu carro se posso gravar a conversa e, quando me permitem, eu gravo. Agora comecei a gravar sem pedir permissão. Será que o senhor se incomoda de deixar gravado o que falamos?

Eis a resposta, que merece fazer eco nos nossos ouvidos:

– Eu nunca falei nada na minha vida que me envergonharia e que eu não deixaria ser gravado.

Este é o poder da fala de quem pensa antes de falar.

Uma curiosidade: como se escreve “palavra” em hebraico? מילה. As mesmas letras formam a palavra יהלם (diamante)! A palavra pode nos transformar e transformar os outros em diamantes. Ou não.

UM PASSUK CURIOSO

Na porção *Mishpatim*, encontramos o versículo que trata dos cuidados que devemos tomar ao lidar com pessoas mais frágeis, por exemplo, uma viúva ou órfão. Diz o versículo: “Se você **falar falar** e ele **gritar gritar** para mim eu vou **escutar escutar**.”

(Livre adaptação: Se você deixar ele mal, ele vai gritar para mim que ficou chateado com sua palavra fora do lugar e Eu vou escutar a chateação do órfão e da viúva.) Por que aparecem os verbos duas vezes? Qual o motivo de estar tudo dobrado? Podemos responder com o episódio a seguir.

SERÁ QUE EU SIRVO PARA ALGUMA COISA?

Um Rav muito importante foi certa vez a um Bar Mitsvá. Muitos convidados estavam presentes, ele dançou com o jovem e seu pai, todos comemoravam. Em certo momento, o pai do menino foi para um canto e começou a chorar.

Aquele grande Rav reparou, foi até ele e, preocupado, perguntou:

– Meu querido dono da festa, você está chorando? Aconteceu alguma coisa?

– Rav, será que eu sirvo para alguma coisa?

– Como assim? – surpreendeu-se o Rav. – Não entendi!

E o pai desabafou:

– Meu pai sempre falava isso quando eu era pequeno, e essa dúvida me persegue até hoje: será que eu sirvo para alguma coisa?

Tudo que falamos pode ficar na lembrança das outras pessoas por dias, anos, e até mesmo gerações – a ponto de um pai, no Bar Mitsvá de seu filho, ainda se lembrar com amargura das palavras ouvidas há tanto tempo: será que eu sirvo para alguma coisa? Não sabemos se ele ouviu uma, dez ou duzentas vezes quando era pequeno, mas até hoje escuta um **som som eco eco** na cabeça.

É a isto que o *passuk* se refere. Ao falarmos com uma pessoa frágil (em pleno Século 21 todos somos um pouco mais frágeis do que antigamente!), sejamos atenciosos com as palavras, porque o que falamos fará eco. A linguagem será dobrada porque repercute, talvez, para sempre...

PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

Em um curso para profissionais de educação foi levantada a seguinte questão aos participantes: “Qual sua lembrança mais marcante, no sentido positivo ou negativo, de um professor ou professora?”.

Houve vários relatos, todos puderam se expressar. Estavam presentes pessoas casadas, com filhos, anos e anos de atuação como professores e algumas reações foram incríveis!

Uma profissional tomou a palavra: “Não me esqueço de uma *morá* quando eu tinha três anos de idade. Sempre que eu entrava na classe ela dizia para mim: bom dia, chorona.”

Tantas décadas depois, esta professora ainda se lembrava das palavras de sua *morá*! Existem pessoas para as quais as falas de alguém – seja uma *morá*, o pai, a mãe ou o vizinho – ressoam por muito tempo.

Essa é a chave que ensina quão poderosa é a fala, nos dá a dimensão da sua importância, e reafirma a definição do ser humano como ser falante que se comunica com os outros e com Hashem. Focar, pensar, e investir no poder da fala faz do homem um gigante. Ferir com a palavra é grave, mas a fala também tem um lado positivo.

INCENTIVO

Este episódio verídico aconteceu nos anos de 1900 com um dos alunos da famosa e venerada *yeshivá* de Vologhin. Rav Eliahu David Rabinovich era o que se chama em hebraico de “*Matmid*”: alguém que não para de estudar, 24 horas por dia, sete dias por semana. Parecendo uma locomotiva a vapor, Rav Eliahu David Rabinovic estava sempre estudando e

crescendo. Em certo momento, se casou e formou uma família, embora sua situação econômica fosse muito precária.

Sendo um grande sábio, percebeu que não dava mais para viver sem condições de alimentar os filhos, então decidiu sair da *yeshivá* e trabalhar. Dirigiu-se ao shuk da cidade, a feira onde tudo acontecia na época, esperando que lá ele fosse conseguir um emprego. Estava pronto para procurar o que fazer quando alguém bateu em suas costas:

– Você é Eliahu David Rabinovich que estudou em Vologhin anos atrás?

Ele assentiu.

– Eu me lembro de você. Quanto tempo! Você já deve ter uma família!

Confirmou novamente.

– O que você se lembra de mim?

– Eu me lembro da sua *Hatmadá*, de como você era constante! Estudava sem parar, com fervor. Sua *Hatmadá* me inspira até hoje. Você continua da mesma forma, com a mesma constância?

Rav David nem respondeu, sentiu a importância do seu estudo e de tudo que estava prestes a perder ali no mercado. Retornou para o *Beit Hamikdash*, continuou com seu empenho e devoção, e se tornou mais conhecido como Aderet. Ele foi Rav de Ponovetz, em seguida Rav de Mir, e depois sucedeu Rav Schemuel Salant como Rav em Yerushalaim.

Conta-se que logo após aquele episódio no shuk, Rav Rabinovitch voltou a procurar aquele homem e nunca mais o encontrou. Será que Eliahu Hanavi apareceu e mudou sua vida no momento que mais necessitava? Se não fossem as palavras de incentivo e reconhecimento ele não teria regressado aos estudos e alcançado tudo o que conquistou.

FORÇA

Todos nós, em algum momento, precisamos de uma palavra de aquecimento. É de Einstein a citação valiosa: “Há uma força mais poderosa do que o vapor, do que a eletricidade, do que a energia atômica – a força de vontade.” Por que essa força de vontade não aparece para muitas pessoas? Onde ela mora? Talvez seja porque não regamos essa semente.

Muitas vezes o aluno, o homem de negócios, a pessoa de sucesso em casa e na sociedade é aquela que sai da sua zona de conforto. A psicologia também fala sobre a zona de conforto, mas o que há de tão especial nesta expressão? Por que é tão difícil sair dela? Talvez seja por preguiça, talvez por medo. O remédio para não ter medo é ser criativo, agir fora da caixinha, ter coragem para investir em outro negócio, falar de outro modo.

Estímulo é o que todos precisam e todos podem conseguir. Como naquele curso para professores mencionado anteriormente, lanço a indagação: qual professor ou mentor mais lhe marcou? Certamente não foi o que deu mais matéria, mas sim aquele que mais amou, mais incentivou, talvez aquele que fez um elogio, que trouxe aquela palavra de incentivo, ou talvez mesmo o contrário... Este é o poder que temos em nossas mãos e na nossa fala.

SEGURANÇA

Gosto de conversar com os jovens antes de fazer seu Bar Mitsvá. Normalmente eles estão ansiosos, então conto para eles como senti medo de errar quando foi a minha vez – o que é natural, afinal, errar é humano.

Provoco:

– O que vai acontecer se você errar?

Eles ficam esperando alguma dica muito importante e eu a dou:

– Sabe o que vai acontecer? Nada.

Nesta hora eles precisam de segurança, de palavras que encorajam e dão vida, que os incentive a superar o medo. Uma palavra para encorajar

alguém ou a nós mesmos é o que importa. O poder de sair da zona de conforto graças a uma boa palavra é o melhor que o homem tem e pode oferecer de especial.

SAIR DA ZONA DE CONFORTO

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve o *kindertransport*, como os alemães denominavam o transporte de jovens de 10 a 12 anos de idade em vagões de animais. Algumas dessas crianças tiveram a oportunidade de ir para a Inglaterra, sendo salvas e acolhidas em orfanatos ou casas de ajuda. Ainda durante a guerra, um entrevistador inglês foi conversar com estas crianças.

Havia entre esses jovens um menino muito triste chamado Daniel. Ele não sorria, o que era compreensível, porém outros garotos já estavam se habituando com a situação enquanto ele não conseguia superar o fato de estar longe dos pais.

O entrevistador perguntou o que podia fazer por ele:

– Se quiser me ajudar, eu quero um encontro com o rei da Inglaterra.

Ele não acreditou quando soube que o rei atendeu o seu pedido! Porém ao chegar ao encontro, o jovem Daniel percebeu que não era o único presente: diversas crianças esperavam o rei. Ele pensou que seria uma audiência particular, mas na verdade era um encontro em grupo. O rei foi passando, acenando, dizendo umas palavras e já ia embora. Fim. Num impulso, o jovem Daniel se levantou e deu um pulo. Os guardas tentaram impedir, pois ninguém é autorizado a se aproximar do rei.

O rei, ao ver aquele menino saindo de sua zona de conforto, em vez de mandar puni-lo, pede que o levem até ele:

– O que você quer, que o fez sair da fila e se colocar em perigo para falar comigo?

Daniel responde que está com saudade dos pais e quer vê-los.

O rei sabe:

– Eles estão na Alemanha e você quer que eu os traga para cá? É impossível.

Daniel ousa:

– Ouvi falar que você é o rei e que o rei consegue tudo!

Pasmo, o rei respondeu que iria tentar.

Algum tempo depois, chegaram no orfanato o pai e a mãe de Daniel, trazidos da Alemanha para a Inglaterra pelo rei a pedido do menino.

Muitos anos depois, em outra entrevista no orfanato, esta história foi relembrada e a pessoa entrevistada, já homem, chorou.

O entrevistador indagou:

– Por que o senhor ficou tão comovido? O senhor era muito próximo de Daniel?

O homem negou.

– Então porque que o senhor chorou?

– Eu me lembro de Daniel, mas nós não éramos próximos. Eu também estava naquela audiência com o rei e estou chorando porque eu não saí da fila, não pulei para falar, não tive coragem, não tive audácia de falar com o rei. Daniel conseguiu ter seus pais ao seu lado e eu choro porque nunca mais vi meus pais...

Que possamos usar nossas palavras para o bem e lembremos: o que nos torna únicos entre todos os seres da criação é o poder da fala. Aprendemos sobre o impacto de uma fala negativa e, mais importante, o valor da forma positiva de criar, de sair da caixinha, de sairmos da zona de conforto. Que saibamos estimular os outros e a nós mesmos a utilizarmos a fala de forma benéfica, impactante, e magnífica.

**Vivendo melhor
consigo mesmo**

EDUCAÇÃO: PARA ONDE CAMINHAMOS?



“

*Ceder em tudo não é amor,
porque quem ama deve
educar e educar também
significa impor limites.*

”

O QUE SERIA DE NÓS SEM ESTE ASSUNTO?

Entre todas as áreas de conhecimento, uma se sobressai pela forma que afeta a todos. Possivelmente seja um dos setores que mais demandam tempo e dinheiro de uma família. Pode-se saber muito sobre o tema e muito ainda há para aprender sobre ele.

Em Direito, talvez uma pessoa conheça todas as leis. Na Medicina, médico era o clínico geral que tratava de todos. Com novas descobertas surgiram especialistas, como o oftalmologista para os olhos, o otorrinolaringologista para o ouvido e a garganta – cada um se tornando *expert* em determinada área. Em *halachá* encontramos especialistas em *tefilin*, *micvê*, *casbrut* – enfim encontramos pessoas que conhecem essas questões a fundo. Entretanto, neste assunto específico, ninguém sabe tudo e pode dizer que completou os estudos. Trata-se da educação.

TALMID CHACHAM

Uma das expressões utilizadas habitualmente para nos referirmos a um sábio da Torá é *talmid chacham* (aluno sábio). A própria expressão já é uma sabedoria. Por que não falar somente “sábio”, mas “aluno sábio”?

Ele nem tem mais professor, ele próprio já é professor – por que chamá-lo de aluno? É porque toda pessoa precisa aprender, até mesmo o maior sábio do mundo ainda é aluno.

Imagine um grande sábio, conhecedor das *balachot* dos mais diversos temas, que possui os quatro tomos do *Shulchan Aruch* na palma da mão e, ainda assim, é um *talmid chacham*. Sábio, mas ainda aluno, sempre aprendendo. Seguimos então aprendendo, com uma abordagem inédita sobre o tema.

O QUARTO PATRIARCA

Nosso povo teve quatro matriarcas, e sem elas não haveria povo *yebudi*. São elas: Sarah, Rivka, Rachel e Lea. E foram três patriarcas: Avraham, Yitschac e Yaacov. Deveríamos ter mais um – quatro patriarcas correspondentes às quatro matriarcas –, e este seria Essav, irmão gêmeo de Yaacov.

Todos os dias diríamos seu nome durante a *Amidá*: “*Elobênu velobê avotênu, Elobê Avraham, Elobê Yitschac, Elobê Yaacov velobê Essav*”! Porém, isto não aconteceu. Essav perdeu a oportunidade de constar na *Amidá* e de ser honrado como o quarto *avot*. O que não deu certo?

Repetimos a explicação de Rav Shimshon Hirsch no comentário sobre o *Chumash* para que possamos aprender dos erros dos *tsadikim* e colocarmos este ensinamento em prática hoje. Eis seu comentário no *Chumash*:

ESSAV E YAACOV

Yaacov era uma pessoa íntegra, tranquila, e completa. Ele é o único que tem sua figura gravada no trono celestial de Hashem, e – diz Rashi – sentava-se na tenda da Torá. Yaacov nasceu e cresceu dentro dos melhores moldes. Ele seria aquele aluno da primeira fila na sala de aula, ansioso em aprender cada vez mais. Seria reconhecido como aluno de destaque da melhor *yeshivá* ou universidade, enfim, o sonho de todo professor.

Yaacov tinha um irmão – não somente irmão, mas um irmão gêmeo – chamado Essav. Essav era bem diferente, era caçador, mais corporal, menos intelectual, mais físico, energético. Ele não conseguiria sentar na primeira fila, na verdade, ele faria parte da turma do fundão!

Rav Shimshon Hirsch nos ensina que por uma falha de seus pais, Yitschac e Rivka, Essav foi prejudicado. Como educaram os filhos gêmeos da mesma forma, não os viram em suas individualidades e quiseram sentá-los na mesma carteira. Yitschac, o grande *tsadik*, cometeu um erro e o resultado foi fatal: fez com que Essav se perdesse e não alcançasse seu potencial.

CADA UM É ÚNICO

Chinnuch (educação) é um tema que ocupa muito tempo na cabeça de pais, profissionais de escolas e do ensino – e ninguém nesta área é *expert*, são todos *talmid chacham*. Quando se trata de educação é preciso ter em mente que filhos, alunos, pessoas da comunidade, funcionários, e cada um com quem temos contato são indivíduos únicos, diferentes um dos outros e que é impossível lidar com todos da mesma maneira.

O importante não é somente perceber que eles são diferentes, o que já é um grande passo, mas aceitar e tratar cada um da forma como é, e não como gostaria que ele fosse.

Nas palavras da *Guemará*, da mesma forma como o semblante de cada um é diferente, assim também é a forma de pensar, o emocional e o intelectual de cada ser humano. Onde estiver, seja em casa com seus filhos, na sinagoga com a comunidade, ou na escola com 20 alunos, saiba que na realidade há 20 mundos dentro de uma classe. Cada pessoa é um mundo.

CADA UM NA SUA

O melhor piloto de Fórmula 1, campeão mundial, aquele que todos consideram vencedor antes mesmo da corrida começar não saberia como pilotar um avião. O camisa 10, melhor jogador da Copa do Mundo,

que dá um show de futebol, talvez não saiba jogar beisebol. Afinal, só porque ele é craque em um jogo, não quer dizer que ele será excelente em outro.

Cada pessoa tem um talento específico, os exemplos são infinitos. O problema é não enxergar suas diferenças e tratar todas como se fossem iguais. A grandeza é apreciar cada pessoa na sua melhor versão.

O CÓDIGO DE LEIS

O *Shulchan Aruch* é composto por quatro tomos que discutem diversos assuntos como dieta alimentar, *Shabat*, finanças, agricultura, saúde, casamento, e até mesmo como sócios devem dividir uma empresa. O *Shulchan Aruch* abrange quase todos os assuntos, mas não absolutamente tudo, pois falta um tópico sobre o qual não existem leis: educação.

Justamente sobre educação – da qual depende a continuidade do povo – não foram escritas leis? A resposta é não. Uma vez que cada pessoa é diferente das outras, fica impossível definir leis e regras, assim como adaptar um padrão único para todas.

UMA BARRIGA, DOIS MUNDOS

Um famoso *passuk* descreve que quando Rivka estava grávida e passava na frente do *Bet Hamidrash* (casa de estudo), sua barriga se agitava – ela sentia que o bebê parecia estar pronto para sair, entusiasmado para entrar na casa de estudo.

Acontece que quando ela passava pela porta de uma casa de idolatria, a barriga dela também se mexia. Ela pensava: “Eu não era fértil, queria tanto ficar grávida, e agora parece que espero uma criança que vai dançar em dois casamentos ao mesmo tempo...”

Confusa, foi procurar um dos grandes sábios da época, que disse para ela não se preocupar: “Seu bebê não é uma coisa de tarde e outra de noite. Ele não vai mudar. Você tem dois filhos na barriga!” Rivka foi avisada

desde o começo. Você tem dois bebês, duas vidas, dois povos aí dentro completamente diferentes.

Yaacov e Essav nasceram: o primeiro é “*tsadik* de nascença”, o que for ensinado ele vai entender e querer saber mais, enquanto o outro tem muita energia corporal e pode desenvolver seu potencial se tiver a oportunidade – talvez como uma parte do que o Rei David era, comandando guerras ou cuidando do patrimônio do povo.

RESPEITAR AS DIFERENÇAS

Para cada homem sentado no *cofel*, é necessário que alguém participe financeiramente e o sustente. Este estudioso, sem dúvida, tem todo o mérito pela sua dedicação e força de vontade. Esta parceria do estudo e daquele que o ajuda financeiramente é chamada de *Issachar e Zevulun*. O mesmo deveria acontecer entre Yaacov e Essav: Yaacov seria aquele que se ocuparia com a parte espiritual, enquanto Essav se ocuparia com a parte financeira do povo.

Quando os pais não percebem – ou não consideram – as diferenças entre os filhos e impõem sua vontade ao educá-los, o resultado, infelizmente, será destruição no lugar de educação.

“Quero que meu filho seja médico, profissional liberal, empresário... Queira o que ele quiser ser!” No mundo existem muitas profissões, no mundo de Torá existem muitas *yeshivot*. Qual é a melhor? Depende para quem.

Existem pessoas que são pilares na comunidade. Elas ajudam, sustentam, doam seu tempo, dinheiro, carinho e não necessariamente são as que se sentam na fileira da frente. A turma do fundão pode estar sustentando muitas comunidades e ajudando de acordo com suas capacidades.

Devemos ver, apreciar e valorizar pelo que são e não como gostaríamos que fossem. Yaacov e Essav foram peças únicas, cada peça com um design exclusivo – ter utilizado o mesmo molde para ambos foi fatal.

UNIFORME É OBRIGATÓRIO?

Será que todos os homens devem vestir camisa branca e gravata? Alguns preferem camisa polo. Dificilmente, depois de 120 anos bem vividos, Hashem nos perguntará se usamos a camisa branca ou listrada...

Cada um deve agir conforme o costume da sua *yeshivá* ou do seu meio, não precisamos ser iguais. Devemos observar as leis e esquecer os estereótipos porque as pessoas não são iguais.

Na mesa de *Shabat* surgem exemplos de como cada um prefere agir: um filho adora cantar, outro prefere fazer uma pergunta desafiadora da *parashat*, enquanto outro prefere ajudar a preparar a mesa do *Shabat*.

Sábio é o pai e a mãe, o Rav, o patrão da empresa, o diretor da escola, o professor da classe que consegue enxergar e oferecer oportunidades para cada um fazer o que quer, o que sabe, e o que gosta de fazer. Que privilégio é crescer em um ambiente onde todos participam, onde encontram espaço para otimizar e utilizar **seu próprio** potencial.

CRIATIVIDADE

Uma criança com menos de um ano, que está começando a comer as primeiras sopinhas, empurra o prato, suja, e não aceita. Para distrair, a mãe faz barulhos, imita um aviãozinho com a colher, e brinca para que a criança aceite a refeição.

Parece que pai e mãe são criativos por instinto, que se superam a cada necessidade! Desde muito cedo, os pais tentam perceber o que chama a atenção da criança, o que ela prefere, para iniciar a tarefa infinita de educar. Isto requer sabedoria, carinho, coragem e muita criatividade.

DESPEDIDA DE RIVKA

A última vez que a matriarca Rivka aparece no *sefer* Torá é em Bereshit (28;5):

אִם יִעֲקֹב וְעֵשָׂו

Mãe de Yaacov e Essav.

Por que a Torá decide nos deixar o título de Rivka – “mãe de Yaacov e Essav”? Não é algo óbvio e que já sabíamos? Está claro que Rivka é a mãe de Yaacov e Essav. O *passuk* explica além do DNA, quando ela entendeu que seus filhos eram simetricamente opostos um ao outro. O maior louvor dela foi que ao fim da vida conseguiu perceber a grandeza de Yaacov e, separadamente, a grandeza de Essav. Ver, detectar, perceber e tratar cada um deles de acordo com o que são.

YAACOV ABENÇO A OS FILHOS

No final da vida, Yaacov deu uma *berachá* para cada um dos seus filhos que no futuro seriam as doze tribos de Israel. Ele poderia ter se antecipado, então por que esperou até o fim da vida para abençoar?

Está escrito no *sefer* Torá que cada um recebeu a *berachá* conforme o que era. Após tantos exemplos aqui demonstrados, certamente Yaacov agiu certo quando pensou: “Agora que eu já vivi a vida inteira, adquirir experiência, sabedoria da idade, consigo detectar exatamente 100% como é cada um.”

Sabendo o poder da sua *berachá*, ele esperou até o último momento possível para ter certeza de que conhecia cada um dos seus filhos antes de abençoá-los para a eternidade, afinal eles são as doze tribos de Israel. Yaacov viu, entendeu e valorizou cada um de acordo com suas potencialidades e assim os abençoou.

TAL PAI, TAL FILHO?

O *mashguiach*, mentor espiritual da Yeshiva, mais conhecido da geração passada foi Rav Wolbe. Aluno do célebre Rav Yerucham em Mir, na Europa, Rav Wolbe foi grande estudioso de *Mussar* e autor dos dois volumes do *Alei Shur*.

Era de se esperar que seu filho, seguindo os passos do pai, também fosse um *mashguiach*. Porém acontece que o sonho deste filho era tornar-se piloto de avião na Força Aérea Israelense. A grandeza de Rav Wolbe transparece mais ainda porque ele percebeu, agiu e apoiou o desejo do filho.

Quando esse filho entrava na *yeshivá* onde Rav Wolbe ocupava a primeira cadeira, ele discretamente sentava-se atrás vestindo sua roupa de soldado. Obviamente chamava a atenção, destoava bastante da vestimenta daquelas centenas de alunos de camisa branca e terno, com ou sem chapéu, que estavam ali. O pai fazia questão de acenar e chamar o filho para sentar-se na frente, perto dele. Este filho declarou que apesar de seguir um caminho tão diverso, nunca sentiu que seu pai o tratasse como alguém de segunda classe ou segunda divisão. Seu pai não se envergonhou de sua roupa e entendeu que essa era sua melhor versão, o melhor que ele poderia ser, e o valorizou.

NOVOS TEMPOS

Certa vez um cliente entrou numa loja de artigos para animais, interessado em comprar uma roupa para cachorro. O vendedor mostrou várias opções até que o cliente decide:

– Quero esta.

– Que tamanho?

Então começou a dúvida novamente. O cliente achou que o tamanho pequeno não serviria, que o maior ficaria muito grande, e o vendedor, querendo efetuar a venda e ajudar, teve uma ideia.

- Traga seu cachorro aqui, experimente nele e faça a compra certa.
- Não posso porque é aniversário dele, é festa surpresa, ele não pode saber!

Bom humor é sempre bem-vindo, e esta brincadeira só faz sentido nos dias de hoje porque os tempos mudaram... Os hábitos mudaram, assim como a moda, a decoração, a tecnologia. Tudo mudou muito.

É enorme a diferença entre a geração de 20 anos atrás e a de hoje. A nova geração requer novo tratamento. Antigamente não existiam celulares, jogos, aplicativos, até viagens de avião eram raras, mas hoje tudo isso é tão comum!

Se concordamos que tudo mudou, é fundamental mudarmos também. Vemos mudanças nas escolas: as aulas duravam uma hora, depois passaram a durar 50 minutos, e agora na maioria das escolas cada aula dura 45 minutos. Na Ásia, fazem aulas de meia hora, porque as pessoas não se concentram além deste tempo.

Antigamente o pai perguntava para o filho: “Que nota é essa que você tirou?”. Hoje o questionamento é outro: “Professor, que nota é essa que você deu para o meu filho?”.

Sabendo que cada indivíduo é único, que os novos tempos nos façam ver e assegurar a quem está ao nosso lado que o entendemos. Que possamos falar honestamente: “Esse é o melhor que você pode ser, estou orgulhoso do jeito que você é!”. Na verdade, cada um tem um potencial brilhante dentro de si.

Costumamos ouvir (ou falar): “Na minha época estava certo, porque agora...” Mas agora já não é mesmo aquela época. “Na minha época a gente ganhava uma mesada pequena e era suficiente, porque agora não é?” A resposta já está na pergunta: porque agora não é aquela época. Aceitemos, os tempos mudaram. Precisamos reconhecer as individualidades e também as diferentes gerações.

PARAÍSO SEIS ESTRELAS

Em Bereshit temos uma lição magna referente à educação. Adam *Harishon* recebeu tudo quando foi criado. A *Guemará* conta que antes do pecado os anjos, levavam para ele carne e vinho, ele vivia naquele paraíso belíssimo, um lugar exótico, espetacular, com tudo do bom e do melhor. Vivia lá com a esposa, tudo suave, gostoso, só sombra e água fresca para Adam.

Tudo estava maravilhoso até que Hashem fala:

– Adam, tudo isso é seu. Só tem um problema, só de uma árvore você não pode comer.

Adam não entende:

– Mas que sem graça. Por quê?

MAS EU QUERO

Imagine que uma criança faz aniversário e ganha a festa com tudo o que mais gosta: tem Mickey Mouse, balão vermelho, teatrinho, futebol, tudo. A criança só não pode comer brigadeiro mas, bem no centro da mesa de doces toda decorada, tem um prato cheio de brigadeiro, que a criança adora. Se não pode comer, por que a mãe colocou o brigadeiro lá? Por que Hashem deu tudo e proibiu aquela árvore?

É como se Hashem dissesse: “Eu quero que você tenha muito prazer, curta muito a vida, desfrute, mas saiba que tem uma árvore que você não vai poder comer. Tem um brigadeiro lá na mesa que você não vai poder pegar”. Não seria mais fácil não mostrar a árvore? Com esta passagem da Torá, Hashem nos ensina agora, no século 21, que nós precisamos **ter limites**.

O PODER DE FALAR NÃO

Grande é o adulto que consegue falar **não**, que se posiciona, não se envergonha em frente aos amigos e age segundo seus valores. Essa é a virtude do ser humano. Hoje, o jovem está numa escola judaica, amanhã irá para a faculdade, para o mercado de trabalho, irá conviver com gente de diferentes valores e ideias.

A pessoa que sonhamos criar é aquela que vai saber falar **não**. Não para drogas, não para bebidas e independente do nível religioso, que saiba dizer **não** ao que for contrário aos seus princípios.

Para que um jovem possa falar não, é preciso que tenha escutado um não. É preciso que ele tenha limites.

Muitas vezes os pais receiam colocar limites e com isso os filhos pensarem que é falta de amor. Ceder em tudo não é amor, porque quem ama deve educar e educar também significa impor limites. Ter limites: esta foi a primeira lição que Hashem ensinou para Adam.

COMO FALAR “NÃO” SEM NUNCA ESCUTAR “NÃO”?

Um jovem completa 18 anos e ganha um carro zero km ostentador. Será que não seria mais prudente esperar mais um pouco para dar um carro novo? Para que ele talvez possa participar da compra e até mesmo valorizar mais o presente? Será que o pai deve dar tudo?

Como será na vida, no trabalho e no mundo uma pessoa que recebe tudo e nunca escutou um não? Se quando a escola fala não, o pai vai brigar com o diretor, o filho não saberá escutar um não porque seu pai nunca terá ensinado. O não é saudável. O não é a musculação emocional que, junto com carinho e bom senso, os pais precisam fornecer aos filhos.

Uma pesquisa curiosa aponta que 25% dos jovens no Brasil são dependentes de celular ou joguinhos eletrônicos, e quando retirados de suas mãos ficam agressivos, surtam, entram em pânico. A pesquisa analisou jovens, mas sabemos que com adultos ocorre o mesmo. Valente é quem vai dormir e coloca o celular no modo avião.

Quem no *Shabat* aperta o botão de *off* no celular sabe que o smartphone veio para servir o *Smart Man* e não o contrário...

O não, sem exagero, ajuda a viver melhor. Um filho precisa ver no pai e mãe figuras de limite e carinho: condições complementares que devem andar lado a lado. Crianças não conseguem se controlar sozinhas, precisam de limites. Quem ama, limita – obviamente que com carinho, paciência e *refilá*.

UMA HISTÓRIA INSPIRADORA

Na *yeshivá* Chaim Berlin, em Nova Iorque, um aluno começou a chegar atrasado para os estudos, rezas, e todo o resto. O Rav advertiu: “Por favor, tente chegar na hora, você está sendo um mau exemplo para os outros.”

Isso se repetiu por dias, semanas, e meses, até que o Rav mandou que ele fosse procurar o diretor, o *Rosh yeshivá*, Rav Hutner. O aluno bateu na porta do Rav Hutner constrangido.

– Sim, o que você faz aqui agora?

– Eu não queria, mas meu Rav mandou vir procurar o Senhor.

– Conte-me. Eu quero saber o que está acontecendo para poder lidar com a situação.

– É porque eu chego tarde no *shiur*, nas aulas, na reza. Não faço nada direito, já me avisaram várias vezes, mas eu não estou indo para frente!

– Por que você chega tarde?

– Porque eu durmo tarde.

– E por que você dorme tarde?

– Porque eu adoro trocar trompete e à noite eu saio, vou para longe tocar.

– Vá ao seu quarto, busque o instrumento e traga imediatamente para mim!

O rapaz saiu cabisbaixo, entendendo que ficaria afastado do seu melhor amigo, o instrumento que era seu companheiro. Ele volta correndo e entrega o trompete ao Rav:

– Entendo, o Senhor está certo, eu não tenho o que dizer.

– Sente-se e toque uma música.

– Claro, Rav – e começou a tocar.

– Você toca muito bem. Eu acho que você deve continuar tocando, mas que não atrapalhe seus estudos. Vamos combinar um horário, até que horas você pode tocar. E vou te pedir um favor, quero que você venha todos os *Rosh Chodesh*, o primeiro dia de cada mês, tocar seu instrumento aqui na minha sala porque eu gostei tanto que isso vai deixar meu *Rosh Chodesh* diferente.

Mais tarde, o jovem reconheceu, agradecido, que a reação do Rav em compreender e acolher aquele garoto perdido o ajudou a se tornar um *yebudi* que adora a Torá e um músico orgulhoso de sua arte por tocar todo mês para o *Rosh yeshivá*. Que Hashem faça com que as nossas plantas – nossos filhos e nossos alunos – possam florescer da forma mais brilhante possível da forma que são.

**CADA UM TERÁ A VISÃO DA
MONTANHA QUE SUBIR**



“
*Educar é
compreender o filho,
mesmo sem precisar
concordar com ele
sempre.*”

SATISFAÇÃO E ALEGRIA

Vamos abordar um tema que sempre me chama atenção: o quanto a Torá é infinita. Se pesquisarmos as palavras “satisfação” ou “alegria” no Google, vamos encontrar uma série de definições; no entanto, vamos ver o que a Torá tem a nos dizer sobre isso, sobre o que Hashem espera de nós e sobre como uma pessoa pode se sentir mais satisfeita com a vida que já tem.

Na Torá, tudo começa com Adam Harishon, o primeiro homem a ser criado. Adam Harishon era filho direto de Hashem, sem intermediários. O Talmud nos conta que ele tinha uma visão tão apurada e clara, que se estendia do começo até o fim da história do mundo. Por exemplo, Adam Harishon viu o que aconteceu com Noach, viu o antissemitismo em Paris no século XX e XXI, viu também que o iria acontecer na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, e viu as diversas épocas de ouro que o judaísmo floresceu nos quatro cantos do globo. Ele viu o mundo inteiro, viu toda a história da humanidade.

Hashem pediu para Adam nomear todos os animais de acordo com a essência de cada um deles. Um boi se chama “boi” em português somente por convenção, mas em hebraico cada palavra tem uma razão.

Por exemplo, cachorro em hebraico é *kelev*. Não é à toa que dizem que o cachorro é o melhor amigo do homem, a palavra *kelev* vem da expressão *ke lev* (como o coração) – e assim ele nomeou todos os animais.

Em um momento, Hashem lhe disse: “Agora Eu quero que você dê um nome para sua própria pessoa. Como você vai se chamar?”. Adam Harishon olhou para cima e disse: “Meu nome será *Adam*” (que em português é “Adão”). Só que Adão em português não quer dizer nada, é só um nome, já em hebraico, há um significado.

A palavra mais próxima de *Adam* é *adamá* (terra). Aparentemente, Adam foi um pouco infeliz na escolha deste nome, pois para todos os animais ele conseguiu dar o nome ideal. Os Sábios contam que no primeiro momento Hashem havia delegado aos anjos essa missão, mas eles não conseguiam ver a essência dos animais e não conseguiram fazer o trabalho. Adam Harishon conseguiu fazer o que nem os anjos conseguiram, mas quando chegou a vez de nomear a si mesmo, ele escolheu um termo ligado à terra. Parece meio triste o fato de ele ter escolhido esse nome e ainda saber que esse acabou sendo o nome dado a cada um de nós. Por que somos chamados de *Adam* (terra)?

Há duas gerações havia uma grande *yeshiva* em Slabodka. Vários *rashê ieshivot* das gerações passadas, e quase todas as *yeshivot* de destaque nos Estados Unidos, foram alunos do chefe da *yeshiva* de Slabodka, Rav Natan Tzvi Finkel, que nos explica que dentro de cada ser humano existe um anjo e um “animal”. Nenhum homem pode se dizer isento de tentação nem dizer “estou longe de ser um anjo”. Assim vamos ver que, na verdade, quando Adam Harishon se chamou de Adam, foi o nome mais espetacular e feliz que ele poderia ter encontrado.

Em *minchá* de *Iom Kipur*, quando está quase terminando o jejum, lemos uma *parashá* que diz para um homem não ter relação sexual com a mãe, nem a irmã, a avó, e assim por diante... O *rosh yeshiva* de Slabodka diz que não entende por que depois de vinte horas sem comer – e agora mal conseguindo ficar de pé –, o que se fala para o homem e para a mulher no final de *Yom Kipur* é a respeito das relações sexuais proibidas. Quem precisa escutar isso no fim de *Yom Kipur*? Poderia ser talvez no começo, quando a pessoa está bem alimentada, mas no final do jejum não tem

diferença nenhuma entre um jovem de 21 anos e um senhor de 80! Já estão todos cansados, mais para lá do que para cá...

Adam Harishon nos ensina, explica Rav Finkel, que no momento em que estamos no topo – ou seja, no último trecho da Torá que vai ser lido no *Yom Kipur* –, quando estamos mais frágeis fisicamente, é que devemos ler essa *parashá* para lembrar que dentro de cada anjo é possível ter também um animal. Esse animal tem vontades e ninguém está isento de tentações. Dizemos que a palavra Adam é próxima da palavra “*adama*” (terra). O que fazemos na terra? Plantamos. Isso mostra que o homem é um campo e que ele vai ter dentro de si o que ele plantar, mas mesmo o homem que planta em si a coisa mais maravilhosa do mundo ainda está vulnerável a tentações.

No *Sêfer Bereshit* aprendemos que em cada dia da criação Hashem criou alguma coisa: animais, anjos, céu, terra, água e todo o resto. E todas as vezes que Hashem criava algo, Ele dizia as seguintes palavras: “*Vaiaar Elokim ki tov*” (E viu Hashem que era bom). Tem um caso em que Ele não falou isso no mesmo dia, mas ainda assim, falou no dia seguinte. Ou seja, todos os dias Hashem criou algo e depois disse as seguintes palavras: “Espetacular, estou muito feliz com o que Criei”.

Quando Hashem criou os peixes, Ele disse “estou feliz”; quando Hashem criou os insetos, falou “estou feliz”; quando Hashem criou a girafa, disse “estou feliz”; mas quando Ele criou o Adam, sabemos que não disse “*vaiaar Elokim ki tov*” (E viu Hashem que era bom). Aqui temos que fazer uma pergunta: por que Hashem criou o mundo todo? Para quem? Para vocês, para nós! Então se o mundo inteiro foi criado para o Adam, quando Hashem criou o homem no sexto dia Ele não deveria ter dito que estava bom, e sim que era espetacular! Mas Hashem não falou que estava satisfeito com a criação do homem. Por que não?

Um dos livros importantes da nossa literatura é o *Sêfer Haicirim*, e lá Rav Albo diz uma coisa incrível. O que quer dizer “*ki tov*” (que é bom)? Quando você diz que algo está bom, quer dizer que já deu, que já está feliz o suficiente com o empreendimento, com o investimento, com o projeto que fez. Mas para o homem, para o ser humano, não existem as palavras “*vaiaar Elokim ki tov*”. O animal foi criado já em seu estágio

final, mas o homem não! Isso porque o homem, diz o Rav Albo, tem que estar sempre em constante progresso. Para um elefante, para um cachorro, podemos falar que está bom, que já é suficiente, mas para o Adam Harishon não. Dizer que é bom quer dizer que “já deu”, e para o homem nunca “já deu”. No momento que o homem fala para si mesmo “já deu”, ele cai.

Cada um de nós já viu no shopping, no aeroporto, ou em outros lugares uma placa escrito “desculpe o transtorno, estamos em reforma”. Essa é a placa que cada um de nós deveria usar durante os 120 anos de saúde da nossa vida (sem se desculpar pelo transtorno...). Estamos em reforma porque a palavra Adam, de *adamá*, é de alguém que tem que estar continuamente sendo plantado e em crescimento. O homem pode e deve ficar feliz com o que já fez, mas não pode nunca esquecer que ele tem que continuar a caminhar para frente.

A *Guemará* em *Berachot* (17a) nos conta que quando um sábio encontrava outro e iam se despedir, um dava uma *berachá* para o outro que era “*olamach tirê bechaiecha*” (que você possa ver o seu mundo à sua frente). O que isso quer dizer? Rav Shimon Schwab explica da seguinte forma: a palavra *olám* (mundo) vem da palavra *neelam* (oculto), ou seja, o que está escondido. Quando um Rav se despedia do outro ele dizia “que você veja o seu mundo, o que você deve ver e o que está oculto de você”. A bênção é para que o outro consiga ver o seu objetivo que está escondido.

Ou seja, a palavra Adam é a melhor palavra do mundo! Adam Harishon acertou o nome para todo mundo e para ele também. O nome Adam vem de *adamá* por duas conotações: a pessoa planta o que quiser e pode virar um anjo, mas o mesmo anjo pode ter um animal em si; e também *adamá* porque nós precisamos plantar e estar em crescimento constante, nosso crescimento nunca está concluído, e temos que continuar crescendo.

NOMES DE HASHEM

Quantos nomes têm Hashem? Por exemplo, na mezuzá tem um nome, composto pelas letras *shin dalet e iud*. Quando fazemos uma *berachá* dizemos “*baruch atá Ad-nai*”. Tem também “Elokim”. Se Hashem é único, por que não tem um nome só? Porque cada nome representa uma qualidade Dele.

Um dos nomes que a gente conhece é “Elokim”. Qual a qualidade de Hashem representada por “Elokim”? O *Shulchan Aruch* diz que quando falamos “*baruch atá Ad-nai Elokênu Mélech Haolám*” (bendito sejas Tu, eterno nosso D-us, Rei do Universo) isso nos lembra que Ele é o mais forte o mais poderoso – ou seja, “Elokim” se refere à força e ao poder de Hashem “*bal haiacholet ubal hacochohot culam*”.

Quando Hashem criou cada um de nós, as palavras que Ele usou foram “*vaivrá Hashem Elokim et haadám*” (O Eterno D-us criou o homem). O Rav Chaim de Volozhyn pergunta: por que Ele usou justamente a palavra Elokim? Para mostrar que dentro do homem há essa característica de Hashem – ou seja, Ele colocou dentro de cada um de nós, na nossa *neshamá*, esse atributo de força e poder.

Vimos na história do mundo que houve homens que disseram que era impossível voar, e então veio Santos Dumont e inventou o 14-Bis. Ele não teve dúvidas de que o homem poderia voar. De onde veio essa certeza? De “*vaivrá Elokim et haadám*”. Hashem colocou dentro do ser humano esse poder Elokim “*bal haiacholet ubal hacochohot culam*” (Todo-Poderoso e detentor de todas as forças). As pessoas achavam que era impossível chegar até a lua, mas D’us criou o homem com um potencial, e se você quiser ir até a lua, você vai conseguir.

Antigamente, quando estávamos em um hotel e queríamos fazer uma ligação, como funcionava? O telefone ficava no quarto e tinha um disco que a pessoa girava até o zero para falar com uma telefonista, que perguntava para onde a pessoa queria ligar e conectava as linhas através de cabos num painel. Se fosse uma ligação internacional, era ainda mais difícil e custava uma fortuna! Hoje em dia, como falamos com um cliente na China? Quanto tempo demora? É instantâneo! E quase de graça! O

progresso que o homem teve é incrível! Como temos essa capacidade? Quando Hashem criou o homem com a palavra Elokim, Ele inseriu essa força na alma de cada um de nós.

Por outro lado, Adam é *adamá* e ele precisa ser lembrado da sexualidade mesmo em Yom Kipur, pois dentro dele há um animal. Se um homem decidir matar em alguns anos seis milhões de pessoas ele consegue, como nos conta a história e nossos antepassados na Segunda Guerra puderam testemunhar. O homem pode chegar até a lua, pode criar vacinas, pode fazer coisas espetaculares e pode também destruir. Dentro de cada um de nós há a opção de se elevar até o céu ou ficar mais abaixo que a terra.

Qual é o momento em que o Rav se levanta em Yom Kipur na sinagoga e diz “agora é tudo ou nada”? É na última *tefilá*, a *neilá*, que é recitada para fechar o dia com chave de ouro. Esta *tefilá* tem um poder mais forte que as outras. Em *neilá* alguns balançam, outros gritam... então meia hora depois, o que nós vemos? O mesmo ser humano se debruçando para pegar dois biscoitos depois da *havdalá* em vez de um só. Como é possível o mesmo homem que estava rezando com tanto fervor para Hashem, do fundo do coração, se reduzir a uns biscoitos? A resposta é a seguinte: é normal! Dentro de todo anjo que chegamos na *neilá* tem um ser humano que é de carne e osso. Em meia hora ele pode ir de anjo a animal para brigar pelo biscoito. Meia hora! A mesma pessoa! E nada aconteceu para ele ficar assim...

UM PENSAMENTO

Li uma frase espetacular: “Cada um terá a vista da montanha que subir durante a vida.” A pessoa que se empenhar para subir uma montanha terá uma vista bonita. Quem subir só um pouquinho, ou que não quiser subir, terá uma vista limitada.

Ao ouvir isso lembrei de um episódio lindo do *Tanach* sobre uma das mulheres mais espetaculares da nossa história, chamada Hanna. Hanna, como sabemos, não tinha filhos. Ela estava muito triste e pedia para o marido rezar por ela cada vez que ele fosse ao *Beit Hamicdash*. Ela dizia que não se sentia um ser humano, pois não tinha filhos... Um dia, após muitos anos, ela teve um filho que se chamou Shemuel.

Houve um episódio em que Shemuel cometeu um erro grave, e o profeta falou para Hanna: “Desculpe-me, mas vamos ter que fazer um *recall*. Vamos ter que trocar o seu filho Shemuel por outro. Mas não se preocupe, vai ser uma versão bem melhor que esse Shemuel, seria um Shemuel 2.0”. Quando Hanna escutou isso disse: “*El banaar haze hitpalalti*” (eu rezei a minha vida inteira por esse menino). Isto é, “agora Hashem quer me dar um filho mais sofisticado, melhor? É esse filho que eu quero! Não estou pronta para trocar meu filho por outro.”

Shemuel naquele momento já não era um bebê. Quando chamamos um adolescente de “jovem”, o que acontece? O maior elogio que você pode dar para alguém é falar que ele já é adulto! Chamar alguém de *naar* (jovem) é considerado feio. Por quê? Quando Iossef estava com os irmãos e começou a se pentear e se arrumar, os irmãos chamaram ele de *naar*, praticamente o mesmo que dizer “um banana”. A palavra *naar* não é algo louvável na Torá, mas o que Hanna disse para Hashem? “*El banaar haze hitpalalti*” (eu rezei a minha vida inteira por esse menino).

A verdade é que dentro da palavra *naar* também existe um grande louvor, o maior elogio é ser um *naar* – é a coisa mais bonita que Hashem espera de todos nós, de todo *adam*. Mas o que é ser um *naar*? Um bebê de seis meses não faz muita coisa, mas com o passar do tempo a criança aprende a sentar, engatinhar, brincar, andar de bicicleta, etc. Existe um desenvolvimento natural de uma criança que não para nunca, e que cada dia é diferente.

O que a avó sempre fala para o neto? “Como você cresceu!”. E a pergunta que Hashem nos faz é: “Será que você cresceu? Será que você tem o Adam dentro de si? Você tem sido uma terra fértil ou uma terra onde se eu não plantar nada não vai sair nada?”. Em outras palavras, Ele pergunta: “Você tem um *naar* dentro de você?”

Hanna disse para Hashem: “Eu quero esse *naar*! Ele pode ter 50 anos de idade, mas meu filho Shmuel é um *naar*, ele não para de crescer, tal qual uma criança que nós vemos se desenvolvendo sempre.” Então o título *naar* é o mais espetacular do mundo. É estar em crescimento, subindo a montanha. O que quer dizer “crescer”? Não é só fazer mais *mitsvot*, embora também seja isso, mas crescer é olhar para a vida de uma perspectiva mais macro.

AMPLIANDO NOSSOS HORIZONTES

Ouvi uma história verdadeira que aconteceu quando o Estado de Israel foi estabelecido, em 1948. Na época, o primeiro-ministro de Israel era David ben Gurion, e o ministro da educação era um homem chamado Zalman Oran. Zalman era um homem secular que trabalhava diretamente com o primeiro-ministro. Ele era casado e sua esposa tinha o costume de, ao acender as velas de *Shabat* semanalmente, fechar os olhos e fazer um pedido para Hashem: “Hashem, que meus filhos sejam iguais ao homem mais espetacular que eu conheço, Ben Gurion.”

Ben Gurion teve alguns dilemas na política que não sabia como resolver. Com muita humildade, ele foi procurar um Rav muito importante de sua geração chamado Rav Ieshaia Carelits, mais conhecido como Chazon Ish. Ao sair do encontro, Ben Gurion confessou: “Conheci um homem que parece um anjo, mas o mais importante é que seus pés tocaram o chão.” O que isso significa? Era uma pessoa que entendia o que acontece no mundo e deu uma resposta espetacular para os dilemas de Ben Gurion, na qual ele nunca tinha pensado.

Ao voltar para o gabinete, ele contou para o ministro da educação, Zalman Oran, que por sua vez, contou para a esposa. O que aconteceu no *shabat* seguinte? A esposa do Ministro da Educação fechou os olhos ao acender as velas e disse: “Eu quero ter um filho igual ao Chazon Ish.” Não sei se essa mulher tinha noção do poder da *tefilá* dela. Quem contou essa história foi seu neto, Rav Baruch Heinman, que hoje cuida de algumas instituições de Torá.

Isso ensina um pouco do que é crescer: olhar para a mesma vida de uma forma diferente. Antes ela rezava para que o filho fosse igual a Ben Gurion, depois passou a rezar para que ele tivesse as *midot* e a capacidade intelectual e espiritual do Chazon Ish.

Crescer é ver que estamos sentados aqui hoje, no século XXI, com judeus estudando Torá. Quem diria? Dá para acreditar? Com tantas perseguições, com tantas pessoas em todos os continentes querendo acabar com os judeus, nós ainda estamos aqui! A única coisa que mantém o povo judeu unido é a Torá! Aqueles que tentaram se manter apenas com

tradições e comidas típicas, o chamado “judeu de barriga”, acabaram se assimilando. Os únicos que se mantêm de fato são aqueles que estão ancorados de alguma forma na Torá *Kedushá*. Olhar a Torá de uma forma mais sofisticada também é crescer.

CADA UM TEM O SEU NÍVEL RELIGIOSO

O Rambam nos conta que cada um tem um nível religioso. Como olhamos para as pessoas que cumprem mais *mitsvot* do que nós? Existem duas formas de entendê-las: a primeira é pensar “ele cumpre e eu não porque Hashem quando me criou me deu o livre arbítrio e eu posso escolher fazer ou não fazer”, já a outra é dizer “aquela *mitsvá* a mais que ele cumpre não faz parte da Torá”.

Quando olhamos para alguém que cumpre alguma coisa que não cumprimos e dizemos que não queremos cumprir, está OK – temos livre arbítrio, ninguém é perfeito e por isso vivemos 120 anos para nos aperfeiçoarmos e sempre crescer (sabendo que Hashem nos contabilizará pelos nossos atos) –, mas quando dizemos que essa *mitsvá* não faz parte da Torá, estamos deturpando não a nossa escolha, mas a própria Torá! Não podemos escolher? Podemos, claro! Mas temos que estar cientes que a Torá inteira é um pacote, e que dizer “agora eu não quero fazer esta *mitsvá*, quero crescer depois” é uma escolha pessoal, não podemos falar que aquela *mitsvá* não faz parte da Torá.

Crescer, então, é olhar para pessoas que são diferentes de nós sem colocar nelas um carimbo que as declara inválidas. Isso é uma diferença enorme de visão. Não existe nenhuma *mitsvá* na Torá que só vale para quem mora em Mea Shearim ou em Boro Park! Todo mundo tem que cumprir todas as *mitsvot* e devagarzinho Hashem nos dá tempo para crescer.

APRENDENDO COM O JOGO WAR

Eu jogava War semanalmente e com isso aprendi muitas coisas. Por exemplo, no War cada um tem o seu objetivo que é diferente dos de-

mais, assim como na vida real em que temos objetivos diferentes uns dos outros, pois ninguém é igual a ninguém. Independentemente do objetivo, um jogador pode ficar lá com o continente inteiro dele e, a cada rodada, ir ganhando e acumulando mais pecinhas, ficando cada vez mais forte sem sequer se arriscar para conquistar nenhum novo território, mantendo-se sempre igual. Então, vejam o que é crescer. É possível que uma pessoa viva 120 anos, cumpra *mitsvot*, mas nunca cresça. Como é possível?

Há pessoas que são daquele tipo que dizem “eu fui, sou e serei sempre assim... meu pai é assim, e o meu filho também será”. Na verdade, ela faz *mitsvot* e certamente vai receber recompensas, porque Hashem dá para todo mundo e não tira nada, mas também é certeza absoluta que ela não cresceu nada, não conquistou nenhum território novo. Crescer é mudar. Crescer é ver e agir de modo diferente.

ACREDITANDO...

Em Israel, há uma *yeshiva* chamada Porat Iossef. Há alguns anos, o *rosh yeshiva* era o Rav Ezra Attie. Certo dia o Rav Attie chegou na *yeshiva* e percebeu que um aluno não tinha ido estudar, então, ele foi até onde o menino vivia, num bairro muito simples, e quando as crianças do bairro viram o grande rabino, ficaram curiosas para saber aonde ele estava indo.

Ao chegar na casa daquele menino, bateu na porta, e o dono da casa ao abrir a porta perguntou: “Como posso ajudar?”. O rabino perguntou como estava o filho dele e o pai simplesmente respondeu: “Tudo bem.” O rabino explicou que o menino havia desaparecido da *yeshiva* há alguns dias e que gostaria de saber se estava tudo bem. O pai então explicou: “Eu tenho uma mercearia. O sustento está difícil e eu preciso de um ajudante, por isso meu filho tem ficado na lojinha me ajudando.”

O rabino respondeu: “Tudo bem, você tem razão. Boa sorte!”. Ele apertou a mão do pai e se preparou para ir, mas o filho ouviu a conversa, parou o rabino e disse: “Mas é só isso que você tem para dizer?”. O rabino respondeu: “O seu pai tem uma razão justa para você não ir para a *yeshiva*.”

No dia seguinte, o pai chega à mercearia e quem está lá na porta de avental branco? O Rav Ezra Attie! O pai perguntou: “O que você está fazendo aqui de avental branco?”. O rabino respondeu: “Você falou que precisava de ajuda na mercearia e eu me prontifiquei a te ajudar no lugar do seu filho, para que ele possa continuar indo à *yeshiva*.” O pai do menino então disse ao rabino: “Se o meu filho é tão importante assim para você vir me ajudar, eu deixo ele ir para a *yeshiva*.” Esse menino era o pequeno Ovadia, que depois se tornou o grande Rav Ovadia Yossef.

Tudo isso só aconteceu porque alguém se prontificou a ir à mercearia e colocar um avental. Ele só se transformou no que se transformou porque alguém investiu nele. Nós temos que investir no crescimento dos nossos filhos e nas pessoas ao nosso redor. Também temos que investir no nosso crescimento, mesmo que doa crescer.

A NOSSA GERAÇÃO

Eu convivo o dia inteiro com jovens. Antigamente os filmes tinham duração de uma hora e quarenta ou até mesmo duas horas. Hoje, tem campeonatos para ver quantas horas de Netflix as pessoas conseguem assistir. Se um jovem assistiu 30 horas de Netflix, quantas horas ele passou na frente da tela? Esse é o teste da geração, e os pais têm que saber como lidar com isso.

Será que vamos investir em alegria e satisfação na Netflix? Como as crianças se comportam hoje? Elas normalmente estão vidradas no smartphone. Quando uma pessoa fica um minuto sem ter o que fazer, ela já não consegue ficar consigo mesma e precisa pegar o celular, é como se a ela fosse perder a identidade ou desaparecer se ficar *offline* ou sem o celular. Qual é o problema de a pessoa olhar para si mesma? (Não sabemos mais ficar com nós mesmos...).

Podemos viajar ou nos aventuramos (inclusive devemos fazer isso), mas não podemos depositar todas nossas fichas de satisfação nisso, porque pessoas que procuram satisfação ao pular de *bungee jump* da altura de um prédio depois têm que pular da altura de dois, três prédios, e uma hora essa atividade perde a graça.

A mesma coisa acontece se uma pessoa depositar sua alegria em um carro e o vizinho comprar um automóvel mais bonito que o dela. Ela será feliz somente até achar um carro mais chique que o dele. Quando Hashem ensinou que “*adam*” vem de crescimento, isso significa que a única coisa que deixará a pessoa feliz é sentir a satisfação de que ela cresceu na vida.

VIEMOS PARA COSTURAR?

O Chafetz Chaim tinha um aluno chamado Rav Elchanan Wasserman. Ele foi da Europa aos Estados Unidos angariar fundos e visitou um colega que era um grande empresário, que estudou na mesma classe dele e trabalhava no ramo de confecção.

Rav Elchanan disse ao amigo durante a visita que precisava de um favor e pediu que costurasse o botão de sua calça que estava caindo – e disse que tinha vindo da Europa só para isso. O amigo atendeu ao pedido e Rav Elchanan Wasserman ficou muito satisfeito com o serviço! Quando o amigo viu o Rav indo embora, achou que era uma pegadinha e disse: “Você tem certeza de que não quer mesmo nada de mim?”. “Não”, respondeu o Rav, “eu só precisava costurar o botão da minha calça.”

“Ninguém vem da Europa para Nova York só para costurar um botão de uma calça”, argumentou seu amigo. O Rav respondeu: “Agora é minha vez de falar. Ninguém vem para este mundo com uma *neshamá* tão preciosa para costurar botões em roupas. Você precisa e deve fazer isso pois a *parnassá* é uma obrigação, mas não é para isso que viemos ao mundo!”.

Hoje em dia, muitas pessoas têm cachorro em casa, pois acham que é mais fácil e agradável do que criar filhos – mas a satisfação de ver seus filhos debaixo de uma *chupá*, no *bar-mitsvá*, de segurar um neto no colo... não há cachorro que pague! As pessoas querem um cachorro porque é mais fácil, mas ali não tem o *adam* que foi feito para crescer. Se você tomar água com açúcar em vez de um remédio, não vai se curar.

O QUE NÓS QUEREMOS?

Filhos milionários ou filhos felizes? Os dois! Tudo bem, mas qual a mensagem que devemos passar em casa para os filhos? Dinheiro? Não, valores. Ninguém falou que não podemos ter dinheiro. Isso é muito bom e que Hashem nos dê sempre mais e que possamos usar com saúde. Mas é só isso que procuramos? Isso é igual a água salgada! Se pegarmos um copo de água do mar e bebermos, vamos ficar com mais sede. A vida não pode ser só isso, porque dentro de cada um de nós tem uma *neshamá*. Não viemos para este mundo para “costurar botão em calça”.

Crescer é poder permitir que nosso filho nos conte seus fracassos sem criticá-lo como pai ou mãe, porque se o filho conta alguma coisa – por exemplo, “quem não cola não sai da escola” ou se diz que foi mal na prova –, o que faz um pai saudável? Tem pai que pega a pasta da escola, o boleto, mostra todas as aulas que ele paga para o filho – escola, tai chi chuan, rabino, aula particular, mandarim – e diz: “O que você custa para mim hoje por mês é mais do que eu custei para o meu pai a vida inteira.” Então, o filho pensa consigo mesmo: “Eu nem sei o que quer dizer sobre tudo isso, mas uma coisa eu aprendi: nunca mais vou contar nada para meus pais...”

Às vezes, jovens me contam algo e eu pergunto se eles já contaram aquilo para o pai ou para a mãe. Eles respondem: “D’us me livre! Uma vez eu contei, quase dormi na rua.”

Temos que ter consequência, nem tudo é permitido, mas devemos ser amigos dos filhos, ouvir, entender e deixar para pensar na consequência um pouco depois. Educar não quer dizer chinelar. Educar não quer dizer não escutar a geração de hoje. “Meu pai não me escuta”, dizem os jovens. Educar é compreender o filho, mesmo sem precisar concordar com ele sempre.

Educar é um pai fazer *bar-mitsvá* para o filho com mais *mitsvá* do que *open bar* (bebida!). Isso é crescer. Porque hoje o *bar-mitsvá* tem mais bar do que *mitsvá*. Qual a razão de uma criança de 13 anos precisar segurar um copo de vodca ou de uísque no *bar-mitsvá*? Por que precisa ter um open bar? Onde está a cabeça da pessoa de fazer drinks com álcool?

Onde está o crescimento que Hashem esperou do Adam e espera de todos nós?

Crescer é mudar. “Ah, mas todo mundo faz!” Por isso eu também preciso fazer? Só porque todo mundo faz? Vamos terminar com uma história verdadeira para vermos que crescer também é não pensar só em si.

MAKE A WISH

Um advogado do escritório Alan Dershowitz nos Estados Unidos contou a seguinte história.

Existe uma instituição americana chamada Make-A-Wish Foundation. O trabalho da organização é realizar desejos de pacientes em estado terminal para poderem trazer, se possível, um pouco de alegria para os dias que lhe restam de vida. Normalmente, as pessoas pedem para conhecer alguma celebridade.

Um dia, um menino chassídico fez um pedido para a fundação. Ele disse que queria falar com Donald Trump. Os voluntários disseram que seria bem difícil trazê-lo ao hospital e o menino começou a chorar: “Então vocês não vão realizar meu desejo?”. Eles ficaram com o coração partido e sugeriram: “Vamos fazer o seguinte: se o presidente não pode chegar até aqui, nós podemos mandar sua mensagem para o presidente.”

O menino, com lágrimas nos olhos, escreveu duas ou três linhas, porque ele estava chorando e fraco: “Meu querido Presidente, eu sempre fiz *tefilá* para ajudar um *yebudi* que ficou preso por muito tempo. Ele se chama Rubashkin, e rezei muito por ele. Agora, chegando no fim da minha vida, eu queria ter a alegria de ver esse homem fora da prisão.”

Uma semana e meia depois, a carta chegou à mesa do presidente dos Estados Unidos, na Casa Branca. O presidente abriu a carta e começou a chorar. A filha conta que viu o pai lendo a carta e chorando. Ela perguntou por que ele estava chorando, e o presidente respondeu: “Tem um menino que está doente e está pedindo ajuda por alguém que ele nunca viu, só porque o preso é judeu. Esse é o último desejo da vida dele! Ele

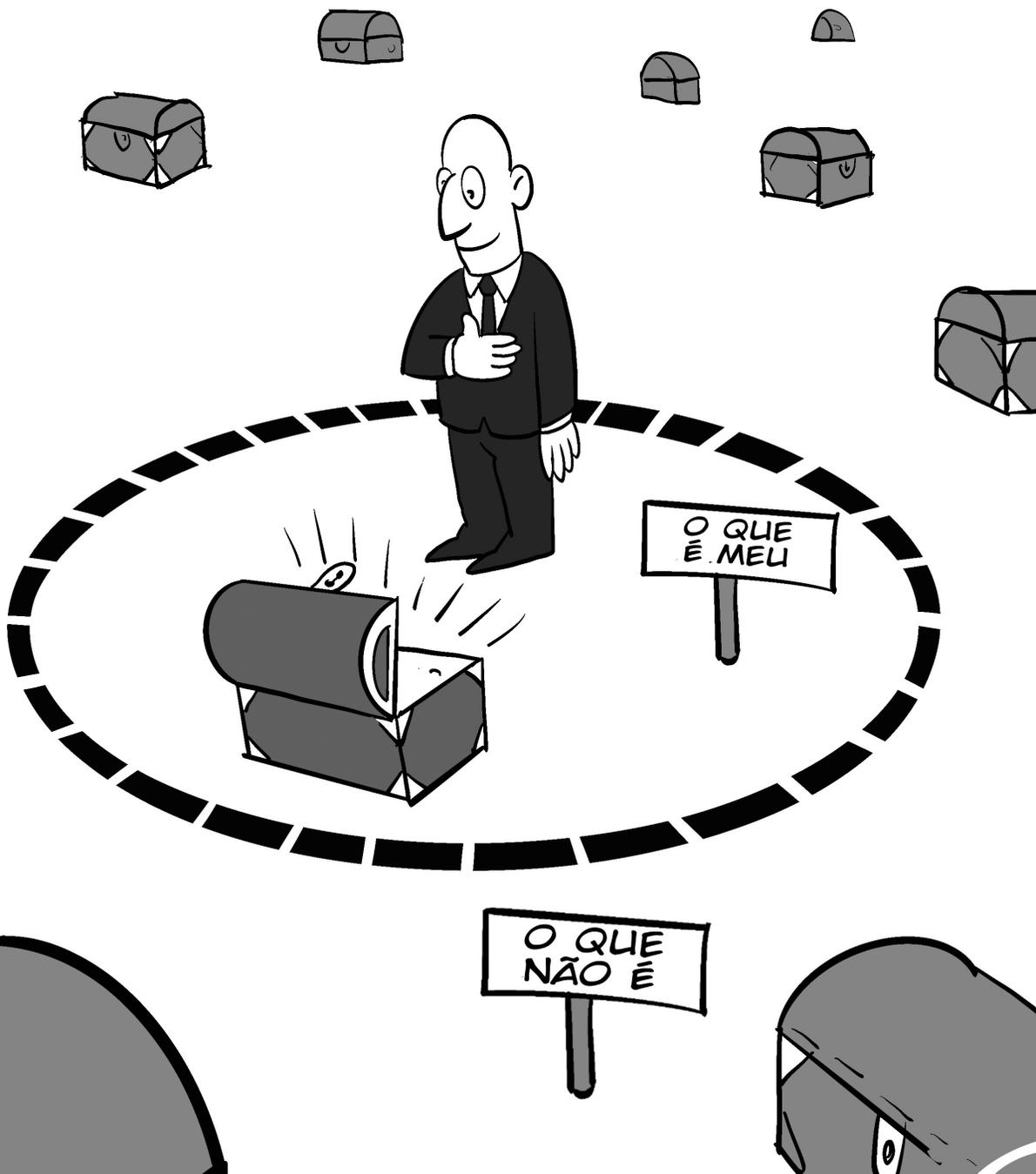
poderia ter pedido qualquer coisa, mas o que ele pediu foi para reavaliar o caso desse homem.”

Dois dias depois de a carta ser lida, Rubashkin foi solto da prisão. Ele tinha ficado anos preso! Um pai de família, imaginem a dor! Ele foi solto porque alguém não pensou só em si, pensou mais macro. Isso também é o Adam que tem dentro de nós. Isso é crescer!

Que, *Beezrat Hashem*, possamos crescer e depositar nossas fichas de alegria nas coisas certas. Isso traz a maior satisfação e alegria do mundo. Que possamos fazer as coisas necessárias, porque somos seres humanos, e que não apostemos nossas fichas em coisas fúteis. Que lembremos do Adam que tem dentro de nós, uma *neshamá* que nos foi dada para podermos crescer.

Que, *Beezrat Hashem*, possamos crescer alto e ter a cada ano uma vista ainda mais maravilhosa da montanha que conseguirmos subir.

PROCURANDO UMA *SEGULÁ* (GARANTIA) PARA FICAR RICO?



“

Temos obrigação de sermos ricos e só alcançamos isso quando começamos a apreciar o que já temos.

”

OS MILAGRES

O Rei David diz no Salmo 105: “*Zichru nifleotav asher assá*” (Lembrem-se dos milagres que Hashem nos fez). Quando o povo judeu atravessou o mar na saída do Egito, Hashem fez 200 milagres, fora os que aconteceram no próprio Egito.

Todos os dias de manhã, homens e mulheres recitam uma passagem da Torá sobre a saída do Egito durante a *tefilá* (no trecho “*az iashir Moshe*”). Está escrito na Parashá Beshalach que quando Hashem nos tirou do Egito, Moshe cantou uma canção para agradecer a Hashem por todos os milagres.

Um fato interessante é que os anjos que estavam presentes na saída do Egito viram o povo judeu fazer este cântico para Hashem e disseram: “Se o povo judeu cantou para Hashem, nós, como anjos, também queremos cantar para Ele.” Mas Hashem disse que isso não condizia, e que nenhuma canção devia ser entoada, pois para salvar os judeus foi necessário que milhares e milhares de egípcios morressem no Egito e no mar.

Então D’us disse: “*maasse Iadai tevuim baiam*” (as Minhas criaturas estão morrendo e vocês querem entoar um cântico me agradecendo?). Os anjos então pediram desculpas e não puderam agradecer a Hashem por

todos os milagres que presenciaram. Se os anjos não puderam agradecer a D’us, por que nós agradecemos todos os dias?

A resposta foi dada pelos nossos sábios. Apesar de que para Hashem era doloroso ver as suas criaturas morrendo, Ele permitiu que o povo de Israel cantasse. Por quê? Para quem foi o milagre? Para nós ou para os anjos?

Claramente para nós! Então como é possível alguém ter um benefício recebido e não agradecer? Os anjos não puderam louvar a D’us pois não foram eles os beneficiados, mas Hashem entende o louvor dos judeus porque os milagres foram feitos para eles, mesmo com filhos de D’us – no caso, os egípcios – morrendo.

A lição que tiramos disso é o que se chama “*bakarat hatov*” (gradidão). Temos que agradecer Hashem literalmente todos os dias!

O CONCEITO DE *HAKARAT HATOV*

Existe um *korban* relacionado com a gradidão e que recitamos todas as manhãs: o *korban todá* (sacrifício de agradecimento). Na época do Beit Hamicdash, esse *korban* era trazido como agradecimento a algum benefício recebido.

Há uma peculiaridade sobre esse *korban*: é o único sacrifício que continuará a existir nos fins dos tempos. Quando Hashem decidir trazer a *geulá*, todos os outros sacrifícios deixarão de existir, somente o *korban todá* estará presente. Qual é a razão disso? Por que não faremos mais os outros sacrifícios?

Um dos grandes pensadores da Torá, Rav Moshe Chaim Luzzatto, conhecido como Ramchal, questiona o seguinte: “Como uma pessoa tem proximidade com Hashem neste mundo?”. A resposta é: através da *tefilá* e das *mitsvot*. A cada *mitsvá* feita nós dizemos “*Baruch ata Ad-nai Elohênu melech haolam asher kideshanu bemitzvotav*” – ou seja, Hashem nos santificou com aquela *mitsvá*. Somos mais “santificados” quando cumprimos *mitsvot*, e essa é a única forma de se aproximar de Hashem.

E no mundo vindouro? No mundo vindouro não haverá *mitsvot* nem *averot* e o único modo que existirá para se aproximar de Hashem será o agradecimento. Por isso Rav Luzzatto nos diz que todos os *korbanot* que existiam não vão existir e somente o *korban todá* vai continuar.

Agradecer a Hashem não se aplica só para o *olam habá*, mas também para o nosso mundo de hoje.

UMA HISTÓRIA

Havia um homem de negócios muito bem-sucedido em Israel que sempre separava um pouco de seu lucro para comprar terrenos. Ele foi progredindo até que um dia abandonou o seu negócio e se dedicou apenas a comprar e vender imóveis.

Um dia, ele comprou um andar inteiro de um edifício muito elegante em Tel Aviv. O lucro prometido com a operação deste empreendimento era de 30%, mas o seu conselheiro lhe disse que 30% era muito pouco para um homem de sua estatura financeira, e informou que tinha um fundo já de muito anos que dava um lucro de 90%.

Depois de muito analisar, o homem decidiu entrar nesse fundo de investimento usando 100% das suas posses e ainda um pouco mais com um empréstimo que ele tinha feito. O que aconteceu? Ele perdeu tudo e ainda devia para quem lhe havia emprestado o dinheiro para alavancar o investimento. Essa pessoa para quem ele devia dinheiro também tinha um andar naquele prédio elegante em Tel Aviv. O investidor foi lá explicar que havia perdido tudo e pedir um crédito para pagar a dívida. Ele conseguiu.

Antes de ir embora, subiu no topo do edifício elegante de Tel Aviv, que não era mais seu, e ficou observando a cidade. Quando decidiu ir embora, percebeu que a porta de emergência estava trancada! Ele gritou lá de cima, tentou chamar a atenção de alguém passando na rua, mas como ele estava tão alto, no topo de um arranha-céu, ninguém o ouvia. Ele pensou consigo mesmo e teve uma ideia: “Vou jogar algumas cédulas de dinheiro aqui do alto do edifício para chamar a atenção do povo. Alguém certamente vai olhar para cima e perceber que estou aqui.”

Ele fez isso e observou que as pessoas pegavam as notas de dinheiro, mas ninguém olhava para o alto. Desesperado, ele começou a andar de um lado para o outro na laje e, de repente, descobriu que ali tinham algumas ferramentas de trabalho dos pintores e algumas pedras que os pedreiros deixaram. Então, ele teve outra ideia e começou a jogar as pedras lá de cima. Imediatamente, elas chamaram a atenção das pessoas na rua que paravam e começavam a olhar para cima. Em poucos minutos, vários policiais subiram para prendê-lo e obviamente ele conseguiu sair da cobertura!

O que esse episódio nos ensina é que quando recebemos dinheiro, bênçãos e filhos, nós nem sequer percebemos, nem olhamos para cima, mas basta Hashem mandar pedras que nós reclamamos, olhamos para cima e chamamos a polícia! Nós devemos agradecer a Hashem quando as coisas estão boas, antes de piorar. Pensem em quantas *berachot* cada um de nós tem na vida.

Para quem realmente quer aproveitar a vida, o Rav Avigdor Miller recomenda a seguinte *segulá*: ligue para um hospital e tente falar com um doente que tem o mesmo nome que o seu. Obviamente, não vai conseguir encontrar nenhum paciente com esse nome. Nesse momento devemos dizer para Hashem: “Muito obrigado! Muito obrigado por eu não estar em um hospital!”.

Está escrito no *Pirkê Avot*: “Quem é o verdadeiro rico? Aquele que está contente e satisfeito com o que tem.” Por que devemos saber quem é considerado rico de acordo com nossos sábios? Porque Hashem nos diz que temos obrigação de sermos ricos e só alcançamos isso quando começamos a apreciar o que já temos. Há pessoas que têm muito dinheiro, que são ricas fisicamente, mas na verdade não têm quase nada. Em contrapartida, existem pessoas que têm pouco, mas têm um sorriso no rosto. Tudo depende de como enxergamos as situações.

O Rei Salomão diz que quem tem cem sonha em ter duzentos. Então, matematicamente, isso significa que já temos a metade do que queremos. Porém, nossos sábios dizem: “*Ein adam met behatzit avodat beiado*” (a pessoa vai embora desse mundo sem conseguir nem metade do que quer). Isso é uma contradição, não? Temos metade ou não temos nem mesmo metade?

O que acontece é que para a pessoa que tem cem mas fica focada nos duzentos, os cem não valem nada. Então, na verdade, ela não sente que tem metade do que quer e a ela se aplica o ensinamento de que “as pessoas vão embora deste mundo sem nem mesmo a metade do que querem”.

UMA OUTRA HISTÓRIA

Uma pessoa queria vender sua casa, mas não estava conseguindo. Ela contratou uma empresa de marketing que preparou todo o projeto para a venda: fotos, design, panfletos etc. Ao mostrarem a ela o panfleto, ela começou a chorar! Perguntaram por que ela chorava, e a pessoa disse: “Eu queria uma casa como essa.” Então disseram para ela: “Mas é a sua casa!”.

A pessoa não reconheceu a própria casa. Ela já tinha o que queria, mas não dava valor, não percebia! Às vezes, é só usar um pouco de “marketing” com o que temos, que encontraremos várias *berachot* e passaremos a agradecer a Hashem pelo que já temos.

No mundo ocidental existe a crença de que alguém somente é feliz quando tem os seus desejos realizados. A Torá não condena isso, mas prestem atenção nessa história: Yaacov teve quatro esposas e um total de doze tribos. A lógica seria que cada uma das matriarcas tivesse três filhos.

Lea, quando teve o seu quarto filho, deu-lhe o nome de Iehudá, que vem da palavra *lebodot* (agradecimento). Lea agradeceu demais a Hashem pelo fato de ter quatro filhos e não três como as outras esposas de Yaacov. Será que ela deveria ter agradecido a Hashem quando cada filho nasceu, e não apenas no quarto filho?

Rav Pam nos dá a resposta: reconhecer que ganhamos mais do que merecemos é algo muito elevado. A virtude de Lea foi que ela chegou ao quarto filho e então agradeceu pelo fato de ter recebido mais do que as outras. A Torá nos ensina a agradecer quando recebemos mais do que merecemos. Mas o que acontece em geral? As pessoas querem mais do que têm e acham que Hashem ainda deve a elas. É por isso que nós de-

vemos agradecer a Hashem quando saímos do banheiro, com a *berachá asher iatsár*, depois que comemos, etc. Essa é uma das razões por que nós temos que fazer tantas *berachot* todos os dias.

Certa vez aconteceu um fato estranho comigo. Estava no refeitório da escola sentado ao lado de um colega professor não-judeu e de repente vejo ele abaixar a cabeça e ficar em silêncio. Isso me preocupou bastante. Quando ele levantou a cabeça, perguntei se ele estava se sentindo bem. Ele disse que sim, e que toda vez que ia comer ele meditava e agradecia pelo fato de ter comida no prato. A minha própria *berachá* mudou depois de ter visto esta cena! Ele me ensinou que posso parar um segundo para agradecer com devoção e depois comer.

Outro fato marcante que aconteceu comigo foi quando, dando aulas para um empresário, ele me disse: “Rabino, me dê um minuto, pois tem um milagre que preciso escrever no meu caderno.” Com toda a tecnologia de hoje em dia, me surpreendi por ele ter um caderno! Perguntei do que ele estava falando e que caderno era aquele. Ele me contou que tinha um caderninho de milagres nos negócios onde ele anotava sempre que algo maravilhoso ocorria e assim, ele lembrava que precisava agradecer a Hashem. Esse é o *korban todá*! Escrever um milagre no caderno ou contar para o filho, para a esposa etc... Quando nos sintonizamos com o canal de *korban todá*, de agradecer a Hashem, começamos a perceber quantas coisas temos para agradecer! Isso nos torna mais ricos.

Altas expectativas nos levam ao caminho da insatisfação. Por que digo isso? Porque pensamos assim: eu só vou agradecer quando a minha mulher for x , quando o meu filho for y , e assim por diante. Se as expectativas são “mais baixas”, agradecemos mais. Por exemplo, quando um filho chega em casa com uma nota sete, alguns pais questionam por que você não tirou dez!

Existe um *midrash* de Shir Hashirim que conta sobre um casal que por dez anos não teve filhos. Como a esposa se ressentia de não ter o mérito de ter filhos, ambos foram para o Rav Shimon bar Iochai, autor do sagrado *Zôhar*. Eles perguntaram ao Rav o que fazer e o Rav Shimon bar Iochai lhes disse: “Façam uma refeição igual à que vocês tiveram no casamento. Não precisa chamar todos os convidados, apenas para vocês

dois. Mas façam uma refeição festiva, elegante e durante a refeição eu quero que você,” falando com a esposa, “escolha algo da festa que você vai levar para casa.”

Os dois fizeram como pedido, comeram bem e o marido, depois da boa refeição, caiu no sono. A esposa imediatamente se lembrou das palavras do Rav Shimon bar Iochai: ela tinha que levar algo da festa para casa. Era o marido! E ela então fez isso.

O casal voltou ao Rav Shimon bar Iochai e contou o que ocorreu. Ao ouvir isso, o Rav Shimon bar Iochai deu uma bênção a eles e eles tiveram filhos. Por que o Rav não podia ter dado a *berachá* antes da refeição festiva?

O que ocorre é que depois de dez anos de casamento e sem ter filhos, talvez o relacionamento estivesse um pouco desgastado, mas ao ouvir que depois da refeição o que a mulher escolheu levar para casa foi o próprio marido, Rav Shimon bar Iochai viu que ela ainda tinha em si *bakarat batov* e por isso decidiu lhe dar a bênção para que tivessem filhos.

AS TÁBUAS DA LEI

Você sabe qual é o tamanho das tábuas da lei? As primeiras foram escritas por Hashem, eram de um material valioso, e conta-se que se as pessoas estudassem as palavras delas não esqueceriam jamais. Essas tábuas tinham 24 cm por 24 cm.

Onde vemos todos esses atributos maravilhosos sobre as tábuas? Em *parashá Ki Tissá*, logo antes de Moshe Rabênu quebrá-las. Por que Hashem só contou todas essas maravilhas a Moshe um minuto antes de ele as quebrar? Porque nós damos mais valor a algo quando sabemos que estamos próximos de perdê-lo. Queira D’us que todos os pais vivam muito, mas quando eles ficam doentes é que nós percebemos que deveríamos e queríamos ter ficado mais com eles.

Outro exemplo é quando os filhos entram na *chupá* e a mãe começa a chorar. Às vezes é de emoção, mas a verdade é que o filho está se-

guindo a vida, e a mãe pensa: “Deveria ter curtido mais o parquinho com ele.” “Deveria”, “deveria” é o que nós sentimos... Hashem nos diz para lembrarmos das tábuas e não esperarmos perder algo para depois dizer “eu deveria”.

UMA AULA DE HEBRAICO

Chacham em hebraico significa sábio. Escreve-se com as letras: *chet*, *chaf* e *mem*. Elas podem ser entendidas como as iniciais de *chatzí kós malê* (meio copo cheio). Quem é *chacham*? Aquele que sabe apreciar o copo meio cheio. O importante é saber aproveitar cada momento para não dizer mais tarde: “Ah! Se tivesse curtido...”

Os judeus sempre têm que dizer que têm 90 por cento do copo cheio! Uma geladeira bagunçada representa marido e filhos por perto, e vamos lembrar que há pessoas que não têm filhos! Ao reclamar da mensalidade da escola, lembre-se que há pessoas que não têm esse mérito de ter os filhos na escola! Por trás de cada preocupação existe uma *berachá*.

O *Pirkê Avot* diz “*marbe nechassim marbe deagá*” (quanto mais bens a pessoa possui, mais preocupações ela tem). Devemos ler isso de modo inverso: se temos muitas preocupações, então precisamos agradecer a Hashem por termos muitos negócios! Se temos muitas coisas com o que nos preocupar, é porque graças a D’us temos muitas coisas!

(Curioso notar que quando perguntamos a alguns empresários como estão os negócios, logo nos arrependemos, pois normalmente respondem que estão insatisfeitos com o mercado financeiro, o comércio, os estudos dos filhos, a casa, etc. Para eles as coisas ainda não estão boas e nem nunca estiveram...)

O comentarista Abudarham pergunta: “Por que quando o *chazan* faz a repetição da *amidá*, em nenhuma bênção a congregação reza junto com ele, mas no trecho de *modim* (agradecemos a Você, Hashem), sim participamos com o que chamamos de *Modim Derabanan?*”. Ele nos diz que na hora de agradecer, o *chazan* não pode ser o nosso mensageiro, nós mesmos temos que agradecer a Hashem. Pedir alguma coisa a alguém pode ser de modo indireto, mas para agradecer tem que ser pessoalmente.

A oração final que falamos na repetição do *Modim é al she anachnu modim lach baruch kel haodaot* (obrigado por podermos Te agradecer). Rashi explica que *al she natata belibenu lebiot devukim becha umodim lach* é o maior agradecimento que devemos ter: por sermos *yehudim* e termos o mérito de sermos conhecedores da Torá. Esse é o maior agradecimento que um judeu deve ter... Agradecer por podermos ser gratos a D'us.

Quantas pessoas chegam na crise dos 40 anos de idade e têm problemas de identidade? Quando chegam aos 80, problemas de vida. Aos 120, sabe-se lá...

Um judeu tem que agradecer a Hashem porque a cada minuto temos um objetivo na vida. Não existe judeu que possa dizer “não sei por que estou vivendo”. O judeu pode não querer cumprir *mitsvot* e Torá, e isso é o livre arbítrio, mas que ele sabe sua missão, ele sabe. O maior presente do mundo é o mérito de ter Torá e *mitsvot*, e por isso temos *bakarat batov*. É o fato de termos valores que não mudam com os tempos nem com a idade ou a época.

É diferente do que ocorre na vida cotidiana, por exemplo. A Torá não muda seus valores. O respeito que um filho deve ter por um pai no século XXI é o mesmo do que era há dois mil anos. Ver hoje em dia um filho se levantar na presença do pai é um exemplo do quanto a Torá é preciosa. Não existe uma nova teoria da relação entre pais e filhos. Um outro exemplo: se perdermos cem reais na rua, nunca mais recuperaremos, mas se esquecermos um objeto numa sinagoga ou em um *bet hamidrash*, ele ficará lá até que o dono apareça!

Al she anachnu modim lach é agradecer pelo mérito que nós temos de ter leis divinas que coordenam a nossa vida.

Que, *beezrat* Hashem, possamos sempre agradecer a Hashem e fazer uma lista de vez em quando de quantas *berachot* temos na nossa vida, pois quanto mais agradecemos, mais *berachot* recebemos. Que, *beezrat* Hashem, tenhamos cada vez mais razões para agradecer.

40 ANOS NO DESERTO SEM WI-FI



“

*A tecnologia é uma
berachá quando bem
utilizada. Une pessoas
distantes, mas muitas
vezes separa pessoas
próximas.*

”

CORAGEM

Um dos recursos mais valiosos que todos nós temos – homens, mulheres, jovens, velhos, ricos, pobres, pessoas cultas e com menos formação – indiferente de quem somos ou onde estamos, e ao qual talvez não dedicamos a devida atenção, será analisado agora. Que recurso será esse?

Nosso povo foi muito corajoso ao sair do Egito. Mesmo sendo escravos e, apesar de parecer uma vitória, abandonar o conhecido e sair sem saber o que esperar exigiu bravura. Para entendermos a Torá, devemos nos colocar naquela situação como se nós a estivéssemos vivenciando: imagine deixar tudo para trás e entrar no deserto sem nenhum ponto de referência!

Um *passuk* menciona o quanto Hashem ficou feliz com o povo que saiu do Egito e foi morar no deserto – um território não fértil, sem comida e bebida –, dedicando-Lhe confiança total, absoluta. Confiamos do fundo do coração que D’us sempre nos ajuda (apesar de sabermos que precisamos colaborar um pouco e fazer a nossa parte), porém no deserto a ajuda era total, não havia outra forma, tudo dependia exclusivamente de Hashem, e essa dependência era muito mais evidente. Mesmo assim, prosseguiram, confiaram, até que finalmente caiu o primeiro maná. Caiu pão do céu!

TESTE DE CONFIANÇA

Caiu o pão hoje e amanhã novamente cairá maná, todo dia um novo depósito na conta de cada um. O *passuk* no *sefer Shemot* (16;4) diz “Eu vos darei pão do céu todos os dias para testar vocês”. Um único *passuk* contém duas afirmações, “Eu vos darei pão do céu todos os dias”, e a próxima, “para testar vocês”. Teste? Se o povo já acredita que terá pão, então qual é o teste?

Rashi fica preocupado com essa pergunta e explica que são dois testes:

1. Não guarde para amanhã, gaste tudo hoje, sem sobras;
2. Confie em Hashem, não procure maná no sábado, pois na sexta virá o dobro; no sábado não cairá nada e domingo chegará nova porção.

Parece simples: a conta fecha porque se preciso de 100, ganho 100, e gasto 100 – está perfeito. E amanhã? Vou precisar novamente de 100 e agora entendo que dependo mil por cento de Hashem, porque não existe reserva, não adianta economizar.

De acordo com Rashi, o teste era confiar absolutamente em D’us, utilizar o que é oferecido hoje porque o que sobrar para amanhã estraga. Não devo guardar nada daquele pão celestial ou da água do poço de Miriam, confio em Hashem e amanhã virá mais.

OUTRO PONTO DE VISTA

Outra explicação baseada no *Netziv* sobre o teste salienta outro ponto. Até esse momento o povo morava no Egito, era escravo do Faraó, não era fácil a vida subjugada ao Faraó. Após muitos obstáculos, o povo saiu do Egito, foi para o deserto e Hashem providenciou tudo: para comer, o maná caía do céu, para beber, bastava ir ao poço de Miriam, e – ainda segundo nossos sábios – o maná e a água possuíam a mesma peculiaridade: ambos variavam e adquiriam o sabor que se imaginava, o gosto que pensava se tornava real.

E mais: as roupas cresciam com as pessoas, as nuvens celestiais se encarregavam de lavá-las, não precisavam se preocupar se o pé das crianças cresciam, pois os sapatos acompanhavam – enfim, cada necessidade era atendida. Se todos os dias havia comida, bebida, roupa lavada, tudo pronto para todos, surge a questão a seguir.

COMO USAR O TEMPO?

Tempo – este é um dos recursos mais importantes que temos, este é o tema e o teste. O que faziam no deserto o dia inteiro? Não existia trabalho. Quando viajavam de um lugar para outro havia movimento, porém na maior parte daqueles longos 40 anos permaneciam acampados no mesmo lugar.

Dinheiro não nasce em árvore, mas naquela época literalmente caía do céu, em forma de alimento! Não havia ocupação, trabalho, plantação, então o que faziam? Sem Wi-Fi, sem o cafezinho da esquina, sem precisar fazer compras, orçamentos, cozinhar, sem a ocupação de encomendar o brinde do casamento, nem a preocupação com as novidades na decoração, como passavam os dias sem nada para fazer?

Diz a Torá: “Eu vos darei o maná no deserto para ver se vocês continuam caminhando com a minha Torá.” Ou seja, este é o teste que a doação diária do maná gerava. Foram escravos, não sabiam o que era descanso, e agora, o que deveriam fazer com todo o tempo ocioso? O que restava a ser feito?

Vamos dar um salto no tempo e chegar aos dias de hoje. Podemos traçar um paralelo e nos perguntar se existe alguma semelhança entre o benefício do maná caindo do céu e a agilidade da tecnologia do século 21.

TECNOLOGIA AJUDA?

Até pouco tempo atrás, se alguém queria mandar uma carta, deveria escrever no papel, endereçar o envelope, se deslocar até o correio, pagar pelo selo e entregar para ser enviada. Se fosse uma mensagem urgente, enviaria um telegrama, que chegava ao destinatário no mesmo dia, mas ainda assim, era necessário ir ao correio. Hoje, a tecla enviar do celular na mão cumpre a mesma função e envia a mensagem instantaneamente.

Quantas vezes íamos ao banco depositar dinheiro, conferir se o cheque foi compensado, e puxar o extrato? Novamente, com um clique no celular vemos o saldo, transferimos, aplicamos e resgatamos, enfim, realizamos todas as transações bancárias.

Antigamente havia mais escadas e menos elevadores (e talvez este seja um dos motivos para maior obesidade da população). E quem não se lembra das fotografias? As máquinas fotográficas eram maiores e pesadas, após as fotos serem tiradas, o filme era levado para revelar em papel, e rezávamos para não ter queimado e para pelo menos algumas das 36 poses do rolo saírem nítidas para guardarmos a lembrança da viagem.

Para descobrir o telefone de um estabelecimento recorria-se às Páginas Amarelas, catálogo telefônico enorme. Existia também o guia de endereços e assinantes. E quando alguém estava perdido na rua, sem saber como chegar a algum lugar em outro bairro ou outra cidade? Todo carro precisava ter no porta-luvas o Guia Quatro Rodas para procurar naquele quadrante na página, e assim tentar encontrar o caminho. Atualmente, o Waze ou Google maps nos dirige, e todos chegam ao destino.

E os jogos de tabuleiro? Não eram virtuais e precisavam no mínimo de duas pessoas para interagir. Para fazer o trabalho da escola a pesquisa era na enciclopédia, se lembram disso? Hoje, o “Rav Google” responde quase tudo mesmo! Vivíamos *offline* ou seria outro tipo de *online*?

Basta de nostalgia! O século 21 trouxe maravilhas, muitas *berachot* com a tecnologia, reconhecemos a infinidade de tarefas que facilitam nosso dia-a-dia. Se hoje não é mais necessário ir ao banco, se compramos pela Internet e amanhã o pedido chega, se não viajamos para fazer cursos e reuniões porque nos conectamos via Zoom, concluímos que temos muito tempo de sobra.

Este é o teste do maná para nós, aqui e agora: o que fazemos com todo esse tempo que poupamos? Jovens, adultos, terceira idade, quarta idade, senhores e senhoras: o que fazemos com o tempo que não tínhamos antes e a praticidade que a tecnologia nos oferece?

O RECURSO MAIS VALIOSO É O TEMPO

Um fato para ilustrar com uma mensagem inspiradora. Certa vez, um senhor procurou o grande Rebe de Tzantz, um homem que passou pela Segunda Guerra e que viveu para ajudar e construir *chessed* em Israel e inspirar pessoas ao redor do mundo.

– Rav, preciso de sua ajuda.

– Como posso ajudar?

– Rav, minha filha vai se casar, já tem noivo, mas falta o dinheiro...

O Rebe de Tzantz pensou um pouco, pegou uma folha, escreveu algumas linhas, colocou no envelope nome e endereço, e entregou para aquele pai com a recomendação de não postar no correio, mas levar pessoalmente a carta.

O pai da noiva dirigiu-se ao escritório cujo endereço estava anotado no envelope, um local decorado com requinte, passou pela recepcionista, pela secretária, e ao apresentar-se com uma carta do Rebe De Tzantz para o CEO, Sr Reuven (vamos chamá-lo assim), as portas se abriram para ele.

Na carta o Rebe pedia ao Sr Reuven: “Por favor, eu sei que você é uma pessoa a quem Hashem deu muita *berachá* financeira, peço que ajude este senhor à sua frente, tanto você mesmo como também seus contatos, para casar a filha.”

Esse senhor lê a carta e diz:

– Eu posso dar um pouco, mas estou muito ocupado. Não tenho tempo, desculpe, não vou conseguir ligar para nenhum dos meus contatos para pedir mais.

O pai vai embora, conta para o Rebe o ocorrido e, de alguma forma, o Rav auxilia e o casamento se realiza.

Meses depois, aquele magnata se encontra com o Rebe e o cumprimenta:

– Olá, Rav, bom vê-lo, como vai?

– Mais ou menos, te pedi um favor e você não cumpriu.

– Eu estava muito ocupado, Rav.

Disse o Rebe:

– Na Torá a palavra *Ish* (pessoa com P maiúsculo, como um título de nobreza) aparece em dois lugares diferentes, uma vez refere-se a Yossef e outra a Yaacov.

QUEM É ISH ?

Quando Yossef foi procurar seus irmãos a pedido de seu pai, em determinado ponto se viu perdido, não sabia o caminho a seguir, quando alguém apareceu (*Ish*) e perguntou: “Você precisa de ajuda? Como posso ajudar?”.

Diz Rashi que esse *Ish* era o anjo Gabriel, que apareceu para Yossef e indicou a direção certa para chegar até seus irmãos. Prosseguindo a explicação ao Sr Reuven, Rebe de Tzantz destaca que a Torá emprega o mesmo termo na passagem (Bersehit 32;25):

וַיִּוְתֶר יַעֲקֹב לְבָדּוֹ וַיֹּאמֶר אִישׁ עָמֹוּ עַד עֲלוֹת הַשָּׁמֶר

Quando Yaacov se depara com um homem, pede uma berachá, e este Ish nega, alega estar apressado, sem tempo para ajudar.

Segundo Rashi, este era o anjo de Essav, mais conhecido como *yetzer hará*.

Como se explica que Rashi, o mesmo autor, ao comentar sobre o *Ish* que aparece para Yossef afirma ser o anjo Gabriel, e em seguida, diz que a mesma palavra *Ish* designa o anjo horrível? Qual a diferença? Como Rashi podia saber a diferença entre o anjo do bem e o anjo do mal?

Rashi chega à conclusão que aquele que tem tempo e disposição para ajudar é o anjo Gabriel e o outro, que se nega a ajudar, só pode ser o *yetzer hará*.

O Sr Reuven logo entendeu a mensagem do Rebe de Tzantz.

O TESTE PERSISTE

Sabemos que quando surge algo importante nós sempre encontramos tempo. Às vezes, ficamos duas horas na mesa de Shabat, comendo e conversando com a família e amigos – afinal, é um prazer que merecemos desfrutar – e, no final do jantar, quando chega a hora de fazer o *Bircat hamazon*, precisamos ir embora porque estamos atrasados...

Outro exemplo é quando decidimos tomar um café da manhã caprichado, com calma, mas comemos um pão *mezonot* para não demorar... Quais são nossas prioridades?

ACHAMOS TEMPO PARA O QUE JULGAMOS IMPORTANTE

As pessoas mais ocupadas são justamente as que encontram tempo para realizar tudo que é necessário. Por exemplo, um empresário atolado no trabalho, com reuniões agendadas o dia todo, saberá como participar de um evento inesperado se julgar importante.

Todos nós temos tempo, basta priorizar e dar o grau de importância correto para cada atividade. Utilizar bem o tempo não significa dedicar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, ao trabalho ou estudo. Significa também saber designar momentos da semana para tomar sol, fazer ginástica, escutar música ou praticar algum hobby.

PRECISO DE FOLGA

Um homem procura um alfaiate para fazer um terno sob medida para um evento especial. O alfaiate anota todas as medidas exatas dos ombros, braços, pernas, etc, mas na hora da prova o cliente nota que as

mangas estão uns 5 centímetros mais compridas e reclama. O alfaiate explica que se fizer exatamente na medida, ele não vai conseguir mexer o braço para cima nem para baixo, a folga é necessária para se movimentar à vontade, com conforto.

Na vida também precisamos de alguma folga. Passear, praticar algum esporte ou hobby faz parte de uma rotina saudável. Isso não é perder tempo, afinal não somos anjos. Mas temos tempo para nos importar com os outros, para sermos parecidos com o anjo Gabriel, ou não?

JOGAR O TEMPO FORA

Imagine passar na rua e ver alguém jogando notas de US \$100! Certamente, muitos tentariam pegar e guardar algum dinheiro pensando que a pessoa jogando dinheiro fora é boba. Quantas notas de 100 minutos nós jogamos no lixo?

Dinheiro vai, com saúde e bem usado volta, mas o tempo perdido não volta. O minuto que estamos vivendo agora mesmo nunca mais será recuperado. Nos espantamos ao ver dinheiro sendo jogado fora, mas não notamos o tempo que desperdiçamos.

A magnífica tecnologia que tanto nos auxilia também nos prejudica. Temos à disposição um excesso de informação inútil que atrai a curiosidade e com muita facilidade passam-se duas, três, quatro horas, sumidas no vazio – horas que poderiam ser muito bem utilizadas. Isto é não usar bem o tempo. Isto é ser reprovado no teste do maná caindo do céu no deserto e no teste do tempo que hoje nos é dado, dia após dia, que não podemos guardar para o futuro.

Quem trabalha com informática e tecnologia passa o dia em frente à tela do computador, entretanto o tempo muitas vezes é desperdiçado em redes sociais e outras futilidades. Constatamos que um dos maiores educadores do século 21 é o YouTuber, inegavelmente muitos apresentam excelentes conteúdos e outros são vazios, porém influenciam e consomem o precioso tempo de nossa juventude.

Devemos nos educar e depois educar nossos filhos a ter limites, e percebermos o quanto estamos envolvidos com as redes sociais, é o teste da nossa era. Vamos somar quantos minutos e horas perdemos por semana, valente será o que disser ao seu smartphone: “Eu consigo te desligar!”. É um vício e o efeito colateral deste vício é o quanto ele devora do nosso recurso fundamental, o tempo.

APROFUNDAR

O grande problema que resulta do uso indiscriminado do celular é a falta de conexão com o que realmente importa. Sem desligar não conseguimos nos aprofundar em nada, porque a cada vez que o aparelho vibra ou emite um som, voltamos à superfície. Seja estudando, trabalhando, seja em uma conversa com a família, com amigos, seja até no meio de uma piada, é impossível nos aprofundarmos pois a distração imediatamente nos traz de volta à superfície. A tecnologia é uma *berachá* quando bem utilizada. Une pessoas distantes, mas muitas vezes separa pessoas próximas.

Quanto é importante saber curtir o tempo, estar com a família de férias sem olhar mensagens. Estar no trabalho, na reunião, focado ali e em nada mais. Estar presente de corpo e alma, com o pensamento mergulhado naquele momento. Como é gostoso para o filho saber que o pai e a mãe estão lá para ele, sem outra distração. Quanto é bom para o marido saber que a esposa está perto dele de fato, e para a esposa ter o marido ali para ela. E para dois amigos. E para o avô e o neto... É importante estar online onde estiver e off-line de todo o resto, mesmo que seja por pouco tempo.

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA

Para reforçar, vale lembrar a história de como Akiva se transformou no grande Rabi Akiva – sem ele talvez não houvesse todo o conhecimento que temos hoje. Páginas do *Talmud*, *mishnayot*, toda a riqueza da Torá não existiria sem Akiva tornar-se Rabi Akiva.

O que causou a transformação foi sua observação a partir da água batendo na pedra. Ele viu uma pedra, dura como toda pedra, ser perfurada pelo constante atrito da água, e pensou: “Tenho 40 anos, minha cabeça é dura, mas se a rocha é dura e a água batendo nela acaba perfurando, minha cabeça ainda tem chance de ser perfurada por coisas boas.” Foi esta percepção, diz o Talmud, que transformou Akiva em Rabi Akiva.

E se Rabi Akiva naquele momento estivesse com seu smartphone ligado? Ele olharia a pedra e após alguns segundos a vibração do aparelho ou o aviso de nova mensagem do WhatsApp iria distraí-lo. Então ele não teria a chance de se aprofundar, não seria capaz de ver na pedra o que viu, seu nome não seria conhecido, não herdaríamos o enorme legado que ele nos deixou.

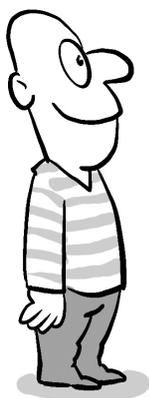
Mas ele não se distraiu, aprofundou seu pensamento naquele cenário banal e viu o que ninguém mais viu.

Quantas vezes já vimos a água batendo na pedra e não enxergamos nada além de uma simples pedra? Mas Akiva intuiu e se transformou em Rabi Akiva, ele estava *online* naquele momento, vivendo com intensidade aquela situação.

Que saibamos viver online com as pessoas próximas. Quando estivermos no trabalho, fiquemos *online* no trabalho, que no estudo fiquemos *online* só no estudo e, principalmente, online na *tefilá* com o nosso Wi-Fi direcionado a Hashem.

Que possamos aproveitar cada instante com quem está ao nosso lado e aprender a ver coisas incríveis como Akiva viu. Que cada um possa descobrir o Rabi Akiva que existe dentro de si, aproveitando o tempo de forma correta.

**QUAL É A ÚNICA COISA QUE
HASHEM NÃO TEM?**



“

*A única coisa do mundo
que Hashem não tem é a
escolha do ser humano.*

”

MISHCAN

Segundo nossos sábios, a única obra cuja beleza e finura não tem comparação, que ganharia qualquer competição em termos de estética, design, arquitetura, engenharia etc., é o *Mishcan* (o tabernáculo).

Como o *Mishcan* foi construído? De onde veio a verba para construir aquele lugar com ouro maciço e ornamentos indescritíveis? A Torá conta que tudo veio através da doação do povo. Era a casa de Hashem, portanto todos queriam participar.

DOAÇÃO NA ÉPOCA DO MISHCAN

Quatro *pessukim* inteiros definem quais materiais necessários podiam ser doados: ouro, prata, bronze, linho, lã, outros tecidos e materiais. Era uma lista de opções para que todos pudessem doar. O curioso é que só no último verso, no final da lista, constam pedras preciosas.

Comenta o Rav Chaim Benatar, mais conhecido pela sua obra no *Chumash*, *Orach Chaim Hakadosh*: “Se estivesse na ordem do mais valioso ao mais comum, esta relação deveria começar com pedras preciosas – diamantes, safiras – seguido de ouro, prata e bronze, depois tecidos e outros materiais.”

Aparentemente, não tem lógica. Por que as pedras preciosas estão no final? Ele traz três respostas e duas delas têm um denominador comum. A primeira resposta exige um pequeno contexto para imaginarmos o cenário.

A REUNIÃO

Foi organizada uma reunião onde o povo inteiro era convidado a participar, tanto quem possuía mais quanto quem podia doar menos. Sentados na mesa principal, no pódio, estavam os *nessyim* (12 líderes das tribos), muito respeitados e com maior poder econômico.

Alguém da comissão chegou nesta mesa:

– Vamos começar a arrecadação. Quanto vocês querem doar?

Fizeram um rápido consenso entre eles e responderam:

– Tudo o que faltar nós iremos cobrir.

Esta atitude provocou aplausos: quanta generosidade, tudo o que faltar eles complementam! O mais incrível é que Moshê *Rabênu* nem havia falado qual seria o custo total do *Mishcan*, afinal eles não poderiam ainda calcular qual seria a parte de cada um.

Acabada a festa foi cada um para sua casa, o resultado foi apurado, e a Torá conta que o valor da arrecadação não só foi o suficiente como superou as expectativas! Os 12 príncipes aguardavam o resultado e ficaram sabendo que não precisavam da doação deles.

– Nós queremos participar da construção do *Mishcan*!

– Não é mais necessário, já foi doado todo o ouro e materiais necessários.

Então, surgiu uma necessidade, e para atender a demanda, explica Rav Chaim Benatar, foi adicionado na lista mais um artigo.

A NECESSIDADE CRIOU A OPORTUNIDADE

Por esta razão só aparecem no final as pedras preciosas, que também foram inseridas no peitoral e nos ombros como ornamento do traje do *Coben gadol* e continham o nome das 12 tribos.

Os líderes das tribos, estes *tsadikim*, senhores muito importantes e capazes, recebem na Torá o título de *nessyim*. *Nessyim* significa “chefes”, a palavra *nassi* quer dizer também “aquele que carrega”, pois eles carregavam, lideravam suas respectivas tribos. (Curiosamente, após este episódio, a Torá tira a letra *iud* de *nessyim*, e a palavra se transforma em *nissayim*: “aquele que é carregado”).

A mensagem importante que chega até nós é que quando participamos economicamente de algum projeto podemos pensar que “estamos carregando a Torá”, mas acontece justamente o contrário. Na verdade, estamos sendo carregados por ela, porque talvez Hashem só tenha mandado inicialmente a *parmassá* para determinada pessoa para que ela pudesse ajudar os outros.

Apesar de todo o prestígio e poder, os *nessyim* só puderam contribuir após ser criada uma brecha, ao ser inserida na lista de doação mais um artigo: pedras preciosas. Por que aqueles *tsadikim* foram, de certa maneira, rebaixados? Por que isto foi visto como um problema? Doadores como estes, com esta atitude de completar o que falta, são o sonho de qualquer instituição do mundo – *yeshivot*, hospitais, sinagogas, e todas instituições beneficentes sonham com doadores assim!

PARTICIPAÇÃO DO POVO

Explica o *Orach Chaim*: quando se trata da construção do *Mishcan* não existe o conceito de déficit, de dívida e falta. Hashem poderia ter construído o *Mishcan* sozinho, afinal é a Sua casa, e sabemos que se Ele quisesse, com um estalar de dedos (ou até menos!), o tabernáculo desceria pronto, com todas as especificações que desejava.

Entretanto, o *Mishcan* não veio pronto porque Hashem queria dar ao povo a chance de colaborar. Os *nessyim* falharam em perceber a grandeza da ocasião e agir com empolgação, com a vontade que Hashem esperava dos líderes.

Isto remete ao caso verídico que enaltece ainda mais o caráter de Chafêts Chaim.

Certa vez, um senhor o procurou em Radin, cidade onde morava.

– Rav, eu conheci tanto sua reputação que estou pronto para ajudar a *yeshivá* de Radin.

– Obrigado, fico muito feliz, é muito gentil da sua parte.

– Eu quero doar o total geral para manter a *yeshivá*. Quero ser o único doador, ou tudo ou nada.

– Sinto muito, então é nada.

– Mas por que Rav?

– Porque eu tenho um compromisso com *benei* Israel. Se você doar o valor total, eles perderão a oportunidade de participar na manutenção da *yeshivá*. Eu não posso aceitar isso!

POR QUE AS PEDRAS PRECIOSAS ESTÃO POR ÚLTIMO?

Retomando o enfoque e explicação do *Orach Chaim*, eis a primeira resposta: cada um contribuiu dentro de suas possibilidades, alguns mais, outros menos, e assim procederam até ser completada a lista dos materiais necessários. O algodão, por exemplo, por ter sido trazido por quem só possuía algodão, aos olhos de Hashem valia mais do que as pedras preciosas – fazendo com que elas ficassem no final da lista.

A segunda resposta é que todo material necessário utilizado no *Mishcan* foi ofertado pelo povo, exceto as pedras preciosas, que vieram de forma milagrosa através das nuvens celestiais, portanto não exigiam esforço algum para obtê-las. Talvez indagassem: mas o diamante não é muito

mais valioso do que algodão? “Sim”, diz Hashem, “mas se Eu quisesse diamante poderia ter construído o *Mishcan* inteiro só de diamante.” Ambas as respostas apontam que Hashem não valorizava o material e sim o entusiasmo, a empolgação no momento de ajudar.

ÚNICA COISA QUE HASHEM NÃO TEM

Sabedoria, longevidade, pedras preciosas, continentes, oceanos – o que falta para Hashem? **A única coisa do mundo que Hashem não tem é a escolha do ser humano.** Quando alguém cumpre uma *mitsvá* com má vontade, o que está dando para Hashem? A única coisa que Ele espera de nós é a boa vontade!

Por exemplo, ao colocarmos o *tefilin* automaticamente, com o pensamento longe, o que estamos oferecendo a Hashem? (Vale notar que as nossas *mitsvot* são sempre queridas a Hashem, mas é incomparável a uma *mitsvá* feita com boa vontade.)

Hashem quer a empolgação, vontade e entusiasmo nas atitudes das pessoas. Ele nos deu o livre arbítrio e cabe a nós agir ou não com prazer e animação. Na *Guemará*, tratado de *Ketuvót* (103b), surge um fato que ilustra o poder da vontade.

O TINTUREIRO E A PROFECIA

Rebi Yehuda Hanassi, mais conhecido no Talmud como Rebi, compilou todas as *mishnayot* e, quando faleceu, saiu uma *bat kol* (uma voz celestial) como uma profecia e anunciou: “Todo aquele que estava no bairro do Rebi no momento de sua partida adquiriu o direito de ir para o *olam habá*, o mundo vindouro”.

Continua a *Guemará*: havia um tintureiro que morava na vizinhança do Rebi e justamente naquele dia não estava presente. Quando ele soube da profecia, que todos os presentes teriam o mérito garantido de ganhar *olam habá*, ele ficou inconformado:

– Eu estive aqui todos os dias e, justamente quando precisei me ausentar, perdi este direito? Por um único dia, será que não tem um limite de faltas, uma tolerância?

Ele ficou muito mal, ficou triste demais e neste momento, conta a *Guedaliau*, saiu uma voz celestial e falou: “O tintureiro também está convidado para o *olam habá*.”

VONTADE É IGUAL AO ATO

O *olam habá* só foi prometido a quem estava presente na hora do falecimento do Rebi e Hashem não mudou de ideia, mas o tintureiro queria tanto ter estado lá, demonstrou com tanta verdade esta intenção, que acabou sendo como se estivesse, de fato, presente.

Vontade, escolha, livre arbítrio são os poderes humanos e Hashem não interfere. O livre arbítrio da pessoa é 100% dado nas mãos dela sem influência divina. Hashem criou o mundo e, para o ser humano, o livre arbítrio total.

SACRIFÍCIO DE YITSCHAC

Rav Guedalia Shor em seu livro *Or Guedaliau* apresenta uma revelação espetacular sobre *akedat* Yitschac.

Hashem ordenou Avraham a sacrificar seu filho Yitschac, mas um segundo antes de Avraham de fato fazer o sacrifício, Hashem o mandou parar. Surge uma dúvida: se o ato de Avraham sacrificar seu filho era necessário, por que Hashem o deteve? E se não era necessário, por que então Hashem o ordenou?

Responde o Rav Guedalia Schor algo magnífico: a razão de ser desnecessária a ação não é por Hashem ter mudado de ideia. Avraham *Avinu* falou “eu quero muito fazer o sacrifício de Yitschac” e esta afirmação, para Hashem, foi suficiente.

Se Hashem quisesse, Ele poderia matar Yitschac, porém este não era o objetivo. Hashem queria testar a devoção de Avraham. No momen-

to que Avraham *Avinu* demonstrou obediência e devoção máxima para Hashem, não existiu mais a necessidade de cumprir a ordem.

Logo depois, Rav Guedalia Shor repete a pergunta: “O sacrifício de Yitschac aconteceu ou não aconteceu?”. Agora, com tudo o que foi esclarecido, a resposta é sim, porque a vontade de Avraham *Avinu* equivale ao ato realizado.

Isso nos explica algo poderosíssimo: falamos inúmeras vezes nas *tefilot* de *Rosh Hashaná* “Hashem lembra o mérito do sacrifício de Yitschac, as cinzas de Yitschac no *Mizbeach*...” Que cinzas? Que sacrifício? O fato de Avraham *Avinu* estar pronto e decidido a realizar o sacrifício de seu filho foi visto por Hashem como o ato ter sido realizado. Hashem falou: “Nem encoste a faca nele, para Mim você já fez o sacrifício porque a sua vontade é igual ao ato.”

CRESCENDO COM AS MITSVOT

Uma criança com 5, 10, ou 15 anos de idade faz ou deixa de fazer alguma coisa porque o pai mandou, a mãe pediu ou o *moré* ensinou. Mas se quando a pessoa tem 20, 30, 50, ou 119 anos de vida com saúde, e é questionada sobre o motivo de fazer tal coisa, ela apenas dá de ombros como se não importasse a resposta – algo está errado.

– Por que você jejua no *Yom Kipur*?

– Porque meu pai jejua.

– Você tem 20 anos de idade, é muito bom respeitar seu pai, mas porque **você** jejua? Onde está a vontade de realizar algo? Só porque ele faz não é o suficiente.

A resposta deveria ser:

– Escolhi não comer porque Hashem ordenou e eu obedeco porque é a única coisa que eu posso dar para Ele.

Ao longo da vida, a criança começa dirigindo um triciclo, depois passa para uma bicicleta com as duas rodinhas auxiliares, logo mais com só

uma rodinha, então segue com uma bicicleta maior, um carro, e assim vai... O objetivo é sempre progredir. Com as *mitsvot* ocorre o mesmo, não é possível fazer as coisas do mesmo modo a vida inteira.

Se aos 40 anos o homem não sente nada de especial ao cumprir uma *mitsvá*, algo está faltando. Se outro indivíduo frequenta a sinagoga no *Shabat* por 30, 60, ou 90 anos, já falou *cabalat shabat* inúmeras vezes, mas não se conecta com a espiritualidade – algo está faltando: vontade, introspecção e querer sentir Hashem durante a *mitsvá*. Como fazemos para sentir alguma coisa? Qual *midá* podemos utilizar para sentir a presença de Hashem de verdade?

ENTUSIASMO X APATIA

Rav Dessler aponta que se uma pessoa continua fazendo as *mitsvot* como aprendeu em criança – no piloto automático, onde aperta o *play* anda, aperta *stop* para –, sem motivação, na verdade deixou a desejar e sente a crise do vazio. Com o passar do tempo, é fundamental avaliar como estamos cumprindo as *mitsvot* e adicionar um pouco de calor e entusiasmo.

Rav Moshe Feinstein nunca encostou os ombros na cadeira enquanto estudava, sempre estava com os ombros eretos, com a postura correta sem desleixo. Isto demonstra a importância que ele dava para o estudo.

Quando estamos comendo, não adormecemos, quando estamos mexendo no celular (independente da hora da madrugada...), não adormecemos, mas quando abrimos a *Guemará* pode ser que bocejamos algumas vezes em 30 segundos...

Quando apreciamos uma tarefa, realizamos com sorrisos, entusiasmo e empolgação. Se alguém está cansado, com sono, e surge algo do seu interesse, ele vai acordar imediatamente. Como definir o que gostamos? Basta olhar onde está nossa empolgação.

Entusiasmo é muito importante para Hashem porque expressa sinal de vida, de desejo, de curtir, e ir para frente. O contrário também é

verdadeiro: se precisamos fazer algo e vamos de mau humor, arrastados, significa que não gostamos e nossa reação é apatia e frieza. Tanto que o adjetivo que Hashem utiliza para se referir ao pior povo do mundo, Amalek, é אַמֶּלֶק, um povo frio, com apatia, falta de vida.

A FRIEZA DO FARAÓ

Acontecia a última das dez pragas, a morte dos primogênitos. A Torá nos conta que o Faraó levantou da cama no meio da noite para procurar Moshê e Aharon e mandar o povo embora do Egito para cessar a praga. Ele via tantos primogênitos morrendo que teve medo por também ser primogênito.

Um dos Rashis mais curtos e poderosos da Torá está aqui! Rashi comenta este trecho: “Faraó levantou da cama (para procurar Moshê e Aharon e mandar o povo embora).” Quão apático ele podia ser?! O Faraó passou por nove milagres, enfrentou privações por nove meses ininterruptos, e quando Moshê avisou que à meia noite haveria mais uma praga, o que ele fez? Foi dormir! Como ele foi dormir? Para a pessoa apática não existe a pergunta “como”. Frieza, apatia é o contrário de empolgação, entusiasmo.

DE FORA PARA DENTRO

Praticamente, como fazemos para ter entusiasmo em nossas vidas e nas nossas *mitsvot*? De acordo com a Torá, alguns livros da literatura judaica e a psicologia moderna, podemos incrementar o entusiasmo partindo de fora para dentro. Posso forçar um sorriso artificialmente uma, duas, dez, vinte vezes até que o sorriso seja constante em meu rosto. É uma mudança de atitude.

Um exemplo: às vezes, durante a aula com o *personal trainer*, não estamos nada animados e ele pede que façamos 20 polichinelos. Começamos a pular sem a mínima vontade, até aquecer e aqueles movimentos ganharem motivação. **Vai de fora para dentro.**

Outro ponto importante: todo *yebudi* deve ter uma *mitsvá* em especial para chamar de sua e aprimorar cada vez mais. A *Guemará* no tratado de *Shabat* (118b) conta que Rav Nachman dizia: “Certamente eu serei recompensado por ter feito três refeições no *Shabat*.” E Rav Yehuda anunciava: “Eu serei recompensado porque fiz *tefilá* com *kavana*, com calma, concentrado.”

Estes grandes *chachamim* cumpriam as demais *mitsvot*, mas se identificavam particularmente com alguma específica. Cada um tem afinidade com uma *mitsvá*, isto é natural e Hashem entende. Resumindo, são três passos para incrementar o entusiasmo: começar de fora para dentro, escolher uma *mitsvá*, e se adaptar – afinal, nos acostumamos com tudo, como veremos a seguir.

DIFICULDADE E ADAPTAÇÃO

Viktor Frankl, psicólogo austríaco que passou pelos campos de concentração, descreve em seu livro *Em busca do sentido* como eram as noites nos campos e a enorme dificuldade para dormir naquela madeira que nem se pode chamar de cama. Era algo amedrontador – diz ele – nove pessoas em um quadrado, gemidos, luzes apagadas, ninguém podia se mexer, era inverno e tínhamos dois cobertores para nove pessoas. E aí de quem usasse o sapato como travesseiro, porque se um guarda visse, a pessoa seria morta de imediato, então ninguém ousava. Não tinha condições de encontrar uma posição para dormir.

O incrível era que em poucos dias, todos aprendiam a dormir naqueles mesmos centímetros, com aqueles mesmos dois cobertores, com as mesmas nove pessoas na cama. Completa Viktor Frankl: a pessoa é capaz de se acostumar com tudo, de adaptar-se mesmo com a situação mais difícil do mundo.

Se lembrarmos o quanto algumas pessoas lutaram para ter o que temos (e talvez nem reconhecemos) deveríamos pular de alegria. Rav Ovadia Yosef, z”l, contou que sua família dispunha de um garfo, uma faca, uma colher e um prato de carne, além de mais um garfo, uma faca, uma colher e um prato de leite para a família inteira. Eles nem conseguiam fazer a refeição de *Shabat* juntos, comia um de cada vez.

Hoje, temos aparelho de jantar para carne, jogo de porcelana para leite, pratos especiais para *Pessach* e para o *Shabat*. Deveríamos vibrar por sermos *yebudi* e podermos professar nossa fé livremente. Em tantos lugares e épocas diferentes, quantas vezes nossos antepassados quiseram manifestar seu judaísmo e com receio escondiam-se nos bueiros para não serem mortos?

O Rebe de Sanz, que também passou pela guerra, contou um dos dilemas que enfrentou certa vez no *Shabat*, quando conseguiu um pedaço de pão: “Será que eu como esse pedaço de pão para não jejuar no *Shabat*? Por outro lado, é melhor não comer porque não tenho água para fazer *netilat yadaim*...”

Termos água para fazer *netilat yadaim* é um mérito! Às vezes devemos procurar o pão *hamotzi* (e não *mezonot*!) para termos este mérito. Apesar de toda dificuldade, ou no nosso caso, *B’H*, facilidade, o ser humano se acostuma e se adapta com tudo.

O MÁXIMO E O MÍNIMO

Todos temos milhares de vontades e sabemos que quando se quer de verdade alguma coisa nada nos detém. Este episódio se passou em Israel: uma mãe estava com três filhos pequenos na plataforma de embarque do metrô, quando o metrô chegou, abriram as portas, as crianças entraram e a mãe ficou fora. A mãe ficou desesperada.

Ela fez o que qualquer mãe faria: em vez de esperar o próximo metrô, correu até a próxima estação para pegar os filhos. Quando chegou na estação, viu que uma pessoa muito gentil estava cuidando das três crianças imaginando que sua mãe chegaria a qualquer momento. Ela não chegou junto com o trem, porque isto não é uma história de ficção, mas quase junto.

A vontade do ser humano quando quer alguma coisa é tão grande que, com um pulo, quase chega até a lua! Por outro lado, alguém me contou que tem um colega que só compra pijama com bolso. Perguntei, curioso: “Mas por quê?”. “O bolso é para poder colocar o controle remoto da televisão, assim ele nem precisa esticar a mão para apertar o botão do controle!”

MITSVÁ DE TSITSIT

Para finalizar o capítulo, uma história verdadeira e inspiradora que começou em 2008. Havia um jovem chamado Brian que morava nos Estados Unidos. Este rapaz frequentava um centro de estudos e seu professor notou que ele não evoluía nos estudos tanto quanto os outros. O tempo passava e o professor tomou como sua missão esquentar o coração deste aluno de alguma forma.

Três anos depois, em 2011, o professor resolveu levar um grupo de alunos, entre eles Brian, para Israel numa viagem promocional patrocinada por uma instituição que o Rav coordenava. O professor e os jovens com idade entre 18 e 20 anos passaram dez dias em Israel para conhecer e, principalmente, incentivar certa ligação com a espiritualidade.

No último dia da viagem, sentaram-se em roda e cada um dava pareceres sobre sua experiência e o que queriam mudar a partir daquele momento.

Chegou a vez de Brian:

- Eu também quero fazer uma coisa.
- O que escolheu de tudo que viu?
- Eu vi um pessoal usando uma roupa com os fios para fora e eu decidi usar isso daqui pra frente.
- A *mitsvá* de usar *tsitsit* é mais difícil de cumprir, você precisa usar o tempo todo.
- Já decidi, esta será minha *mitsvá*.

Todos voltaram para Nova York pouco antes de *Tisha B'Av*. Brian chegou em casa e falou para a mãe que queria ir à sinagoga:

- Em lembrança ao Muro das Lamentações que conheci em Israel, eu quero ir a uma sinagoga ortodoxa.

A mãe atendeu seu pedido. Ao entrar na sinagoga, ele viu na parede algo que o fez parar: uma placa com o nome do seu avô.

– Mãe, eu nunca soube que meu avô participou de uma sinagoga, muito menos que ele ajudou na construção.

A mãe concordou:

– É verdade, nunca contei.

Enquanto os dois observavam a placa, passou um senhor de bastante idade ao lado e se apresentou:

– Sou desta sinagoga há muitos anos, vocês querem alguma informação?

– Estamos olhando essa placa do meu avô.

– Eu conheci muito bem seu avô!

– O senhor pode contar alguma coisa sobre ele?

– Ele era um senhor muito especial, fazia tudo por uma *mitsvá*. Ele tomou a *mitsvá* de *tsitsit* para ele. Quando via um jovem que não usava, ele procurava uma forma de ajudar, explicar, dar o *tsitsit*. Cada vez que alguém usava após seu incentivo, seu avô sorria como uma criança.

Brian ficou pálido, começou a lacrimejar. Aquele senhor reparou:

– Desculpe se falei alguma coisa que o magoou.

– O senhor não falou nada de errado, obrigado por me contar isso.

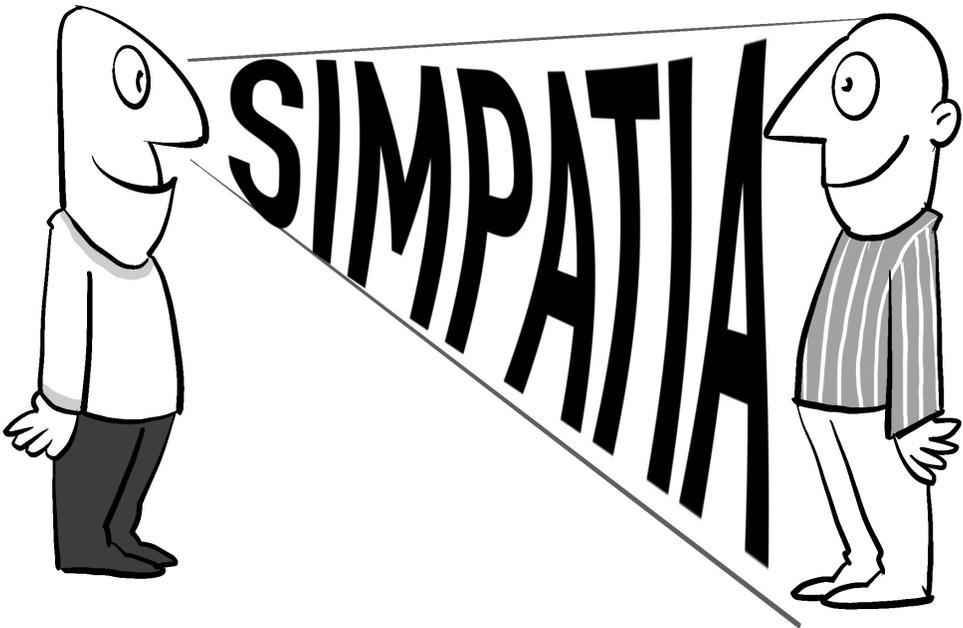
Brian não acreditava que havia escolhido justamente a *mitsvá* de *tsitsit* para si, e aquela conexão aumentou o seu entusiasmo.

O *Midrash Raba* nos diz: “Quando uma pessoa resolve cumprir uma *mitsvá* com capricho, esta *mitsvá* nunca mais cessará de valer, de ser feita na sua casa.” História aqui concretizada de avô para neto.

Que a promessa do Midrash se concretize e, *B’H*, que possamos procurar entusiasmo de fora para dentro, escolher uma *mitsvá*, encontrar o contrário de frieza – a vida. Que sejamos pessoas empolgadas com a vida e também com a Torá e *mitsvot*.

Yehudi em desenvolvimento

FALANDO EM VALORES



“

Se nos questionarmos a cada passo do nosso dia: “Qual é a minha missão agora, o que devo falar ou deixar de falar, fazer ou deixar de fazer?”, seremos como Moshê Rabenu!

”

POR QUÊ?

Perguntas simples podem guardar uma luz magnífica que ilumina respostas grandiosas. Uma das mais importantes que em algum momento da vida devemos nos fazer é: “Qual é o nosso propósito neste mundo?”. Podemos aprofundar: “Será que viemos apenas para comer, estudar, nos divertir, casar, ter filhos, e trabalhar? Isso é muito, mas será tudo? Para que Hashem nos depositou aqui de forma maravilhosa, com esse corpo espetacular?”.

Não existe uma só resposta porque cada pessoa é única e possui uma razão específica de ser e atuar no mundo de acordo com suas individualidades, mas existe um objetivo maior para todos, que Hashem providenciou e separou para cada um de nós.

CUMPRIR *MITSVOT*

Neste contexto, lendo agora este livro a resposta óbvia é: estamos aqui para fazer *mitsvot* e Torá. Mas será isto mesmo? Indiscutivelmente, observar a Torá é a maior *mitsvá* do mundo; indiscutivelmente, Hashem desgosta das *averot*; indiscutivelmente, *mitsvot* são o que Hashem espera de nós – e a dúvida persiste: “Por que estamos aqui, de verdade?”.

“Para fazer 613 *mitsvot*” parece ser uma resposta adequada. Inclusive, a Torá nos conta que quando Yaacov se deparou com seu irmão gêmeo Essav – e sabemos que irmãos gêmeos são pessoas tão diferentes –, Yaacov falou (Bereshit 32;5):

עם-לָךְ גָּרְתִּי

Eu morei junto com Lavan.

A palavra *garti* (morei) poderia ter sido escrita de outra forma, e nossos sábios decifram que ela possui o mesmo valor numérico: 613! Ou seja, Yaacov falou para seu irmão Essav: “Eu cumpri 613 *mitsvot*, realizei minha missão.”

Vamos tentar definir melhor, afinal se queremos saber por que estamos aqui, precisamos dedicar um tempo para analisar este assunto. A única forma de saber o que Hashem espera de nós é estudar profundamente o que Ele nos deu: a Torá.

LE CHAIM!

O bem mais precioso de Hashem neste mundo é nossa vida. Ele deu um corpo para cada um de nós para que possamos viver com saúde até 120 anos e nos avisou: “Ser humano, homem ou mulher, use e abuse, só não se esqueça de seguir a receita e ler a bula – no caso, a Torá.”

Viver a vida! Vale lembrar que em momentos de grande alegria e de comemorações felizes, para marcar um evento especial é costume brindarmos – e não por acaso falamos *Le chaim!* (À vida!) A vida é o mais importante, mas por outro lado, a Torá *kedoshá* é o objeto de estimação de Hashem, foi com a Torá que Ele criou o mundo, o universo inteiro.

Não foram poucas as ocasiões durante a História em que *yehudim* foram obrigados a abrir mão de uma *mitsvá* ou cometer *averá*. Por exemplo, se uma pessoa for forçada a comer alimento não kasher, embora isto seja uma transgressão da Torá, a vida vem em primeiro lugar.

Apesar da Torá ser preciosa para Hashem, apenas três *averot* são consideradas gravíssimas – e o preço a pagar por quem as comete é com

a própria vida. São elas: relações sexuais proibidas, praticar idolatria e matar. Então, caso uma pessoa seja ameaçada e deva escolher entre cometer idolatria ou perder sua vida, ela deve abrir mão de sua vida, por outro lado, para quaisquer das 610 *mitsvot* e *averot* restantes que fazem parte do plano de Hashem, a vida do *yebudi* tem prioridade.

SÁBIO BOBO

A *Guemará*, no Tratado de Sota (21 b), traz um tema interessante. Rabi Yehoshua nos conta que algumas pessoas estragam o mundo com ações bobas, tolas e uma delas é o *chassid shotê* (bobo). O *chassid* da *Guemará* é aquele que observa e pratica a *mitsvá* com ainda mais empenho, assim como se distancia mais da *averá*. Diz Rabi Yehoshua: se ele é *chassid*, não poderia ter conduta tola, por isto é chamado de *chassid shotê*, e a *Guemará* ilustra com exemplos.

Aqui vai um exemplo: uma mulher está se afogando. Um *chassid* presencia a cena e, por ser extremamente cuidadoso pensa consigo mesmo: “Eu sou *chassid*, devo me resguardar de olhar para a mulher que talvez esteja se afogando, também não posso tocar nela, portanto, eu não posso salvá-la.” Se ele está se preservando de praticar uma *averá* gravíssima, de olhar e tocar uma mulher que não é dele, isto não é o correto? Não, diz a *Guemará*, neste caso ele foi um *chassid* bobo, ele deveria salvá-la.

Outro exemplo, agora vindo do *Talmud yerushalmi*. Este caso, agora envolvendo uma criança, apresenta o mesmo cenário: uma criança está em perigo de se afogar, um *chassid* a vê e fala para si mesmo: “Estou com *tefilin*, vou tirar para não molhar e depois salvo a criança.” De fato, o *tefilin* é sagrado – abrindo as caixinhas da mão e da cabeça, contamos 21 vezes o nome de Hashem – e o *chassid* ponderou se deveria tirar o *tefilin* para não molhar e apagar o nome de Hashem antes de salvar a criança. Diz a *Guemará* que este também é um *chassid shotê* (bobo).

Ambos podem ter sido *chassidim*, mas estas atitudes transformou-os em tolos. Se são considerados bobos o *chassid* que se cuidou para não olhar

e não tocar uma mulher que não era sua esposa e o homem preocupado em preservar o *tefilin* para não apagar o nome de Hashem, quem Hashem considera o *chassid* verdadeiro? O que Ele espera de nós?

LEVANTANDO MAIS DÚVIDAS

Em *Pirkei Avot*, quinto capítulo (5;20), Yehudá Ben Tema traz o famoso dito evocado no começo de *Shacharit*: “Seja valente como o leopardo, ligeiro como a águia, **veloz** como o cervo, e forte como o leão, para cumprir a vontade de teu Pai [que está] no céu.” Termina a *Mishná* dizendo: “... o **sem vergonha** se encaminha ao Guehinom, mas o envergonhado ao Paraíso.”

Afinal de contas, ser ágil é bom (como consta no começo desta *Mishná*) ou algo ruim (como consta no final da mesma)? O que é certo? É para ser ágil e astuto ou é melhor não ser assim, já que isto traz um final infeliz? Nada melhor que uma história para elucidar tantas dúvidas.

ACONTECEU EM TISHA B’AV

Esta história se passa num dia não tão agradável, que ainda faz parte do calendário judaico até um dia não precisar mais ser lembrado: nove de Av. Um homem estava sentado lendo as *Kinot* (lamentações) que costumam ser ditas em *Tisha B’Av*. Apareceu um desconhecido ao seu lado e pediu:

– Estou com certa dificuldade para escrever, você pode me ajudar a escrever uma carta?

O homem respondeu:

– Agora eu estou lendo as *Kinot*, espero que você tenha percebido isto. Volte depois, se eu estiver livre eu ajudo, agora não é a hora.

O desconhecido se afasta, sem ser atendido.

Um senhor sentado ao lado do homem que se recusou a ajudar perguntou:

- Por que nós falamos *Kinot* em *Tisha B'Av*?
- Porque está no *Sidur*.
- Que *mitsvá* manda dizer *Kinot*? Não é uma *mitsvá*, é um costume. Escrever a carta para um desconhecido seria uma *mitsvá*: *chessed* (bondade) e também *abavá chinam* (amor gratuito).

Proseguiu este senhor:

- Por que o *Beit Hamicdash* foi destruído?
- *Sinat chinam* (ódio gratuito).
- Meu amigo, você tinha na sua frente uma oportunidade de ouro, gostar de alguém que você nunca viu além de tomar o remédio que era necessário no dia de *Tisha B'Av*, e você perdeu.

A reação inicial daquele homem, assim como qualquer um de nós reagiria, foi dizer: “Espere um pouco, agora eu estou rezando, tem hora para tudo, agora não é hora de escrever carta.” Talvez nosso papel não seja ter vindo ao mundo para realizar as 613 *mitsvot* da maneira como conhecemos e interpretamos. Naquele momento seria melhor ter deixado o *sidur* de lado e ajudado. Parece que Rabi Yehoshua Ben Levi (a seguir) ouviu nossa questão e nos ajuda a entendê-la melhor.

PESAR AS ATITUDES

No tratado de *Moed Katan* (5a) encontramos: “Todo aquele que pesa suas atitudes verá a salvação de Hashem.” Rabi Yehoshua Ben Levi ensina que não basta fazer *mitsvot*, é preciso avaliar se a *mitsvá* naquele momento é a vontade de Hashem.

O livro *Derech Hachaim* explica a razão de ser justamente esta – ver a salvação de Hashem – a recompensa que Rabi Yehoshua Ben Levi traz na *Guemará*. Hashem olha para o mundo em 360 graus e, antes de tomar qualquer atitude, avalia a repercussão que pode causar, se aquela pessoa merece, se seus familiares merecem e, só após analisar todos os ângulos, Ele permite que determinado ato aconteça ou deixe de acontecer.

Todo aquele que pondera e atua não apenas com ímpeto, e sim pensando “é isto o que Hashem quer de mim agora”, conseguirá ver a salvação porque está sendo uma fração de Hashem, comportando-se como Ele! Nosso objetivo não é executar a *mitsvá* que chega em nossa cabeça de repente, é saber olhar e perceber se de fato esta é a vontade de Hashem no momento.

Rezar com *minian* é *mitsvá* e pode ser, às vezes, *averá* – se, por exemplo, surge uma grande necessidade de ajudar alguém e a pessoa mesmo assim vai para a sinagoga, recusando-se a ajudar ou sem se importar com o próximo. Este ato deixa de ser a vontade de Hashem. Será que cumprir uma *mitsvá* com a melhor das intenções, mas realizada por impulso, é o que Hashem espera de nós?

Quem procura um caminho fácil pode receber uma resposta milagrosa com atitudes questionáveis: “Vá para Israel, no *Kotel* dê 10 *shekalim* como *Tsedaká*, pegue aquela fitinha vermelha, frite dois alhos, beije a *mezuzá*...” Ninguém veio ao mundo com um corpo tão potente, e uma *neshamá* mil vezes mais potente ainda, para (sem desmerecer a *Tsedaká*) acreditar em simpatias! Somos muito maiores que isso. Como podemos saber qual é nosso objetivo?

MISSÃO

É impossível não sabermos qual é nosso objetivo, pois Hashem não nos cobraria isso se não soubéssemos antes qual era. Talvez a resposta se encontre em ações práticas e simples. Hora da refeição: fazer *netilat yadaim*, as *berachot* sobre os alimentos, *birkat hamazon* no final. Após fazer as necessidades: lavar as mãos e falar a *berachá asher yatsar*. Hora de dormir: pegar o *sidur* e rezar o Shemá, colocar o alarme para acordar... Amanhã de manhã: rezar com *minian*, procurar uma sinagoga com horário adequado e pessoas com as quais nos sintamos confortáveis para sentar perto sem conversar.

Então, se alguém vier pedir ajuda ou conselho, mas estivermos muito ocupados – ocupados, de verdade – devemos retornar o mais breve possível. Se alguém nos pede ajuda em casa, o que devemos fazer? Ajudar.

Se nos questionarmos a cada passo do nosso dia: “Qual é a minha missão agora, o que devo falar ou deixar de falar, fazer ou deixar de fazer?”, seremos como Moshê *Rabenu!* Provavelmente este seja o segredo dos grandes homens: em casa, no trabalho, na sinagoga, ou no carro, conseguir olhar para dentro e perceber o que deve ser feito.

“Agora estou chateado, talvez a missão seja ouvir uma música” ou “estou tranquilo, posso aproveitar e escutar um *shiur*. Esta é a minha missão, é isto que Hashem espera de mim.” **Nossa missão é traduzir conceitos abstratos e difíceis e transformá-los em ações simples e palpáveis.** Como? A cada momento nos questionar o que Ele espera de nós agora.

CERTO E ERRADO

Esta história se passa em Nova York, mais precisamente em Queens, com o Rav Zelig Epstein, *Rosh yeshivá* da Yeshivá Shaar Hatorá. Havia uma família conhecida cuja mãe, uma senhora viúva, morava com os filhos e filhas. Rav Zelig e sua família tentavam apoiar aquela senhora, dando atenção e ajuda para ampará-la naquela vida ocupada de Nova York. Dias antes de *Yom Kipur*, um dos filhos daquela senhora adoeceu e foi para o outro mundo, justamente na véspera de *Yom Kipur*.

Rav Zelig sabia qual era a sua *mitsvá* naquela hora: jejuar e rezar com *minian*. A situação era crítica, ele estava indo para a sinagoga e se questionou: “Esta é a *mitsvá*, mas o que Hashem quer de mim agora, qual a vontade de Hashem?”. Pensou que o certo seria ajudar aquela senhora, então começou a caminhar em direção à casa dela, mas demoraria mais de uma hora para chegar – “talvez ela esteja se sentindo desamparada, será que devo pegar um ônibus em *Yom Kipur* para chegar logo?”.

Entrou em uma sinagoga próxima onde estava Rav Yaacov Kaminetzky, contou o que estava se passando, o Rav ouviu e aconselhou: “Sim, você deve ir para lá o mais rápido possível.” Naquele momento, Rav Zelig, o *Rosh yeshivá*, subiu no ônibus em pleno *Yom Kipur* para estar com aquela senhora e sua família naquele momento tão delicado.

A *mitsvá* é rezar com *minian*, a *averá* é andar de ônibus no Yom Kipur, Rav Zelig sabia o que era certo e o que era errado, porém entendeu que a vontade de Hashem naquele momento era confortar e apoiar aquela família. Para tomar a decisão, ouvir a opinião do Rav Yaacov Kaminetzky foi fundamental.

E AGORA?

Em situações fáceis sabemos julgar e decidir como agir e, em casos mais complexos, devemos nos aconselhar com pessoas de porte que estudaram e seguem a linha estrita e única da Torá. O *yebudi* deve sempre se questionar qual é a vontade de Hashem, pois nem sempre o que chamamos de *mitsvá* coincide com o que Hashem espera de nós.

Vimos duas situações onde os “chassidim” falharam por realizarem as *mitsvot* com muito empenho, porém sem pensar qual seria a vontade de Hashem. Em ambos os casos, tornaram-se *chassid shotê*, porque a vida tem prioridade e salvar quem estiver em perigo é a verdadeira *mitsvá*.

Nossa missão é olhar para o outro com o olhar de Hashem, ser piedoso com quem Hashem quer que nós sejamos piedosos. **Ser piedoso com o assassino é crueldade, ser cruel com terrorista é piedade.** Devemos avaliar e reavaliar nossas relações com a família e o trabalho, e procurar evoluir, mudar nosso olhar, e atribuir valores diferentes às mesmas coisas que já vivemos.

PARA INSPIRAR

Não deixe que o trabalho sobre a sua mesa tampe a vista da janela.

Não é justo fazer declarações anuais ao imposto de renda e nenhuma para quem nós amamos.

Para cada almoço de negócios faça um jantar à luz de velas.

Quantas reuniões foram mesmo nesta semana? Reúna os amigos também.

Trabalhe, trabalhe, trabalhe, mas não se esqueça: vírgulas significam pausas.

Você pode dar uma festa com menos dinheiro, mas não sem amigos.

Não são apenas palavras bonitas, são lições de vida.

ABERTO PARA BALANÇO

Qual o valor do trabalho em comparação aos amigos? Devemos reavaliar nossas ações para encontrar o balanço entre a família e trabalho, entre o trabalho e o estudo de Torá, entre o trabalho e rezar com *minian*, e entre exercitar e comer.

Tudo isso oscila, e à medida que crescemos espiritualmente, atingimos uma maneira mais sofisticada de tratar e valorizar o que temos. Quanto nossa vida é virtual e quanto é real? Quanto nos transformamos em algo virtual, em uma tela de celular, e quanto continuamos sendo reais?

PRISMA DE HASHEM

Olhar para o mundo sob o prisma de Hashem nos dá a chance de ver a pessoa que nos pede um favor ou *Tsedaká* não como coitado, mas como uma oportunidade de fazer *chessed*, de nos engrandecer e nos transformar em pessoas melhores. É o oposto da visão inicial que teríamos!

A mesma situação será vista totalmente diferente se nos perguntarmos qual é a vontade de Hashem aqui e agora. Se vejo alguém com aparência estranha para os meus padrões, em vez de julgar, posso questionar o que consigo aprender com ele.

Vimos em *Pirkei Avot*, “seja ágil”, e logo em seguida está escrito o contrário. O que é certo, errado, bom ou ruim? Depende. Cada momento é um momento, cada situação necessita ser avaliada. Às vezes ser astuto é magnífico, em outras é horrível; às vezes, precisamos pedir ajuda, em outras, sabemos a resposta. Quanto mais estudamos, mais conseguiremos olhar na perspectiva correta de Hashem, e em caso de dúvida, “consulte o seu Rav”.

Qual o valor de um amigo?

Qual o valor de um passeio?

Que valor damos para um *shiur*?

Que valor damos por termos uma sinagoga próxima de nossa casa?

Que valor damos para nossa família?

Que valor damos ao nosso hobby?

Que valor damos aos ensinamentos da Torá?

Quantos exemplos!

Como no início do capítulo, perguntas simples podem nos guiar aos mais profundos pensamentos, essenciais para avaliarmos e redirecionarmos cada aspecto da vida.

Certa vez, um *chassid* estava conversando com o Av Bet Din de Satmer, e a frase que me chamou muita atenção foi a seguinte:

– Quando chega o Mashiach?

Eis sua resposta:

– Quando nos depararmos com uma pessoa vestida diferente e, ao invés de a considerarmos estranha, de ser menos ou mais conhecedora de Torá, pensarmos que ela pode ser melhor do que nós dois, aí sim, Mashiach estará na porta!

Devemos olhar o próximo com simpatia, porque é assim que Hashem olha.

VALORIZAR O QUE DEVE SER VALORIZADO

Qual a vontade de Hashem em cada situação? Quem costuma pensar assim certamente sabe que cumpriu sua missão, porque sempre se pergunta o que deve falar e fazer, se é hora de sorrir ou ficar triste – tudo depende do momento, existem momentos tristes e outros para gargalhar.

Agora uma história real, valorizando o que deve ser valorizado. Chegou à mesa do venerado e ilustre Rav Moshe Feinstein, uma questão haláchica entre tantas dezenas, centenas e milhares de outras questões que pousavam na mesa deste grande homem. O dilema era o seguinte: em determinada *yeshivá* os pais solicitavam que a classe fosse dividida, para que cada aluno recebesse mais atenção. A diretoria da *yeshivá* gostaria de atender ao pedido, porém sabia que dividir a classe geraria o dobro dos custos, e por isso estava resistente ao pedido.

Perguntaram para Rav Moshe Feinstein quem estava certo: os pais que gostariam da classe dividida ou a diretoria da *yeshivá*. Rav Moshe Feinstein disse para os pais e diretoria ali presentes: “Eu vou contar para vocês minha história pessoal, vocês pensem na resposta.”

“Quando eu era pequeno, minha classe tinha um *melamed* (professor) e 12 alunos. Meu pai sentiu que eu poderia avançar nos estudos se tivesse mais atenção, e sugeriu ao *melamed* que dividisse a turma: em vez de dar aula para 12 alunos, que desse para 6 e outro *melamed* daria para os outros seis.

O *melamed* respondeu:

– Adoraria, mas eu dependo da mensalidade de 12 alunos para viver, se dividisse a classe só receberia a metade e não seria suficiente para meu sustento e de minha família.

– Entendo, é algo a se considerar, mas eu tenho uma solução – disse meu pai. – Pagarei o valor de seis alunos, ou seja, do meu filho e mais cinco, assim completo seu orçamento e outro *melamed* também competente dará aula aos outros seis alunos, assim ninguém ficará prejudicado.”

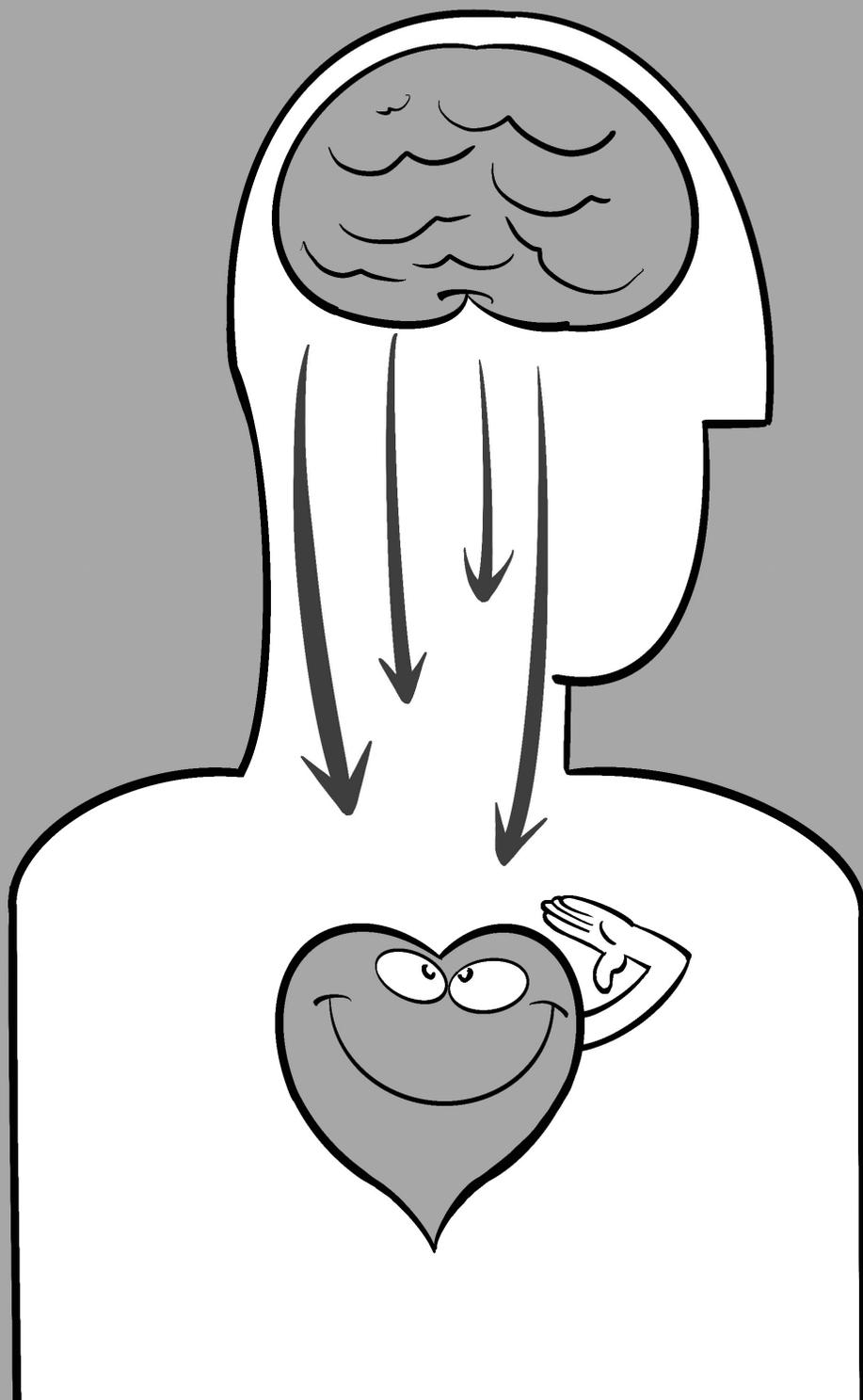
“O que meu pai não sabia naquele momento”, continuou Rav Moshe Feinstein, “era que eu estava ao lado da sala com a porta encostada e escutei a conversa. Quando ouvi que meu pai estava disposto a pagar muito além da minha mensalidade para que eu aprendesse melhor Torá, entendi que aquilo valia tanto para ele que eu deveria me esforçar e valorizar o que era ensinado.”

Talvez isso tenha transformado aquele menino não apenas em Moshe Feinstein, mas no grande Rav da geração passada! Quando valorizamos

o que deve ser valorizado, perguntando qual é o *ratzon* Hashem agora, só temos a ganhar, só teremos *berachot*.

Que *B'H* sejamos iluminados e possamos descobrir a vontade de D'us sob o prisma da Torá *kedoshá* e que todos tenham uma vida maravilhosa, cheia de oportunidades de crescimento.

**SERÁ QUE VOCÊ CONSEGUE
ENXERGAR DE OLHOS FECHADOS?**



“
*Nosso coração é
dominado por nosso
cérebro: o que nosso
cérebro quiser pensar,
nosso coração irá sentir.*
”

TEORIA NA PRÁTICA

Vale a pena aplicarmos um valioso ensinamento de um dos meus rabinim, Rav Yochanan Zweig. Ele afirmava o seguinte: “Se alguém tiver uma pergunta no Chumash, deve procurar a resposta. Se a resposta for boa, ótimo; se a resposta não for boa o suficiente, deve continuar a buscar. Não devemos permitir que uma resposta não satisfatória destrua a pergunta, mas devemos seguir com ela até que, *B’H*, algum dia a resposta certa surgirá.”

Podemos utilizar este conselho, e sairmos da teoria para a prática, ao analisarmos um Rashi surpreendente sobre o primeiro *passuk* da *parashá Chaye Sarah*. O *passuk* começa – “Sarah viveu 127 anos de vida” – e termina – “esses foram os anos da vida de Sarah”. Não era necessário reiterar isso, então por que esta redundância?

Rashi fica preocupado com isso e escreve: “*Kulam shavim letová!* (todos anos de vida foram bons).” A repetição, diz Rashi, é para enfatizar que todos os anos foram maravilhosos. Aqui cabe a questão: será que dos 127 anos, todos foram bons?

BUSCAR A MELHOR RESPOSTA

Vejamos no próprio *Chumash* que nos conta sobre a vida de Sarah. Quando Avraham *Avinu* tinha 75 anos, Sarah tinha 65. Foi então que Hashem ordenou que ele saísse de sua terra – *Lech lechá*. Ele e a esposa foram em direção ao Egito. Ao chegarem, o Faraó reparou em Sarah, como era maravilhosa fisicamente. Então, ele a sequestrou, tentou seduzi-la, mas não conseguiu porque Hashem a protegeu.

Pouco depois (*Beresbit* 16,1), o *passuk* revela: “A esposa de Avraham *Avinu*, Sarah, não tinha filhos.” Que tristeza para uma mulher casada há mais de 30 anos! Quando Avraham *Avinu* teve um filho com Hagar, Sarah ficou muito triste e falou para ele: “Tem um julgamento aqui para você, como você tem filho com ela e não comigo? Você se esqueceu de mim, não rezou por mim?” Quantos percalços e dificuldades ela enfrentou!

Quando Avraham tinha 99 anos e Sarah 89, Hashem avisa que Sarah vai ter um filho. Nesse momento ela começa a rir: “Como meu corpo do jeito que está é capaz de gerar um filho? Eu tenho uma idade avançada, não consigo mais, só por um milagre!”. E realmente o milagre acabou acontecendo, o sonho de ter um filho se concretizou. Sarah deixou uma continuidade para o mundo, a semente de todo *benei* Israel!

Depois dessa novidade, eles foram para a terra dos filisteus, e o rei Avimelech vê Sarah, bonita mesmo agora e, como aconteceu antes no Egito, a sequestra para tentar ter relações físicas. Mas mais uma vez Hashem a protege. E essas nem foram todas as dificuldades que Sarah enfrentou!

MAIS TSURES

Yitschac, este filho muito amado, morava na mesma casa que o outro filho de Avraham *Avinu*, Ishmael – e este fazia idolatria, tudo que Avraham e Sarah eram contra. Sarah ficou muito triste com esta situação, pois temia que seu filho pudesse ser influenciado.

O tempo foi passando e Sara viu seu filho crescer. Aos 37 anos de idade,

ele ainda não era casado, e foi nesse período que ocorreu o episódio da *akedá* (sacrifício). O final da *parashá Vayeira* narra que Sarah escutou sobre a *akedá*, pensou que o filho tivesse sido morto e, com esta notícia, faleceu. Sarah não viu seu filho se casar, nem teve netos em vida.

ANOS MARAVILHOSOS?

Depois de tudo, como aceitar que Rashi falou “*kulam shavim letová* (todos anos de vida foram bons)”? Não seriam anos ruins, difíceis? Não vamos mudar a tradução porque Rashi sabia exatamente o que queria dizer. Muitas vezes, ele fez comentários citando uma *Guemará* ou *Midrash*, mas não neste caso.

Não podemos duvidar de Rashi, mas como ele “ousou” falar que todos os anos foram maravilhosos após todos estes episódios? Seria até insensível afirmar que todos os anos foram ótimos quando aparentemente isso não é verdade! Com esta afirmação, Rashi nos ensina uma lição.

PARA ENTENDER A LIÇÃO

Hashem criou o ser humano, cada um de nós, de tal forma que podemos decidir se queremos desenvolver as habilidades que Hashem nos deu ou não, temos o livre arbítrio. Possuímos o poder de atuar como quisermos: tanto acordar de manhã, cortar uma árvore e destruir, quanto acordar de manhã, plantar uma árvore e construir o mundo. São atos que o ser humano pode exercer sobre o mundo: construir ou destruir. E não apenas podemos tomar decisões em relação a ações, tomamos decisões também em relação aos sentimentos.

Rashi nos aponta uma luz com sua afirmação e, após acompanharmos tudo o que Sarah passou, não podemos deixar de perguntar: todos os anos foram maravilhosos? Vamos pegar a primeira letra das palavras *kulam shavim letová*:

Chaf כ

Shin ש

Lamed ל

Essas três letras formam a palavra *sechel* שכל (intelecto, cérebro, ou *kodesh bakodashim* de cada um de nós). Dessa maneira, Rashi nos ensina que temos o poder de controlar os nossos sentimentos.

PENSAMENTOS E SENTIMENTOS SOB CONTROLE

Já sabíamos que controlamos nossos atos: podemos fazer ou deixar de fazer determinada tarefa, ser ou deixar de ser, ir ou deixar de ir. A grande novidade é que nossos pensamentos também estão sob nosso controle e, além dos pensamentos, os sentimentos. Tudo o que sentimos pode ser canalizado para sentir o que é correto e deixar de sentir o que é incorreto.

Certamente é um trabalho que pode demorar anos para ser desenvolvido, mas temos nas mãos a chave do cofre dos pensamentos e dos sentimentos. Quando Hashem repetiu os dizeres no *passuk*, “Esses foram os anos de Sarah”, Rashi compreendeu a mensagem, porque ela conseguiu entender e sentir que tudo o que passou era para o bem dela!

VISÃO PANORÂMICA

Sarah possuía um nível tão elevado que conseguia ver tudo o que lhe acontecia de forma ampla e não limitada ao que o olho enxergava naquele momento. Mesmo sendo uma *neviá* (profetisa), era um ser humano com sentimentos e, sem dúvida, sofria frente a cada dificuldade.

Sarah ficou desconfortável em diversas ocasiões, certamente ficou chateada e triste com os acontecimentos, e Rashi nos ensina que apesar de tudo, Sarah em nenhum momento reclamou ou ficou de mal com Hashem – por isso seus anos foram maravilhosos. Ela tinha o privilégio de estar em contato com seus sentimentos e confiar.

Sarah não perdeu a visão panorâmica: ela conseguiu ver um bem maior em tudo que lhe acontecia, não se esqueceu de Hashem em nenhum momento, e conservou sua *emuná*. Certamente é necessário muito trabalho, mas nós temos este poder, por isso lemos este *passuk* de *Chaye Sarah*

todos os anos, em todos os lugares do mundo, por toda eternidade da história do mundo.

Quando alguém passa por dificuldade mas tem em quem confiar, aceita tomar o remédio amargo ou a injeção para se curar. Ele sabe que esta dor, comparada ao bem maior, é suportável e não ficará chateado com o médico ou com a vida.

OUÇA O SHEMA

“*Veahavtá et Ad*nay Elohêcha bechol levavechá...* (Ame Hashem com todo o coração...)”. Rezamos este trecho todos os dias, é imprescindível sabermos sua tradução, e diz Ramban que *lev* (coração) se refere a *sechel* (intelecto). Então por que não dizemos “ame a Deus com todo intelecto”? Porque nosso coração é dominado por nosso cérebro: o que nosso cérebro quiser pensar, nosso coração irá sentir.

“Ame Hashem (é um sentimento) com todo seu coração...” O motorista do coração é o cérebro, o intelecto coordena os pensamentos que o coração tem. Hashem nos garante poder total de controlar tudo o que sentimos, mas a primeira palavra da nossa oração principal (ame) aparece na forma imperativa: como Hashem nos obriga a amá-Lo?

Fazemos jejum em *Yom Kipur* porque é uma *mitsvá* e, mesmo não gostando, cumprimos por devoção a Hashem. Diz o *Shemá*: “com todo o coração.” O cérebro domina o que o coração pensa, então se o cérebro enviar o comando certo, o coração vai conseguir amar Hashem. Resumindo, o coração da pessoa não está nas mãos, mas no cérebro, e ele comanda o que nós sentimos.

MITSVOT DO CORAÇÃO

O *Sefer Hacharedim* menciona a lista das 613 *mitsvot*, e salienta que 67 delas – ou seja, mais de dez por cento – dependem unicamente do coração, por exemplo, amar Hashem. Como Hashem pode ordenar que sintamos emoções? Não podemos controlar isso! Na verdade, podemos.

Se nosso coração entender quanto Hashem sempre faz por nós e quanto Ele é grande, é impossível não amá-Lo. Tudo começa no cérebro e desce para o coração. O episódio real a seguir, deixando assuntos do coração e partindo para o corpo, confirma esta teoria.

É GOL

Há algum tempo, eu estava jogando futebol em um campo de grama quando, de repente, uma pessoa do outro time quis pegar a bola que estava no meu pé. Ele foi chutar a bola, mas em vez disso, chutou meu pé com tanta força que escutei um barulho no meu tornozelo. Eu não queria parar o jogo e deixar meu time na mão, então continuei jogando por mais 20 minutos. Quando terminou, olhei para o meu pé e percebi que estava muito inchado.

Precisei ir ao hospital, tirar raio-x e passar pelo processo que todos conhecem. Após alguns dias, fui ao meu médico fazer uma consulta e perguntei como é possível que mesmo machucado eu conseguisse jogar mais 20 minutos. “É simples,” o doutor explicou, “quando focamos em alguma coisa, o resto perde a importância.”

Foi o que aconteceu. Quando terminou o jogo, acabou o foco e o pé doeu. A máquina do cérebro é incrível. Senti na carne, no osso, e entendi que nós somos capazes de coordenar o que sentimos, até mesmo a dor!

ESTOU MORRENDO DE FOME

Quem nunca ouviu (ou falou) esta expressão “estou morrendo de fome”? Imagine uma pessoa chegando em casa querendo devorar o que encontrar pela frente quando toca seu telefone. Ela fica quase uma hora na ligação – seja algo relacionado ao trabalho ou um amigo que precisa de ajuda para resolver um assunto.

Para onde foi aquela fome? A necessidade continua igual, no mesmo lugar, mas o cérebro focou na conversa e a fome ficou em segundo plano. Quando desligou, a fome ligou de novo.

SOMOS CAPAZES DE COORDENAR NOSSOS SENTIMENTOS

A palavra *moach* (cérebro) não aparece na Torá, já *lev* (coração) aparece, pois demonstra sentimentos (“ame Hashem com o coração”), e já sabemos que a caixa de comando dos sentimentos é o cérebro. A Torá obriga a pessoa a ser feliz.

Quem não conhece a Torá pode achar muito estranho este mandamento: como pode nos obrigar a sentir? Não é fácil ficar feliz, mas é fácil entender que se começarmos a valorizar o que temos, focarmos no positivo, termos uma atitude de gratidão perante a vida, a luzinha do sorriso que está dentro de cada um de nós acende – e isso depende única e exclusivamente do nosso cérebro.

GIGANTES DANÇARAM NA ADVERSIDADE

Esta história verídica foi contada durante a Marcha da Vida, visita de jovens à Polônia para refletir sobre períodos de intolerância e pensar em caminhos para a paz. Durante o Holocausto, um grupo de *chassidim* de Gur foi levado à câmara de gás, e diziam uns aos outros: “Hoje é *Simchá* Torá. Não temos a Torá, mas temos a nós próprios e a nossa *neshamá!*”. Então começaram a cantar dentro da câmara de gás, e através do canto eles encontraram *simchá!*

O oficial nazista ouviu aquela gritaria lá dentro: “Música, estão cantando!”. Não tolerou aquela reação de alegria. Cancelou a ordem de iniciar a operação, ordenou que aqueles que cantavam saíssem imediatamente, pois iria lhes dar um castigo. Embora tenham ficado muito machucados, eles não faleceram. Pouco depois, o campo foi libertado e esta história nos chegou, contada por eles próprios! Em qualquer situação o controle dos nossos sentimentos está no nosso intelecto.

EXEMPLOS NÃO FALTAM

Um dos rabanim de Jerusalém, Rav Yosef Dushinky, viveu na Polônia na época da Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, muitos *yebudim* precisaram fugir e foram parar na sua *yeshivá*.

Um dia, de surpresa, um batalhão de oficiais passou na *yeshivá* para averiguar se todos possuíam documentos para estarem lá e não havia nenhum fugitivo. No meio do *sbiur*, os alunos ouviram os soldados chegando e começaram a suar de medo. Queriam fugir, mas já estavam cercados.

Rav Dushinsky, com muita calma, olhou para os soldados e perguntou:

– Pois não, o que vocês querem?

– Procuramos se entre os alunos há algum fugitivo.

– Os alunos que estão aqui sentados agora nesta aula são todos daqui, são moradores. Talvez precise confirmar com os que estão na sala ao lado, porque eles não fazem parte do meu grupo.

A polícia foi à sala ao lado, e um a um exigiu documentos. A polícia pediu desculpas ao Rav por atrapalhar sua aula, agradeceu e nunca mais voltou naquela *yeshivá*. Na verdade, todos os alunos que estavam na sala ao lado eram moradores, possuíam documentos e o Rav sabia disto, enquanto entre aqueles presentes na sua aula, muitos eram fugitivos, sem documentos.

Os guardas ouviram o Rav e nem verificaram as pessoas que estavam no *sbiur*, porque Rav Dushinsky falou com uma tremenda calma, com toda tranquilidade. Era tudo tão verdadeiro para salvar aquelas pessoas que os oficiais acreditaram. Como pode ficar tranquilo um homem com dezenas de vidas correndo perigo? Para chegar a este nível de autocontrole o Rav trabalhou muito, ele escolheu o que sentir. É impossível controlar fatos externos, mas o que sentir está nas nossas mãos!

SEGUNDA HISTÓRIA

O diretor de *Torá Vadat*, gigante da Torá, Rav Shraga Feivel Mendelovitz fez parte do grupo *Vaad Hatzalá*, organização para resgatar judeus na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Ele sabia que os *yebudim* estavam sofrendo em grande parte da Europa e isto o deixava arrasado, cada dia mais triste pelas notícias que recebia sobre quem conhecia e não conhecia. Doía seu coração por cada *yebudi*.

Certo dia, ele foi convidado para o casamento de um aluno nos Estados Unidos, onde morava. Ele foi, mas as notícias o acompanharam. Ele cumprimentou o noivo, que o questionou:

– Rav, o senhor falou que o dia mais feliz da minha vida seria o dia do meu casamento. Agora eu estou vendo o senhor com este ar tão triste... Mudou alguma coisa? Não é para ser tão feliz?

Após meses ouvindo notícias péssimas sobre a guerra do outro lado do mundo, Rav Mendelovitz havia assumido um ar grave e, ao ouvir o noivo, entendeu:

– Você tem razão!

Os alunos contaram que nunca viram o Rav dançar com tanta alegria e empolgação como naquele casamento! Ele foi capaz de mudar seu humor do azedo para o mais doce porque ele soube que deveria dominar seus sentimentos naquela hora de alegria.

PARA PENSAR

Se 67 *mitsvot* são ligadas aos sentimentos, é fundamental sabermos identificar e nomear o que estamos sentindo. Ao chegarmos em casa chateados por algo que aconteceu durante o dia, é importante verbalizar, nem que seja para si mesmo!

É comum, por exemplo, dizermos: “Hoje estou muito chateado, tive um incidente no trânsito que acabou com meu dia!”. Mas sabemos que ninguém tem o poder de acabar com o dia de outra pessoa. Realmente,

ocorrem fatos mais propensos a nos deixar incomodados, desconfortáveis, mas quem escolhe como reagir aos fatos somos nós, porque nossos sentimentos estão sob nosso controle.

O QUE VEM DE FORA NÃO ME ATINGE

O que acontece no nosso dia a dia vem de fora para dentro, isso não controlamos. Já os sentimentos são de dentro para fora, sobre isso nós temos controle. Hoje em dia a meditação está muito na moda, mas o que é meditação? É controlar o pensamento.

Para acalmar, relaxar, existem certas técnicas que funcionam e podem ser aprendidas: ouvir música, contar até dez, respirar fundo... A Torá falou isto há muito tempo, nos ensinou que temos o controle dos sentimentos.

NÓS SOMOS O QUE PENSAMOS

Podemos achar que nosso patrão, funcionário, professor, aluno, marido, esposa, pai, filho – ou quem for –, não são quem achamos que sejam. Se imaginamos nosso patrão como um bruxo, cada vez que o encontrarmos veremos um monstro e, de fato, não é (talvez não seja...) nada disso. Porém deixamos esta imagem nos penetrar e nossas lentes aqui em cima, no cérebro, o enxergam assim.

Podemos conviver diariamente com pessoas maravilhosas, mas criamos nossa própria imagem delas, portanto só vemos como nosso cérebro está acostumado a ver. Chegou o momento de mudarmos o foco e olharmos para tudo o que nos cerca – pessoas, atividades, a Torá, o conjunto de *mitsvot* – sob outro prisma. Isto muda a vida! As coisas deixarão de ser um peso e se transformarão em oportunidade de crescimento no *olam habá*, no *olam hazé* e de entender o que Hashem espera de nós. Temos o poder da escolha.

SENSIBILIDADE COM OS SENTIMENTOS DOS OUTROS

O Rebi de Satmer tinha um fundo *para Tsedaká*, recebia doações generosas e com esse valor ajudava muitas pessoas financeiramente. Certo dia, um homem o procurou:

– Rav, eu preciso de 21 mil dólares para casar minha filha.

Imediatamente, o Rav chamou seus ajudantes, pediu a quantia e entregou para aquele homem 20 mil dólares.

Ele ficou muito feliz:

– Rav, em três minutos o senhor me ajudou, muito obrigado! Agradeceu profundamente e foi embora.

Um de seus assessores teve uma dúvida:

– Rav, não entendi. Quem dá 20 mil já dá 21! Se fosse doar 5 mil, 1.800 ou 180, até entenderia. Mas se ele pediu 21, por que deu 20 mil e não 21 mil?

– Você tem razão, mas se eu tivesse dado 21, ele pensaria “deveria ter pedido 22 mil porque o Rav me deu tudo que eu pedi”. Dei um pouco a menos para que ele entenda que eu só tinha 20 para dar, se ele pedisse 30 eu não teria. E, principalmente, para ele sair bem e não com o pensamento de que talvez ele devesse ter pedido mais.

Isto é estar em contato com seus sentimentos e com os sentimentos dos outros também.

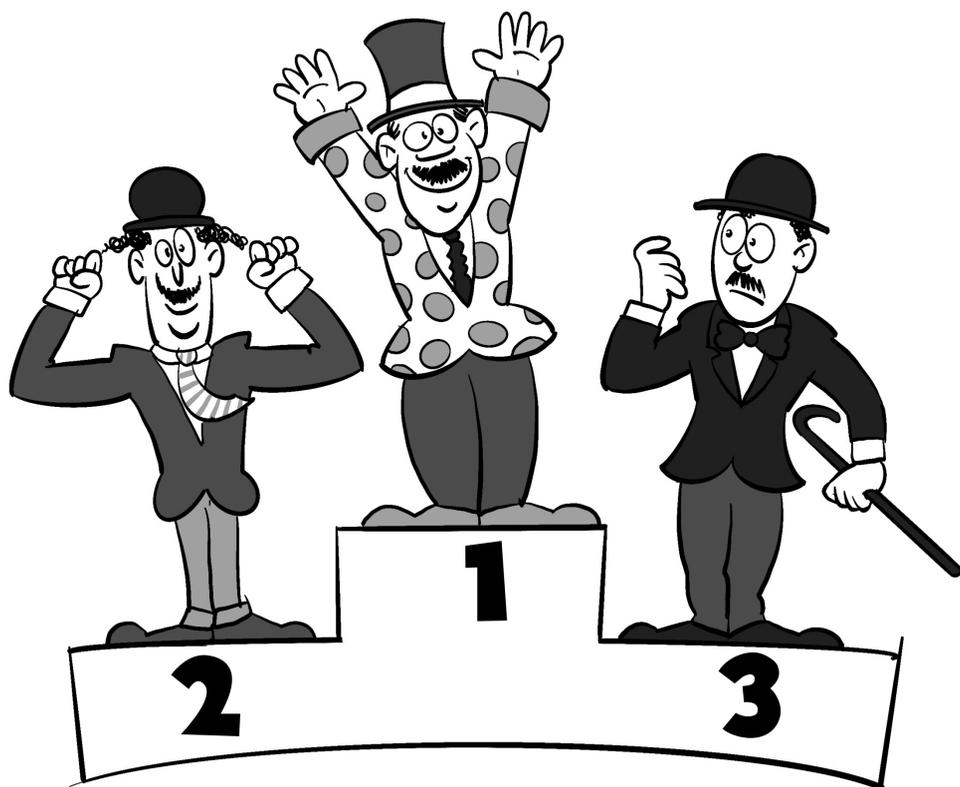
CONVITE PARA REFLEXÃO

Muitas vezes, para enxergarmos mais longe, naturalmente forçamos a visão, apertando e fechando um pouco o olho. Parece um absurdo, fechar o olho para enxergar melhor! Assim como quando alguém nos pede um conselho, espontaneamente respondemos “deixe-me ver” e fechamos os olhos por um momento para pensar.

Na verdade, para ver, olhar, enxergar não precisamos dos olhos abertos. Olhando para dentro conseguimos enxergar o mundo melhor, da forma que Hashem quer.

SEJA VOCÊ MESMO

CONCURSO:
SÔSIAS DE
CARLITOS



“

*Sábio é aquele que
sabe se comportar
com o outro da
forma que o outro
precisa ser tratado.*

”

HINO NACIONAL

Assim como todo país tem um hino nacional, o povo *yebudi* possui – além do *Hatikva* – um hino bem anterior à fundação do Estado de Israel. Palavras cantadas ou faladas que sempre acompanharam nosso povo – ao sair do Egito, ao entrar em Israel, desde quando ainda não existia o *Beit Hamicdash*, até nossos dias. Nosso hino nacional é o *Shemá Israel Ad-nai Elohênu Ad-nai Echad* (Ouve, Israel, Hashem é nosso D’us, Ele é único).

No *Berit Milá*, o pai fala *Shemá* Israel pelo filho, no *Bar Mitsvá* o menino mesmo lê, e após 120 anos muito bem vindos, a última coisa que se costuma dizer pela pessoa é o *Shemá* – ou seja, este verso acompanha a todo desde seu nascimento até o estágio final neste mundo. Sem dúvida, é o trecho mais conhecido, inclusive por quem não teve oportunidade de aprender mais.

HISTÓRIA DO SHEMA

O *Shemá* aparece em duas *parashiot* diferentes na Torá no *Sefer Devarim*: em *parashat Vaetchanan* e *parashat Ekev*.

A *Guemará* no tratado de *Pesachim* (56a) nos conta que Yaacov, no fim da sua vida, iria contar para seus filhos – que se tornaram as 12 tribos

de onde provém todo *benê* Israel – toda a história do mundo desde o começo até o futuro e fim da humanidade e, de repente, desapareceu de sua mente essa profecia, o que o deixou muito preocupado.

Esta *parashat* é considerada *setumá* (fechada). Na Torá, entre uma *parashat* e outra aparece uma separação, como um parágrafo. Nesta específica, não existe separação, ou seja, ela está fechada, colada com a parte anterior porque quando Yaacov foi contar a história do futuro da humanidade ele ficou *satum* (fechado).

A Guemará continua relatando a preocupação de Yaacov: “Talvez tenha acontecido comigo algo como se passou com meu avô Avraham Avinu, que teve Ishmael, e Yitschac que teve Essav, e por isso não fui merecedor de revelar aos meus filhos a profecia.” Talvez entre meus 12 filhos, algum não seja *tsadik*, e por isso Hashem apagou essa minha visão e fez desaparecer a profecia.

Segundo Rashi, Yaacov queria contar aos filhos quanto tempo o mundo viveria, quando chegaria Mashiach, então chamou-os e disse:

– Juntem-se e eu vou contar para vocês o que vai acontecer durante toda a história da humanidade... – até que, de repente, tudo desapareceu da sua mente.

Yacov ficou muito preocupado e seus filhos disseram para ele:

– *Shemá Israel Ad-nai Elobênu Ad-nai Echad.*

Ao ouvir estas palavras, Yacov entendeu que a razão do desaparecimento da profecia era porque Hashem havia “mudado de ideia”, e não por seus filhos não serem merecedores, pois de forma unânime os 12 proclamaram que D’us é único – todos concordaram neste ponto fundamental.

SÓ HASHEM É ECHAD

Yaacov se tranquilizou e nesse momento celebrou: “*Baruch Shem kevod malchutô leolam vaed*” (Abençoado seja o Nome e a honra de Seu reinado para sempre). Em agradecimento a Hashem por ter lhe devolvido a serenidade e a confiança nos filhos, ele declarou.

(Pelo fato deste *passuk* não figurar na Torá, o recitamos em voz baixa enquanto a oração inteira do Shemá, nosso hino nacional, é dita em voz alta).

Rav Avigdor Miller, em seu livro *Share Ora*, comenta mais a fundo o episódio acima mencionado. Yaacov teve medo que os filhos se desentendessem entre eles e, principalmente, se desentendessem com a Torá. Ele conhecia muito bem os seus 12 filhos e sabia como eram extremamente diferentes um do outro em caráter, habilidades, preferências. Por exemplo: Yissachar era o estudioso da Torá, enquanto Zevulun também estudava a Torá – embora todos possuíssem este privilégio e obrigação, Zevulun era o homem de negócios e sustentava Yissachar –, já Yehudá era forte, representava os reis, os líderes do povo...

Sendo tão diferentes, seria possível que um mesmo conjunto de leis se adequasse a todos? Esta foi a grande dúvida e temor de Yaacov, que pensou que eles não seriam capazes, fazendo com que a profecia saísse de sua mente e perdendo o dom de contar-lhes a história do início ao fim do mundo, como Hashem pretendia.

A dúvida se dissipou quando os 12 filhos responderam juntos “*Shemá Israel Ad-nai Elohênu Ad-nai Echad*”. Ou seja, todos afirmaram que Hashem é único e que apesar das profundas diferenças entre eles, todos seguiriam as leis da Torá, cada um à sua maneira.

SUCESSOR

Moshê Rabenu precisou em algum momento, beirando os 120 anos, pensar em um substituto. Quem seria o próximo líder do povo, quem daria continuidade? Hashem determinou que fosse Yehoshuá, aluno de Moshê, mas não foi apenas por ser seu aluno que ele obteve o mérito de dirigir o povo do deserto para Israel.

A passagem a seguir se encontra em *parashat Pinechas*. Disse Hashem: “Pegue seu aluno Yehoshuá como próximo líder porque ele tem alguma espiritualidade.” O que isso significa? Qual o diferencial que Yehoshuá apresentava para ser o próximo líder? O que ele possuía a mais, seria um sexto sentido?

Rashi comenta que ele foi eleito porque saberia dirigir este povo composto de milhões de pessoas não de uma única maneira, e sim de milhões de formas diferentes, pois enxergava cada indivíduo como o indivíduo era. Além de todas suas qualidades, uma peculiaridade maior sobressaía no caráter de Yehoshuá: ele entendia e tratava cada pessoa como ela era e **não** como o líder gostaria que ela fosse.

D’US DE DIFERENTES *NESHAMOT*

Pouco antes de Yehoshuá ser escolhido, Moshê se dirigiu a Hashem como nunca antes, mas usando a expressão *Elobê Haruchot* (D’us de diferentes *peessoas*).

Relata Rashi o pedido de Moshê: “O Senhor que entende a diferença entre as pessoas, por favor, Hashem, faça com que o próximo líder agente, carregue, tolere cada indivíduo como ele é.” E Hashem concordou.

ENTRE PRESIDENTES

Em certa ocasião, o presidente dos Estados Unidos Harry S. Truman encontrou-se com o presidente de Israel Chaim Weizmann, e foi amplamente noticiada a conversa de ambos, mais ou menos assim:

– É fichinha ser presidente de Israel com poucos milhões de pessoas. Nos Estados Unidos são muitas dezenas de milhões de habitantes, é muito mais difícil liderar dezenas de milhões que alguns poucos milhões de pessoas.

Respondeu o presidente de Israel:

– Você está errado porque nos Estados Unidos você é presidente de milhões de cidadãos e em Israel sou presidente de milhões de presidentes, já que cada judeu se considera um presidente!

Parece piada, mas é verdade: cada *yebudi* tem uma ideia, uma vontade. Como liderar um povo assim? Após Moshê *Rabenu* ter estudado no Monte Sinai com Hashem, recebido o diploma de experiência por 40 anos com o povo, ele pede um líder que entenda cada pessoa do povo.

CADA YEHUDI É UM MUNDO

Hashem concordou que a maior *midá* (virtude) que o novo líder precisava era demonstrar a profunda sensibilidade de entender o outro. Onkelos explica que Yehoshuá manifestava um *ruach kodesh* (profecia), não que ele possuísse o dom para poder falar com Hashem, mas a capacidade suprema de entender o próximo. Esse é o melhor líder do mundo.

É preciso muita *sabedoria* para que um líder trate as pessoas da forma como elas são – esta era a peculiaridade de Yehoshuá, sucessor de Moshê.

UM EXEMPLO NA VIDA REAL

Um homem trabalha bastante, é muito bem-sucedido financeiramente e economiza no dia-a-dia. Seu sócio na empresa ganha o mesmo que ele e é o seu completo oposto, gasta muito. Este percebe que o outro só economiza e se incomoda: “Temos a mesma retirada na empresa, eu já reformei a casa dez vezes e você só guarda o dinheiro!”. Um não entende e critica o outro.

Moshê Rabênu foi a pessoa mais humilde que já existiu no mundo, porém precisava lidar com alguém que fazia questão de ser tratado com *kavod* (respeito), que vivia atrás de regalias, que queria que o levantassem ao máximo: o Faraó.

Para o humilde, orgulho é o sentimento mais fútil que existe – é como um balão de ar que com um furinho de alfinete desaparece. Moshê poderia até dar lição de moral pela atitude arrogante do Faraó, mas entendeu que o Faraó fazia questão de ser tratado como superior. Então, quando Moshê ia falar com ele, se arrumava e tratava-o com todo *kavod*.

Esta é a genialidade de um líder (e todos nós somos líderes em alguns lugares e ocasiões): não refletir nosso “eu” no outro, mas tratar o outro de acordo com o que **ele** é.

ACHDUT (UNIÃO)

Hashem é *echad* (único). O povo *yebudi* é uma só entidade, um só povo, composto por milhões de pessoas diferentes. Yaacov entendeu que este era um grande problema: ele sabia que seus filhos eram todos tão diferentes, será que eles conseguiriam ser um povo só?

Quando responderam “sim, entendemos que Hashem é único - e não apesar - mas justamente por sermos diferentes, faremos a vontade de Hashem respeitando nossa individualidade”, Yaacov agradeceu: “*Baruch Shem kevod malchuto leolam vaed.*”

Achdut (união) não quer dizer que todos devam ser iguais, usar a mesma roupa, ou falar árabe ou ídiche. *Achdut* não significa comprimir “todos”, mas que cada indivíduo faça parte do conglomerado chamado *bnei* Israel, seguindo a Torá. É maravilhoso saber que pertencemos a um grupo de união, de apoio.

Acompanhe esta aventura verídica.

VIAGEM DE CARRO

Uma família viajava de carro de Nova Jersey para Boston. Era uma família numerosa e, sabemos, durante viagens vai tudo no carro: vão os filhos, as roupas, comida (muita comida). Parecia que iriam passar um ano, mas na verdade passariam o Pessach com os avós.

Seriam algumas horas de viagem de Nova Jersey para Boston pela estrada I-95 que corta os Estados Unidos. As crianças pediam atenção, precisando ser entretidas, segundos após pegarem a estrada já perguntavam se estavam chegando, e o pai continuava prestando atenção, dirigindo e tentando manter a calma.

De repente, o carro da frente deu uma freada mais brusca. O pai pisou no breque, freou e o carro chegou muito perto do veículo da frente. Foi só um susto, não aconteceu nada, a família ficou bem. Continuando, ao acelerar, o motor fez um barulho estranho – por algum motivo aquela freada inesperada afetou aquele carro e o fez parar, apagar. Então a família começou a se perguntar como chegaria em Boston antes de Pessach.

Os pais pediram para os filhos rezarem para *refuá sbelemá* do carro, mas naquele momento não teve efeito – embora *tefilá* nunca seja em vão. Ligaram para o mecânico, que não demorou e examinou o motor:

– Você consegue consertar logo para continuarmos nossa viagem?

– Para hoje é impossível. Se tem urgência, sugiro que alugue um carro. Eu conserto e depois o senhor pega – aconselhou o mecânico.

– Combinado. Onde tem uma locadora por aqui?

O mecânico levou este pai de família até uma locadora e, naturalmente, para alugar o carro precisava de um cartão de crédito – mas, por alguma razão, ele não estava com o cartão de crédito.

– Você consegue uma lista telefônica desta cidade?

Entregaram a lista, ele procurou uma sinagoga e ligou para o número que encontrou:

– Estou viajando com a família, aconteceu que... eu preciso de ajuda – explicou o pai.

Pouco tempo depois, o Rav da sinagoga daquela cidadezinha veio até a locadora, trocou o cheque dele por dinheiro, emprestou o cartão de crédito, e o pai alugou uma van. Voltaram até o carro quebrado na estrada e o mecânico ajudou a passar as coisas para o novo veículo. Ele provavelmente achou que os *yebudim* estavam de fato vivenciando a saída do Egito, pois saía comida, saía mamadeira, tirava coisas, parecia cartola do mágico, até que arrumaram tudo para seguir viagem para Boston.

– Obrigado por tudo, você me ajudou muito. Em alguns dias eu te ligo para pegar o carro de volta.

– Estará consertado – afirmou o mecânico. – Posso fazer uma pergunta?

– Claro!

– Você conhecia o rabino desta cidadezinha?

– Não, nunca tinha visto.

O mecânico não entendeu nada!

No final de Pessach, o dono do carro ligou para o mecânico:

– Estou voltando, estarei aí domingo à noite para pegar o carro.

– No domingo à noite a oficina está fechada.

– Por favor, eu não tenho outro dia. A minha família precisa estar de volta na segunda de manhã.

– Bem, vamos combinar o seguinte: eu vou deixar seu carro na frente da oficina e a chave estará escondida em tal lugar.

– Muito obrigado. Como vou acertar o valor com você?

– Deixe onde estava a chave, na segunda-feira de manhã eu pego.

– Por mim está ótimo, mas você confia em mim?

– Olhe, na verdade, eu não confiaria em você, mas eu estava lá quando o seu carro quebrou e veio uma pessoa que você nunca viu, trocou seu cheque, emprestou o cartão de crédito... Você deve ser uma pessoa muito boa, então, óbvio que eu vou confiar em você!

Isso é *achdut*: seja quando passamos por um lugar desconhecido, nos deparamos com um imprevisto, pedimos e obtemos ajuda, ou quando um *yebudi* que nunca vimos nos convida para o *Shabat*...

Como é bom ser *yebudi*! Somos um povo único e, mesmo assim, não precisamos ser iguais porque Hashem não quis criar iguais.

AGIR COM SABEDORIA

Ao encontrarmos alguém que precisa de *honra*, mesmo que consideremos desnecessário, sábio é tratá-lo com toda a honra. Ao estarmos com alguém que precisa de animação naquele momento, mesmo que piadas não façam parte do nosso temperamento, vale buscar uma forma divertida de nos comunicarmos para melhorar seu humor. Sábio é aquele que sabe se comportar com o outro da forma que o outro precisa ser tratado.

Sábio é quem entende que o mesmo *devar* Torá não serve para todos os ambientes e o adapta para quem está escutando. Sábio é lidar com uma criança, uma mulher, um homem, um *talmid chacham* e um *rosh yeshivá* demonstrando atenção e respeito a cada um deles de forma diferente. Isso está relacionado às *mitsvot ben adam le chavero* (condutas entre uma pessoa e o próximo).

UM HOMEM E DUAS ESPOSAS

No tratado de Baba kamma (60b), a Guemará conta uma passagem que vale conhecer. Em certa época na história, era normal que um homem se casasse com mais de uma mulher, e havia um homem que havia se casado com duas esposas, uma jovem de 18 anos e outra mais velha.

A esposa jovem olhava para ele, via alguns cabelos brancos e não gostava:

– Meu marido não pode ter cabelos brancos, eu sou tão jovem! – E arrancava os fios brancos.

A outra esposa ficava incomodada:

– Meu marido não pode ter cabelos escuros porque eu sou mais velha e vai ficar feio, não combina comigo! – E arrancava os fios pretos do homem.

A Guemará termina este episódio nos revelando que entre uma mulher e outra, o marido acabou ficando careca!

Talvez passemos pela mesma situação quando queremos agradar a todos. Talvez para agradar todos à nossa volta vendemos nossos valores, ideias e sonhos. Hashem não quer que todo mundo seja igual – sejamos nós mesmos.

CHARLES CHAPLIN

O famoso ator e compositor britânico Charles Chaplin fez muito sucesso e seu personagem Carlitos era muito imitado. Certa vez, houve um concurso de sósias e muitas pessoas se candidataram. De fato, eram bastante parecidas, com o mesmo bigode, chapéu e bengala.

Nesse concurso inclusive o próprio Charles Chaplin se apresentou. Os juízes votaram e veio o veredito: o próprio Charlie Chaplin ficou com o terceiro lugar no concurso de sósias!

Moral da história: não podemos depender dos outros para sermos nós mesmos. Se precisarmos da aprovação de outros, provavelmente, perderemos nossa identidade.

SEJA VOCÊ MESMO

Importante salientar isso porque, em um mundo onde tudo é baseado em quantos *likes* ganhamos nas redes sociais, às vezes projetamos uma imagem para agradar aos outros e nos distanciamos da nossa essência. Nossa função não é ganhar *likes* e agradar aos outros: além de Hashem nos dar *likes*, cada um gostar de si mesmo é o *like* que importa.

Uma vez que a pessoa se enquadra nos moldes do *Shulchan Aruch* (código de leis), já tem tudo o que precisa. Hashem não perguntará para quem chegar no *olam abá* se foi igual ao Chafêts Chaim. O indivíduo pode até falar que aprendeu muito com seus ensinamentos ou até ter o mesmo potencial, mas Hashem não espera que sejamos ele, afinal já existiu um Chafêts Chaim e o mundo não precisa de dois... Por outro lado, nunca houve e nunca haverá outra personalidade como a sua, como a minha – esta sim é única e necessária ao mundo.

RESPEITO A TODOS

Alguns alunos nas escolas e congregantes nas sinagogas preferem sentar-se na frente enquanto outros são da “turma do fundo”. Há quem

goste da ponta direita, outros do canto esquerdo: cada um pode e deve ocupar o lugar onde se sinta mais confortável.

Certas pessoas são mais vaidosas e outras menos. Sabedoria é o menos vaidoso poder ver o mais vaidoso não como quem não tem o que fazer com o próprio tempo, mas entendendo e respeitando os valores alheios, e vice-versa.

Citamos anteriormente a expressão *ben adam le chavero* (entre a pessoa e o próximo) e podemos criar uma nova expressão que define bem este capítulo: *ben adam la olam* (entre a pessoa e o mundo).

Hoje, todos alegam que devem ter os mesmos direitos, inclusive na porta de todo elevador está afixada a placa que cita uma lei que proíbe a discriminação independente de cor, raça, sexo...

TODOS DEVEM TER OS MESMOS DIREITOS

O que a Torá tem a dizer sobre isso? Segundo a Torá, cada pessoa deve ser tratada conforme o que é. Obviamente, não podemos prejudicar ou maltratar ninguém, mas tratar todos com os mesmos direitos é um crime.

Imagine uma sala de aula com 30 alunos sendo que todos devem ser tratados da mesma maneira. Esta escola, como todas as outras, segue regras – e uma delas estabelece que após o recreio, o estudante tem cinco minutos de tolerância para estar na classe, caso contrário recebe a notificação de atraso. Se um aluno demorou dez minutos e a professora não deu o atraso, este aluno era o “queridinho”? Não, ele apenas quebrou a perna e demorou mais para pegar o elevador ou subir a escada.

Tratar todos iguais não é sabedoria. Certamente, não podemos fazer julgamentos subjetivos, é fundamental manter o bom senso e dar o tratamento justo. Tanto uma moto quanto um caminhão precisam de manutenção, não tem melhor ou pior, é impossível comparar ambos porque são diferentes. Se cada equipamento exige um cuidado específico, imagine cada pessoa com sua individualidade!

O homem merece uma atenção e a mulher outra, assim como o Cohen e o Levi merecem tratamentos diferenciados. Enfim, o importante é compreender o outro e tratá-lo como é, sem anular sua identidade. Atualmente se exigem direitos ilimitados, wi-fi ilimitado, prazer ilimitado! Hashem não quer que todos tenham os mesmos direitos, somos diferentes porque assim Ele nos criou.

ARCO-ÍRIS

Parashat Noach narra um período quando todos tinham direitos ilimitados. A humanidade estava completamente sem controle, as espécies cruzavam umas com outras e homens pegavam bens de seus vizinhos sem permissão. Qual foi a cura? Hashem destruiu o mundo e disse: “Eu vou mandar o arco-íris e será como símbolo do pacto. Mesmo que eu fique chateado, vou me lembrar do pacto que fiz aos homens e nunca mais trarei o dilúvio ao mundo.”

Surge uma questão: por que o símbolo do pacto, que traz uma lembrança negativa, é o arco-íris, um fenômeno tão encantador? Na verdade, o arco-íris é positivo para o ser humano, pois lembra que fomos salvos, mas para Hashem lembra a desordem do mundo pré-diluviano, onde as pessoas não tinham limites – quando Ele quis, de fato, destruir o mundo. A Guemará conta que em muitas épocas não apareceu um arco-íris no céu, pois eram fases de tranquilidade entre Hashem e o povo.

Até mesmo cursos de pintura se dedicam a ensinar a beleza do arco-íris. Por que Hashem criou um símbolo tão maravilhoso para recordar um evento tão devastador? Talvez o arco-íris seja o sinal necessário para nos lembrar do que aconteceu com a humanidade no mundo pré-diluviano, época dos prazeres e direitos ilimitados.

No arco-íris percebemos as cores separadas – vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. As cores aparecem ordenadas, uma sobre a outra e não entrando dentro da outra. Hashem quer cada um na sua, que cada indivíduo tenha o direito de ser ele próprio.

ACHADOS E PERDIDOS

Se existe uma única orientação de Or HaChaim Hacadosh que devemos conhecer é aquela sobre a *parashat Ki Tetzé*, quando a Torá explica como proceder ao encontrar um objeto perdido: como anunciar, procurar e devolver para o dono (*Hashavat haveda*).

Diz o Or HaChaim que o maior mérito que faz parte da *mitsvá* de devolver um objeto ao seu dono é cada um ajudar o outro e a si próprio a se auto-encontrar. Citando gigantes no estudo da Cabala da sua época, Or Hachaim nos revela: “Ninguém poderá ser substituído no mundo, ninguém será igual a outro. A maior *Hashavat haveda* que existe é o indivíduo se encontrar e se lembrar da sua própria identidade e nunca tentar ser o outro.”

A sensação mais maravilhosa é podermos assumir quem somos, com nossas características e peculiaridades, e conviver em harmonia e respeito ao próximo.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR NA MAIS LONGA PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE HARVARD?



“
*Quem gosta de algo
elogia. Gostar de
Hashem é elogiar o
mundo que Ele criou
para nós.*
”

INTERESSE GERAL

No mundo inteiro, homens e mulheres, independentemente da religião e classe social, estão sedentos por um tema que desperta cada vez mais atenção. Livrarias dedicam espaço para atender este público e encontramos infinitas referências nas mídias eletrônicas. Como já sabemos, nenhum aspecto do interesse humano escapa da Torá e, certamente, lá encontramos inspiração direto da fonte sobre este determinado assunto.

Conhecemos Hashem através da Torá e da *Guemará*, ambas são uma espécie de “raio-x do cérebro” de Hashem, pois nos ajudam a entender o Seu pensamento. E é justamente na *Guemará*, tratado de *Taanit* (22a), onde aprendemos sobre um episódio ocorrido com um Rav muito famoso (se não for, que vire agora!), Rav Broka.

NO SHUK

Rav Broka ia frequentemente ao *shuk*, espécie de grande feira ou mercado onde as pessoas se encontravam e comercializavam suas mercadorias.

Rav Broka era amigo próximo de Eliyahu Hanavi e esta relação era muito especial, já que Eliyahu Hanavi não aparecia (nem aparece) para qualquer um.

Certa vez, estavam juntos no *shuk* e o Rav perguntou:

– Tem alguém aqui, agora, que tem *Olam Habá* (mundo vindouro)?

Eliyahu Hanavi, o único com autoridade para responder uma questão como esta, afirmou:

– Sim, aqueles dois homens sentados atrás da barraca de batatas têm o mundo vindouro.

– Quero conhecê-los e aprender o que eles fazem – e Rav Broka correu para ver quem eram esses dois cidadãos.

SIMCHÁ - ALEGRIA

A *Guemará* conta que a característica daqueles homens é que ambos eram felizes, sorridentes e que além disso, alegravam os outros. Quando percebiam alguém desanimado, faziam o possível para animá-lo. Eram felizes (e não bobos), salienta a *Guemará*.

Analisando melhor este trecho, Rav Yonathan Eibeschitz em sua obra *Iarot Devash* (1,4) faz duas observações espetaculares sobre esta *Guemará*:

1. Em nenhum momento a Torá declara que Hashem uniu Seu nome a uma pessoa enquanto vivesse. Por exemplo, Hashem nunca falou que era D'us de Moshê Rabenu durante sua vida, porque ainda poderia acontecer algo grave até o seu último dia. Ele poderia errar em algum momento (o que não foi o caso), fazendo com que não fosse digno de Hashem colocar o Seu nome sobre um perverso.

Diariamente falamos na *Amidá*, *Elobê Avraham*, *Elobê Yitschac ve Elobê Yaacov* (“D'us de Avraham, Yitschac e Yaacov”), sobre eles Hashem se colocou porque comprovou que foram corretos até o final de suas vidas.

Há apenas uma exceção: Hashem designou Seu nome sobre Yitschac enquanto ainda vivia e Rashi contestou que Ele só fez isso porque Yitschac

já tinha tanta idade, estava tão debilitado fisicamente, que não teria mais nenhuma atitude negativa aos olhos de Hashem.

Diante disto – pergunta Rav Yonathan Eibeschitz – como Eliyahu Hanavi “ousou” dizer que aqueles dois homens do mercado têm *Olam Habá*? E se eles cometessem algum pecado ainda? Hashem não testemunhava sobre alguém vivo!

2. A segunda observação aborda outro ponto relevante: para alguém chegar ao *Olam Habá* precisa ser quase perfeito, não perfeito porque perfeição não é para humanos, só para anjos, mas ser absolutamente íntegro. Como afirmar sobre um indivíduo que está lá no seu canto feliz e agradando os outros que ele é um *ben Olam Habá*, será que só se resume a isso?

Baseado nestas observações, Rav Yonathan Eibeschitz nos conduz e explica que existem muitos prazeres no mundo, e todo prazer físico acarreta um efeito colateral. Assim é no *Olam Haze*, neste mundo todo prazer físico tem um bônus ótimo e algum tipo de ônus, diferente do *Olam Habá*, onde tudo é só alegria.

Dois exemplos reais e atuais: um indivíduo com muita fome que come tanto que chega a passar mal, precisando até tomar um remédio para digerir, ou outro que faz uma viagem maravilhosa e depois recebe a fatura do cartão de crédito.

Para ser *Olam Habá*, diferente de qualquer prazer físico, tudo é 100% alegria, sem nenhum incômodo, conta a pagar, mal-estar, ou esforço. Rav Yonathan Eibeschitz conclui: “Quando Rav Broka perguntou para Eliyahu Hanavi quem tem *Olam Habá*, ele não respondeu que aqueles homens terão no futuro, seria impossível afirmar, afinal, estão vivos e possivelmente podem tomar decisões erradas durante suas vidas!”.

Com isto ele definiu o que é ser *ben Olam Habá*: aquele que em determinado momento está plenamente satisfeito tem *Olam Habá* dentro do *Olam Haze*, dentro deste mundo. A *midá* destes dois senhores era a *simchá* (alegria).

BE HAPPY

Estar plenamente feliz com a vida é ser *ben Olam Habá*. Não é garantia para o futuro, isto dependerá das suas atitudes, mas é agora. Quanto à segunda observação, que é necessário muito empenho para chegar ao mundo vindouro, isto é verdadeiro, porém é possível fazer uma degustação do *Olam Habá* neste mundo. O que conta não é o prazer físico, e sim aquele momento de total contentamento com a vida que oferece a experiência, uma pequena prova do que é *Olam Habá*.

Uma palavra em árabe resume esta sensação: *Mabsut*. É a pessoa que está de bem com a vida, curtindo, desfrutando o *Olam Habá*, independente de ser ou não *tsadik*, independente de quanto tem ou deixa de ter, independente de quantas alegrias ou adversidades tem na vida.

A humanidade corre atrás deste atributo de alegria e satisfação. Todos buscam em sites, aulas, livros, seminários e cursos. Qual a causa desta necessidade? Talvez a resposta seja porque Hashem colocou um “chip” contendo o *Olam Habá* dentro de cada um de nós e uma degustação disto é *simchá*, então instintivamente todos queremos sentir a satisfação da tranquilidade e da sensação de nos sentirmos felizes com a vida.

CONTRÁRIO DE SATISFEITO

A *Parashat Behaalotecha* nos relata que o povo estava no deserto e cultivava um costume com afinco: o ato de reclamar – maná da qual o povo (ainda hoje!) não abre mão. Hashem enviava o maná e sabemos que era versátil, pois apresentava o sabor de qualquer alimento *kasher*. O maná era tudo de bom, mas um dia, o povo enquanto estava no deserto sentiu que faltava alguma coisa e foi pedir carne para Hashem, através de Moshê.

Moshê falou com Hashem: “Hashem, como eu vou ter carne para satisfazer esse povo?”. Uma ala acredita que Moshê cometeu um grande equívoco ao desconfiar da capacidade de Hashem em conseguir carne.

Rashi traz uma segunda opinião: “É impossível que o mesmo homem (referindo-se a Moshê) sobre o qual foi dito que era a pessoa mais fiel

a Hashem desconfiasse que Hashem não fosse capaz de prover carne para o povo no deserto.” Rashi argumenta que Moshê Rabenu não se enganou nem duvidou de Hashem. Ele sabia que o povo tinha tudo, inclusive bebidas, já que o poço de água de Miriam também possuía esta peculiaridade do maná e a água adquiria o sabor desejado.

Moshê Rabenu tinha certeza que Hashem poderia dar carne, dar o que quisesse, afinal Ele já havia provado tanto com os dez milagres no Egito!

– Eu posso mandar carne, estão pedindo! – disse Hashem.

– Eu sei que pode, confio no Senhor, Hashem, mas a carne que for mandada não será suficiente, porque as pessoas não querem carne, querem reclamar!

Quem sintoniza a fina sintonia chamada reclamação nunca estará satisfeito.

FATTO A MANO

Ao vermos um homem vestindo um terno elegante, elaborado com tecido de qualidade, caimento perfeito, falamos que foi feito sob medida. Quando Hashem nos criou, ele escreveu “*fatto a mano*” em cada um, imprimiu Seu toque de mestre dando o melhor acabamento para nós.

Tudo é controlado por Hashem, recebemos Dele o melhor, e sabemos que, inevitavelmente, durante a vida todos iremos sentir algum desconforto ou passar por alguma adversidade. Se soubermos aceitar esta adversidade como *kapara*, (reparação de um erro cometido), vamos encarar este desconforto como um perdão ou como uma promoção no *Olam Habá*, e alcançaremos nosso objetivo – que é passar pelo desconforto sem reclamar.

Porém, se uma pessoa reclama de algo que Hashem envia para ela – diz a *halachá* – o que era para ser *kapara* se transforma em ainda mais desconforto e o que veio para amenizar algo desagradável resultará em mais uma *averá*.

DESAFIO

Que tal tentar, cada um por si, não reclamar por uma semana? Vamos imaginar um desafio: passar uma semana sem reclamar de nada, nem do ar condicionado da sinagoga, nem do tempo que a *tefilá* demora, nem no preço da carne *kasher*, nem do imposto no Brasil, nem dos buracos na rua, nem de quanto o câmbio flutua, nem do coronavírus.

É um desafio pessoal e, na verdade, o compromisso mais importante. Se confiamos em Hashem e entendemos que fomos feitos *a mano*, não devemos nos preocupar. **Reclamar significa que D'us não está no comando ou não está fazendo o certo.**

Reclamar amplia o foco no que nós não temos e esquecemos o que temos. Ao reclamarmos do trabalho, patrão, funcionário, esposa, marido, filhos, ou escola dos filhos, focamos o cérebro e emoções somente no que não temos. Ser exigente e buscar qualidade é perfeito, mas esquecemos que ao resumir a vida ao que falta e procurar defeitos, tudo vira um ponto preto e o que é branco em volta cessa de existir.

JOGO DOS SETE ERROS

Tem gente que vive procurando o que está errado. Parece que gosta de passar o tempo com aquele jogo dos sete erros, onde é preciso comparar duas imagens e encontrar o que falta.

Um exemplo disto é alguém que é convidado para um casamento que terá uma linda recepção, mas que ao abrir o convite já dá início à caça aos erros e defeitos. Nada está bom, bonito ou gostoso o suficiente para quem quer reclamar. Este indivíduo não se empolga com a música, a emoção dos noivos, ou o sorriso dos pais. É impossível satisfazer uma pessoa assim.

SOBREVIVENTE

Uma das atividades na preparação da viagem com os jovens para participar da Marcha da Vida é proporcionar um encontro com um sobrevivente do holocausto. Recentemente, um senhor foi à escola pela primeira vez para contar sobre sua vida e fez um comentário particularmente impactante: “Eu tinha um sonho depois que terminou a guerra,” e não disse mais nada por longos segundos. “Eu tinha um sonho...” e silêncio.

Cada participante da atividade certamente imaginava qual seria seu sonho – comida, família, uma comemoração feliz – até que ele revelou: “Eu tinha um sonho de ter uma roupa com um bolso tão grande que pudesse conter uma fatia de pão, esse era meu sonho.”

E acrescentou: “Cada vez que ando na rua e posso escolher se vou para a direita ou para esquerda, eu sinto uma felicidade enorme, me sinto a pessoa mais livre do mundo, porque durante a guerra eu não tinha liberdade de escolher para onde ir.”

O Holocausto não pode ser comparado a nada, e isto aconteceu há apenas duas gerações – quando um bolso grande realizaria o maior sonho daquele senhor. Lembremos que vivemos hoje com mais conforto que Rothschild, cuja casa não tinha banheiro por ser um grande luxo antigamente! Ser feliz com o que se tem é a maior riqueza.

ELOGIO'

Do famoso *passuk*, nosso hino nacional, “*Veahavtá et Hashem Elobêcha*” (ame Hashem), aprendemos um ensinamento. A lei prática que Rambam nos ensina consta em *halachot Deot* (6;3): “Quem gostava de Hashem? Avraham Avinu.” Diz Rambam que por onde Avraham Avinu ia ele difundia Hashem, pois quem gosta de alguém e de algo que ele faz, elogia.

Ao reclamarmos da vida, das pessoas, do trabalho, ou de qualquer assunto, estamos discutindo com Hashem – dizendo que Ele não controla nossa vida. Quem gosta de algo elogia. Gostar de Hashem é elogiar o mundo que Ele criou para nós.

O CASO DO SAPATEIRO

Em Tel Aviv vive um sapateiro chamado Moshê Yaacov. Certo dia, um senhor falou para ele:

– Hoje eu estou chateado, estou precisando de um pouco de ânimo.

– Eu vou te contar uma coisa, na cidadezinha de onde eu venho, onde eu também era sapateiro, um homem me disse certa vez que pagaria milhões para poder me ver.

– Não sabia que você era tão famoso!

– Não sou famoso.

– Então, por que ele pagaria milhões para te ver?

– Porque esse cliente era cego. Ele falou que pagaria milhões para poder enxergar.

Quanto vale o mérito de podermos enxergar? Somos bilionários, é um mérito incomparável poder enxergar. Se focamos em reclamar pelo que falta, nunca será suficiente. Quanto uma pessoa que não enxerga pagaria para poder ver um pouco?! Quanto devemos pagar por sermos felizes com o que temos? *Ben Olam Habá* é quem está de bem com a vida, *Olam Habá* é alegria sem efeito colateral.

MEGA-SENA

Conversando com um jovem, ele me falou animado que a Mega-Sena estava acumulada e o prêmio era enorme, perto de R\$200 milhões.

– Eu joguei, tomara que eu ganhe – ele torcia.

– O que mudaria no seu dia a dia se você ganhasse na Mega-Sena?

– Eu compraria uma casa, uma moto...

– Mas você já tem isso. De mais quantos quartos você precisa?

– Você tem razão.

A sede de querer mais por ter mais pode ser uma razão, mas a outra é a insatisfação com o que já temos. Após a conversa, o jovem percebeu o quanto já possuía e chegou à feliz conclusão de que não precisava mudar absolutamente nada na vida dele.

Ambição nos faz seguir em frente, porém esta cultura atual que estimula a querer cada vez mais, e a reclamar se não tiver, pode se tornar um vício doentio. Se for preciso sempre mais e só ficarmos satisfeitos após conseguirmos mais, significa que estamos discutindo com Hashem, insinuando que Ele não sabe o que é bom para nós ou dizendo que Ele não controla o mundo.

NECESSIDADE OU LUXO

O meu *rosh yeshivá* costumava dizer: “O que acostumamos nossos filhos a ter não é um luxo, para eles se torna necessidade.” Quanto precisamos dar ou mimar? Até onde devemos ir? Será que não precisamos ensinar nossos filhos a ser mais do que ter?

Vale citar uma frase sábia de autoria desconhecida: “Se você criar seus filhos, poderá mimar os seus netos, mas se mimar os seus filhos, terá que criar os seus netos.” Amar os filhos é ensiná-los a ser alguma coisa. E se o mundo é competitivo, que eles sejam empreendedores, esforçados e não preparados para serem herdeiros.

É de nossa responsabilidade se nosso filho não é feliz com nada. Se dermos isso, isso e mais aquilo, ele não se contentará com menos. A culpa talvez seja do excesso que oferecemos a ele. Quanto precisamos mimar nossa família? Esta pergunta não tem uma única resposta, mas cada um deve encontrar a sua medida.

LIMITES

Educar, entre inúmeras outras funções, é estabelecer limites. De horário, de uso de celular, de jogos eletrônicos, da vida em todos os aspectos. É fundamental ter pai e mãe em casa que ensinem respeito às crianças, para que aprendam que devem obedecer e não mandar.

Numa conversa com um grupo de meninas, na verdade já adolescentes, surgiu a pergunta:

– O que vocês farão quando forem mães?

– Não sei bem o que vou fazer – afirmou uma delas – mas sei que vou colocar limites para os meus filhos e minhas filhas não precisarem passar pelos mesmos dramas que eu vejo no meu celular. Eu não quero que eles passem por isso, porque eu sei quanto material impróprio eu vi no meu *smartphone* e quanto danoso isso é para mim.

Crianças e jovens querem e precisam ter limites. Este capítulo trata de felicidade, e limites não são oposição à felicidade. Precisamos ensinar nossos filhos a serem pessoas melhores e para isso devem estar satisfeitos e respeitar limites, pois quem tudo tem, nada tem!

PESQUISA DE HARVARD

A mais longa pesquisa que a universidade de Harvard já fez demorou 75 anos e 724 homens foram acompanhados durante este tempo. Os cientistas admitem que o mais surpreendente foi eles conseguirem ir até o final, porque uma pesquisa que demandou tanto tempo e custo poderia ter parado no meio do caminho.

Foram selecionados indivíduos de todas as cores e raças, alunos de Harvard e homens dos subúrbios de Boston. 60 destes participantes ainda estão vivos. Essa pesquisa foi bastante abrangente, consistiu de exames de sangue, de saúde física e mental, e também de questionários e gravações de vídeos para registrar em imagens as pessoas envolvidas durante o decorrer dos anos. Foi um estudo patrocinado por uma das universidades mais prestigiadas do mundo, com o objetivo de descobrir o seguinte:

ONDE ESTÁ A ALEGRIA?

80% responderam que o segredo do sucesso é ter fama e dinheiro. Hoje é fácil constatar isso: é possível mensurar o sucesso através do número de visualizações no YouTube e *likes* no Instagram...

Entretanto, a pesquisa revelou que fama não é o principal, porque existem celebridades felizes e também infelizes. O mesmo vale para o dinheiro. O estudo mostrou que, além de um nível onde nossas necessidades são satisfeitas, o aumento da renda não traz mais felicidade. Afinal quanto dinheiro precisamos juntar para estar bem um dia? Por que não estar bem hoje?

A conclusão da pesquisa de Harvard, após longos 75 anos e milhões de dólares investidos, é que boas relações com pessoas ao nosso redor nos tornam mais saudáveis e mais felizes. Por outro lado, a pesquisa apontou que a solidão faz a pessoa viver menos tempo. E que não adianta ter muitos amigos mas nenhum de verdade para quem possa ligar e contar um problema, dar uma gargalhada, ou compartilhar um sentimento pessoal.

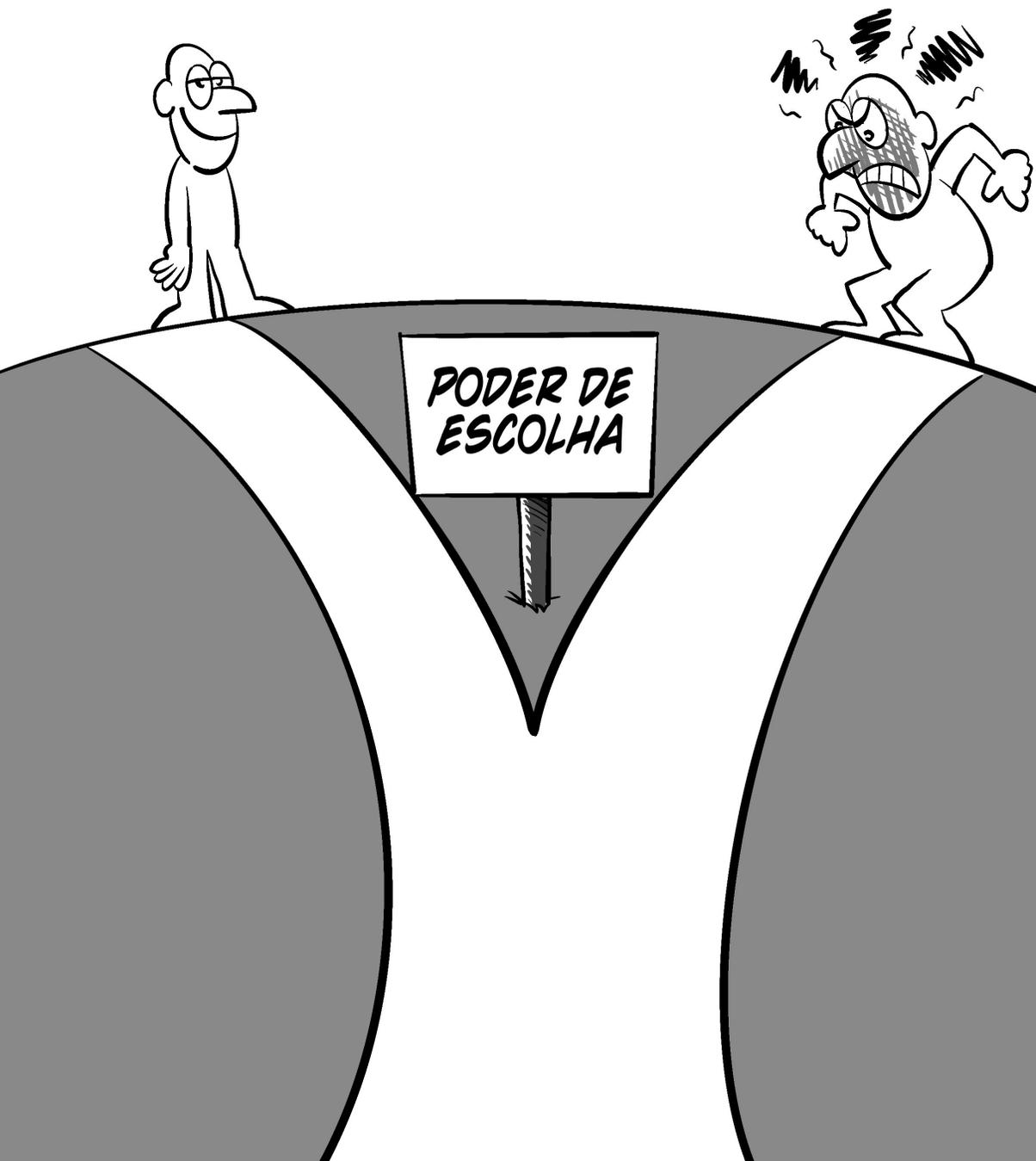
Boas relações com as pessoas do nosso convívio protegem nosso cérebro de um desgaste maior. Sorrir e conversar faz bem. Pessoas infelizes sentem mais dor do que pessoas felizes. Quem experimenta *Olam Habá* tende a reclamar menos e desconfortos menores passam despercebidos.

CONFIANÇA

Cada vez que bebemos um copo de água, fazemos a *berachá*: *Baruch até Hashem elobênu melech baolam shebakol nihiá bidvarô* (Hashem rei do mundo inteiro, da minha vida, TUDO acontece através da Sua providência).

Se falamos, entendemos e confiamos que tudo acontece sob a providência divina, não importa se o cliente pagou ou não pagou, se o salário subiu ou não subiu, se choveu ou fez frio, pois estamos protegidos por Hashem e tudo acontece por Ele. *B'H*, que possamos ser *ben Olam Habá* neste mundo até os 120 anos com saúde, felizes com a vida *fatto a mano* por Hashem para cada um de nós.

YOU HAVE THE POWER



“

WE HAVE THE POWER
*de escolher, a cada
dia, uma nova
escolha. A de ontem
não garante e nem
compromete a
escolha do amanhã.*

”

MAIOR PODER DO SER HUMANO

Uma pergunta intrigante: qual é o maior poder que Hashem deu ao ser humano? Este é o tema deste capítulo e a Torá, como sempre, nos guiará.

Do livro de *Beresbit* até *Devarim*, somos apresentados a inúmeros personagens. Alguns se sobressaem e, dentre eles, o maior é Moshê Rabenu.

DEBATE

Vamos imaginar um evento frequente em nossos dias: o cenário de gravação de um debate muito aguardado entre duas pessoas sobre economia e finanças.

De um lado está um famoso gestor financeiro do mundo corporativo, com muita experiência no mercado, que possui um apurado *feeling* sobre economia, que conta com uma rede de informações políticas e, com ajuda de D'us, gera um fundo gigante que normalmente dá lucro muito acima da inflação e de outros investimentos.

Como em todo debate, um mediador também está presente para direcionar as questões sobre o futuro da economia aos dois debatedores.

Então quem seria o outro participante para tratar deste tema? Quem seria o personagem B? Certamente seria o ministro da Fazenda ou algum outro nome influente, talvez até mesmo do outro lado do globo, para apresentar pareceres diferentes sobre economia. Nunca seria chamado para esse encontro um estagiário ou alguém que começou o curso de Economia, nem que seja em Harvard!

MOSHÊ X KORACH

Voltamos agora para Moshê Rabenu, o homem mais famoso da Torá. No livro de *Bamidbar*, em *parashat* Korach, é descrito que Korach marcou uma reunião com Moshê Rabenu para discutir uma agenda.

Da mesma forma que sabemos que um gestor importante não aceitaria debater com alguém que acabou de entrar na faculdade ou um estagiário, não é possível que Moshê aceitasse participar de um encontro com qualquer um, então esse tal de Korach deveria ser importante.

Korach chegou com 250 assessores e a plateia era todo *benei* Israel. O povo inteiro queria assistir ao debate de um gigante contra outro, afinal alguém desafiando Moshê Rabenu seria igualmente poderoso – se não fosse não teria graça e não daria nenhuma audiência!

Começou o debate e Moshê Rabenu até falou para Hashem: “Por favor, não se esqueça de aceitar minhas *tefilot* e faça que eu esteja certo.” Além do pedido, Moshê deu um *corban* (oferenda) para que Hashem não aceitasse a oferenda de Korach.

Mas quem era esse homem? Agora começamos a entender melhor quem era Korach. Aprendemos sobre ele na escola e o imaginávamos como um homem mal-encarado, bravo, naquela moto com escapamento furado chegando com som alto, mas nada disso é verdade. Se Moshê Rabenu concordou com o debate foi porque este homem possuía qualidades, merecia ser ouvido, e a conversa despertaria curiosidade no público.

O QUE NOSSOS SÁBIOS FALAM SOBRE KORACH

O famoso Arizal viveu em 1500 e deixou registrado que no futuro, quando Hashem julgar que é chegado o momento correto e vier a *gueulá* (salvação), com a vinda de Mashiach, Korach será o *Cohen gadol*.

Ele prova isso através da análise do famoso *passuk* do *Tebolim* capítulo 92: “*Tsadik katamar yifrach*” (um sábio vai brotar igual uma palmeira). As últimas letras das palavras na ordem formam a palavra Korach, e segundo Arizal, este *tsadik* que vai brotar no futuro igual uma palmeira se refere a Korach.

ASSESSORES

Korach foi acompanhado por 250 homens, seus assessores – a Torá os denomina como “*anshê shem*” (pessoas de nome) e nossos sábios confirmam que eram famosos no mundo. Na época do deserto, sem redes sociais, para que uma pessoa fosse famosa no mundo, deveria destacar-se de alguma forma, como no caso destes homens de gabarito muito elevado.

O *Zohar* traz outra explicação para a expressão “*anshê shem*” que a Torá menciona referente ao *entourage* de Korach: esses 250 assessores sabiam falar o nome oculto de Hashem de cor, ou seja, “*shem*” se referia ao nome de Hashem! Na época da *Guemará* poucos *tsadikim* sabiam, e este era o diferencial: estes homens famosos sabiam.

Se Korach ainda vivesse e andasse pelas ruas do bairro ele seria o famoso *baba*, o *rabi*, com certeza haveria fila para pedir *berachá* e se ele fornecesse uma *segulá* para *parnassá*, todos o fariam, tal era sua influência.

Bilam é outro personagem que merece ser lembrado. Ele é o único profeta que a Torá reconhece que houve nas nações, equiparado a Moshê Rabenu para os *yebudim*. Quem foi esse profeta?

SEMELHANÇA X DIFERENÇA

Existe uma *Mishná* em Pirkê Avot (5;19) que traz a seguinte indagação: qual a diferença entre os alunos de Avraham Avinu e os alunos de Bilam?

Em seguida, a *Mishná* destaca alguns elementos que os alunos de Avraham Avinu possuíam enquanto os alunos de Bilam apresentavam o oposto. Para entendermos colocações como esta, precisamos trazer exemplos mais atuais, pois não adianta ler sem procurar entender a vontade de Hashem naquelas palavras eternas da *Mishná*, *Guemará* ou *Chumash*.

Com todo respeito aos nossos textos sagrados, aparentemente esta pergunta é tão absurda quanto questionarmos qual a diferença entre os alunos do Chazon Ish e os alunos de Hitler. Qual pode ser a comparação? Como podemos ousar equiparar Chazon Ish ao homem que cometeu tamanha atrocidade? Qual é a semelhança para que haja uma diferença?

A *Mishná* em *Pirkê Avot* questiona e descreve as diferenças, mas qual a comparação para que haja uma diferença? É tão ridículo quanto perguntar a diferença entre uma cadeira e uma galinha, não existe nenhum método de comparação possível, e se a *Mishná* em *Pirkê Avot* compara Bilam a Avraham Avinu, deve haver algum denominador em comum.

Afinal, quem foi este profeta, conhecido como Bilam *barashá*, o perverso?

Diz a Torá que Bilam entendia de alguma forma o pensamento de Hashem: וַיֵּדַע דָּעַת עֲלֵיוֹן (Bamidbar 24;16)! Entender o pensamento de Hashem é para poucos, poucos do passado sabiam e Hashem na Torá atesta que Bilam conhecia Seu pensamento e vontade.

Iluminamos dois personagens de destaque, Korach e Bilam, e vamos jogar mais luz em outro personagem que já escutamos bastante. Consta em *Kidushin* (4;14) um episódio curioso descrito por um dos comentaristas chamado Tiferet Israel sobre as *mishnaiot*. Este relato adiciona novos elementos e nos ajuda a conhecer um pouco mais esta celebridade.

ARTE E VERDADE

Havia um rei que queria conhecer melhor um personagem do qual já ouvira falar muito. Este rei tinha a seu serviço artistas que desenhavam muito bem e possuíam o dom e a sabedoria de retratar a pessoa não só com a fisionomia externa, mas conseguiam interpretar e descortinar sua alma, seu lado mais íntimo. Assim, olhando para o desenho era possível saber quando se tratava de alguém generoso, avaro, gentil, calmo ou bravo, já que suas *midot* (características pessoais) eram fielmente reproduzidas.

Certo dia, o rei os convocou:

– Eu quero que vocês desenhem aquele homem.

Os desenhistas, situados em diferentes locais, averiguaram e começaram seu trabalho. Desenharam um homem com muitas falhas de *midot*, rude, malvado, e quando entregaram a encomenda, o rei examinou os desenhos, e num tom severo indagou:

– Vocês estão tentando me enganar?

– Não, Majestade, utilizamos nossos melhores recursos e dons para desenhar esse personagem e estes são os resultados autênticos, assim é ele.

O rei – assim explica o comentarista das *mishnaiot* – chamou o personagem, no caso Moshê Rabenu, exibiu os desenhos para ele (aqueles desenhistas executaram seus trabalhos de forma muito similar apesar de estarem separados) e profere:

– Olhe como te desenharam, esses desenhistas merecem ser castigados!

Moshê acalma o rei:

– Os artistas estão corretos.

O rei fica assustado:

– Como assim, nós escutamos coisas tão maravilhosas sobre você, um homem que libertou seu povo, fez milagres, o mais próximo de Hashem que existe, como isso se explica?

– Tudo que os artistas demonstraram nos desenhos está correto e há ainda mais traços negativos que eles nem conseguiram apontar, Vossa Majestade. Eu era assim, nasci assim, eles desenharam como eu era antes de me esforçar para mudar e não ser mais quem eu era. Vossa Majestade soube de mim após meu esforço interno de trabalhar minhas *midot* e, de fato, hoje não sou mais estes desenhos. Se eu não mudasse, Vossa Majestade, e mantivesse a mesma forma, qual seria a diferença entre eu e um pedaço de madeira que só cresce, que não possui a capacidade de alterar suas *midot* para melhores?

Sabemos agora que no futuro Korach será o *Coben gadol*, que Bilam entendia como funcionava o cérebro de Hashem, e como o novo Moshê, sob um aspecto que não conhecíamos, se transformou da infância para a idade mais avançada.

O que nos leva à questão feita inicialmente: qual é o maior poder que Hashem entregou ao ser humano, a cada um de nós? Já temos a resposta: o poder da escolha.

ESCOLHAS

Existem milhões de Moisés no mundo, todos eles provavelmente nomeados em homenagem a Moshê Rabenu. Ele poderia simplesmente ter existido e sido mais um, mas escolheu mudar o curso da vida. Quantos Josés existem, mas Yossef *batsadik* só houve ele!

Bill é um nome comum nos Estados Unidos, mas o internacionalmente renomado Bill Gates é um só. Jeff também é um nome comum, e Jeff Bezos, o bilionário da Amazon, sobressai.

Parnassá não depende somente da vontade da pessoa, embora a dedicação desses homens com certeza tenha contribuído. Bill e Jeff poderiam ter se mantido como eram se preferissem dormir, curtir e se esforçar menos, porém escolheram mudar suas vidas.

Com todo o mérito atribuído a estes e outros nomes em evidência, suas vidas culminam em fortuna, honra, poder e fama, mas tudo isso é finito.

Muito além do mundo corporativo, as oportunidades de escolha no mundo da Torá são marcantes porque nossas *midot*, *mitsvot*, *averot* se transformam em eternidade, e eternidade é bem mais do que muito tempo.

Esta frase aparece na Guemará algumas vezes (Berachot 33b):

הכל בידי שמים, חוץ מיראת שמים

Tudo está nas mãos de Hashem menos quanto temor de Hashem teremos.

TUDO ESTÁ NAS MÃOS DE HASHEM

As características básicas – como se a pessoa será alta, baixa, bonita, feia, careca, cabeluda, ou se ela irá comer pouco e engordar, comer muito e não engordar, trabalhar pouco e ganhar muito, trabalhar muito e ganhar pouco – não dependem muito de nossa vontade. Hashem decidiu o que é melhor para cada um, para nossa *neshamá*.

Precisamos nos esforçar, mas tudo está nas mãos de Hashem. A única coisa que está nas nossas mãos é o poder da escolha, de nos transformarmos de Moisés para Moshê Rabenu, de José para Yossef!

Ao nascermos, cada um de nós recebe um cartão de crédito pré-aprovado. Podemos pedir para Hashem conceder o nível máximo, mas isto já foi definido pelo banco lá em cima em muitos quesitos. Porém no que se refere a caráter, *midot*, *mitsvot* e *averot* não existe nenhum limite pré-estabelecido, só depende das nossas escolhas!

CADA DIA UMA ESCOLHA

Não se trata somente de grandes escolhas como criar um hospital ou abrir uma *yeshivá*. Cada vez que decidirmos fazer ou deixar de fazer algo errado e fizermos o certo, esta é a escolha que conta. Pode ser tão pequena que parece não fazer diferença, mas se somarmos as dez, vinte ou mil escolhas durante um ano, podemos nos transformar e se aqueles artistas nos desenharem, as pessoas se surpreenderão: “Quem é esse?”. Este era o passado, não condiz com o presente, porque decidimos optar pelo caminho do sorriso, da felicidade e da Torá. Quem nós seremos? A escolha é nossa.

RABI AKIVA

Até os 40 anos de idade Akiva não teve, ou não buscou, a possibilidade de estudar Torá. A *Guemará* conta que cada vez que ele via um sábio, sentia tanta raiva que queria mordê-lo – não morder como um cachorro, mas como um burro. Por quê como um burro? Porque diferente dos outros animais, o burro morde e não solta. Até que em algum momento ele despertou e decidiu que não queria mais ser este Akiva, ele soube que podia mudar e ser o Rabi Akiva!

Se não fosse por ele não teríamos todos seus ensinamentos que se espalham entre todas as páginas da *Guemará*. Ele poderia ter se tornado nada, finito, até o dia em que se viu naquele determinado cenário, olhou a água batendo na pedra e decidiu se transformar.

Podemos pensar que 40 anos de idade é meia vida, mas isso depende. Para quem decide acordar, 40 anos é o começo de uma vida e Rabi Akiva provou isso.

TODA *TEFILÁ* É RESPONDIDA

Perguntaram ao Rabi de Ponevezh se todas as *tefilot* são respondidas e ele disse que sim.

Uma pessoa insistiu:

– Rav, mas sabemos que às vezes a gente pede e...

Rabi de Ponevezh o interrompeu:

– Às vezes, sim, e às vezes Hashem responde dizendo não.

Hashem conhece nossos desejos e talvez pedidos como “quero ter mais uma casa” ou “quero me casar com essa pessoa” provoquem a reação: “Eu ouvi, não vou te dar porque Eu te amo, e isto não é bom para você.” Uma *tefilá* pode demorar seis meses, seis anos ou 60 anos para ser atendida, mas sempre será respondida.

Falando sobre escolhas, o Steipler nos apresenta uma afirmação maravilhosa. Ele declara que, às vezes, Hashem fala sim e, às vezes, fala não,

porém toda *tefilá* é respondida com sim quando nossas motivações estão relacionadas à espiritualidade.

Seremos atendidos se pedirmos a Hashem (no singular porque cada *tefilá* é única): “Por favor, Hashem, me ajude a ser uma pessoa mais sorridente, menos brava, me ajude a ser uma pessoa mais participativa na comunidade, a estudar e lembrar, a ser o pai ou a mãe melhor, me ajude a saber o que o Senhor quer de mim nesse mundo e eu ter o mérito de alcançar o meu objetivo.”

Tudo depende de Hashem, confirma Steipler, menos *yirat shamayim* (temor a Hashem). Conforme prescrito na *Guemará*, tudo já está pré-estabelecido por Hashem no limite máximo, exceto *yirat shamayim*. Quanto poderemos nos tornar pessoas maravilhosas no que se refere à Torá e *midot*, pessoas eternas ou não, depende de nós, das nossas escolhas e da nossa *tefilá*.

Poucos fazem *tefilot* em relação às suas *midot*, o mais comum é pedirmos: “D’us, me ajude a achar um lugar para estacionar, me ajude a não chegar atrasado, a encontrar meu par perfeito, a fechar o negócio, a ganhar mais...” Sem dúvida, podemos e devemos pedir tudo, mas isso é limitado. Ilimitado e garantido é pedir para sermos melhores, *yebudim* que façam a diferença, e, obviamente, nos esforçarmos.

O MUNDO DO POTENCIAL PERTENCE A HASHEM

Moshê apresentava *midot* negativas no começo da sua vida, mas o potencial bom estava lá, então Moshê Rabenu soube regar e floresceu. Por outro lado, o potencial de Bilam estava lá, ele plantou no seu jardim espinhos que cresceram muito – foram suas escolhas. Korach será o futuro *Cohen gadol*, seu potencial será revelado.

O mundo do potencial pertence a Hashem e o mundo da realização, ou não realização, nos pertence.

WAZE

O que seria de nós sem o “*Rabenu*” Waze? Como chegaríamos de um lugar ao outro sem conhecer o caminho? Era assim há pouco tempo. Era complicado, perguntávamos várias vezes, nos perdíamos.

Rabenu Waze nos ajuda, pesquisa a melhor rota, vai indicando a direção, e, se nos desviamos do caminho, ele fala de um jeito inteligente e sutil: “Volte, você vai chegar mais rápido pelo meu caminho!”. Ele até conta em quantos minutos chegaremos ao nosso destino.

Alguém inventou o Waze, que potencialmente já existia. Em determinado momento, a tecnologia foi desenvolvida, e esta pessoa, com ajuda de Hashem além da sua capacidade e dedicação, transformou o potencial Waze na realidade Waze. E assim é tudo na nossa vida.

TUDO ESTAVA PREVISTO NA TORÁ

Primeiro *passuk* da Torá: “*Beresbit bara Elohim et hashamaim ve-et haaretz*” (no princípio criou D’us o céu e a terra).

Nossos *chachamim* vão além. “*Beresbit bara Elohim et*”: No princípio criou D’us *et*, mas o que é *et* (אֶת)? É a primeira criação, juntando a primeira e a última letra do alfabeto, de *alef* até *taf*. Então tudo, todo mundo, todo o potencial desde o primeiro dia da criação do mundo já estava inserido no mundo. Hashem preparou tudo: seja bem-vindo ao mundo, use, abuse, aproveite todo potencial para florescer.

O maior poder que Hashem deu ao ser humano é o poder de escolha. *WE HAVE THE POWER* de escolher, a cada dia, uma nova escolha. A de ontem não garante e nem compromete a escolha do amanhã.

RECONSTRUÇÃO DA *YESHIVÁ* DE PONEVEZH

Fato histórico que aconteceu na década de 1940.

Havia um lugar chamado Ponevezh na Lituânia que foi completamente destruído pelos nazistas durante a Segunda Guerra. Rav Yossef Kahaneman, o rav da *yeshivá* de Ponevezh, foi duramente afetado com perdas familiares.

Após ter passado por essa difícil situação, ele fugiu para onde hoje é o Estado de Israel. Mas mesmo lá o tempo e a esperança eram limitados, porque Erwin Rommel, general alemão apelidado de “a raposa do deserto”, planejava dominar inclusive aquela região.

Os alemães continuavam conquistando e avançando. Certo dia, Rav de Ponevezh sentiu-se mal, foi para o hospital, e o médico que o atendeu disse que seu caso era grave e seu tempo de vida era pouco.

O Rav fragilizado, muito fraco, pediu um papel porque nem conseguia falar, e escreveu a seguinte mensagem:

– Eu quero ver Rav Shemuel Rozovsky. – Tratava-se do *gadol, talmid chacham* gigante no mundo das *yeshivot*, que naquela época dava aulas em Petach Tikva.

Rav Shemuel Rozovsky atendeu ao seu chamado e o Rav de Ponevezh disse:

– Precisamos pegar 10 alunos e reconstruir a *yeshivá* que foi destruída em Ponevezh aqui, agora em Israel.

– Rav, o senhor está fraco, e nós, quanto tempo vamos durar? Os alemães estão invadindo o mundo! Construir? Onde eu vou achar alunos? Onde vamos achar dinheiro? Onde eu vou achar sonho para construir?!

O Rav de Ponevezh não teve dúvida:

– Vamos começar hoje.

Rav Kahaneman instruiu Rav Shemuel Rozovsky e ele começou. Aos poucos, ele se restabeleceu, até que seu médico pediu desculpas, pois felizmente o diagnóstico que havia dado estava errado...

O Rav de Ponevezh se levantou com toda a força e disse:

– Se meu diagnóstico estava errado e eu ainda tenho vida, vou transformar minha vida em eternidade.

O resto é história.

Ele andava em Benei Brak sobre o terreno onde futuramente seria a yeshivá e falava: “Aqui vai ser a cozinha, aqui vai ser o refeitório, aqui ficam os dormitórios, aqui será o *Bêt Hamidrash*, a casa de estudo...” As pessoas olhavam para ele, andando e falando, e se perguntavam: “Casa de estudo para quem? Onde está o povo *yebudi*, o que sobrou, o que vai sobrar deles? Quem vai patrocinar isso?”.

Em vez de enxergá-lo como visionário, muitos o viam como um coitado, alguém que passou pela Segunda Guerra e perdeu a família, e ficou com a mente perturbada.

Através de construir a famosa *yeshivá* de Ponevezh em Benê Berak, que existe até hoje, ele transformou o potencial daquele chão na realidade da vibrante *yeshivá* de Ponevezh.

O mundo do potencial pertence a Hashem e o maior poder que temos é o poder de escolha – dado somente ao ser humano, homem e mulher. O mundo da realização depende de nós: um chão pode se tornar uma casa, uma casa pode se transformar em *Beit Hamicdash*, e o mesmo chão pode dar lugar a um estabelecimento de *averot*, que nem deveria existir. Nós escolhemos!

Muitas vezes ouvimos reclamações ou desculpas de jovens: “Eu sou assim porque meus pais são assim, porque meus avós foram assim, porque minha situação foi assim, eu não tive o privilégio de estudar e ter tal formação, se eu tivesse...” Hashem interrompe a frase: “Se você tivesse? **YOU HAVE THE POWER!** (Você tem o poder!)”.

A cada dia, podemos escolher e nos transformar em eternidade. Podemos, inclusive, fazer *tefilá* para assuntos monetários. Hashem sempre quer nos escutar, mas peçamos para Ele nos ajudar a entender nosso propósito neste mundo, vermos as ferramentas disponíveis para externar isso, nos ajudar a evoluir. Esses pedidos, como disse o Steipler, nunca são negados.

PENSAMENTOS NEGATIVOS

Qual é o maior *yetser bará* que existe hoje em dia? Rav Tzadok de Lublin disse que esta má inclinação já existia há 200 anos (e chega multiplicada por mil ao século 21): são as palavras que falamos para nós mesmos. “Você não consegue. Você não é capaz. Quem é você para tentar fazer isso? Quem é você para tentar terminar uma Guemará? Quem é você para tentar mandar seus filhos para aquela escola para crescerem no mundo de Torá e de *midot*? Quem é você para achar que pode cumprir melhor o Shabat ou ser uma pessoa de impacto?”.

O questionamento “quem sou eu?” é humildade disfarçada falsa e tola. Quem é você? Você decide se é José ou Yossef, Moisés ou Moshê Rabenu ou Sr. Ninguém.

Pior do que a própria *averá* é esse sentimento de “eu não consigo, não sou capaz porque meu pai, porque minha mãe, porque minha comunidade...” Só não é capaz quem não sabe que tem poder de escolha.

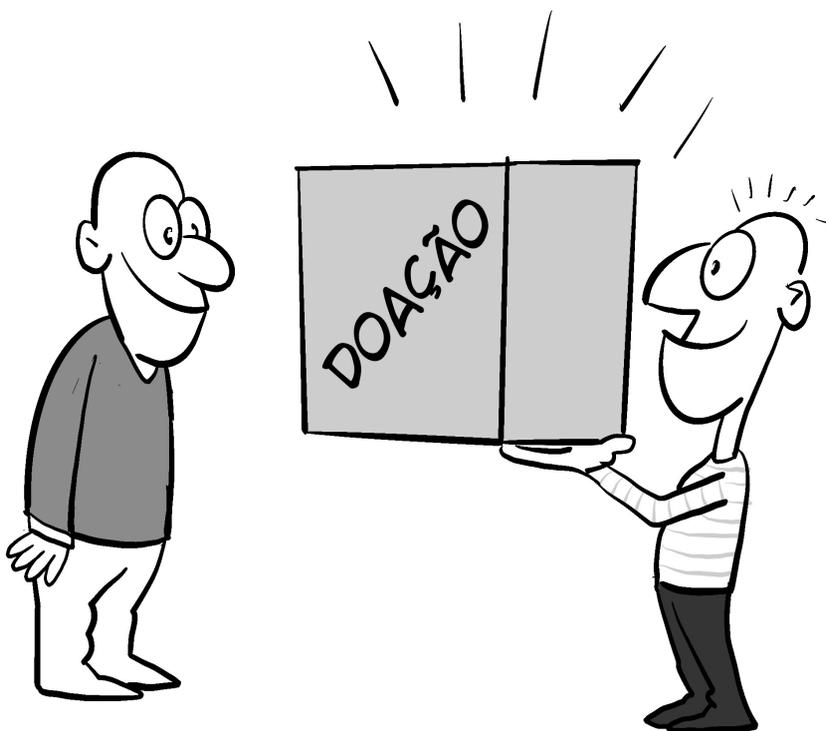
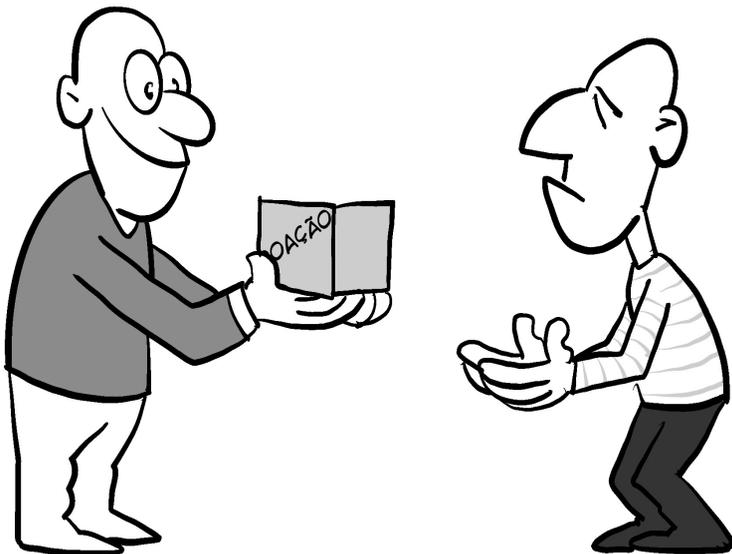
Repetimos três vezes ao dia a prece *Asbrê*: Hashem, por favor, abre tuas mãos, satisfaz, preenche, enche, lota, transborda cada ser humano com *ratson* (vontade).

É necessário acreditar em si próprio para tornar-se uma pessoa magnífica e eterna. Como disse Rabi de Ponevezh andando naquele terreno baldio onde depois se ergueu a prestigiada *yeshivá*: “Estou sonhando com uma *yeshivá*, mas não dormindo.” Homens como ele, mesmo quando sonhavam, sonhavam acordados.

Que possamos sonhar, crescer, e pedir para Hashem para a cada dia ficarmos maiores, maiores, e maiores. E que cada um de nós seja um pedestal maravilhoso de *midot* e *mitsvot* neste mundo e pela eternidade.

**Vivendo bem
com Hashem**

FOME ZERO: QUE TAL?



“

*Se o seu D'us ama os
pobres, por que Ele
não os alimenta?*

”

ASSIM FOI E ASSIM SERÁ

Somos privilegiados não só por termos a Torá, mas também por sabermos que para qualquer dúvida ou pergunta que tivermos, encontraremos as respostas vasculhando-a – incluindo a *Guemará* e a *Mishná* conforme interpretação dos nossos sábios. Se a intenção for conhecer melhor a vontade de Hashem, absolutamente qualquer tipo de pergunta pode ser realizada sem medo, pois a resposta estará contida nos ensinamentos da Torá.

Hashem criou o mundo da forma que achava correto, tudo conforme Sua vontade. Um exemplo simples: a semana tem sete dias – nem oito nem seis – porque Hashem assim decidiu e, em qualquer lugar do mundo, independentemente do idioma, da religião ou da economia, assim foi e assim será, desde sempre e para sempre. Da mesma forma, o mundo tem seis continentes, o ano tem quatro estações, além de outros infinitos exemplos na natureza.

POBREZA

Uma das grandes preocupações de todas as nações do mundo é lidar com a pobreza da população. Quantos países criam programas de incentivo para combater a pobreza e o desemprego?! Não importa se em

países mais ou menos desenvolvidos a dificuldade financeira atinge todos os lugares.

Aqui surge a pergunta: por que Hashem não criou o mundo sem pobreza? Recebemos e aceitamos incondicionalmente o mundo como Hashem o criou: sete dias na semana, seis continentes, tantas coisas imutáveis simplesmente porque Hashem determinou.

E já que existe fome, podemos nos perguntar por que o mundo não nasceu com o programa Fome Zero já estabelecido. Não importaria o regime político – socialismo, comunismo, capitalismo –, seria normal e estaríamos acostumados se fôssemos criados assim, como a árvore se cuida sozinha, como os seres marinhos se criam sozinhos, o ser humano também poderia ter o que necessitava.

POR QUE EXISTE A POBREZA?

Quando falamos em pobreza, pensamos em desemprego, carência, e tudo que a pobreza acarreta. Pobreza certamente não é uma escolha. O homem faz coisas erradas, prejudica o semelhante, comete crimes – isso provém do livre-arbítrio que Hashem concedeu a ele, mas a pobreza é uma das criações de Hashem.

O grande Rabi Akiva menciona na *Guemará* que Hashem ama os pobres, e o *Talmud*, no tratado de Baba Batra (10A), cita Turnus Rufus, governador romano, quando faz a célebre questão para o Rabi Akiva: “Se o seu D’us ama os pobres, por que Ele não os alimenta?”. Por que Ele não fez uma pessoa pobre não ser pobre? Essa seria a maior prova de amor!

Aqui temos a comprovação de que nossa pergunta também consta na Torá, e complementando, antes da resposta de Rabi Akiva, temos sobre o mesmo assunto na *Guemará*, tratado de *Berachot* (34B), a seguinte indagação de Shemuel: “Será que na época da chegada de Mashiach, quando vier a salvação que nós tanto esperamos e temos que esperar com um sorriso, também haverá pobreza?”.

E ele responde: “Sim, com certeza ainda haverá pobreza.” Shemuel afirma isso baseado no *passuk* (Devarim 15;11):

כִּי לֹא-יִחַדֵּל אֲבִיוֹן מִקְרֵב הָאָרֶץ

Nunca deixará de existir uma pessoa pobre, necessitada economicamente na terra.

Shemuel entendeu que se consta na Torá e ela é eterna, nem mesmo com a vinda de Mashiach deixarão de existir pessoas economicamente necessitadas.

LEI DA NATUREZA

O conceito de pobreza faz parte do existir do mundo. Rabi Akiva confirmou que a pobreza precisa existir e Shmuel provou com o *passuk* que, mesmo no futuro, quando o mundo estiver magnífico com a chegada da salvação, ainda assim existirão pessoas bem-sucedidas e outras que, infelizmente, não terão como fechar o mês. Hashem determinou que uns possuíssem muito, outros menos, outros quase nada, são cálculos na calculadora mais do que científica de Hashem.

Consta na *Guemará* a explicação que Rabi Akiva deu a Turnus Rufus: “De fato, o meu D’us gosta muito dos pobres. Da mesma forma que existe o pobre, existe o rico, com capacidade de ajudar e ser salvo do julgamento de chegar no lugar contrário ao Paraíso. Isto nos leva diretamente a um ponto fundamental no judaísmo: *Tsedaká*.”

Tsedaká

Esta é a razão de não existir um Fome Zero mundial agora e de não haver esse programa mesmo quando chegar Mashiach. Hashem quer que as pessoas vivam da melhor forma aqui até os 120 anos e que mereçam o *olam habá*, sendo um dos caminhos para isto a *Tsedaká*.

Tsedaká é e será como oxigênio, sem isso o mundo não consegue existir e o universo só faz sentido se houver quem precise. Dizem nossos sábios

que se esse mérito é tão grande que toda a causa verdadeira vem acompanhada do *yetzer hará* (má inclinação), como vemos no caso a seguir.

É GOLPE

Certa vez, foi criado um projeto grandioso e algumas pessoas começaram a angariar fundos para ele. Embora todos estivessem dispostos a ajudar e fossem com boa vontade fazer a doação, o Gaon de Vilna não participou. Muitos estranharam este comportamento e perguntaram se ele não participaria da ação, mas ele não respondeu.

Pouco depois descobriram que a causa era uma cilada, um golpe!

– Rav, como o Senhor sabia?

– Quando vocês vieram me perguntar, já era tarde demais, por isso não adverti ninguém. Eu não sabia, mas quando vi todos doando sem *yetzer hará*, compreendi que esta causa não era verdadeira. Porque quanto maior for uma *mitsvá*, maior será o *yetzer hará* – e isto, neste caso, não aconteceu.

Se o poder da *Tsedaká* é tão forte, tão magnífico, tão genial, deve haver a força oposta, o famoso *yetzer hará*. Quando alguém vier arrecadar doações – seja para uma instituição, uma causa pessoal, ou o que for –, nossa intuição inicial não deve nos levar a evitar o emissário, ao contrário, devemos saber reconhecer e agradecer a oportunidade apresentada.

SUPERINTERESSANTE

Rav Hirsh fez uma observação extraordinária sobre isso. Sabemos que as palavras em hebraico não são aleatórias, cada palavra tem uma razão de ser. O conceito de ajudar os outros em hebraico é chamado de *maasser* (um décimo), palavra derivada de *esser* (dez). Já *assur* quer dizer “amarrado com o outro”.

Rav Hirsh alega que algumas palavras são irmãs e possuem quase o mesmo som porque Hashem assim decidiu. Portanto, através do mérito de cumprirmos a *mitsvá* de dar *Tsedaká maasser*, nos conectamos, nos amarramos com Hashem.

QUEM TEM MAIS FÉ

Quem tem mais *emuná* (fé) em Hashem: o funcionário ou o patrão? Normalmente, o funcionário tem *emuná* menor do que o patrão, porque ele sabe que mensalmente receberá seu salário fixo. É certo que não ganhará mais, porém já tem uma garantia. Por outro lado, quem não recebe um salário fixo pode eventualmente fechar um bom negócio e ganhar um valor enorme, assim como pode não receber nada durante meses.

O patrão está aparentemente muito mais nas mãos de Hashem do que o funcionário. Rav Hirsh demonstrou que a palavra *maasser* é ligada a *assur*, e significa “a cada décima unidade se conecte com Hashem”. Independente de um indivíduo ganhar cem mil ou um milhão, matematicamente 10% são 10%, mas a questão é muito maior do que isso – porque através da *mitsvá* de *maasser* se dá a conexão com Hashem.

O PRIMEIRO SALÁRIO A GENTE NÃO ESQUECE

Quando um jovem recebe seu primeiro salário, com grande honra ele separa o *dízimo*. Quando cresce na profissão e seu rendimento sobe, ele já se vê arrumando a postura, orgulhando-se, e seu ego começa a inflar. É normal que haja ambição, e neste ponto também é normal que se esqueça da *mitsvá*.

Não importa o tamanho da conta bancária, este é um trabalho íntimo e difícil. Quem for capaz de, a cada dez, doar um *maaser*, estará *assur* (conectado a Hashem). Não são apenas os mais ricos do mundo que devem ser generosos. Cada um é um *asbir* comparado a quem tem menos, portanto ninguém está isento de dar sua parte.

NEM DE MAIS, NEM DE MENOS

A *Guemará*, no tratado de Taanit, nos conta que havia um Rav que não conseguia ver uma pessoa necessitada e não dar dinheiro. Diziam que os *shelichim* até fugiam dele, porque se ele doasse para todos que passassem na sua frente, ele daria mais do que precisava e seria prejudicial, o que também é errado.

Sua reação era: “Como eu posso deixar de doar para alguém e perder a oportunidade de ficar mais próximo, mais conectado com Hashem?”. Somos feitos de razão e emoção, é muito raro este impulso de dar. Tratando de *Tsedaká* vale contar o caso de uma *segulá* (garantia). A história a seguir nos traz um ponto fundamental.

SEGULÁ

Sara contraiu uma doença séria e, *B’H*, melhorou com o tratamento, gozando de boa saúde durante um grande período e levando vida normal, até que em um check-up anual rotineiro os exames apontaram que a doença havia voltado.

O marido assustadíssimo, como era de se esperar, foi com a esposa pedir um conselho ao Rav Chaim Kanievsky.

– Rav, por favor, o senhor sabe melhor do que ninguém. O que podemos fazer agora, sem milagres, de forma natural para a cura de minha esposa?

Rav Kanievsky dirigiu-se até a estante, retirou de lá um livro do Chafets Chaim onde constava uma *segulá* para a cura.

– De acordo com o Chafets Chaim, a *segulá* para a cura é a pessoa envolver-se em uma refeição de pessoas necessitadas, provendo a elas a possibilidade de ter comida digna. Especificamente, o Chafets Chaim aconselha que seja a refeição de um *Berit-milá*, porque o anjo Refael está presente em todas as cerimônias de *Berit-milá* e, pelo seu nome, Refael trará *refuá* (cura).

O casal agradeceu, voltou de Israel para os Estados Unidos onde vivia, e rapidamente encontrou um *talmid chacham* que teve mais um filho e não possuía condições de oferecer para seus convidados uma refeição festiva para comemorar o *Berit-milá*. O casal se encarregou de patrocinar a celebração, o pai ficou muito agradecido e o marido de Sara fez um pedido ao pai do bebê:

– Por favor, na hora do *Berit-milá* você pode fazer uma *tefilá* em nome da minha esposa?

– Certamente!

Após o evento, o doador foi agradecer a oportunidade ao pai e perguntou:

– Eu não estava presente, e queria saber, qual o nome de seu filho?

– Dei a ele o nome Israel Meir, em homenagem ao Chafets Chaim.

Sem saber da história, sem saber por que aquele senhor havia patrocinado o *Berit-milá* de seu filho, ele ainda assim deu seu nome em homenagem a quem recomendava exatamente esta *segulá*. Algum tempo depois, Sara passou por nova bateria de exames e, com muita expectativa e ansiedade, aguardou o resultado. Chegou a hora da consulta e, desta vez, o diagnóstico foi 100% otimista: a doença havia regredido.

PRESENTE PARA QUEM DÁ

Obviamente, quem recebe a doação fica agradecido, mas o mérito, na verdade, é para quem dá, porque quem recebe logo utiliza aquele recurso que necessitava e seu valor desaparece, ao passo que aos olhos de Hashem, o doador ganha para sempre.

Por exemplo, o donativo para uma *yeshivá* é muito bem vindo para comprar alimentos ou pagar a conta de luz, mas este valor entra e logo sai. Em contrapartida, o mérito de quem doa se transforma em *netzach* (eternidade). Nunca faltarão pessoas necessitadas financeiramente na terra porque é uma lei da natureza, Hashem quer dar a todos o mérito de ganhar cada vez mais *Olam Habá*.

ZOHAR EM BERESHIT

O *Zohar hakadosh* revela que Hashem cuida muito bem da criação do mundo, e acima de tudo, ama cada um de nós de forma que nem conseguimos mensurar, mais do que um pai ou uma mãe que zela com todo carinho pelos filhos. Quando Hashem vê que um filho vai passar por um momento delicado envolvendo um julgamento mais severo, chamado *din*, o *Zohar* diz que Hashem envia a sua frente quem precisa de *Tsedaká* como “coringa” para lhe salvar dos apuros.

Antes de mandar algo difícil, Hashem providencia o remédio para proteção. Portanto, se aproveitarmos a oportunidade, de acordo com a condição individual, através da *Tsedaká* temos a chance de afastar a adversidade. Ou seja, pelas palavras do *Zohar*, quando um *shaliach* pedir alguma coisa – ou, melhor ainda, antes que ele peça –, façamos nossa parte e, além de nos beneficiar, ainda evitemos que ele passe pelo constrangimento de pedir.

TUDO É RELATIVO

Imagine que um empresário está em seu escritório quando um cliente liga e fala que quer investir:

– Ah, é você, eu já estava de saída.

– Mas eu quero investir alguns milhões!

Certamente, este senhor não ficará chateado nem inventará uma desculpa para se livrar do benefício proposto. Vivemos no mundo da teoria da relatividade: não a de Einstein, mas onde tudo é relativo! Inclusive como olhamos para o ato de dar *Tsedaká*, que pode ser tanto uma oportunidade quanto uma chateação.

VALE O AGRADECIMENTO VERBAL

Vamos olhar para quem pedir *Tsedaká* como o cliente que nos oferece uma chance de crescer e nos salvar de algo desagradável. *Tsedaká* é uma via de mão dupla: quem recebe agradece e quem dá também deve agradecer e verbalizar: “Obrigado pela oportunidade!”. Rabi Akiva e o *Zohar* já nos contaram sobre a importância deste tópico, vamos trazê-lo para nossa realidade.

NOVO DIA

O novo dia amanhece e cada um vai cuidar das suas ocupações, de seu trabalho. Começa a produção nas fábricas, a movimentação na Bolsa de Valores, nos bancos os fundos de investimentos sobem e descem, as companhias de importação e exportação se ocupam com containers e despachantes, nas lojas os vendedores atendem clientes, empresas estudam como atingir o consumidor final – enfim este é o dia de quem trabalha e produz.

Todos os contatos feitos, o esforço despendido, a empolgação no fechamento de um bom negócio, o pesar quando não deu certo, além da cabeça rodando a mil o tempo todo – tudo faz parte do cotidiano e se resume a quanto a pessoa ganhou no fim do dia, no fim do mês, ao final de um ano.

Esse sucesso se traduz na conta bancária – que seja utilizada com *berachá* –, mas depois de 120 anos, nos desconectamos de tudo aquilo que fica no mundo. Resumindo, felizmente ou infelizmente, esta rotina corrida define nossa existência.

Como podemos transformar todo esse empenho, todo o esforço de uma vida, e não desaparecermos? **Queremos ser finitos ou infinitos? A boa notícia é que a escolha é nossa.** Se quisermos transformar ações Dow Jones, Nasdaq e Ibovespa em ações eternas, devemos nos conectar com Hashem, com a Torá, *mitsvot* e o imenso poder da *Tsedaká*.

Trabalhamos x horas por dia, x dias por semana, mês após mês, ano após ano – quanto tempo e envolvimento o trabalho exige! Se todo o ganho for para a barriga, para a casa, para o trabalho e para aplicar de novo e crescer mais, sendo tudo finito, perde-se a oportunidade de ser eterno, de estar “*assur*”, amarrado, conectado com Hashem. Ao compartilharmos, temos a chance de ouro de tornar nossa existência, nosso patrimônio, em algo eterno que ninguém pode tirar.

FINITO OU INFINITO

Sermos finitos ou infinitos depende de quanto atrelamos nosso patrimônio à *mitsvá*. Apesar de *Tsedaká* ser uma enorme bondade, o ato não se traduz por bondade, mas por justiça. De acordo com a Torá, cada indivíduo pode escolher a causa e instituição com as quais tenha mais afinidade para ajudar, desde que estejam enquadradas nas leis do *Shulchan Aruch*.

Diz a *halachá* de *maasser* (existe *halachá* específica, não é de acordo com o coração somente) que, assim como nos investimentos, deve-se dividir a doação e não dar apenas para um ou dois lugares. Devemos procurar quem conhece estas regras para nos informar e efetivamente transformarmos o resultado do nosso empenho, o *maasser*, em oportunidade de nos tornarmos eternos.

MEDIDA CERTA

O *Beit Hamicdash* e todos os utensílios lá contidos – *mishcan*, *menorá*, *kodesh hakodashim*, *shulchan*, entre outros – seguiam a medida que Hashem havia determinado. Curiosamente, foi observado que esta medida era sempre fracionada, por exemplo, um objeto media uma unidade e meia, outro nove unidades e meia, e assim por diante. Entre todos, o único utensílio com a medida redonda, o número inteiro, era o *shulchan*.

O Keli Yakar com sua genialidade nos esclarece o porquê desta diferença: “O *shulchan* era o utensílio onde ficavam os pães que os *cobanim* comiam, representava a fartura, a parte monetária, a *parnassá*.”

“Inteiro” em hebraico é *shalem* e, segundo Keli Yakar, embora seja bom que a pessoa tenha ambição, para sentir-se *shalem* ela deve estar satisfeita com o que tem, por ser o que Hashem julgou adequado até o presente momento. Somente ao compartilhar provamos a nós mesmos que estamos completos, inteiros como o *shulchan*.

Shulchan, o único utensílio *shalem*, representa fartura, *parnassá*, o sustento do indivíduo – e só ao nos vermos completos conseguimos doar, pois enquanto acreditarmos que não temos o suficiente será impossível dividir com alguém.

O PRIVILÉGIO DE PODER DAR

Ao doarmos, devemos ter em mente o pensamento de gratidão: “Que B’H eu possa sempre ser daqueles que dão e não daqueles que recebem.” Temos que levar em consideração o constrangimento que aquele que pede sente, mesmo que seja para uma instituição.

Quando fizermos a doação, façamos com um sorriso no rosto, porque a *mit-svá* com um sorriso vale mil vezes mais – sem exagero. Isto é *avodat amidot!*

DECRETO DE ROSH HASHANÁ

A *Guemará* nos revela que Hashem decreta nossa estrutura financeira a cada *Rosh Hashaná*: não só o que cada um vai receber, mas também quanto irá gastar. Assim está escrito no Tratado de Baba Batra (10a):

דָּרַשׁ רַבִּי יְהוּדָה בְּרַבִּי שְׁלֹמֹם כְּשֵׁם שְׁמִזְזוֹנוֹתָיו שֶׁל אָדָם קְצוּבִין לוֹ מֵרֵאשׁ הַשָּׁנָה
כְּדֵי תְּקַרְנוֹתָיו שֶׁל אָדָם קְצוּבִין לוֹ מֵרֵאשׁ הַשָּׁנָה

Disse Rabi Yebuda, filho de Rabi Shalom: “Da mesma forma que a parnassá da pessoa é pré-estipulada em Rosh Hashaná, assim também está pré-estipulada quanto a pessoa vai se desprender durante o ano.”

Diz Chafets Chaim no livro *Ahavat Chessed (halachot Gemilut Chassadim)*: “A *Guemará* mencionada acima usa o termo *chissaron* (falta) ao se referir a esta quantia que será perdida, onde poderia usar gastos.”

O uso desta palavra vem nos ensinar que os erros cometidos durante o ano exigem *kapara* e o valor desta expiação depende do erro. O Chafets Chaim nos alerta que a pessoa tem o poder de escolher como será o pagamento deste erro – se através de um gasto, de um prejuízo ou da *Tsedaká!*

CENÁRIO HIPOTÉTICO

Shimon ganhou 1000 e foi decretado que deve perder, ou gastar, 100. Como ele prefere se desprender do valor: na Bolsa de Valores, num mal investimento ou via *Tsedaká*? Aquela quantia pré-estipulada com valor certo, nem de mais, nem de menos, seria desvinculada do dono atual de qualquer forma. Após tudo o que vimos, sabemos que o valor que a *halachá* estipula não é um gasto, mas sim uma oportunidade de nos ligar com a eternidade – ou seja, aquele dinheiro não será perdido.

Nas palavras do Chafets Chaim, uma pessoa que pratica a *Tsedaká* não terá nenhum prejuízo pelo mesmo. Quando a pessoa cumprir a *mitsvá* de *Tsedaká* conforme o *Shulchan Aruch*, com certeza, nada de errado virá. Ninguém fica pobre por fazer doação.

Por maior que seja a cautela, às vezes investimos em algo que não dá certo, e investindo numa boa ação não teremos prejuízo. Lembrando que Hashem, para nos livrar de um evento adverso, nos apresenta uma oportunidade de *Tsedaká* e, encaminhando para este fim, além de não perder, transformamos em ganho.

Doar para o destino certo é um mérito e são poucas as pessoas no mundo que oferecem *Tsedaká* para quem estuda Torá. Para se ter noção da importância disso, chega-se até a vender um *sefer* Torá para sustentar um estudante de Torá que necessite. Afinal, ele é um *sefer* Torá ambulante, digno de reconhecimento.

A REFORMA É POR MINHA CONTA

Uma família judia não tinha condições financeiras, mas precisava fazer uma reforma em sua casa por conta de problemas elétricos, entre outros. Em nome desta família, o Rav foi pedir ajuda a um doador, Sr. Ariel Shein, e este aceitou arcar com a despesa da reforma inteira sozinho.

O Rav até estranhou, não é muito comum isso acontecer e quis saber:

– Ariel, por que você quer assumir o valor total?

– Porque certa vez participei de um jantar beneficente para uma instituição, ouvi a seguinte história que me marcou e vou compartilhar agora.

ROMANOV

Houve na Rússia, entre 1613 a 1762, a dinastia imperial dos Romanov. Certa vez, um dos czares desta dinastia recebeu a oportunidade de comprar um raro diamante por um valor exorbitante. Antes de fazer a compra, ele queria ter certeza da legitimidade do brilhante e para isto era necessário que um especialista avaliasse a pedra.

Ele soube que um *yebudi*, que estava na prisão por estudar e ensinar Torá – atos considerados crimes na época –, entendia de tudo e seria útil consultá-lo. Este *yebudi* era um homem muito simples e, de fato foi levado até o czar, que lhe mostrou o raro objeto:

– Você consegue analisar esse diamante?

O homem examinou a pedra por alguns minutos, jogou-a no chão e ela se quebrou em inúmeros cacos de vidro: nada além de vidro. O czar ficou abismado e, como agradecimento, lhe deu duas moedinhas.

Algumas semanas depois, um cavalo magnífico foi oferecido ao senhor de Romanov, por um preço altíssimo. Ninguém sabia avaliar, seus ministros temiam dar um palpite e, novamente, decidiram chamar aquele humilde *yebudi* que entendia de tudo.

– Você entende de cavalos também? O que me diz deste belo animal: é saudável?

– Este cavalo não dura sequer cinco meses – foi sua resposta.

A transação não foi efetuada e, decorridos quatro meses, souberam que o cavalo morreu. O czar deu ao *yebudi* outras duas moedinhas.

O *yebudi* foi chamado novamente:

– Muito bem, você me salvou de efetuar dois maus negócios, evitei gastar uma fortuna por um brilhante falso e um cavalo doente. Agora eu tenho uma pergunta para você!

– Sim, senhor!

– Você que sabe de tudo, me diga quem sou eu!

- Não posso fazer isso, tenho medo de falar algo que o desagrade.
- Eu assino um documento que não farei absolutamente nada contra você. Pode falar.

Aquele *yebudi* desabafa:

- O senhor não pertence à família Romanov.

O czar ficou transtornado, mas aquele documento o impedia de qualquer reação contra o homem. Querendo saber a verdade, ele correu até sua mãe e a obrigou a confessar:

- Não, você não é mesmo descendente. Você era um bebê quando foi encontrado na rua e nós o adotamos como filho.

Impressionado, o grande soberano voltou a falar com o sábio *yebudi*:

- Você entende de diamantes, de cavalos, mas como poderia saber este segredo? Como sabia que eu não sou descendente dos Romanov?

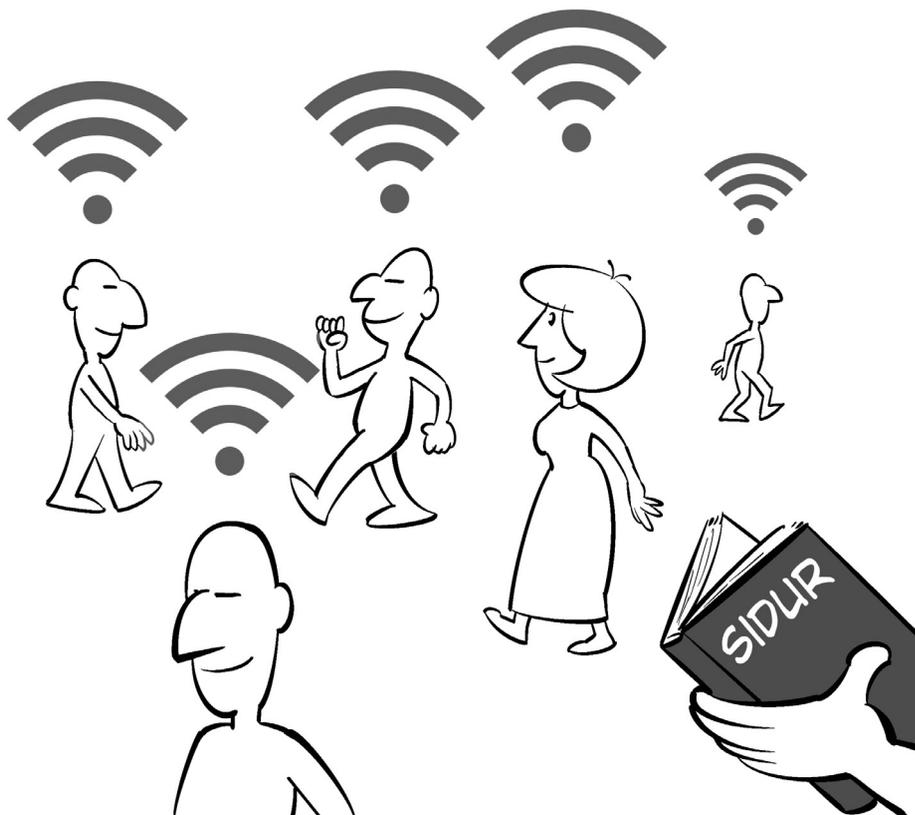
– Simples! Os Romanov são nobres, aristocratas e benevolentes. Se fosse um deles, após as avaliações que fiz sobre o brilhante e o cavalo, demonstrando estarem corretas, o senhor teria sido generoso e não teria me dado apenas duas moedinhas por cada um dos conselhos. Por isto concluí que o senhor certamente não pertence a esta nobre família.

Ariel Shein falou para o Rav:

- Você me pediu ajuda para a reforma e eu tenho como ajudar. Faço questão de assumir sozinho. Eu, assim como todo *yebudi*, sou muito mais que a dinastia Romanov. Não posso participar com apenas duas moedinhas, quero me transformar em *netzach* (eternidade)!

Que possamos mudar nossa teoria da relatividade para que, da próxima vez que se apresentar uma oportunidade de *Tsedaká*, possamos verbalizar: “Obrigado pela oportunidade. Através de você, eu me transformo em eterno.”

ORA QUE MELHORA



“
*Nunca houve em
toda a história do
mundo e nunca
haverá uma tefilá
igual a outra!*
”

CURIOSIDADES

Um novo mergulho na antiga Torá sempre nos surpreende e ensina. A *Guemará*, no tratado de Yoma (páginas 75 e 76), revela alguns fatos curiosos sobre o maná, assunto sobre o qual ainda jorram detalhes peculiares. Já ouvimos falar (e não são *fake news*, está na *Guemará*) que o maná adquiria o gosto que a pessoa pensava e sentia vontade de comer. Aquela comida celestial que caiu durante muitos dos 40 anos no deserto saciava a fome fornecendo exatamente o que a pessoa queria, apresentando inclusive a mesma textura do alimento original.

Outro ponto interessante se refere ao local onde o maná caía. Segundo a *Guemará*, quanto mais *tsadik* a pessoa fosse, mais perto dela ele caía, e quanto menos sábia, mais longe chegava o maná. Além disso, junto ao maná, joias preciosas vinham do céu – diariamente chegavam alguns presentes!

Mais uma peculiaridade merece ser notada: a ingestão do maná não produzia nenhuma perda, ele era absorvido por completo pelo organismo de todos, nem homens nem mulheres sentiam necessidade de eliminar dejetos.

Sabor de qualquer alimento, textura, caía mais perto do *tsadik*, joias, aproveitamento total... Duas páginas inteiras da *Guemará* se ocupam do maná, inclusive aparece mais um questionamento bastante relevante feito por um grupo especial de alunos ao seu mestre.

TODO DIA

Os alunos do grande Rabi Shimon bar Yochai perguntaram ao seu mestre: “Durante tanto tempo que o povo ficou no deserto, por que o maná não caía só uma vez por ano, ou a cada seis meses, ou uma vez por semana? Por que Hashem mandava todos os dias?”.

Afinal, por que o maná não caía com menos frequência? Toda esta introdução foi como aquecimento para abordarmos uma *segulá* (uma garantia) que também é uma *mitsvá* da Torá... Voltaremos à resposta da pergunta dos alunos de Rabi Shimon no desenvolvimento do capítulo.

SEGULÁ

A simples menção da palavra *segulá* desperta interesse. Se for uma *segulá* associada a *parnassá* então é garantia de ganhar a atenção total! Existe também uma *segulá* para nos lembrar do que precisamos, muito útil em vários momentos.

– Esqueceu de alguma coisa?

– Eu tinha que fazer algo muito importante hoje e não estou me lembrando!

Neste caso, a *segulá* indicada seria fazer a *Amidá*.

Basta começar a rezar a *Amidá* e nos lembramos de tudo, segredos da criação do mundo surgem diante nossos olhos! Vem à mente que estacionamos e esquecemos de colocar a Zona Azul, ou de fazer um pagamento, ou de retornar uma ligação... Rezar *Amidá* é garantia para nos lembrarmos de tudo.

TEFILÁ

Muitos *gedolim* afirmam que esta *segulá* específica atende muitas das necessidades que todos nós passamos durante a vida. Basta de mistério, a *segulá* poderosa, que além de tudo é uma *mitsvá*, é a *tefilá* (a reza). Pode ser melhor?

A reza exerce um poder tão gigante que um milhão de coisas aparecem, nos lembramos de tudo na hora da *tefilá*. É como se existisse uma força para desviar nossa mente neste momento, porque quem reza com *kavaná* (intenção) pode construir mundos.

Hashem falou que tudo o que é poderoso tem uma contrapartida para combater de alguma forma, por isso precisamos nos esforçar para ficar acima das distrações no momento da *tefilá*.

Falando sobre nossos pensamentos durante a *tefilá*, cabe uma história para ilustrar.

TELEPATIA

Era um homem com o dom de olhar para as pessoas e saber o que elas pensavam. Certa vez ele foi à sinagoga e um amigo ao seu lado pediu:

– Eu sempre tive curiosidade de saber o que as pessoas pensam durante a *Amidá*. Sei que você pode ver, por favor, me conte.

– Eu não posso te contar isso.

A insistência foi tanta que ele concordou:

– Ok... Esse aqui está pensando nos negócios, aquele ali está preocupado porque quer casar uma filha e não tem dinheiro. Aquele logo atrás está pensando sobre a reforma da casa dele que não termina, o homem mais alto está pensando sobre a última parcela do carro que ele precisa pagar. Atrás dele, o homem moreno pensa em chegar em casa e encontrar a esposa, já aquele outro pensa no filho... – E assim foi descrevendo os pensamentos das pessoas. – Aquele no canto me surpreendeu mesmo, ele não estava pensando nas palavras da reza, mas sobre Rashi, Rambam, Rabi Akiva, sobre personagens gigantes do nosso *Talmud!*

– Quem é? Onde ele está sentado?

– É aquele lá do lado direito, no cantinho.

– Ah, ele estava pensando sobre comentaristas...

– Não o conheço, deve ser uma pessoa especial!

– Na verdade, ele tem uma loja de livros judaicos, ele também estava pensando nos negócios dele!

É difícil pensar nas palavras que falamos na *Amidá*. A *segulá* verdadeira que existe para assuntos tão diversos e importantes para todos como *shalom bait*, *chinuch*, *parnassá*, e *refuá* é a *tefilá* de cada um, isto confirmado por inúmeros sábios de gerações diferentes.

SINAGOGA

Falar em *tefilá* nos leva a pensar na sinagoga, a instituição com o maior custo dentro de qualquer comunidade judaica. Podemos imaginar que uma escola apresenta custos maiores, porém isso não procede, já que nem toda a comunidade possui uma escola, e para ser considerada comunidade, deve haver no mínimo uma sinagoga. Porém seguranças, *chazanim*, *rabanim*, IPTU e luz são apenas alguns dos custos pagos mensalmente.

Além da parte financeira, o que fazemos na sinagoga? É um lugar onde vamos para encontrar amigos, onde nos sentimos à vontade – inúmeras são as respostas e todas são válidas, a *Guemará* confirma isto: *Ein Adam Mitpalel Ela Bemakom Shelibó Chafetz* (cada um reza onde se sente bem). Alguns gostam por ser um local santificado, outros pela decoração, pelo ar condicionado, pelo Kidush com os amigos. Cada um é diferente e deve procurar – e encontrar – uma sinagoga onde se sinta bem.

O maior custo de qualquer comunidade é o *Beit Haknesset* e o propósito de um *Beit Haknesset*, além de acolher e fazer com que as pessoas se sintam bem, é fazer *tefilá*. Parece óbvio, mas não é. Não é fácil entrar na sinagoga e rezar. Muitas vezes falamos as palavras, mas não nos lembramos que estamos fazendo *tefilá* para Hashem. Precisamos nos questionar, será que ontem e hoje eu realmente conversei com Hashem em algum momento?

MAIS DO MESMO

Repetir todos os dias a mesma coisa é difícil, tudo o que se repete muito torna-se cansativo.

Não poderíamos fazer *tefilá* uma vez por ano, uma vez a cada seis meses? Esta foi a pergunta que os alunos de Rav Shimon Bar Yochai fizeram a ele: “Hashem não poderia ter mandado o maná a cada três meses, precisava ser todos os dias?”.

Sabendo que era uma boa pergunta, Rav Shimon Bar Yochai respondeu: “Hashem não queria que agíssemos como se fosse Dia dos Pais ou Dia das Mães: uma vez por ano buscamos o papai, a mamãe, o *saba* e a *safta*, levamos para almoçar fora e tchau, até o ano que vem!”. Hashem quer ter uma relação diária com cada um de nós.

MESADA DO FILHO

Às vezes, um filho vai cursar faculdade nos Estados Unidos, ou parte para fazer mestrado na Europa, ou entra na *yeshivá* em Israel e em vez de uma mesada, seu pai deposita um determinado valor uma vez por ano. Questiona Rav Shimon Bar Yochai: “Qual a frequência provável do filho ligar para o pai, além de próximo ao novo depósito?”.

É da natureza humana só nos preocuparmos quando estiver próximo dos prazos. Então, se o pai mandar dinheiro ao filho a cada mês, ele terá que se comportar bem e manter uma boa relação com o pai para não perder a mesada. E se for a cada semana, ou a cada dia, mais ainda.

CONEXÃO

É como se Hashem nos explicasse: “Por que Eu mando o maná diariamente? Porque Eu te amo, *yebudi*, e quero ter uma relação próxima com você. Eu sei que a tendência normal do ser humano é se preocupar menos quando já está garantido e não aceito esta desconexão, no meu plano deve existir conexão diária. Por isso, vou criar

um sistema para que o maná caia todos os dias, vou verificar quem está conectado e se não estiver o maná cairá mais longe, mais longe, para que diariamente mantenha contato e possa receber o maná de forma mais carinhosa, mais perto.”

Este é o objetivo da *tefilá*, comenta Rav Shimon Bar Yochai. Deve ser diária, exatamente igual ao maná, para que nós tenhamos a obrigação de nos conectar diretamente com Hashem, com o “presidente” não só do Brasil, da Europa ou dos Estados Unidos, mas com o Senhor do mundo, do universo inteiro, de todas as galáxias. *Tefilá* é uma *segulá* para qualquer necessidade – é, de fato, uma das *mitsvot* da Torá.

Onde aparece na Torá a *mitsvá* de rezar? No nosso “hino nacional”, o *Shemá Israel*, mais precisamente no *passuk* “*Ul’ovdo Bechol Levavchem*” (devemos trabalhar para Hashem como todo o coração).

TRABALHO DO CORAÇÃO

Pergunta a Guemará logo no início do tratado de *Taanit*: como se faz isso? Através da *tefilá*. A *mitsvá* de rezar não aparece escrita na Torá. Está escrito: coloquem *tefilin*, guardem o Shabat, e em relação à *tefilá* aparece “façam *avodá shebalev*” (trabalho do coração).

Hashem está definindo o que é rezar: não basta falar as palavras do *sidur*, é necessário conversar com Ele. Toda *tefilá* certamente é aceita, pois Hashem nos ama, mas é incomparável o poder de uma prece feita com o coração se expressando verbalmente, tirando as palavras dos nossos lábios, e o poder de uma *tefilá* repetida com o *sidur*.

A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR

Se Hashem já sabe de tudo, qual a necessidade de contarmos para ele o que nós precisamos? Nossa *tefilá* não é somente para contar, mas para mostrar que nós dependemos d’Ele e precisamos nos conectar para suprir as necessidades.

Mais uma: não podíamos ter menos necessidades? Diz Rav Shimon Bar Yochai: “Não, porque se tivéssemos menos necessidades, já com o ano todo garantido, seria *‘bye bye*, ano que vem conversamos...”

Certa vez uma pessoa foi até o grande Rav Chazon Ish com alguns problemas. O Rav Ish entendeu, teve empatia e sensibilizado falou: “O que podemos fazer? Hashem deve estar querendo que você se conecte mais à Ele!”.

PARNASSÁ

Hoje em dia nós não temos maná, mas de alguma forma a nossa *parnassá* (sustento) é como o maná que Hashem enviava no deserto. Ele sabe o pacote que cada uma precisa para fechar o mês e dependemos 100% de Hashem.

Hashem poderia ter mandado uma parcela única no valor total e pronto, mas não é isso o que Ele quer. A preocupação constante com a *parnassá* é somente um meio para que nós possamos sentir necessidade e nos conectarmos com Ele.

MUDANÇA

A *tefilá* parece ser sempre a mesma, é normal ficarmos desmotivados, mas, na verdade, ela não é sempre igual porque nós mudamos diariamente! Já fomos filhos, depois nos tornamos pais, e depois somos avós. Há fases em que temos necessidades, em outras temos alegrias, nossa *tefilá* vai mudando conforme os períodos da nossa vida, conforme nosso humor diário.

Diz Rav Chaim de Volozhin: “Nunca houve em toda a história do mundo e nunca haverá uma *tefilá* igual a outra!”. Nossa *tefilá*, de hoje ou de qualquer momento, *Shacharit*, *Minchá*, *Arvit*, para Hashem é sempre ímpar. Grandes líderes, *chachamim*, mártires e pessoas simples nunca fizeram a mesma *tefilá* que nós fazemos, nem nós mesmos conseguimos repetí-las. O texto pode ser o mesmo, mas como nós mudamos, ela não é nunca a mesma.

SEMPRE FOI ASSIM?

O *Talmud* no tratado de *Meguilá* relata que o *sidur* foi pré-estipulado por um grupo de 120 sábios da época da *Guemará*, dentre eles profetas, com visões de Hashem, de tudo de bom e de melhor do mundo, chamados *Anshê Keneset Hagedola*.

Antes disso, como eram as orações? Na Torá encontramos o *passuk* poderoso “trabalhe Hashem com o coração” e sobre isto, Rav Shimon Schwab, no seu livro *Iyun Tefilá* traz a seguinte pérola: “Antigamente as pessoas falavam palavras vindas do coração, depois instituíram o *sidur*.” Então podemos indagar: O que mudou? Por que hoje não são palavras do coração? Por que hoje temos o *sidur*?

YETSER HARÁ

Rav Schwab completa o relato: a *Guemará* no Tratado de *Sanbedrin* (página 64A) revela que em certo momento os *chachamim* perceberam quanto o *yetser hará* de idolatria estava consumindo nosso povo, pois destruiu o primeiro Beit Hamikdash, matou vários sábios, além de muitas pessoas caírem na própria armadilha de fazer idolatria.

Segundo a *Guemará*, cancelaram esse *yetser hará*, por isso hoje não se vê uma paixão gigante pela idolatria. Não existe mais aquela atração como se um ímã sugasse a pessoa que está passando em algum lugar de suposta idolatria. Isto acontece porque nossos sábios há dois mil anos literalmente cortaram as asinhas e diminuíram o fascínio exercido por este *yetser hará*.

O Gaon de Vilna acrescenta que a regra é a seguinte: “Quanto menor o *yetser hará* menor a *kedushá*, sendo o inverso também verdadeiro. Isto é, quanto maior o *yetser hará* maior o poder de santidade.” Ele explica: “Já que o *yetser hará* de idolatria diminuiu, em contrapartida, do outro lado da balança, o *yetser hatov* também perdeu o potencial de florescer e ficou menor.”

Por isso antigamente as pessoas possuíam potencial para chegar mais longe, conseguiam produzir *tefilot* sozinhas, eram capazes de ir ao cam-

po conversar com Hashem tanto ou melhor do que utilizando o *sidur* atual. Por termos perdido este nível específico e não conseguirmos mais criar *tefilot* com nossas próprias palavras, houve a necessidade de criar algo chamado *sidur*, uma ordem de *tefilá*.

SIDUR

Sidur é um livro onde cada palavra vale ouro. Só para despertar a curiosidade, vamos citar algumas observações. No começo da *Amidá* falamos “... Elohê Avraham, Elohê Yitschac veElohê Yaacov... Poderia ser simplesmente D’us de Avraham, Yitschac e Yaacov, porque essa redundância?

Outra questão: em uma das *berachot* da *Amidá* pedimos para Hashem nos ajudar a fazer o que Ele mais gosta, que façamos *teshuvá*, a *Berachá de Teshuvá*. Seria lógico que estivesse escrito: “Nos traga de volta, nosso pai, para a *teshuvá*”, mas não é assim. Qual é o motivo de dizermos “nos traga de volta para a sua Torá e nos ajude a nos aproximarmos de Você?”. Por que mencionamos a Torá no meio desta *berachá*? Deixaremos estas duas perguntas acima de curiosidades para você, leitor, pensar!

Podemos fazer inúmeras perguntas sobre o *sidur*. Se levantamos questões na *yeshivá* e nos *shiurim* sobre Rambam, sobre Rashi e sobre os *chachamim*, o *sidur* também merece ser estudado, porque foi escrito antes deles. A santidade da *Guemará* é imensa, porém o *sidur* fica acima dela porque foi criado antes e por pessoas que vieram antes do *Talmud*.

Se quisermos que nossa *tefilá* não seja a mesma precisamos nos aplicar, pois quando nos dedicamos a algo o resultado é maior. O *sidur* tem milhares de lições e podemos aprender com cada palavra, porque cada uma foi colocada lá de forma exata, feita sob medida por 120 dos melhores “alfaiates” do mundo.

KAVANÁ

Algumas condições ajudam nossa *tefilá* a ser escutada. Rav Chaim de Brisk, no primeiro volume de sua obra sobre o Rambam, aprendeu sobre *kavaná* (intenção) e nos transmitiu que existem dois tipos de *kavanot* referentes a *tefilá*:

1. Saber a tradução das palavras. Atualmente existem *sidurim* traduzidos para o português, em rituais ashkenazim e sefaradim, que ajudam muito a quem quiser aprender. Se uma vez por dia a pessoa estudar uma linha do *sidur*, só uma linha por dia, na hora da próxima *tefilá* aquela linha saltará aos olhos. Depois de seis meses ou um ano, ela entenderá o significado da *Amidá* inteira, do *Shemá*, de tudo!

2. Lembrar que estamos perante Hashem. Rezamos com o *sidur* na sinagoga, em casa e no trabalho, conversamos com Hashem em nossa língua materna fora da *tefilá*, sem jamais esquecer que estamos falando com o *big boss* do mundo inteiro.

Os tempos mudaram, precisamos nos adequar e viver onde estamos sem nostalgia e comparação com outros tempos. Hoje as pessoas não perguntam a que horas começa o *minian*, mas a que horas termina a reza! Quanto mais rápido, melhor. Porém, se for muito rápido, fará efeito?

Na Torá não está escrito “rezem”, e sim, “trabalhem Hashem com o coração”. Será que em algum momento da *tefilá* conseguimos isso? Hashem mandava o maná diariamente, assim como nos manda fazer *tefilá*, porque faz questão de manter a conexão conosco. Estamos muito longe da época da *Guemará*, pois o potencial foi se perdendo através das gerações, e constatamos o quanto é difícil hoje, no Século 21, nos concentrarmos com tantas distrações. Por isso, cada vez que conseguirmos rezar com *kavaná* merecemos nos orgulhar!

COMEÇOU COM UM NÃO

Em Tel Aviv estavam procurando completar um *minian* para *Minchá* e só havia nove homens presentes. Um deles se prontificou para ficar na porta da sinagoga e chamar alguém para entrar e completar o *minian*.

Passou um rapaz, o homem na porta criou coragem:

– Olá, qual é seu nome?

– Reuven.

– Por favor, Reuven, você pode entrar para completar o *minian*?

O rapaz se virou e respondeu com um categórico “não”.

– Por favor, são só 15 minutos, você é o décimo.

– Já falei que não, essa não é a “minha praia”.

– Por favor, eu te peço!

Funcionou, Reuven aceitou entrar na sinagoga. Deram-lhe um *sidur*, ele sabia ler em hebraico, e o jovem olhava para tudo como se estivesse entrando em outro mundo – ele nunca havia estado em uma sinagoga na sua vida. Sim, isso aconteceu em Tel Aviv, Israel, com um israelense!

Foi assim que teve início a jornada de conexão deste rapaz. Ele completou aquele *minian*, ouviu a reza, leu o trecho que indicaram e esses 15 minutos despertaram grande interesse em Reuven. Ele começou a galgar o caminho da Torá devagar, de forma saudável, melhorando o cumprimento do Shabat, observando *casbrut* e estudando Torá, que é a base de tudo.

Um dia, alguém chegou para o pai de Reuven:

– O que deu “errado” com seu filho que ele começou a ficar religioso?

– Ele foi chamado para completar um *minian* e daquele dia em diante foi se interessando.

– Mas só porque entrou uma vez na sinagoga ele decidiu mudar de vida?

– Vou te contar uma coisa – disse o pai. – Meu pai veio da Polônia, desde que chegou em Israel morou em Tel Aviv e rezou a vida inteira nesta mesma sinagoga onde meu filho esteve. Eu larguei tudo. As *tefilot* do meu pai devem estar embutidas nas paredes, pois depois que meu filho, sem saber disso, passou quinze minutos naquele lugar, ele não saiu de lá como entrou. Foi aí que começou.

O PODER DA *TEFILÁ*

Hashem nem sempre responde imediatamente, mas toda *tefilá* é escutada, assim como no caso verídico deste neto que, por ter rezado na mesma sinagoga do avô sem saber, ouviu seu ascendente pedindo que ele voltasse para casa e, de fato, voltou.

Podemos pensar que isto aconteceu porque o avô passou pela guerra, era um *tsadik* – mas e nós? Todos os dias, três vezes ao dia, repetimos um texto que David HaMelech falou com profecia no trecho do *Asbrê*, “*karov Hashem lechol koreav lechol asher ikrauhu beemet*” (Hashem está próximo de **todo** aquele que o chama sinceramente). **Qualquer** pessoa que chame Hashem com verdade, com sinceridade – seja religiosa e não religiosa, homem e mulher, adulto e criança, avô e neto – é atendida, seja ela um grande rebe, um *chacham* ou qualquer *yehudi* sem nenhum conhecimento, porque **todo** *yehudi* é grande para Hashem.

REFORÇO

Já sabemos do poder da *tefilá*, aprendemos que realizada com sinceridade ela ganha reforço extra e ainda podemos potencializar seu efeito. O ato de rezar na sinagoga com no mínimo mais nove homens ganha esta potência que rezar sozinho não possui.

A *Guemará* afirma que Hashem nunca rejeita nenhuma reza, nenhuma O desagrada, mas uma individual não se compara ao poder incalculável da *tefilá* com *minian*. O *Shulchan Aruch* (Cap. 90) nos ensina que rezar com *minian* não é simplesmente ir à sinagoga: é começar a *Amidá* em conjunto, **simultaneamente** com o *chazan*, nosso representante que ajuda a elevar as preces.

CHAZARÁ

Chazará, a repetição da *Amidá* nas três rezas diárias, suplementa a oração com um poder gigante. Diz o *Talmud*: “Se a pessoa pediu e pediu e ainda não foi escutada, ela deve voltar e rezar de novo.”

Rezar de novo se refere à *chazará* da *tefilá*, conclui o Gaon de Vilna. Quanto é importante não conversar na hora da *chazará*?! Ela é o estilingue para nossa *Amidá* subir! Segundo Ben Ish Chai, na *Amidá* devemos verbalizar as palavras em tom baixo, muito baixo, porque ela é tão poderosa que se falarmos alto, os anjos pegam nossas palavras e não as deixam chegar ao céu.

Já a *chazará* é dita em tom alto, porque ela só pode ser falada na presença de *minian*, tornando-a imbatível, não há anjo que a pegue. D’us desce para ouvir nossas *tefilot*. O poder da *chazará* é tão grande que mesmo estudar Torá neste momento é errado. É proibido no meio da *chazará* fazer qualquer outra coisa além de acompanhar e responder “*Baruch hu Hubaruch Shemó*, e Amén”.

DISTRAÇÕES

É muito difícil fazer *avodá shel halev* (trabalhar com o coração) com o *smartphone* no bolso.

Se for realmente necessário levar o celular para a sinagoga, é conveniente deixá-lo no modo silencioso e guardá-lo fora do corpo, para que a vibração e o tremor que sentir venha só da reza e a conexão seja apenas com Hashem e não com algum grupo de WhatsApp!

Segulá para qualquer coisa é *tefilá*. *Shalom bait, parnassá*, criação dos filhos... Quanto nos esforçamos pelos filhos! Talvez possamos nos esforçar menos e termos mais sucesso se colocarmos mais *kavaná* na nossa *tefilá*, pedirmos para Hashem, falarmos com Ele. Ele, que nos deu maná todos os dias, que quer conexão constante, que nos diz: “Peçam que darei, porque Eu vos amo.”

HISTÓRIA VERDADEIRA DERRADEIRA

Um rapaz de Los Angeles ficou noivo de uma moça em Nova York e logo após o noivado foi descoberto um problema de saúde na noiva. Alguns sábios até consideraram que se cancelasse o noivado, mas o noivo não concordou.

– Eu quero me casar com ela!

– Ok, se você está consciente das dificuldades de saúde dela e quer marcar o casamento mesmo assim, está certo.

O casamento foi marcado para seis meses depois. Após o noivado em Nova York, ele retornou para sua cidade, Los Angeles, e logo ao aterrissar recebeu um telefonema:

– Sua noiva está no hospital.

O noivo voltou a Nova York no primeiro avião, durante todo o voo dialogou com Hashem de forma intensa, abriu seu coração e pediu para Hashem com todo fervor. Ao chegar em Nova York, ele foi direto ao hospital, encontrou a família da noiva angustiada, e poucos minutos depois o médico surge e diz:

– Eu não acredito!

Coitado do noivo, recém entrado na família, a situação já estava ruim e o médico continua:

– Eu não acredito, eu fiz mais um exame e não apareceu mais nada. Ela está curada sem ter feito nenhum procedimento! Eu havia feito um exame antes, dois exames depois e a doença que ela tinha desapareceu. Não sei o que aconteceu!

O noivo sabia o que havia acontecido! Esta história foi contada pelo próprio noivo, anos depois, para um grupo durante um seminário de fim de semana. Ele já estava casado com aquela moça, que também estava presente, e foi interrompido quando terminava de contar por duas crianças que chegaram perto dele:

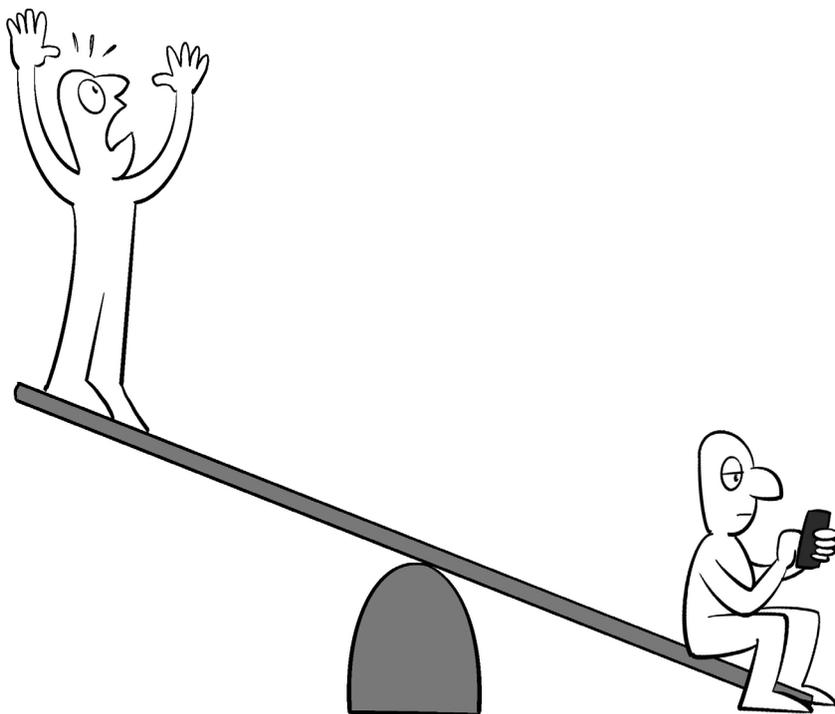
– Aba, aba, vamos para casa...

Ele encerrou contando que as crianças também eram frutos daquela *tefilá* que ele fez indo de Los Angeles para Nova York.

A *tefilá* tem o poder de mudar uma eternidade, mudar nossa vida, nossa família. Toda pessoa que buscar Hashem com sinceridade, certamente será ouvida! B'H, que possamos fazer bons pedidos com sinceridade, sermos atendidos e que nossa vida não seja só boa, e sim muito melhor do que ótima.

**MEGA-SENA DA VIRADA: O
BILHETE ESTAVA NAS SUAS
MÃOS E...**

HASHEM



**SITUAÇÃO NÃO
DEPENDE
DE NÓS**

**SITUAÇÃO
DEPENDE
DE NÓS**

“

A proximidade que Hashem está de cada um de nós é inversamente proporcional a quanto sentimos que as situações dependem de nós.

”

NISSAN NO INÍCIO

Em *parashat Bô* existe um *passuk* já visto e revisto e que ainda assim traz um novo enfoque que mudará nossa visão. No *passuk*, Hashem fala para Moshê e Aharon: “Este mês será o primeiro mês do ano”.

Nissan é o primeiro mês e a Torá nos conta que *Rosh Hashbaná* é o sétimo mês. Ora, para saber qual é o sétimo mês precisamos saber qual é o primeiro, é necessário termos um ponto de referência. Sendo *Nissan* o primeiro mês, daí por diante sabemos que quando a Torá se refere, por exemplo, ao terceiro ou ao sétimo mês sempre é a partir de *Nissan*.

Pergunta Rav Naftali Tsvi Yehuda Berlin, chefe da *yeshivá* de Volozhin, em sua obra sobre o *Chumash*: “A Torá definiu *Nissan* como o primeiro mês, mas faltou uma informação: o que *Nissan* tem para ser a cabeça dos meses do ano do calendário judaico?”. Ele responde: “Em *Nissan* ocorre a celebração de Pessach com o tradicional *seder* que aborda assuntos ligados diretamente à *emuná* (fé), com o relato de como Hashem tirou o povo do Egito e dos milagres que se seguiram.”

A confiança em Hashem descrita em *Pessach* é a razão de colocar *Nissan* no pedestal e ser o primeiro mês, referência do ano do calendário judaico para sempre. Esta é a importância do conceito de *emuná* aos olhos de Hashem.

SINGULAR

O primeiro mandamento é: “Eu sou o teu D’us que te tirei do Egito.” Se Hashem estava se dirigindo ao povo todo, não deveria ter dito “Eu sou o D’us de vocês” (no plural)? Afinal, estavam ali reunidas milhões de pessoas no *Har Sinai* quando Ele deu os dez mandamentos. Mas não há erro nem engano, o mandamento está mesmo no singular, porque Hashem está mostrando que Ele coordena cada um, especificamente. *Elobêcha* (“Eu sou o teu D’us”) é individual para cada *yebudi*, não para o grupo.

Hashem não coordena o barco para seguir norte, sul, leste e oeste. Cada um de nós é um barco, singular, e Hashem dirige o vento para o barco de cada um, ou seja, o povo *yebudi* não faz parte de um único transatlântico que Hashem manobra. A supervisão de Hashem é muito mais profunda: ela observa, olha e analisa o “barco” de cada um. Pode vir uma tormenta em certo momento, mas o outro será mais tranquilo, tudo conforme a sabedoria de Hashem.

CRESCER

Certa vez fizeram uma pergunta para um dos grandes homens da geração passada, tanto em estudo quanto em experiência, que foi por décadas e décadas o *Rosh yeshivá* da *Ponevezh Yeshivá L’Tzi’irim*, Rav Steinmann, *z’l*. Talvez todos tenham esta dúvida e possam se beneficiar com sua resposta.

Perguntaram para o Rav Steinmann como uma pessoa pode crescer constantemente na vida. Isso é, o que ela deve fazer para que isso aconteça. Eis sua resposta: “A pessoa deve pensar sempre que só Hashem coordena o mundo”.

Então, na fila do supermercado, no elevador, na natação, fazendo ginástica, no trabalho, na cozinha, devemos em todos os momentos ter em mente que somente Hashem coordena o mundo. Isto explica porque na primeira *Mishná* em *Pirkei Avot* surge uma afirmação curiosa: “Moshê Rabenu recebeu a Torá do *Har Sinai*.”

MONTE SINAI

Har Sinai é uma montanha, um ser inanimado, Moshê não pode ter recebido de uma montanha! Deveria estar escrito que Moshê Rabenu recebeu a Torá de Hashem, não do *Har Sinai*.

Nossos *chachamim* explicam que o *Har Sinai* não era uma montanha qualquer. Para que o povo *yebudi* recebesse a Torá, Hashem deu algumas instruções, algumas condutas deveriam ser seguidas dias antes para poderem receber a Torá. Após os *yebudim* realizarem estas condutas, como consta em *parashat Yitro*, Hashem foi dar a Torá para o povo no *Har Sinai* e disse a seguinte frase, repetida por nós quando tiramos o *sefer* Torá no Shabat: “Hashem nos demonstrou que é o único D’us do mundo”.

Este *passuk* se refere à hora da outorga da Torá no *Har Sinai* e Rashi conta no *Chumash* que Hashem então abriu sete céus e os *yebudim* conseguiram ver o trono de Hashem. A preparação que eles tiveram no *Har Sinai* foi para que vissem de forma clara que só existia Hashem no mundo – não havia outra força capaz de coordenar o mundo. Foi uma clareza total.

A *kedushá* (santidade) percebida no *Har Sinai* transformou esta montanha após a preparação e permitiu que o povo visse que existia apenas um motorista para coordenar o mundo. Antes ainda de receber a Torá, foi lá que puderam constatar a existência da única força capaz de manter o universo – vulcões, profundezas do mar, regiões frias e quentes, qualquer lugar –, só Hashem.

DIVINDADE

Onde encontramos mais *sbechiná* (presença divina)? Em que lugar deve haver mais divindade? Pensamos de imediato no *Kotel Hamaaravi* (sinagoga), mas existe ainda outro lugar.

Há uma passagem no *Chumash* em *parashat Vayechi* onde Yossef se encontra com seu pai, Yaacov, no fim de sua vida. Yaacov estava doente e se prostrou sobre a própria cama, inclinando a cabeça. Rashi comenta

que Yaacov fez este movimento porque Hashem fica sobre a cabeça da pessoa enferma e Yaacov, já com muita idade, sabia que ali existia divindade e se curvou.

Por que a *shechiná* está sobre a cabeça de um doente? Quando alguém está doente, fraco, não consegue agir, trabalhar nem ao menos fazer *tefilá*, só dormir por horas e horas. Nesta situação o enfermo entende que está **tudo** nas mãos de Hashem, e Ele está dizendo: “Estou contigo!”

Que ninguém precise ficar doente para sentir a *shechiná*, mas quanto mais entendermos que não dirigimos os acontecimentos, mais Hashem participa da nossa vida, sendo o contrário também verdadeiro.

Rav Wolbe, em seu livro sobre o *Chumash*, esclarece que **a proximidade que Hashem está de cada um de nós é inversamente proporcional a quanto sentimos que as situações dependem de nós.**

A *tefilá* da própria pessoa enferma vale mais que a de outras pessoas por ela – embora outros também possam rezar, afinal fazer *chessed* sempre é bom – porque quem está doente sabe que alguém está ligando para o médico, procurando saber se existe outro procedimento, outro remédio enquanto ela mesma não pode fazer nada além de rezar. Ela sabe que não tem o que fazer e entende que tudo depende, única e exclusivamente, de Hashem.

TEFILÁ DO CASAL

Yitschac, nosso segundo patriarca, casou-se com Rivka, mas o casal não teve filhos inicialmente. Passaram 5, 10, 15, 20 anos sem filhos. Um sofrimento. A Torá nos conta que certo dia ambos decidiram fazer *tefilá* e Hashem respondeu a *tefilá* dos dois, somadas, e que uma delas em especial foi ouvida lá em cima e eles finalmente tiveram um filho.

Aparentemente, a prece de Rivka foi mais efetiva porque ela era *baal teshuvá*, havia se esforçado muito para mudar o curso de sua vida, apesar de ter um pai malvado. A Torá conta que Hashem ouviu a *tefilá* dele, e não a dela – obviamente a dela se somou à dele, mas o que chacoalhou o

céu para que tivessem o tão desejado filho e alterasse o curso da natureza foi a *tefilá* de Yitschac.

O chefe da *yeshivá* de *Kelem* na Europa, comentou que Yitschac sabia que era o herdeiro de Avraham Avinu e que seu pai era um homem poderoso em vários níveis – físico, monetário e espiritual – enquanto Rivka não tinha ninguém. Yitschac rezou com as profundezas do seu coração, tentando se desvincular de seu pai e das suas conexões com Hashem, e conseguiu fazer a *tefilá* com a mesma intensidade dela. Yitschac falou: “Não quero depender da grandeza e do mérito do meu pai Avraham Avinu, quero chegar ao nível máximo de *emuná* (confiança em Hashem), pois só Ele pode me ajudar.” Ele entendeu que era nada, zero, sem recursos e começou tudo do zero, por isso sua *tefilá* teve tanto valor.

Ao ser questionado sobre como podemos ser *yehudim* melhores e estar com Hashem a todo momento, Rav Steinmann respondeu: “Lembrem-se sempre que só Hashem coordena o mundo.” Nem mesmo o mérito dos antepassados e as *berachot* do Rav, apesar da ajuda, podem superar nossa *emuná* se quisermos estar 100% com Hashem.

SOBRE EMUNÁ

MEGASENA 1

O seguinte episódio aconteceu com Rav Israel de Salant nos idos de 1800. Naquela época em Salant eram vendidos poucos bilhetes de loteria e havia menos participantes, ou seja, cada um pagava mais e o prêmio era maior.

Um *yebudi* queria participar e comprou um bilhete cujo prêmio seria equivalente à nossa atual Mega-Sena da virada e ficou sonhando com o que faria se ganhasse – afinal sonhar é de graça e faz bem... Ele comprou aquele bilhete sabendo que era muito caro para ele (era um tipo de rifa com valor mais caro que as notas loterias atuais), gastou mais do que podia, mas pensou: “Vou me apertar um pouquinho, se eu ganhar tudo irá se resolver.”

A situação financeira em sua casa apertou e ele não tinha mais comida para colocar na mesa para seus filhos. Então ele fez o que deveria fazer e vendeu o bilhete para um amigo pelo mesmo preço que comprou.

Quando chegou o momento do sorteio, aconteceu exatamente o que você imaginou: aquele bilhete ganhou a loteria! O comprador inicial ficou arrasado. Fez o que pode para se acalmar, mas nada adiantava como podemos entender perfeitamente. Então ele foi procurar o Rav Israel de Salant: “Rav, me ajude, como eu devo pensar?”.

MEGASENA 2

Um caso muito parecido aconteceu recentemente. Dez funcionários de uma empresa fizeram um bolão para apostar na Mega-Sena da virada. Foi oferecido para um homem, responsável pela limpeza, que também participasse do bolão e ele falou que não dispunha naquele momento daquela quantia e ficou de fora.

Uma semana depois saiu o resultado da Mega-Sena, aquele grupo ganhou o bolão e o único que continuou na empresa foi aquele funcionário que não participou do bolão. Os ganhadores dividiram o prêmio e foram aproveitar a vida. Imagine como aquele funcionário vive até hoje! Todos os dias ele passa o rodo e pensa sobre onde poderia estar e onde realmente está... É uma situação muito difícil que nos faz repetir a pergunta feita ao Rav Salant: “O que devemos pensar, o que Hashem tem a dizer?”.

UM PULINHO NO EGITO

A introdução para a resposta do Rav Salant está em *parashat Miketz*. Yossef passou dois anos na prisão, um calabouço onde os prisioneiros ficavam trancados, sem luz. Um dia o Faraó teve um sonho, não conseguia mais dormir e ninguém soube interpretar o sonho. Até que alguém se lembra: “Tem um sujeito lá na prisão chamado Yossef, uma vez ele interpretou um sonho direitinho.”

Yossef foi chamado, arrumou-se para se apresentar ao Faraó e interpretou o sonho de forma tão convincente que o Faraó o amou para sempre: “Daqui para frente você será o vice-rei. Tudo será decidido por você, você manda no Egito – que é a potência do mundo, logo você manda no mundo.”

Conhecemos a história que se seguiu. Os irmãos ficariam sem comida porque só havia comida no Egito, então ele salvou os irmãos. Se não fosse por Yossef, não haveria os irmãos ou as 12 tribos, enfim... Nós não estaríamos aqui! Final feliz, só alegria, Yossef era muito grato ao Faraó.

Assim lemos este episódio até hoje. A partir de agora vamos colocar os óculos 3D da Torá e a leitura será diferente. Sobre o *passuk* “... após dois anos o Faraó sonhou...”, o *Midrash* traz outra visão: “Yossef não foi salvo da prisão porque o Faraó sonhou. Hashem decretou que o tempo que Yossef deveria ficar na prisão havia chegado ao fim. Ele tinha outros planos, era vontade de D’us que Yossef fosse alguém importante no Egito.” Então Hashem teve a ideia de fazer o Faraó sonhar para ter um motivo que servisse como trampolim e ajudasse a projetar Yossef.

O que aconteceu neste caso – e acontece nas nossas vidas – não é apenas uma consequência. Já que precisa acontecer algo, Hashem faz um episódio acontecer para desencadear outro e o famoso “já que” surge em ondas. Quanto mais *emuná* nós temos em Hashem, menos acaso ocorre em nossa vida. Podemos pedir uma *berachá*, solicitar uma orientação para um grande Rav, mas sempre lembrando das palavras de Rav Steinmann: “Somente Hashem coordena o mundo.”

DAVID X GOLIAS

Mais uma história conhecida do *Tanach* para ilustrar este tema. David Hamelech, como representante dos *yebudim*, foi lutar contra Golias e todos riram: “Este tampinha vai lutar contra um gigante, grande e musculoso como Golias?”. Mas David Hamelech ganhou. De fato, não foi David quem ganhou de Golias, afinal ele era muito menor, mais fraco e menos capacitado fisicamente para ganhar de Golias. Como ele ganhou? Porque era Hashem contra Golias.

Repetimos diariamente na *tefilá* de *Arvit* o verso a seguir:

כִּי־פָדָה יְהוָה אֶת־יִשְׂרָאֵל וַיִּגְאֹלוּ מִיַּד חָזַק מִמֶּנּוּ: (ירמיהו פרק לא פסוק י)
O povo yehudi venceu outro povo que era mais forte.

Em inúmeras circunstâncias da história do nosso povo e da história pessoal de cada um, devemos entender que Hashem está no comando. Então, não é mais David versus Golias, não somos nós versus dificuldades, e sim Hashem que com nossa pequena participação como ser humano sai vencedor, não importa o tamanho da luta. Se adicionamos Hashem à nossa vida, já não somos só nós contra adversidades, Hashem está ao nosso lado.

AQUI AGORA

Quantas vezes já aconteceu de estarmos no trânsito, o semáforo abrir e a pessoa da frente não perceber (estava mexendo no celular!) e até ela andar, o semáforo fechar novamente e não conseguimos passar. Em vez de buzinar e bater no volante com impaciência, se nos lembrarmos que Hashem coordena o mundo, vamos entender que o carro da frente só não andou porque era preciso ficar parado mais um pouco. Esta é a diferença de como reagir a uma situação simples.

Quem quiser crescer sempre na vida, como disse Rav Steinmann, deve lembrar que Hashem coordena o mundo inteiro. Então até quando estiver fazendo bolo e o bolo queimar, acredite que não foi por descuido, talvez seja porque Hashem queria provar que quem coordena o mundo não é uma doceira ou aquele motorista anteriormente mencionado, mas sim Ele.

Outra pessoa comprou uma passagem e o aeroporto fechou. É normal que ela se considere azarada, afinal é uma situação desagradável. Porém, se a pessoa está trabalhando sua *emuná*, colocará aqueles óculos 3D e entenderá que foi Hashem dizendo: “Agora não é hora de você viajar, talvez amanhã seja.”

RAV DE SALANT E A MEGA-SENA

No caso ocorrido em 1800, depois que aquele homem vendeu o bilhete da loteria e o novo comprador ganhou, ele não pensava em outra coisa, não conseguia dormir, ficou totalmente arrasado. Já no outro episódio anteriormente mencionado onde o funcionário não participou do bolão da empresa, todos estão esquiando na Suíça ou passeando em Miami e ele ainda está lá, com o rodo na mão limpando o chão. O Rav de Salant nos explica como compreender essa situação: “Não é o número da loteria que ganha e sim a pessoa que comprou.”

Uma pessoa vai jogar na Mega-Sena e começa a fazer cálculos de *guematria*, acredita na sorte do 18, na simpatia da data de nascimento, cada um com seu número mágico... e nada disso adianta. Se Hashem julgar que é bom determinada pessoa ganhar (e Hashem sabe o que é melhor para cada um), ela vai ganhar independentemente do número que jogar. Quando aquele homem vendeu seu bilhete para outro, então aquele número foi sorteado. Se estivesse com ele não ganharia, pois não é o papel que ganha, é a pessoa.

É bom saber o que Hashem espera de nós: vamos caminhar para chegar até os 120 anos com dias maravilhosos e pensar sempre que só Hashem coordena o mundo. Fazer bolo de chocolate, fechar negócios, ganhar ou perder com o câmbio do dólar, esperar um elevador que não chega, entrar no elevador que chegou na hora certa – tudo acontece por Hashem.

SALVAÇÃO NO CAMPO

Rav Matityahu Salomon contou que escutou do grande Rav Chaim Schmulevitz sobre as situações muito difíceis pelas quais ele passou durante a Segunda Guerra Mundial sem jamais perder sua *emuná*. Foram momentos difíceísimos, ele ficou anos nos campos de concentração, cada dia era um milênio lá dentro pelas cenas horrendas que ele e os demais prisioneiros viveram.

Rav Chaim Schmulevitz lembrou com tristeza que não era permitido cumprir sequer uma *mitsvá* lá dentro porque a supervisão era inima-

ginável, os nazistas olhavam tudo. Se alguém mexesse os lábios para proferir alguma Tefilá e o guarda suspeitasse, era fuzilado na hora. Não podia falar uma palavra para Hashem, não havia *tefilin*, *sidur*, nada. Mas havia uma *mitsvá* que eles não conseguiram proibir: “Uma vez por mês aparecia um objeto de *mitsvá* que eles não conseguiram tirar, nem queimar nas câmaras de gás. Era a lua. A lua cheia nos lembrava que havia algo chamado *Bircat Halevaná* (bênção que fazemos uma vez por mês para Hashem referente ao ciclo lunar), então nos juntávamos no meio da noite, e suplicávamos que Hashem renovasse os meses. Esta oração me deu forças durante todo o tempo, eu falava essas palavras com a maior convicção do mundo, trabalhando minha *emuná*: **פִּישְׁדָּה שְׂדָחַמְךָ יְיָ**. Hashem renova cada mês e em algum deles, *B’H*, quando Ele achar correto, vai nos tirar daqui.”

Realmente tirou, mas como foi possível alguém ter saído de lá abraçado com Hashem? Se Rav Chaim Schmulevitz sobreviveu com essa *mitsvá*, como nós podemos deixar *Bircat Halevaná* passar despercebido? Podemos ver a lua na rua, em casa e na sinagoga depois de Arvit, e fazer esta única *mitsvá* que não conseguiram tirar de nós nos campos de concentração. Quem vive com Hashem até nas situações mais adversas se abraça com Ele porque sabe como nunca que só pode contar com Ele.

TREM DAS 9

Um jovem na Inglaterra falou para seu Rav: “Sei que Hashem me ama.” “Como você sabe?” perguntou o Rav. O jovem explicou: “Toda quinta-feira eu participava de um coral e ia de trem que saía pontualmente da estação às nove da manhã. Se eu chegasse às 9:01, eu perdia o trem, então sempre procurava chegar com antecedência. Um dia eu cheguei mais cedo na estação, olhei para meu relógio e eram 8:30, ainda tinha meia hora. Comprei a passagem, coloquei no bolso e fui tomar um café. De repente, ouvi uma explosão. Eu fiquei desesperado, pensei nos meus pais e tentei ligar para casa, mas depois do ataque era impossível. Os postes haviam caído, os cabos de telefone foram derrubados, só havia gritos e fumaça. Voltei para casa o mais rápido que pude. Quando meus pais me viram não acreditaram, eles achavam que eu estaria naquele trem que explodiu.”

– Meu filho, você está aqui! – exclamou sua mãe.

– Eu cheguei na estação às 8:30, fui tomar um café e de repente houve uma explosão. Foi um horror, saí de lá correndo.

– Explodiu o trem das 9 horas. – afirmaram seus pais.

– Desculpem, aba, ima, com todo o respeito, eram 8:30 no meu relógio, eu vi!

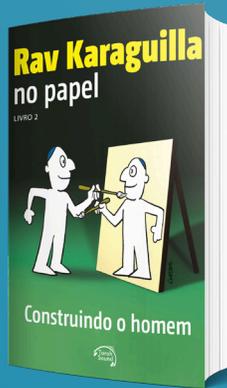
– Que horas são agora?

– Agora são 8:30! – Olhou o menino incrédulo percebendo que seu relógio havia parado.

Ouvindo essa história impressionante, o Rav pediu: “Posso ver o seu relógio?”. Mostrando o relógio que ainda marcava 8:30, o jovem explicou: “Cada vez que olho para o meu relógio parado eu me lembro que Hashem me ama e somente Ele coordena o mundo.”

Não foi que o relógio parou e por isso aquele jovem foi salvo, mas já que Hashem o queria salvo, Ele fez o relógio parar. Que Hashem possa estar com cada um de nós onde permitirmos. Nas palavras do Rav Steinmann, somente Hashem coordena o mundo, em todos os momentos, em todos os lugares.

Conheça os outros livros já publicados



Todas as edições disponíveis no site, em leitura digital Ebook.



Conheça nosso site
www.karaguilla.com.br

Estamos no Spotify!
Busque por Karaguilla



Baixe já nosso app!
Transferências,
notificações de novos
shiurim, e muito mais!

Busque por
Karaguilla

